UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

GABRIELA XABAY GIMENES

**Estados Unidos e América Latina nas páginas do *Chicago Tribune*:
Pan-americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)**

(Versão Corrigida)

São Paulo
2016

GABRIELA XABAY GIMENES

**Estados Unidos e América Latina nas páginas do *Chicago Tribune*:
Pan-americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)**

(Versão Corrigida)

De acordo.

Profa. Dra. Mary Anne Junqueira
(orientadora)

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História Social
da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de
Mestra.

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G491e Gimenes, Gabriela Xabay
Estados Unidos e América Latina nas páginas do
Chicago Tribune: Pan-americanismo e Exposição
Universal de Chicago (1889-1894) / Gabriela Xabay
Gimenes; orientadora Mary Anne Junqueira. – São
Paulo, 2016.
217 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Estados Unidos. 2. América Latina. 3. The
Chicago Tribune. 4. Pan-americanismo. 5. Exposição
Universal. I. Junqueira, Mary Anne, orient. II. Título.

GIMENES, Gabriela Xabay. **Estados Unidos e América Latina nas páginas do *Chicago Tribune*: Pan-americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestra.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof.(a) Dr.(a)_____ Instituição:_____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a)_____ Instituição:_____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.(a) Dr.(a)_____ Instituição:_____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A todas as mulheres que estiveram
ao meu lado nessa trajetória.

Agradecimentos

À FAPESP, pelo apoio financeiro durante esta pesquisa.

Agradeço primeiramente à professora Mary Anne Junqueira, com quem aprendi muito, conversei e troquei ideias nesses anos de convivência. Sua leitura sempre atenciosa e detalhista e seus conselhos preciosos foram essenciais a essa pesquisa. Muito obrigada pela paciência e pelo respeito, mesmo quando os prazos se apertavam.

Às professoras Kátia Gerab Baggio e Janina Onuki, pelas sugestões valiosas no Exame de Qualificação e na Banca de Defesa deste Mestrado.

Aos professores e colegas do LEHA. Agradeço especialmente às professoras Maria Ligia Coelho Prado e Stella Maris Scatena Franco.

Aos colegas que estudam Estados Unidos na USP e aos pesquisadores integrantes da Rede de Estudos dos Estados Unidos, que foram grandes interlocutores deste trabalho.

Aos colegas e amigos da PUC-SP. Agradeço particularmente à professora Maria do Rosário Peixoto pelas sugestões sobre imprensa e ao professor Josias Abdalla Duarte pelas conversas instigantes sobre exposições universais.

À minha família, agradeço a paciência e o apoio dado quando decidi fazer esse Mestrado. Não posso deixar de mencionar a minha irmã, Patrícia, e a minha mãe, Maria de Fátima, meu porto seguro e referência.

Ao meu querido amigo, Lucas, pelo companheirismo desde os tempos da Graduação. Obrigada pela compreensão e por estar sempre perto.

À igualmente querida, Daiane, por todas as vezes que você me ajudou. Agradeço, sobretudo, a amizade e as lições de vida que você me proporcionou ao longo desses últimos anos.

Ao caro amigo, Emilio Cólman, que me acompanhou, dividiu angústias e alegrias nesse percurso de Mestrado.

À adorável amiga, Carla Paulino, pelos conselhos, companheirismo e trocas de conhecimento e experiências. Obrigada pelas sugestões neste trabalho.

À incrível amiga, Ivania Pocinho Motta, pela ajuda com a revisão da Dissertação. Meus agradecimentos vão também para as conversas, mensagens de apoio e por me colocar nos trilhos, sempre que necessário. Você me mostrou que o trabalho acadêmico não precisa e nem deve ser solitário.

À amada Natania, por ter me acompanhado, lado a lado, nessa trajetória árdua e extenuante. Nenhuma frase pode descrever o quanto você foi fundamental para que eu conseguisse concluir essa pesquisa. Obrigada por ter me aturado nos momentos difíceis e de desilusão. Obrigada pelos muitos momentos de felicidade, por me fazer rir, por me fazer feliz. Obrigada pelas leituras e releituras de textos inacabados, de capítulos modificados e pelas numerosas sugestões, sempre tão gentis, inteligentes e carinhosas. Mas mais do que tudo, obrigada por sempre confiar em mim e acreditar no meu potencial. Você é generosa e brilhante; tenho certeza que essas qualidades te levarão longe. Espero estar ao seu lado nas próximas jornadas.

A todos aqueles que me contribuíram de alguma forma, mesmo que seus nomes não estejam grafados aqui.

Naturalmente, nenhum dos colegas e amigos que me ajudaram nesta pesquisa é responsável por equívocos do texto, os quais são de minha inteira responsabilidade.

“Cree el aldeano vanidoso que el mundo entero es su aldea, [...] sin saber de los gigantes que llevan siete leguas en las botas y le pueden poner la bota encima, ni de la pelea de los cometas en el Cielo, que van por el aire dormidos engullendo mundos. Lo que quede de aldea en América ha de despertar. Estos tiempos no son para acostarse con el pañuelo a la cabeza, sino con las armas de almohada, como los varones de Juan de Castellanos: las armas del juicio, que vencen a las otras. Trincheras de ideas valen más que trincheras de piedra.”

(Nuestra América, 1891. José Martí)

Resumo

GIMENES, Gabriela Xabay. **Estados Unidos e América Latina nas páginas do *Chicago Tribune*: Pan-americanismo e Exposição Universal de Chicago (1889-1894)**. 2016. 217 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como a primeira experiência pan-americanista (1889-1894) apareceu nas páginas do importante jornal *The Chicago Tribune* e quais foram as imagens veiculadas sobre as Américas. O diário de Chicago, ligado aos interesses dos empresários e industrialistas do Oeste norte-americano, se posicionou favoravelmente a uma reorientação da política hemisférica, colocada em prática na segunda gestão do Secretário de Estado James Blaine. Para além de sua defesa sobre a ampliação do comércio interamericano, o *Tribune* se esforçou em construir representações de amizade entre os Estados Unidos e a América Latina, especialmente durante a Exposição Universal de Chicago (1893). O evento de grandes dimensões, que marcou aquele país no final do século XIX, celebrava os quatrocentos anos do “Descobrimento das Américas”. Aproveitando-se da ideia de um passado comum, o Departamento de Estado promoveu a política do Pan-americanismo, articulando e encorajando as nações latino-americanas a exporem na Feira Mundial. O *Chicago Tribune* acompanhou, argumentou e defendeu enfaticamente o projeto de “união das três Américas”.

Palavras-chave: Estados Unidos, América Latina, The Chicago Tribune, Pan-americanismo, Exposição Universal.

Abstract

GIMENES, Gabriela Xabay. **United States and Latin America in the Chicago Tribune's pages: Pan-Americanism and Chicago World's Fair (1889-1894)**. 2016. 217 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

This research aims to analyze how the first Pan-American experience (1889-1894) appeared in the pages of the leading newspaper *The Chicago Tribune*, and in what way was the American Hemisphere imagined by it. The newspaper, related to the interests of businessmen and industrialists of the West, positioned itself favorably to the reorientation of the hemispheric policy, which was put in practice in James Blaine's second term as Secretary of State. Going beyond its argumentation in improving the Inter-American trade, the *Tribune* endeavored to depict the United States and Latin America as friends, especially during the Chicago World's Fair (1893). The major event, which profoundly affected that country at the end of the nineteenth century, was meant to celebrate the four-hundredth anniversary of the "Discovery of the Americas". By exploiting the idea of a common past, the State Department promoted the Pan-Americanism, negotiating and encouraging Latin American countries to prepare exhibits for the World's Fair. The *Chicago Tribune* tracked the news and argued favorably and eloquently for the project of the "union of the Three Americas".

Keywords: United States, Latin America, The Chicago Tribune, Pan-Americanism, World's Fair.

LISTA DE FIGURAS

IMAGEM 1 - FOTOGRAFIA DE JOSEPH MEDILL	31
IMAGEM 2 - A MANCHETE DO GRANDE INCÊNDIO DE 1871	34
IMAGEM 3 - CENTRO COMERCIAL DE CHICAGO EM 1890	35
IMAGEM 4 - NOVO EDIFÍCIO DO TRIBUNE (1872)	37
IMAGEM 5 - EXEMPLO DE ANÚNCIO DE FERMENTO EM PÓ	38
IMAGEM 6 - EXEMPLO DE ANÚNCIO DE VESTIMENTAS, VOLTADO AO PÚBLICO FEMININO	41
IMAGEM 7 – CHARGE DO CHICAGO TRIBUNE CONTRÁRIA AOS ANARQUISTAS	64
IMAGEM 8 - FOTOGRAFIA DE JAMES BLAINE	73
IMAGEM 9 - INFOGRÁFICO SOBRE A CONCENTRAÇÃO DA GRANDE IMPRENSA NOS ESTADOS UNIDOS (1893 E 1894)	88
IMAGEM 10 - LITOGRAFIA COLORIDA DO EDIFÍCIO DO CRYSTAL PALACE (1851)	110
IMAGEM 11 - PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO DA WHITE CITY	123
IMAGEM 12 - EXIBIÇÃO “ARABIA” NO MIDWAY PLAISANCE	124
IMAGEM 13 - DETALHES DA ARQUITETURA DA WHITE CITY	126
IMAGEM 14 - ILUSTRAÇÃO DO CHICAGO TRIBUNE SOBRE OS “TIPOS RACIAIS” DO MIDWAY PLAISANCE	128
IMAGEM 15 - CHARGE DO CHICAGO TRIBUNE SOBRE A RIVALIDADE ENTRE NOVA YORK E CHICAGO	130
IMAGEM 16 - SUPLEMENTO DE ARTE SOBRE A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DA EDIÇÃO DOMINICAL DO TRIBUNE	134

IMAGEM 17 - RETRATO DE WILLIAM CURTIS	154
IMAGEM 18 - ILUSTRAÇÃO DO CHICAGO TRIBUNE SOBRE O PRÉDIO GUATEMALTECO	176
IMAGEM 19 - ILUSTRAÇÃO DO CHICAGO TRIBUNE SOBRE O PRÉDIO BRASILEIRO	182
IMAGEM 20 - FOTOGRAFIA DO MOSTEIRO DE LA RABIDA	186
IMAGEM 21 - FOTOGRAFIA INTERNA DA EXIBIÇÃO ETNOLÓGICA	194
IMAGEM 22 - CABANAS NA PARTE EXTERNA DA EXIBIÇÃO ETNOLÓGICA	195

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
 I – <i>THE CHICAGO TRIBUNE</i>: O JORNAL DA METRÓPOLE DO OESTE	26
1.1 Sobre a história do <i>Chicago Tribune</i>	26
1.1.1 Os primeiros anos do impresso e a trajetória política do editor Joseph Medill	27
1.1.2 Renascimento de Chicago e do <i>Tribune</i>	34
1.2 Lugar de enunciação: O projeto político do <i>Chicago Tribune</i>	43
1.2.1 A <i>Gilded Age</i> norte-americana	44
1.2.2 O Partido Republicano e o <i>Tribune</i>	50
1.2.3 O jornal dos homens de negócios	54
1.2.4 Conflitos em Chicago, conflitos no jornal	59
 II – <i>THE CHICAGO TRIBUNE</i> E O PAN-AMERICANISMO DE JAMES BLAINE	68
2.1 James Blaine, o arquiteto da <i>Pan-America</i>	68
2.1.1 O editor e dono de jornal James Blaine	70
2.1.2 O Pan-americanismo republicano	74
2.1.3 A primeira passagem de James Blaine pelo Departamento de Estado (1881)	79
2.1.4 A segunda passagem de James Blaine pelo Departamento de Estado (1889-1892)	82
2.2 O Pan-americanismo na imprensa dos Estados Unidos	87
2.2.1 Os defensores do Pan-americanismo	89
2.2.2 Os detratores do Pan-americanismo	97
2.3 O sonho pan-americanista do <i>Chicago Tribune</i>	100
 III – A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE CHICAGO DE 1893 E O <i>CHICAGO TRIBUNE</i>	109
3.1 O espírito das exposições universais do século XIX	109

3.2 A Exposição Universal do Oeste dos Estados Unidos	113
3.2.1 Conflitos na organização de um evento “nacional”	114
3.2.2 Os objetivos comerciais e o valor pedagógico das exposições	117
3.2.3 Entre a “civilização” e o “primitivo”: A White City e o Midway Plaisance	121

3.3 <i>The Chicago Tribune</i>: em defesa da Exposição em Chicago.....	128
---	------------

IV – A AMÉRICA LATINA VAI À EXPOSIÇÃO DE CHICAGO: BASTIDORES, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES NO JORNAL <i>THE CHICAGO TRIBUNE</i>	136
--	------------

4.1 Em busca de exposições da América Latina (1889-1892).....	136
4.1.1. Uma “celebração pan-americana” em Chicago?.....	137
4.1.2 A discussão de Joseph Medill e Frederick Putnam sobre uma Exposição Etnológica das “Três Américas”	142
4.1.3 A “diplomacia naval” de James Blaine nas páginas do <i>Tribune</i>	146
4.1.4 O jornalista William Curtis e o Departamento Latino-Americano	153
4.1.5 As negociações para as exposições latino-americanas no <i>Chicago Tribune</i>	159
4.1.6 O <i>Chicago Tribune</i> sobre o caso Baltimore e a participação do Chile na Exposição de Chicago	169

4.2 A América Latina chega em Chicago (1893).....	174
4.2.1 Imagens de fraternidade e amizade: a cobertura do <i>Chicago Tribune</i> sobre as exposições nacionais dos países latino-americanos	175
4.2.2 Visões do passado: as percepções do <i>Chicago Tribune</i> sobre o Mosteiro de La Rabida	185
4.2.3 A leitura do <i>Chicago Tribune</i> sobre a Exposição Etnológica	190

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
----------------------------------	------------

FONTES	208
---------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	210
---	------------

INTRODUÇÃO

Em 1990, o Presidente George H. W. Bush (1989-1993) lançava a “Iniciativa para as Américas”, um programa que visava estabelecer um bloco econômico entre os países do hemisfério, “do Alasca à Patagônia”, à exceção de Cuba. A ideia foi levada adiante por seu sucessor, Bill Clinton (1993-2001), que reuniu líderes latino-americanos nos Estados Unidos e formalizou o projeto da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) em 1994. Durante a década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI, a ALCA ocupou um espaço central nas discussões sobre política externa no Brasil e no restante da América Latina. Avaliado por muitos como um projeto para aumentar o poder político e econômico dos Estados Unidos no continente, o acordo para derrubar as barreiras aduaneiras foi criticado e rejeitado por quase toda a região e, em 2005, na Quarta Reunião de Cúpula das Américas, perdeu fôlego.¹

Desde o final do século XIX, os Estados Unidos ensaiaram aproximações com a América Latina, assentadas em uma retórica de cooperação e amizade entre as nações do continente, como, por exemplo, durante a “Política da Boa Vizinhança” (1933-1945), de Franklin Roosevelt e a “Aliança para o Progresso” (1961-1969), iniciada com John F. Kennedy. Sem perder de vista esses movimentos mais recentes, esta pesquisa se voltou para um momento

¹ O Brasil, portando-se como uma liderança no Cone Sul, teceu duras críticas às negociações com os norte-americanos, denunciando o caráter unilateral das conversações. As discordâncias, que começaram no final da gestão de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e se avolumaram no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), diziam respeito à indisposição dos Estados Unidos em reverem suas políticas de subsídio aos produtores agrícolas e demais obstáculos impostos à entrada de produtos brasileiros. Sobre as negociações brasileiras na ALCA, ver: HIRST, Mônica. *As relações Brasil-Estados Unidos desde uma perspectiva multidimensional: evolução contemporânea, complexidades atuais e perspectivas para o século XXI*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, UFRGS, 2011, p. 71-167 (mimeo). Para um panorama sobre as diferenças entre a política externa de Lula e FHC, ver: VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. “A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação”. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, 2007, p. 273-335.

importante e balizador das Relações Interamericanas, que compreende os anos que vão de 1889 a 1894, quando os Estados Unidos propuseram, pela primeira vez, uma união do hemisfério americano, que levaria o nome de “Pan-americanismo”. A Primeira Conferência Pan-Americana (1889-1890), sediada em Washington, foi o ponto de partida para uma série de reuniões regulares organizadas, nos anos seguintes, entre os países do continente americano.

Iniciativas como a da ALCA, e mesmo a Organização dos Estados Americanos (OEA), não são recentes. Elas remontam ao final do século XIX e às Conferências Pan-Americanas. No site da OEA, a organização internacional se define como “o mais antigo organismo regional do mundo” e afirma a sua origem justamente na Primeira Conferência Pan-Americana.²

Esta pesquisa tem como fonte e objeto o estudo de um jornal: *The Chicago Tribune*. Comandado por Joseph Medill, o periódico foi um dos veículos de comunicação mais importantes dos Estados Unidos no final do século XIX, circulando por todo o território nacional, reverberando e discutindo tópicos da política externa do país. Apresentava-se como um dos maiores defensores do Pan-americanismo, articulado pelo Secretário de Estado James Blaine. O *Tribune* argumentou, defendeu e referendou a proposta de união das Américas, avaliando a região como um bom mercado para a indústria de Chicago, em disputa com a Inglaterra que dominava o comércio na região.

O objetivo deste trabalho é entender quais eram as motivações e de que forma o *Chicago Tribune* mobilizava determinadas imagens em sua defesa por um continente unido. Veremos que, durante o período estudado, o periódico forjou ideias de aproximação e de fraternidade entre os norte-americanos e suas “repúblicas irmãs”.

Nos anos desse primeiro esforço de negociações, os Estados Unidos também sediaram, em 1893, a Exposição Universal de Chicago. O evento, que

² Disponível em: <http://www.oas.org/pt/sobre/quem_somos.asp>. Acesso em 22 de julho de 2016.

tinha como premissa a emblemática comemoração dos quatrocentos anos do “Descobrimento” das Américas, foi utilizado pelo Departamento de Estado para enraizar ideias pan-americanistas. Esta pesquisa mapeará e discutirá as imagens produzidas pelo *Chicago Tribune* sobre o continente, e em especial, sobre a América Latina, relacionadas à Exposição de Chicago.

As matérias a respeito das exposições dessas nações suscitaram uma série de percepções e representações, que ajudaram a alimentar a imaginação dos norte-americanos acerca da “outra América”. Nos anos de preparação para o evento, as reportagens sobre a região se multiplicaram, atingindo um patamar que só seria ultrapassado com a eclosão da Guerra Hispano-americana, em 1898, quando os Estados Unidos, a despeito de lutarem ao lado dos cubanos, em nome da Independência da Espanha, intervieram militarmente na ilha.

Apesar de significativa e instigante, a participação de países latino-americanos na Exposição de Chicago não foi profundamente estudada por historiadores ou internacionalistas até agora. Parte da historiografia sobre o evento encontra-se inebriada pela atmosfera sedutora da Exposição, repetindo acriticamente a cartilha dos organizadores do empreendimento sobre a modernidade e o progresso dos Estados Unidos. Por sua vez, os poucos estudos críticos norte-americanos sobre a Feira Mundial não conseguiam ultrapassar as fronteiras de sua *homeland*, endereçando-se, quase que exclusivamente, às questões da representação dos negros e índios norte-americanos.

A análise de como os países americanos foram imaginados pelo *Chicago Tribune*, tendo em vista o Pan-americanismo e a Exposição Universal, apresenta-se como uma contribuição ao estudo das Relações Interamericanas do final XIX, particularmente no que diz respeito aos aspectos culturais. Veremos como muitas das ideias e representações sobre o continente, que ainda circulam nos discursos de presidentes e diplomatas, ganharam força ou foram criadas naquele momento.

A bibliografia sobre o Pan-americanismo

Consideramos a bibliografia produzida nos Estados Unidos sobre o Pan-americanismo em três momentos distintos. Na primeira fase, que abrange trabalhos da primeira metade do século XX, a historiografia norte-americana se mostrou entusiasta dos projetos pan-americanistas, apresentando como “natural” a hegemonia dos Estados Unidos no hemisfério. É o caso, por exemplo, do livro *“Inter-American acquaintances”* (1917), do historiador de Harvard, Charles Lyon Chandler, que procurava remontar as origens históricas do Pan-americanismo nas lutas independentistas de países americanos.³ Segundo o autor, os Estados Unidos teriam influenciado decisivamente essas independências, por meio de apoio material ou pelo “exemplo” e “moral” dos *yankees*. Essa leitura de um hemisfério unido desde as independências, sem qualquer respaldo documental ou crítica de fontes, ajudava a legitimar a recém-criada União Pan-Americana (1910).

Essa corrente historiográfica, alinhada aos interesses dos governos dos Estados Unidos, foi duramente criticada nos anos 1950 e 1960 por historiadores revisionistas de tendência marxista, como William Appleman Williams e Walter LaFeber. Produzidos sob o contexto de Guerra Fria, os trabalhos desses autores questionavam a suposta superioridade moral da política externa norte-americana, introduzindo o tema do imperialismo à discussão e condenando a expansão dos Estados Unidos sobre os países do hemisfério. O Pan-americanismo deixou de ser interpretado como inofensivo, um ato de amizade entre os Estados Unidos e a América Latina, e passou a ser denunciado como uma das faces do “imperialismo econômico” norte-americano. Em *“The tragedy of American Diplomacy”* (1959), Williams argumentou que a abertura e o controle de mercados estrangeiros para a preservação da economia

³ CHANDLER, Charles. *Inter-American acquaintances*. Sewanee: The University Press of Sewanee Tennessee, 1917.

capitalista estariam por trás dos avanços dos Estados Unidos sobre o continente, que foram iniciados no final do século XIX.⁴

Segundo Gilbert Joseph, no início dos anos 1970 e 1980, essa vertente historiográfica protagonizada por Williams foi complementada e atualizada, com ideias da Teoria da Dependência e pela Teoria Sistema-Mundo.⁵ Nessa releitura, a América Latina manteria uma relação econômica desfavorável com os Estados Unidos, marcada pela constante deterioração dos termos de troca, que resultaria no aprofundamento do processo de subdesenvolvimento dessa região. O imperialismo norte-americano estaria expresso, sobretudo, no domínio econômico dos Estados Unidos sobre as nações latino-americanas.

O terceiro momento da historiografia dos Estados Unidos sobre o Pan-americanismo, com o qual esta pesquisa tem grande afinidade, foi marcado por uma preocupação em relação aos aspectos culturais das Relações Interamericanas. Um dos trabalhos mais influentes nessa nova abordagem é o conjunto de ensaios “*Close Encounters of Empire*” (1988). Joseph Gilbert, um dos organizadores do livro, destaca que essa nova leva de historiadores se preocupou em redimensionar o espaço da cultura na discussão sobre o imperialismo norte-americano.⁶

⁴ WILLIAMS, William. *The Tragedy of American Diplomacy*. 2nd ed. New York: Dell Publishing, 1962, p. 11.

⁵ JOSEPH, Gibert. “Bringing Latin America more meaningfully into Cold War Studies”. In: JOSEPH, Gilbert e SPENSER, Daniela. *In from the Cold: Latin America's new encounter with the Cold War*. Durham/London: Duke University Press, 2008, p. 14.

⁶ Dois trabalhos foram pioneiros neste sentido. Emily Rosenberg, em “*Spreading the American Dream*”, procurou mostrar como a ideologia do livre-mercado (que ela nomeou de “liberal desenvolvimentismo”) e da democracia norte-americana circularam no continente, facilitando a expansão dos Estados Unidos sobre esses mercados. Amy Kaplan, por sua vez, examinou o papel que o imperialismo cumpria na própria formação da cultura norte-americana. Ver: ROSENBERG, Emily. *Spreading the American Dream: American Economic and Cultural Expansion (1890-1945)*. New York: Hill and Wang, 1982; KAPLAN, Amy. “Left Alone with America: The absence of empire in the study of American culture”. In: KAPLAN, Amy e PEASE, Donald (org.). *Cultures of United States Imperialism*. Durham: Duke University Press, 1993, p. 3-21.

Repensar a História das Relações Interamericanas implicava em recolocar a América Latina como sujeito de sua própria história.⁷ Sob esse novo holofote, as relações entre as duas regiões passaram a ser entendidas como uma via de mão dupla. Não era mais possível compreender a História dos Estados Unidos sem considerar as influências da América Latina nesse processo e vice-versa. Privilegiou-se, dessa forma, o conceito de circulação cultural. Isso implicou em considerar que alguns discursos e representações sobre os latino-americanos e norte-americanos foram construídos com a ajuda de ambas as partes, tendo em vista os interesses de grupos domésticos. Como veremos no último capítulo deste trabalho, muitos políticos e intelectuais da América Latina foram responsáveis por difundirem e defenderem o projeto pan-americanista em seus países.⁸ Essa interessante consideração não implica, contudo, que as Relações Interamericanas fossem simétricas e sem desníveis de poder.

No Brasil, poucas pesquisas na área de História se propuseram a analisar o Pan-americanismo. Uma boa parte desses estudos foi formulada por pesquisadores vinculados à História Diplomática, como Clodoaldo Bueno, Amado Luiz Cervo, Moniz Bandeira, Paulo Roberto de Almeida e Luís Cláudio Villafañe Santos – os dois últimos, diplomatas de carreira do Itamaraty. De modo geral, esses trabalhos se preocuparam em remontar à história da atuação da diplomacia brasileira frente às Relações Interamericanas, a partir de uma documentação diplomática produzida no território nacional ou nas embaixadas e consulados brasileiros.⁹ Essas análises davam ênfase aos aspectos políticos e

⁷ Cf. WEINSTEIN, Barbara. “Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº. 14, 2013/1, p. 17.

⁸ Sobre essas colaborações de agentes latino-americanos, ver: SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

⁹ Clodoaldo Bueno em “A República e a sua política exterior (1889 a 1902)” (2005), por exemplo, procurou analisar a recepção da política de James Blaine entre os diplomatas brasileiros, e os acordos comerciais assinados entre os Estados Unidos e o Brasil durante

econômicos das Relações Interamericanas desse período, deixando de lado a questão cultural.

A pesquisa pioneira na historiografia brasileira, que introduziu uma perspectiva político-cultural nas discussões sobre o Pan-americanismo, foi produzida pela historiadora Kátia Gerab Baggio, em sua tese de Doutorado intitulada “A ‘outra’ América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas” (1998). Baggio procurou analisar a produção escrita de alguns intelectuais, literatos e diplomatas brasileiros da Primeira República e as suas interpretações sobre o Pan-americanismo norte-americano, bem com as suas visões sobre a América Hispânica. Segundo a autora, a questão do Pan-americanismo opôs pensadores brasileiros, “situando o tema como um dos mais frequentes do debate intelectual na virada do século”.¹⁰

O trabalho de doutoramento de Fernando Vale Castro, transformado no livro “Pensando um continente: a *Revista Americana* e a criação de um projeto cultural para a América do Sul” (2007), é outro exemplo de pesquisa que procurou problematizar questões culturais a partir da temática do Pan-americanismo.¹¹ O objetivo do historiador foi analisar a *Revista Americana*, uma publicação periódica do Itamaraty entre 1909 e 1919, através da qual intelectuais brasileiros e hispano-americanos discutiram o papel da ação diplomática na construção de uma identidade continental. Para esse autor, a publicação foi a primeira experiência de uma “diplomacia cultural”, baseada na construção de uma moral e de uma cultura próprias do continente americano,

esse período. BUENO, Clodoaldo. *A República e sua política externa*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

¹⁰ BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP, 1998, p. 52. (mimeo)

¹¹ CASTRO, Fernando. *Pensando um continente: a revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

que, por vezes, se articulava às ideias pan-americanistas. Muitos articulistas defenderam a atuação dos Estados Unidos como uma resposta ao imperialismo europeu e como uma forma de salvaguardar os interesses dos países americanos em um sistema internacional instável, marcado pela corrida armamentista e Primeira Guerra Mundial. Outros intelectuais acusavam os Estados Unidos de camuflarem seus interesses imperialistas, por meio de uma retórica de aproximação.

Por fim, o livro de Tereza Spyer Dulci, “As Conferências Pan-Americanas (1889 a 1928): identidades, união aduaneira e arbitragem” (2013), procurou analisar a participação brasileira nas Conferências Pan-americanas, buscando compreender a formação de discursos identitários, como o Pan-americanismo e o Latino-americanismo.¹² Em sua pesquisa, Dulci utilizou como fontes os documentos oficiais produzidos durante as reuniões. Para a historiadora, o discurso pan-americano encontrou limites devido às intervenções norte-americanas no continente, ao favorecimento da economia dos Estados Unidos nos acordos de reciprocidade e à emergência da Argentina como uma liderança autônoma no Cone Sul.

Como vimos, os trabalhos historiográficos elaborados no Brasil sobre o Pan-americanismo analisaram a recepção dessa política externa por diplomatas e intelectuais latino-americanos, procurando entender os alinhamentos e as discordâncias desses sujeitos em relação ao projeto norte-americano. Como o foco dessas pesquisas era apreender os debates na América Latina, a maior parte desses trabalhos não utilizou fontes históricas produzida nos Estados Unidos, nem se deteve nas interessantes discussões intelectuais norte-americanas sobre essa temática. O Pan-americanismo, sob a perspectiva norte-americana, até então, não havia sido profundamente estudado no Brasil. Esta

¹² DULCI, Tereza. *As Conferências Pan-Americanas (1889-1928): identidades, união aduaneira e arbitragem*. São Paulo: Alameda, 2013.

pesquisa de Mestrado se propôs a contribuir nessa direção, abordando o tema a partir de fontes jornalísticas.

É importante ressaltar que esta Dissertação compartilha das preocupações de uma nova geração de pesquisadores, que busca reparar certas simplificações, generalizações ou preconceitos que foram, e ainda são, difundidos ou repetidos acriticamente sobre a História dos Estados Unidos e das Relações Interamericanas. Referências desse grupo são as historiadoras Mary Anne Junqueira e Cecília Azevedo, que procuraram, dentro de suas pesquisas, problematizar profundamente esse país e suas trocas culturais e políticas com a América Latina.¹³

Abordagem teórico-metodológica

Explorar a História através dos jornais requer uma metodologia própria, que deve nos afastar da simples reprodução das notícias, ou da utilização dos impressos como um refúgio de informações, que podemos selecionar ou descartar. Um dos pressupostos do trabalho com a imprensa é justamente entender que não existe jornal imparcial ou neutro. Como afirmou a historiadora Maria Helena Capelato, dizer-se apartidário é um artifício empregado com frequência pelos periódicos, com o objetivo de borrar seus interesses particulares e lançar-se à política como tutores de uma “verdade”.¹⁴ A imprensa é, na verdade, um instrumento gerido por interesses, bastante ativo

¹³ JUNQUEIRA, Mary. *Ao Sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1960)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000; _____. *Velas ao Mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015; AZEVEDO, Cecília. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

¹⁴ Cf. CAPELATO, Maria Helena. “O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, n.º. 23/24, 1991, p. 57.

na vida social, em uma “constante batalha pela conquista dos corações e das mentes”.¹⁵ Em “*O Bravo Matutino*”, Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado colocaram essa ideia em prática em suas análises pioneiras sobre *O Estado de São Paulo* dos anos 1927 a 1937, buscando entender o projeto liberal que orientou os editores a assumirem determinados posicionamentos.¹⁶ Assim como as historiadoras, manuseei o *Tribune* como fonte e objeto: ao mesmo tempo em que o diário era a minha fonte primária para trabalhar com o passado, também foi alvo do estudo sobre as possibilidades e os limites da imprensa. A recuperação da trajetória do jornal, de seus principais colaboradores e suas redes de sociabilidade, se mostrou essencial para discutir o projeto editorial do impresso e seus posicionamentos na sociedade.¹⁷

Outra importante referência na temática da imprensa como fonte é a historiadora Tania Regina de Luca.¹⁸ Segundo ela, além de perscrutar a construção do discurso jornalístico, uma boa crítica desse tipo de fonte exige que olhemos também para a materialidade do periódico, em outras palavras, a disposição das notícias, os recursos gráficos, a linguagem e os processos que envolveram a própria organização do jornal.

No que diz respeito à sua perspectiva teórica, como este estudo trata das imagens sobre os “outros”, os trabalhos de Edward Said foram referenciais importantes. Em “*Cultura e imperialismo*”, o autor procurou mostrar como as ideias imperialistas também se manifestaram nos produtos culturais, como, por exemplo, nas obras literárias. Para Said, escritores, como Jane Austin, não

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1998, p. 13.

¹⁶ Cf. PRADO, Maria Ligia; CAPELATO, Maria Helena. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Editora AlfaOmega, 1980.

¹⁷ Sobre a importância de se recuperar as redes de sociabilidade nos estudos que envolvem imprensa e História Política, ver: JEANNENEY, Jean-Noël. “A Mídia”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 213-230.

¹⁸ LUCA, Tania Regina de. “Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

estavam divorciados da política ou da experiência histórica. Segundo ele, os romances que ela assinava confirmavam o espaço doméstico, e outros lugares, como fazendo parte do “processo imperial”.¹⁹ De forma análoga, as redações dos jornais não estavam apartadas, e não estão, de um contexto político, econômico e social. O *Chicago Tribune*, assim como outros periódicos, trabalhou com ideias e imagens sobre a América Latina, que buscavam afirmar a “superioridade” dos Estados Unidos em comparação com a sua contraparte, ainda “imatura” e “atrasada”. Desse modo, a América Latina funcionou como elemento discursivo para ajudar a definir os próprios Estados Unidos.

Alguns conceitos e problemáticas colocadas por Ricardo Salvatore também foram particularmente úteis à pesquisa.²⁰ O historiador argentino aliou-se àqueles que acreditavam na existência de um “império informal” norte-americano. Segundo ele, operou-se nos Estados Unidos uma verdadeira “máquina de representações”, que produzia e circulava uma grande quantidade de textos sobre a América do Sul — sendo as exposições universais e a imprensa exemplos disso. Esse processo teria se agravado, como aponta Salvatore, pela política do Pan-americanismo, que elegeu a América do Sul como um espaço de projeção cultural e econômica, tornando imperativa a produção de conhecimento sobre a região.

* * *

Antes de apresentar como este trabalho foi estruturado, uma pequena nota de esclarecimento: todos os excertos do *Chicago Tribune*, que aparecem

¹⁹ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 14-15.

²⁰ SALVATORE, Ricardo. “The enterprise of knowledge: Representation machines of informal empire”. In: GILBERT, Joseph, LEGRAND, Catherine; SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the cultural history of U.S.-Latin American Relations*. Durham/London: Duke University Press, 1998, p. 69-104.

ao longo da pesquisa, foram traduzidos por mim, e os originais podem ser consultados nas notas de rodapé.

No primeiro capítulo, traçamos a trajetória do jornal *The Chicago Tribune*, ressaltando as transformações introduzidas no periódico pelo seu editor e dono, Joseph Medill, à medida em que Chicago crescia e se desenvolvia. Observamos mais de perto o lugar de enunciação do diário, reconstituindo quais eram suas redes de sociabilidade e que interesses ele defendia.

No segundo, procuramos apresentar o personagem James Blaine. Discutimos também como o Pan-americanismo apareceu na imprensa dos Estados Unidos e de que forma essa política externa se transformou em uma das bandeiras do *Chicago Tribune*.

No terceiro capítulo, analisamos a Exposição Universal de Chicago e suas relações com os políticos e empresários da cidade, e também com o próprio impresso de Chicago.

Por fim, no quarto capítulo, acompanhamos a cobertura do *Chicago Tribune* sobre as negociações e exposições da América Latina na Feira Mundial. Abordamos as representações construídas sobre esses países e de que forma elas estão conectadas com sua defesa do Pan-americanismo.

Defendemos que, na atuação do *Chicago Tribune*, Pan-americanismo e Exposição Universal articularam-se de forma a convergirem interesses de grupos do governo e de Chicago. Indicamos que o projeto de união das Américas, proposto por James Blaine, ultrapassou e muito os limites do Departamento de Estado e das embaixadas. Atingiu comerciantes, industriais, foi alvo de uma das mais importantes exposições universais do século XIX e ganhou, de forma contundente, as páginas dos jornais, entre eles, o *Chicago Tribune*.

I – *The Chicago Tribune*: o jornal da metrópole do Oeste

Neste capítulo procuro entender o lugar de enunciação do diário *The Chicago Tribune*, buscando estabelecer alguns contornos sobre o seu projeto político.¹ Antes de ser uma voz que advogava pelo Pan-americanismo, em prol de um projeto de cooperação econômica entre os países das Américas, o jornal falava de um determinado lugar na sociedade norte-americana. Tratava-se de estar ao lado de determinados grupos do Partido Republicano, de uma grande parte dos empresários, especialmente aqueles da região dos Grandes Lagos, e de se posicionar contrariamente ao movimento de trabalhadores e sindicatos que mobilizaram grandes greves no último quartel do século XIX nos Estados Unidos. Lucrativo e influente, o *Tribune* era um órgão da grande imprensa voltado a um amplo público leitor, mas que falava em nome de uma parcela privilegiada da população norte-americana.

1.1 Sobre a história do *Chicago Tribune*

A trajetória do *Chicago Tribune* no século XIX acompanhou o crescimento e desenvolvimento de Chicago. O jornal foi criado em 1847, quando a cidade ainda era um modesto entreposto comercial e possuía pouca relevância econômica dentro dos Estados Unidos. Os primeiros anos do diário foram marcados por problemas financeiros e pela instabilidade de publicação. O jornal foi negociado e trocou de comando diversas vezes, até que, em 1855,

¹ Lugar de enunciação é o lugar social de fala de um determinado grupo ou sujeito discursivo. São todos os aspectos e vestígios particulares e sociais de um ator, individual ou coletivo, que permitem o restabelecimento da relação entre o enunciador, ou seja quem faz o discurso, e a enunciação, o discurso propriamente dito. A importância da recuperação dos lugares de enunciação foi problematizada por intelectuais pós-coloniais, como: SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Joseph Medill comprou o *Chicago Tribune* junto com outros sócios e assumiu o controle editorial do periódico. Nas mãos desse habilidoso editor, a linguagem gráfica do jornal foi simplificada e a quantidade de anúncios veiculados aumentou.² Ao dar sobrevida ao *Tribune*, Medill se tornou um dos nomes mais importantes do jornalismo norte-americano no século XIX, ao lado de Horace Greeley (*The New York Tribune*), Joseph Pulitzer (*The New York World*) e William Hearst (*The San Francisco Examiner*, *The New York Journal*, entre outros). Sua permanência por quase 50 anos no controle da publicação — algo atípico dentro da cultura jornalística da época — consolidou as bases de um dos veículos de imprensa mais influentes dos Estados Unidos, publicado até os dias atuais.³

1.1.1 Os primeiros anos do impresso e a trajetória política do editor Joseph Medill

Joseph Medill nasceu em 1823 em New Brunswick, à época uma fronteira em litígio entre os Estados Unidos, no estado de Maine, e o Canadá, ainda colônia do Reino Unido.⁴ Filho de imigrantes escoceses e irlandeses,

² Nesses primeiros anos, os anúncios de compra e venda de imóveis ocupavam a maior parte do periódico, dando indícios da especulação imobiliária de uma cidade que estava se expandindo. Propagandas de hotéis, de livros e ofertas de empregos também eram frequentes.

³ Joseph Medill morreu em 1899, deixando o comando editorial para o seu genro, Robert Patterson. Durante quase todo o século XX, o jornal foi administrado por descendentes de Medill. A troca de comando nos diários era uma situação bastante comum, acentuada nas décadas finais do século XIX. *The New York Times*, *The Chicago Daily News* e *The Chicago Inter-Ocean* são alguns exemplos de periódicos que trocaram de proprietários diversas vezes ao longo de suas trajetórias. A própria formação de grandes conglomerados jornalísticos na virada do século XIX para o XX só foi possível por intermédio dessas negociações. Ver: BALDASTY, Gerald. “Centralizing Control in Newspaper Chains: E. W. Scripps and the Newspaper Enterprise Association, 1902–1908”. *American Journalism*, v. 18, n. 2, 2011, p. 13-38.

⁴ New Brunswick tornou-se uma província canadense quando o Tratado Webster-Ashburton

ainda jovem se mudou para Ohio, no Oeste norte-americano, onde a sua família adquiriu uma pequena propriedade de terra.⁵ Seus pais o incentivaram a buscar uma ocupação, que não fosse o trabalho no campo, e ele acabou se formando em Direito. Como advogado, Joseph Medill não teve uma carreira bem sucedida. Seu contato com a imprensa aconteceu por meio de sua futura esposa, Katherine Patrick, filha de um juiz com quem ele passou a trabalhar. Os Patrick eram uma família importante em Ohio e possuíam um pequeno jornal, que difundia ideais *whigs*. O Partido Whig, ao lado do Partido Democrata, foi um dos primeiros partidos políticos nos Estados Unidos e defendia, em linhas gerais, tarifas protecionistas e o envolvimento do Estado na promoção da modernização e do desenvolvimento econômico.⁶

Joseph Medill entrou efetivamente no jornalismo com a ajuda financeira de seu pai, com a promessa de levar seus irmãos mais novos para trabalharem com ele na imprensa, e de sua esposa.⁷ Em 1849, comprou o pequeno jornal *Coshocton Whig*, rebatizando-o de *Coshocton Republican*, em referência à tendência de reagrupação dos *whigs* em torno de um novo partido político.⁸ O Partido Republicano só foi formalmente criado em 1854 e agrupava majoritariamente ex-*whigs* e, em menor medida, ex-*free soilers*, um partido político de vida curta (1848-1852), que defendia que os novos territórios incorporados ao país, especialmente após a Guerra com o México (1846-1848),

foi assinado em 1842.

⁵ WENDT, Lloyd. *Chicago Tribune: The rise of a great American newspaper*. Chicago: Randy McNally & Company, 1979, p. 39.

⁶ O Partido *Whig* foi criado como resposta ao programa político do Presidente democrata Andrew Jackson (1829-1837), que discursava a favor do pequeno proprietário de terra e da autonomia dos estados. Os *whigs* defendiam um governo central forte e apostavam no fortalecimento de uma elite financeira, que teria um papel central no projeto de modernização do país. REICHLEY, James. *The life of the parties: a history of American political parties*. New York: The Free Press (Macmillan), 1992, p. 99.

⁷ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 41.

⁸ Existe uma controvérsia — longe de ser resolvida — sobre quem teria sugerido a designação “Republicano” para o novo partido. Joseph Medill é um dos nomes que concorrem nessa inócua disputa. Ibidem, p. 40.

não utilizassem o trabalho escravo. Naquela época, os republicanos advogavam o apoio estatal para a industrialização, a distribuição das terras a Oeste para pequenos fazendeiros, educação fundamental pública gratuita, reforma moral e a preservação da União dos Estados Unidos, que estava ameaçada pelas desavenças entre Norte e Sul.⁹ Por seus integrantes, em sua maioria, serem contrários à escravidão, o Partido tinha pouco apoio político no Sul e entre proprietários de terras dos *Border States* (Delaware, Kentucky, Maryland e Missouri), que preferiam votar nos democratas.¹⁰

Em 1853, o jornalista Medill mudou-se para Cleveland e adquiriu o *Daily Forest City*, posteriormente nomeado *Cleveland Leader*. Essa aposta de negócio logo foi substituída pela perspectiva de comandar o *Chicago Tribune*.¹¹ No inverno de 1854, ele foi convidado por um dos antigos donos do *Tribune* a visitar o escritório do jornal e conhecer Chicago. Ao que tudo indica, encantou-se com o lugar, já que passou a escrever matérias elogiosas nas páginas do *Cleveland Leader*.¹² Decidiu então se mudar para a cidade, pois percebia que a região estava se desenvolvendo rapidamente, atraindo um grande fluxo populacional. Em 1848, o canal hidroviário que cortava Chicago e ligava os Grandes Lagos ao Golfo do México ficou pronto, tornando a região estratégica para os interesses dos Estados Unidos.¹³ No início da década de 1850, as malhas ferroviárias do Leste e Oeste do país se conectaram na cidade, que rapidamente se transformou em um importante entreposto ferroviário.

⁹ REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 114.

¹⁰ O Partido Republicano da época era frequentemente associado às causas mais “progressistas” da sociedade, como a já mencionada abolição da escravatura, imagem que não condiz com o conservadorismo do Partido nos tempos atuais.

¹¹ VAUGHN, Stephen (ed.). *Encyclopedia of American Journalism*. New York: Routledge, 2008, p. 299-300.

¹² WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 45.

¹³ MILLER, Donald. *City of the century: the epic of Chicago and the making of America*. New York: Simon & Schuster paperbacks, 2003, p. 89.

Além do novo dono do *Chicago Tribune*, outros empresários foram atraídos para a cidade, que expandiu o seu perímetro urbano, tornando-se gradualmente centro industrial e financeiro no país, durante a segunda metade do século XIX. Esse foi o caso de Cyrus McCormick, empresário do ramo de máquinas para a agricultura. Em 1847, ele decidiu, junto com seus irmãos, abrir uma fábrica em Chicago para a produção de uma de suas invenções, a colheitadeira mecânica. As máquinas eram enviadas às fazendas do Oeste dos Estados Unidos, através de transporte ferroviário. Os trens traziam de volta a Chicago toneladas de cereais, que eram secos e armazenados em silos na cidade para posterior comercialização. Por causa da demanda desse comércio, foi criada em Chicago a primeira bolsa de mercado futuro do mundo, a *Chicago Board of Trade* (CBoT), em 1848. A bolsa negociava — e ainda negocia — contratos futuros de *commodities* a um valor pré-estabelecido, minimizando os riscos de oscilação de preço para os agricultores. Segundo o historiador Donald Miller, a colheitadeira de McCormick e a otimização da logística de transporte e armazenamento de grãos foram responsáveis por uma verdadeira revolução na produção de cereais. Chicago era, portanto, o centro dessa transformação.¹⁴

Joseph Medill, além de editor do *Chicago Tribune*, foi um importante político norte-americano. Ele presenciou e participou da criação do Partido Republicano, ocupou cargos públicos e tornou-se uma das vozes mais influentes entre os republicanos radicais. Esse grupo era uma facção dentro do Partido que vociferava contra a escravidão, a exclusão dos negros dos processos políticos e o pagamento de indenização a antigos donos de escravos. Quando o jornalista assumiu o controle editorial do *Tribune*, ele usou o impresso para disseminar suas propostas e opiniões sobre a abolição da escravatura e o direito de voto para os ex-escravos. O editor também apoiou a candidatura presidencial do republicano Abraham Lincoln, seguindo o então candidato de cidade em

¹⁴ Ibidem, p. 103-121.

cidade e convidando-o para discursar no escritório do *Tribune*.¹⁵ Quando a Guerra Civil eclodiu em 1861, o jornal e, especialmente, sua página editorial ganharam grande notoriedade, resultado de uma postura agressiva contra os sulistas Confederados.¹⁶ O *Chicago Tribune* passou de uma tiragem de 1.200 exemplares diários em 1855 para impressionantes 40.000 em 1865.

Imagem 1- Joseph Medill, s.d.. Acervo First Division Museum (Robert R. McCormick Research Center).

Com o sucesso do *Chicago Tribune* durante a Guerra Civil (1861-1865), Medill foi chamado para ocupar cargos públicos em instâncias federais entre 1866 e 1871. Em 1871, um grande incêndio destruiu o centro comercial e financeiro de Chicago, inclusive o prédio do *Tribune*. Joseph Medill decidiu então retornar da capital Washington à cidade e escrever uma série de editoriais

¹⁵ MOTT, Frank. *American Journalism. A history of newspapers in the United States through 250 years (1640 – 1940)*. New York: Macmillan, 1941, p. 284-285.

¹⁶ Abraham Lincoln e Joseph Medill tornaram-se importantes aliados dentro do Partido Republicano. Medill teria conhecido o futuro presidente dos Estados Unidos em 1855, no escritório do *Chicago Tribune*. Lincoln objetivava com a visita viabilizar contatos políticos dentro do Partido Republicano e tornar-se assinante do jornal. Os dois chegaram a se corresponder por cartas, durante a corrida presidencial de 1860. Lincoln pedia para que o editor publicasse notas de esclarecimento, discursos e propostas. Uma análise interessante, ainda que bastante acrítica, dessa proximidade entre essas duas figuras políticas está em: ANDERSON, Jeffrey. *Joseph Medill: how one man influenced the republican presidential nomination of 1860*. Schaumburg (Illinois): College of Arts and Sciences, Roosevelt University, 2011. (mimeo)

para o jornal com mensagens de apoio, que mobilizariam votos para sua eleição como prefeito no mês seguinte. Em 12 de outubro de 1871, dois dias após o incêndio, Medill escreveu:

Nem tudo está perdido. Apesar de quatro milhões de dólares em propriedades serem destruídos pelo fogo, Chicago ainda existe. A cidade não é uma simples associação de pedras, tijolos e madeiras. Isso era apenas a evidência palpável do poder que a produzia; era apenas a prova externa da elevada coragem, da energia indomável, da fé inabalável e da perseverança incansável que construíram aqui uma *metrópole comercial* (...) Vamos nos valer do espírito liberal que o país tem mostrado diante da nossa calamidade (...), deixando o passado para cuidar do futuro, quando Chicago irá retomar seu poder e sua glória. Que as palavras de ordem sejam daqui em diante: “Chicago se reerguerá!”.¹⁷

No trecho acima, é possível perscrutar a estreita relação que o editor mantinha com a cidade. A partir da destruição de Chicago, Medill construiu uma série de narrativas que destacavam a identidade e o espírito da “metrópole comercial”, muitas vezes atribuindo a esta características humanas. O jornalista advogava o protagonismo de Chicago frente a outras regiões norte-americanas, que não possuiriam as supostas qualidades atribuídas à cidade. O editorial sobre sua eleição como prefeito, por exemplo, destacou:

Chicago realmente renasceu das cinzas, e hoje ela tornou-se objeto de admiração e aprovação do mundo, como uma ilustração magnífica *sobre a determinação e habilidade de seus cidadãos em ajudar a si mesmos* e — por um exemplo de magnanimidade política

¹⁷ “*All is not lost. Though four hundred million dollars’ worth of propriety has been destroyed, Chicago still exists. She was not a mere collection of stone, and bricks, and lumber. These were but the evidence of the power which produced these things; they were but the external proof of the high courage, unconquerable energy, strong faith, and restless perseverance which have built up here a commercial metropolis (...) Let us avail ourselves of the liberal spirit which the country has shown in our calamity (...), leaving the past to be taken care of in the future, when Chicago shall have resumed her power and glory. Let the watchword henceforth be: ‘Chicago will rise again’.*” “Rebuild the city”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 12 de outubro de 1871, p. 2. As edições do *Tribune* após o incêndio foram produzidas com o auxílio de oficinas de jornais de cidades vizinhas.

e altruísmo quase sem paralelo, que começou na própria fundação — reconstituir sua amada cidade para além da sua antiga grandeza.¹⁸

Joseph Medill dialogava fortemente com a ideia dos *self-made men*, em tradução literal, dos homens que se fazem por si próprios. A mitologia dos *self-made men* se caracterizava pela crença de que todas as pessoas, através de seu trabalho, eram donas de seus próprios destinos, não importando as suas origens sociais.¹⁹ Medill acreditava que o aspecto mais positivo de Chicago era a população, acostumada a sair de uma situação de miséria para uma condição mais próspera. Mais do que isso, a cidade ainda oferecia casos extremos de sucesso e progresso material, como George Pullman e Marshall Field, que alimentavam a crença de uma suposta meritocracia em Chicago.²⁰ O próprio editor se considerava um *self-made man* por excelência, já que seus pais eram de estratos médios e ele havia enriquecido com o sucesso do jornal, muito embora tivesse contado com apoio financeiro da família de sua esposa.²¹

¹⁸ “*Chicago has indeed risen from the ashes, and today she stands the object of the admiration and approval of the world, as a magnificent illustration of the determination and ability of her citizens to help themselves, and, by an example of political magnanimity and unselfishness almost without parallel, to begin at the very foundation and restore their beloved city to more than her former greatness*”. “The Election”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 8 de novembro de 1871, p. 3.

¹⁹ ZELINSKY, Wilbur. “Public Idols”. In: *Nation into State*. Chapel Hill (North Carolina): The University of North Carolina Press, 1998, p. 51.

²⁰ George Pullman começou sua carreira trabalhando com seu pai em um negócio de transportes de mudanças. Em Chicago, contudo, tornou-se um dos homens mais ricos do país, construindo composições de trens. Marshall Field, por sua vez, era filho de fazendeiros puritanos e trabalhava como ajudante em um pequeno mercado em Chicago. Ao longo da sua vida adquiriu dezenas de comércios, estabelecendo um grande “império” de lojas de departamentos. MILLER, Donald, op. cit., 2003, p. 170 e 180.

²¹ Quando Medill morreu em 1899, o jornal, à época já comandado por seus descendentes, dedicou algumas páginas para narrar a trajetória do editor, destacando a sua ascensão social. Por exemplo, “Joseph Medill is dead”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 17 de março de 1899, p. 7. Essas reportagens, e alguns editoriais que Medill escreveu, são alguns dos poucos documentos nos quais podemos encontrar algumas informações biográficas sobre ele.

Imagem 2 - Parte da capa do Chicago Tribune do dia 11 de outubro de 1871, que noticiava a destruição da cidade (à esquerda). Essa ideia de destruição e renascimento foi constantemente recuperada, especialmente durante a Exposição Universal de Chicago em 1893.

1.1.2 Renascimento de Chicago e do Tribune

Como prefeito, Medill reestruturou o Corpo de Bombeiros e a Polícia de Chicago.²² Ao lado de empresários, arquitetos e operários, o antigo editor do *Tribune* deu início à reconstrução da cidade, especialmente de seu antigo centro financeiro e comercial. Boa parte desse processo foi financiada por grandes magnatas da cidade, como Potter Palmer, que se tornou grande amigo de Joseph Medill.²³ Potter Palmer foi responsável, por exemplo, pela mudança de

²² A ineficiência do Corpo de Bombeiros da cidade foi apontada como a principal causa do alastramento do incêndio. A plataforma política que Joseph Medill usou para se eleger foi justamente a de “uma cidade à prova de fogo”. A reformulação do Departamento de Polícia, por sua vez, não foi bem aceita por parte da população de Chicago, o que levou Joseph Medill a desistir de uma reeleição e abandonar seu cargo alguns meses antes do término do seu mandato. NORD, David. *Communities of journalism: a history of American newspapers and their readers*. Chicago: University of Illinois Press, 2001, p. 117.

²³ Potter Palmer dividia com Marshall Field o comando da *Marshall Field and Company*. Ele foi o investidor individual que mais injetou recursos na reconstrução de Chicago,

endereço do centro comercial de Chicago, que estava alocado em um lugar poluído, com ruas estreitas e sujas, para uma área com largas avenidas. Inspirado em estabelecimentos europeus, ele criou a primeira loja da cidade voltada às mulheres da elite e estratos médios — com itens de vestimenta e decoração.²⁴

Imagem 3 – O novo centro comercial (State Street) de Chicago em 1890. Na imagem é possível ver a loja de departamentos Mandel Brothers, que vendia roupas principalmente para o público feminino. Acervo da University of Chicago Library.

Durante e após os anos de mandato do prefeito, a cidade se reconfigurou, abarcando construções com técnicas mais modernas e edifícios altos, que culminariam com a criação da “Escola de Chicago”, no final do século XIX. O termo “Escola de Chicago” foi utilizado para agrupar as tendências arquitetônicas e urbanísticas da cidade entre os anos 1875 a 1925.²⁵ Durante

enriquecendo ainda mais por conta da especulação imobiliária que a cidade enfrentaria nos anos seguintes ao incêndio. MILLER, Donald, op. cit., 2003, p. 138.

²⁴ Ibidem, p. 139-140.

²⁵ CONDIT, Carl. *The Chicago School of Architecture. A history of commercial and public building on the Chicago area, 1875-1925*. Chicago: The University of Chicago Press, 1964, p. 26-94.

esse período, materiais como o ferro passaram a ser utilizados na construção de edifícios. Estudos sobre a resistência de materiais, cálculos estruturais e novas técnicas de fundação se avolumaram, permitindo a construção do primeiro arranha-céu do mundo na cidade em 1884. Com a destruição do centro comercial e seu posterior reerguimento, Chicago deixou de ser conhecida por seu passado e tornou-se uma metrópole modelo para o futuro, abrigando edificações originais, funcionais e modernas.

A ausência temporária de Joseph Medill da redação do *Chicago Tribune* fez com que Horace White, que se tornaria editor do *The New York Evening Post* em 1899, assumisse a direção editorial do impresso entre 1866 e 1874. White reestruturou o jornal e a redação, tornando-o mais próximo de uma empresa jornalística. Durante o período, o impresso sofreu uma nova estilização, aumentando a largura de suas colunas — o que resultou numa maior nitidez para o texto. As matérias passaram a ser dispostas em sete colunas separadas por linhas horizontais — esta nova formatação permaneceu praticamente inalterada até 1914. Após o incêndio da cidade, a sede do *Tribune* foi reconstruída em um novo prédio de cinco andares. Novas máquinas foram compradas, o que permitiu o aumento no número de páginas, de quatro para oito. Além de o formato ter sido alterado, Horace White modificou o tom editorial do periódico, que passou a advogar, como outros diários, uma posição “mais independente” em relação à política, chegando a entrar por diversas vezes em conflito com o Partido Republicano, com quem guardava até então uma íntima relação de apoio.

Imagem 4 - Novo prédio do Tribune, inaugurado já em 1872.²⁶

Com a sua saída do cargo de prefeito, Joseph Medill voltou para o *Chicago Tribune*. Em 1874, o jornalista assumiu o controle majoritário do negócio, reafirmando, contudo, a “independência” do impresso em relação aos partidos.²⁷ Tal declaração não implicava na perda da inclinação republicana do jornal, significava apenas que o veículo não mais aceitava acriticamente as decisões do Partido Republicano.

Na década de 1870, o *Tribune* começou a sofrer com a concorrência dos demais periódicos da cidade. Enquanto em 1840, Chicago possuía apenas três jornais diários, nos anos 1870 e 1880 esse número chegou a onze. O principal concorrente do *Chicago Tribune*, que ultrapassou o seu número de tiragem em alguns momentos, era o periódico *The Chicago Daily News*, que não declarava uma tendência partidária, mas, como veremos, tinha uma interessante política editorial. A circulação do *Daily News* era, no entanto, mais restrita ao perímetro

²⁶ Imagem publicada no livro de WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 320.

²⁷ KINSLEY, Philip. *The Chicago Tribune: Its First Hundred Years, vol.2 (1865-1880)*. Chicago: The Chicago Tribune, 1946, p. 4.

urbano da cidade, enquanto o *Tribune* era distribuído para toda a região dos Grandes Lagos, tendo assinantes espalhados por todo o território nacional.²⁸ Em 1886, Medill decidiu reduzir o preço do diário de cinco *cents* para três *cents*, o que resultou no aumento de sua circulação e o jornal se tornou o mais vendido no Oeste.²⁹

O *Chicago Tribune* arrecadava mais com propagandas do que seus concorrentes.³⁰ O impresso anunciava uma grande variedade de produtos e serviços, como escolas, peças de teatro, lojas de departamentos, produtos para a cozinha e bebidas alcoólicas. Parte dos rendimentos do jornal provinha de anunciantes permanentes, com os quais assinava contratos.³¹ Era o caso, por exemplo, da indústria de fermento em pó, *Royal Baking Powder Company*, que estampava diariamente anúncios nas páginas do impresso:

Imagem 5 - Exemplo de anúncio do fermento em pó Royal publicado diariamente nos números do *Chicago Tribune* de 1880.

Além do aumento do número de páginas, dos colaboradores, anunciantes e readequações do projeto gráfico, o *Tribune* sofreu significativas mudanças de pautas com a volta de Medill, em 1874. Se antes o jornal estava mais

²⁸ GROENINGER, David. *Chicago Imagined: the role of newspaper columnists in creating a city of the mind. 1890-1930*. Chicago: Program in History, Loyola University of Chicago, 2005, p. 33. (mimeo)

²⁹ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 282.

³⁰ MOTT, Frank, op. cit., 1941, p. 466.

³¹ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 305.

preocupado em noticiar acontecimentos políticos e movimentações partidárias, agora se empenhava em também trazer notícias sobre os eventos da cidade, crimes locais, literatura, meteorologia, corridas de cavalos, esportes, colunas sociais e acontecimentos no exterior.³² Sobre a última seção é importante mencionar que o diário abriu um escritório em Londres em 1877, justamente para cobrir o noticiário internacional.³³ Os artigos editoriais sobre política se mantiveram — e até aumentaram em quantidade — mas foram deslocados e agrupados em uma seção editorial específica do *Tribune*, correspondente à quarta página.³⁴ Em outras palavras, os Estados Unidos, a cidade de Chicago e o *Chicago Tribune* se modernizaram.

Essas drásticas mudanças permitiram que o pequeno impresso de Chicago se tornasse uma grande empresa jornalística no final do século XIX. Esse processo de transformação não foi exclusivo do *Chicago Tribune*, pelo contrário, aconteceu de forma generalizada na imprensa norte-americana. Segundo Gerald Baldasty, essas transformações foram resultado de uma maior “mercantilização da imprensa”, em outras palavras, os jornais deixaram de ser veículos de partidos políticos (*partisan press*), para serem financeiramente sustentados por anúncios. Se antes os partidos enxergavam os impressos como essenciais para a divulgação de seus projetos, agora eram os empresários que elegiam essa forma de comunicação como a chave de seu sucesso.³⁵ O jornal era uma boa vitrine para seus produtos, uma vez que os impressos dispunham

³² O *Tribune* também passou a ter uma coluna voltada ao público feminino. Foi justamente por causa dessa seção que o jornal aumentou a sua circulação aos sábados, tornando-se o dia mais rentável do periódico. Segundo Lloyd Wendt, a criação desses novos segmentos ajudou o impresso a recuperar a sua circulação que havia diminuído nos anos de White. WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 255-257.

³³ Ibidem, p. 265.

³⁴ Aos sábados e domingos, o editorial se localizava aleatoriamente em outras páginas. A página editorial do jornal possuía um design gráfico distinto, o que permitia ao leitor identificá-la com muita facilidade.

³⁵ BALDASTY, Gerald. *The commercialization of news in the nineteenth century*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1992, p. 79.

de uma grande circulação, eram baratos e sua frequência, diária.³⁶ As indústrias, o setor de serviços e o comércio das grandes cidades eram os principais anunciantes dos jornais e, portanto, responsáveis em grande medida pelos seus crescimentos.

Em 1890, o *Chicago Tribune* ganhou novos acordos de publicidade, que lhe renderam um faturamento de 1,5 milhão de dólares³⁷ naquele ano.³⁸ A maior parte dos anunciantes eram composta por lojas de departamento, como a *Mandel Brothers*, a *Marshall Field & Co.* e a *Carson and Pirie*, cujo público-alvo eram as mulheres. Muitos desses anúncios passaram a ser acompanhados por ilustrações. Naquele mesmo ano, novas colunas foram criadas, como a de gastronomia, jardinagem, dicas para a casa e uma nova seção de aconselhamento para moças. Essa tentativa de abarcar as atividades ligadas ao “universo feminino” demonstrava o interesse do *Tribune* em incorporar as leitoras de Chicago, especialmente as mulheres dos setores médios, que no

³⁶ Os Estados Unidos possuíam uma taxa de analfabetismo relativamente baixa, cerca de 13,3%, o que parcialmente explica a expressiva tiragem dos grandes jornais, que ultrapassavam 50.000 exemplares. Ver: SNYDER, Thomas. “Percentage of persons 14 years old and over who were illiterate, by race and nativity: 1870 to 1979”. In: _____. *120 years of American education: a statistical portrait*. Washington: National Center for Education Statistics, 1993, p. 21.

O *Chicago Tribune*, por exemplo, passou a custar 2 cents em 1890. Em comparação nesse mesmo período, o salário de um jornalista do periódico variava de 32 a 48 dólares, enquanto uma caixa de ovos custava, em média, 23 cents. Ver: LORENZ, Alfred. “The Whitechapel Club: Defining Chicago's Newspapermen in the 1890's”. *American Journalism*, v. 15, n. 1, 1998, p. 88; LERNER, William (org.). Retail prices of selected foods in U.S. Cities 1890 to 1970. *Historical Statistics of the United States: Colonial Times to 1970 – Part I*. Washington: U.S. Bureau of the Census, 1975, p. 213.

³⁷ Fazendo um cálculo simples de deflação do dólar, o montante de 1,5 milhões de reais em 1890 representaria cerca de 40 milhões atualmente (2014). Esse cálculo é apenas uma estimativa que leva em consideração o valor de um grupo de produtos, que compõe uma cesta básica. A conversão foi baseada no método e em tabelas históricas dos economistas Louis Johnston e Samuel Williamson. JOHNSTON, Louis; WILLIAMSON, Samuel. *Sources and Techniques Used in the Construction of Annual GDP, 1790-2014*. Disponível em: <<https://www.measuringworth.com>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

³⁸ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 297.

último quartel do século XIX, passaram a ocupar alguns espaços públicos da cidade, como o quarteirão das lojas do já citado Potter Palmer.

Imagem 6 – Anúncio da Mandel Brothers, publicado no dia 13 de maio de 1888, p. 2.

O historiador Gunther Barth, em seu importante estudo denominado “*City People*”, procurou demonstrar como a *metropolitan press* converteu-se em um hábito indispensável para a população da cidade moderna. Se nas pequenas cidades a comunicação verbal entre vizinhos e conhecidos era a principal ferramenta de informação sobre mortes, acidentes ou outros eventos quaisquer, isso se tornou impraticável nas grandes metrópoles. O diálogo entre as pessoas não era mais o suficiente para se inteirar de *todos* os acontecimentos que ocorriam naquele espaço e os jornais passaram a abraçar a definição de seu morfema (*new*), tornando-se, de fato, a primeira fonte de novas notícias (*news*). Além de reportagens, os periódicos começaram a cobrir outros aspectos da vida urbana e as preocupações e possibilidades que essa nova realidade trazia. Como se vestir, o que comer, qual etiqueta seguir, de que forma gastar seu tempo livre, e outras considerações sobre estilo de vida começaram a estampar as colunas de comportamento. Neste sentido, Barth sugere que a fissura identitária que a vida moderna abriu foi parcialmente preenchida pelas notícias do cotidiano —

uma nova maneira das pessoas ordenarem sua realidade e se identificarem entre si.³⁹

O crescimento dos centros urbanos dos Estados Unidos no final do século XIX também impulsionou novos núcleos de atividade e de lazer. A cidade deixou de ser apenas o espaço do trabalho para se diversificar em teatros, museus, livrarias e clubes. Essa efervescência cultural instigou as seções de lazer nos jornais, que gradualmente passaram a cobrir e descrever os eventos e atividades urbanas. Os impressos não apenas noticiavam as inúmeras possibilidades de divertimento, como também começaram a oferecer segmentos de recreação em suas páginas, como as palavras-cruzadas. As colunas de humor, os *puzzles* e os folhetins que originalmente eram publicados nas edições de domingo, logo foram incorporados às tiragens diárias, dado o sucesso desse formato junto ao público leitor.⁴⁰ Em 1890, acompanhando a tendência de outros jornais norte-americanos, o *Tribune* criou os *editorial cartoons*, pequenas tirinhas que ajuizavam com humor alguma questão ou acontecimento nos Estados Unidos.⁴¹

³⁹ BARTH, Gunther. *City People: The rise of modern city culture in nineteenth-century America*. Oxford: Oxford University Press, 1980, p. 61-63.

⁴⁰ As *Sunday editions* tinham uma forte vocação para o entretenimento, não raramente trazendo artigos lúdicos sobre História, Ciências e novas tecnologias. Alguns jornais possuíam uma circulação maior no domingo, do que todos os dias da semana somados. Estima-se, por exemplo, que em 1889, um em cada dois nova-iorquinos comprava as edições dominicais. Ver: SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978, p. 99.

⁴¹ Essas tirinhas ganharam grande popularidade em meados dos anos 1890. Um dos maiores cartunistas desse período foi Richard Outcault, responsável por criar o personagem “Yellow Kid”, publicado no *New York World* e *New York Journal*, concorrentes entre si. “Yellow Kid” representava uma criança com traços orientais, que vestia uma túnica amarela; em sua vestimenta mensagens apareciam escritas. Os jornais sensacionalistas da virada do século XIX, como eram o *World* e o *Journal*, ficaram conhecidos como *yellow press* (imprensa marrom) justamente em referência a esses *cartoons*. Ver: UPCHURCH, Thomas. *Historical dictionary of the Gilded Age*. Lanham (Maryland): Scarecrow Press, 2009, p. 102-103.

1.2 Lugar de enunciação: O projeto político do *Chicago Tribune*

Como já mencionado, todos os textos possuem um lugar de enunciação, um lugar social de fala. Veremos que a trajetória do jornal e de seu proprietário denotam esse lugar como vinculado a grupos do Partido Republicano e ao lado da classe empresarial. Assim como outros diários da grande imprensa, o *Chicago Tribune* era uma empresa que buscava lucros, principalmente através de propagandas do comércio e das indústrias, se posicionando muitas vezes como integrante, defensor e representante desses segmentos da sociedade.

Até 1883, Samuel Medill, irmão do dono do periódico, ajudava a elaborar as pautas e escrever a página editorial de *The Chicago Tribune*. Com sua morte, essa posição foi conquistada por Robert Patterson, genro de Joseph Medill. Patterson não era o primeiro na “linha sucessória”, mas com a saída de Henry Lloyd em 1885, cuja inserção analisaremos mais à frente, ele passou a ser aconselhado e instruído por Medill para ocupar o cargo. Era Patterson quem comandava o jornal quando o dono decidia viajar, por exemplo. Mas, mesmo nessas circunstâncias, Medill telegrafava diariamente memorandos a respeito da escolha de assuntos e posicionamentos do impresso. Quando estava em Chicago, era Joseph Medill quem redigia a página editorial.⁴²

Essa forma centralizadora de conduzir o *Chicago Tribune* foi ganhando tons ao longo dos anos. Se a primeira passagem de Medill como editor foi marcada pela relativa liberdade dos jornalistas em expressarem suas opiniões, inclusive nas notícias, na sua segunda vez no jornal, a partir de 1874, isso foi se modificando. No começo dos anos 1890, o impresso conquistou uma unidade editorial, na qual somente Medill e Patterson, seu subordinado direto, manifestavam seus pontos de vista.⁴³

⁴² WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 280.

⁴³ Ibidem, p. 297.

Antes de investigar propriamente o projeto editorial do *Tribune*, é necessário explorar o contexto político e econômico dos Estados Unidos no último quartel do século XIX, período que ficou conhecido como *Gilded Age*.

1.2.1 A *Gilded Age* norte-americana

Em 1873, Marc Twain escreveu um livro satirizando a ganância e os esquemas de corrupção da classe política norte-americana. “*The Gilded Age: A Tale of Today*”, título da obra, foi a expressão escolhida para caracterizar o período que vai de 1870, com a eleição de Ulysses Grant, até 1901, ano em que o presidente William McKinley foi assassinado.⁴⁴ A segunda metade do século XIX foi marcada por um significativo aumento da influência das empresas — e do capitalismo — nos Estados Unidos.⁴⁵ Esse predomínio muitas vezes se traduziu em relações desonestas entre políticos e empresários norte-americanos, que resultaram na multiplicação de práticas corruptas na esfera pública.

A *Gilded Age* também foi caracterizada pelo rápido crescimento industrial dos Estados Unidos, que no final do século XIX já superavam a produção da Inglaterra e da Alemanha.⁴⁶ Segundo Sean Cashman, a revolução industrial norte-americana transformou o país, que deixou de ser uma reunião de estados relativamente autossuficientes para se tornar um território interligado por uma economia interdependente.⁴⁷ Um dos motivos do

⁴⁴ A *Gilded Age*, em tradução literal Era Dourada, de Mark Twain era uma metáfora para satirizar uma época que apesar de parecer de ouro, estava apenas revestida de dourado. REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 140.

⁴⁵ TRACHTENBERG, Alan. *The incorporation of America: culture and society in the Gilded Age*. New York: Hill and Wang, 1997, p. 4.

⁴⁶ Ibidem, p. 51.

⁴⁷ CASHMAN, Sean. *America in the Gilded Age. From the death of Lincoln to the rise of Theodore Roosevelt*. 3rd ed. New York: New York University Press, 1993, p. 8.

vertiginoso crescimento do país no período foi justamente a expansão da malha ferroviária, que resultou na redução dos custos de transporte de mercadorias. Em 1865, os trilhos se estendiam por 55 mil km; em 1900, esse número passou para 310 mil km.⁴⁸ Os territórios do Oeste foram os maiores beneficiários dessa expansão, fazendo com que o interior dos Estados Unidos, especialmente a região dos Grandes Lagos, onde Chicago está localizada, se tornasse um novo centro econômico para o país.

Em 1904, calcula-se que trezentas empresas detinham o controle de 2/5 de todo o produto nacional, e cerca de 4/5 de toda a produção industrial.⁴⁹ Essa expressiva concentração econômica nas mãos de poucos grupos foi resultado de uma organização industrial em torno de *trusts*. Apesar de os Estados Unidos sustentaram os maiores índices de crescimento econômico de sua história durante a *Gilded Age*, vivenciaram, por outro lado, um aprofundamento do processo de concentração de renda.

Os expressivos resultados econômicos dependiam da utilização de mão de obra barata, principalmente de estrangeiros. Os Estados Unidos foram o país no continente americano que mais recebeu imigrantes europeus, mesmo não subvencionando diretamente as suas entradas. Cerca de 10 milhões de pessoas cruzaram o Atlântico entre 1860 e 1890, a vasta maioria originária da Inglaterra, Irlanda e Alemanha.⁵⁰ Durante o período, ganharam força os chamados movimentos nativistas, que eram contrários à imigração. Seus proponentes acreditavam que os imigrantes representavam uma ameaça, alegando que os europeus ocupavam postos de trabalhadores norte-americanos e causavam agitações nas fábricas, como greves e paralisações. Alguns protestantes mais conservadores se mostraram abertamente contrários à

⁴⁸ Ibidem, p. 23.

⁴⁹ TRACHTENBERG, Alan, op. cit., 1997, p. 4.

⁵⁰ Entre 1890 e 1914, a maior parte dos imigrantes vieram da Itália, Rússia e Império Austro-húngaro. Ver: CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 74.

imigração de católicos, o que, em último caso, redundou no fechamento de escolas católicas em algumas cidades.⁵¹

A *Gilded Age* também foi marcada por um significativo aumento da produtividade, tanto no campo, quanto nas indústrias, processo esse alavancado por regulares avanços e invenções tecnológicas. Entretanto, o contínuo refinamento e emprego das maquinarias, que levariam a automação industrial do século XX, significou aos trabalhadores das indústrias uma progressiva erosão da autonomia e do controle dos processos de produção, gerando descontentamentos na classe operária.⁵² Soma-se a isso o fato dos Estados Unidos passarem por duas importantes depressões econômicas, uma em 1873⁵³ e a outra em 1893.⁵⁴ A crise de 1873, por exemplo, deixou 20% da força de

⁵¹ Ibidem, p. 96-99.

⁵² TRACHTENBERG, Alan, op. cit., 1997, p. 56.

⁵³ O “Pânico de 1873” foi a primeira crise econômica em escala global. A maior parte dos especialistas concorda que Alemanha, França e Império Austro-Húngaro foram o epicentro dessa perturbação na economia internacional, devido aos elevados índices de endividamento interno e deflação naqueles países. A crise chegou aos Estados Unidos por meio das ferrovias, que dependiam massivamente de investimentos. O pânico alastrado pela Europa fez com que investidores retirassem massivamente capital dessa atividade econômica, obrigando os empresários ligados às ferrovias norte-americanas a recorrerem a empréstimos financeiros. Como esses compromissos contraídos jamais foram saldados, muitos bancos nos Estados Unidos e na Europa quebraram, o que certamente contribuiu para que a crise se agravasse ainda mais. Em Chicago, os efeitos da crise foram mais amenos — muito por conta do impulso de reconstrução da cidade após o incêndio de 1871. Ver: CURVO, Raul. *Comparação entre as Grandes Crises do Sistema Capitalista (1873, 1929 e 2008)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, IE-UFRJ, 2011, p. 54-74 (mimeo).

⁵⁴ O ano de 1893 trouxe uma das maiores crises econômicas na História dos Estados Unidos. Na década de 1890, os norte-americanos enfrentaram uma depressão econômica, marcada pelo declínio das exportações e de investimentos internacionais no país. Esse desaquecimento dos mercados não foi imediatamente acompanhado por uma redução da produção industrial, gerando uma crise de superprodução e um desequilíbrio nos mercados financeiros. Em fevereiro de 1893, algumas indústrias importantes da região da Filadélfia faliram, causando um pânico nos investidores, que venderam suas ações nas bolsas de valores para comprar ouro. Essa corrida pelo ouro “depenou” as reservas do Tesouro norte-americano e provocou um *crash* no mercado financeiro em 5 de maio de 1893. Os Estados Unidos só se recuperariam dessa depressão econômica em 1897. Ver: NORTHROP, Cynthia. *The American economy: a historical encyclopedia*. Volume One: Short Entries. Santa Barbara (Califórnia): ABC-CLIO, 2003, p. 221-222.

trabalho desempregada; 40% dos proletários trabalhavam em regimes temporários.⁵⁵ Por essas razões, os trabalhadores passaram a se organizar, exigindo melhores salários, estabilidade e condições de trabalho.⁵⁶

Não era incomum aos industriais recrutarem milícias a fim de salvaguardarem suas fábricas da fúria do proletariado.⁵⁷ Recorrentes greves, manifestações e confrontos também fizeram parte da *Gilded Age* dos Estados Unidos. Segundo Alan Trachtenberg, à época havia uma percepção generalizada na sociedade de que a América estava sendo ameaçada por forças estrangeiras.⁵⁸ A ideia de *aliens* (párias da sociedade) podia simbolizar tanto os imigrantes estrangeiros, quanto os próprios industrialistas, que para uma parte da população, estariam desprezando os “verdadeiros” valores norte-americanos. As definições do que era ser americano e do que significava a América eram instáveis e serviam a diferentes propósitos nas retóricas das duas forças envolvidas, os capitalistas e a classe operária.⁵⁹

Após a Guerra Civil, os republicanos dominaram a cena política dos Estados Unidos, elegendo quase todos os presidentes da segunda metade do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX.⁶⁰ Vários fatores explicam o predomínio do Partido Republicano no período. Quase todos os presidentes eleitos pela agremiação eram veteranos da União, enquanto grande parte dos democratas era associada às causas dos sulistas, e, portanto, era

⁵⁵ CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 107.

⁵⁶ A principal bandeira desses movimentos era a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Ibidem, p. 104.

⁵⁷ TRACHTENBERG, Alan, op. cit., 1997, p. 40.

⁵⁸ Ibidem, p. 71.

⁵⁹ Ibidem, p. 74.

⁶⁰ Andrew Johnson (1865-1869), que era vice-presidente de Abraham Lincoln, e Grover Cleveland (1885-1889; 1893-1897), do Partido Democrata, foram as únicas exceções. No Senado, os republicanos só perderam a maioria por quatro anos. No Congresso, porém, os democratas só deixaram de ser a maioria em quatro anos. REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 140.

considerada “traidora” da nação.⁶¹ Os republicanos eram, no Norte, o partido ligado ao protestantismo, herdeiros de parte do antigo programa *whig* de reforma moral da sociedade, que previa o fechamento de estabelecimentos aos domingos, a proibição de casas de apostas e de bebidas alcoólicas, entre outras iniciativas. O Partido Republicano era ainda frequentemente associado aos industriais e empresários: o progresso industrial, por meio de pesadas tarifas alfandegárias e melhorias em infraestrutura, era bem aceito por muitos.⁶² Os republicanos também eram a única opção dos negros, já que o Partido Democrata chegou a se associar, em alguns momentos, a Ku Klux Klan.⁶³

Durante o último quartel do século XIX, o Partido Republicano se viu frequentemente no epicentro de escândalos de corrupção. Os principais nomes no comando do Partido eram senadores que originalmente faziam parte do grupo republicano mais radical. Chamados de *Stalwarts*, esses homens utilizavam a máquina pública para permanecerem no poder e obterem vantagens. Eram adeptos do *spoils system*, prática de oferecer cargos públicos aos apoiadores das campanhas, após a vitória em uma eleição. Foram eles que estabeleceram relações próximas entre o Partido e os empresários. A maior parte do dinheiro do Partido Republicano, no entanto, provinha de auxílios federais, ainda que a prática de propinas fosse corrente. As campanhas presidenciais, no entanto, dependiam fortemente de doações de empresários.⁶⁴ Roscoe Conkling, senador por Nova York, era o principal nome desses “*republican bosses*”.

James Garfield (presidente em 1881), James Blaine (candidato à presidência em 1884 e Secretário de Estado em 1881 e de 1889 a 1892) e

⁶¹ Ibidem, p. 152.

⁶² Ibidem, p. 155.

⁶³ Segundo o historiador Eric Foner, a Klu Klux Klan servia aos interesses do Partido Democrata, na medida em que buscava, através da violência, mudar os rumos da Reconstrução do Sul, reestabelecendo a subordinação dos negros naqueles estados. Ver: FONER, Eric. *Reconstruction: America's unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1989, p. 425-426.

⁶⁴ REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 155.

Benjamin Harrison (presidente entre 1889 a 1893) faziam parte de um grupo político de perfil mais carismático e menos dependente dessa máquina política republicana.⁶⁵ Ainda assim, os nomes de Blaine e Garfield foram associados ao maior escândalo de corrupção da década de 1870, conhecido como caso do *Crédit Mobilier*, que também envolveu pessoas do gabinete e dos círculos pessoais do presidente Ulysses Grant (1869-1877).⁶⁶ A gestão de Grant foi considerada como uma das mais corruptas da história do país.

Não sem razão, começaram a surgir nos Estados Unidos críticas à utilização da máquina pública pelos partidos, ao modelo de industrialização dos *trusts* e à excessiva concentração de renda; eram os casos do economista Henry George e do jornalista Henry Lloyd.⁶⁷

O próprio Partido Republicano estava dividido entre uma ala que governava se apoiando em forte corrupção e outra, de progressistas, que fazia a crítica à prática ilegal. Nas eleições de 1872, houve uma nova cisão no Partido Republicano, resultado das denúncias contra a administração de Grant. Um grupo que ficou identificado como *liberal republicans* tentou, sem sucesso, indicar Horace Greeley, editor de *The New York Tribune*, como o candidato republicano à presidência.⁶⁸ Os republicanos liberais (progressistas) eram um grupo reformista, que buscava coibir a corrupção na esfera pública e suspender a prática do *spoils system*.⁶⁹ No pleito presidencial de 1884, novamente o partido se dividiu e muitos republicanos, que ficaram conhecidos como

⁶⁵ Ibidem, p. 145-147; 156-159.

⁶⁶ A denúncia abrangia ilegalidades na construção da ferrovia transcontinental dos Estados Unidos. A malha ferroviária custou cerca de 50 milhões de dólares, mas 23 milhões não foram empregados na obra, sendo desviados a empresários envolvidos com o projeto. Durante a eleição de 1872, 15 importantes políticos do Partido Republicano foram comprometidos na denúncia. CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 226.

⁶⁷ TRACHTENBERG, Alan, op. cit., 1997, p. 43.

⁶⁸ CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 224-225.

⁶⁹ REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 146.

mugwumps (republicanos independentes), decidiram apoiar o democrata Grover Cleveland, ao invés de James Blaine.

Todas essas críticas serviram como ensaio a movimentos de reforma nos Estados Unidos no começo do século XX, que ficaram conhecidos como Progressivismo. Essas iniciativas foram propostas por pensadores dos setores médios da sociedade, sendo que uma boa parte deles integrava os grupos dos republicanos liberais e *mugwumps* em décadas anteriores.⁷⁰ Em linhas gerais, eles desejavam limitar o poder dos empresários, tornar o sistema político mais representativo, democrático e íntegro, além de estender o papel do Estado para a proteção do interesse público e da redução da pobreza. Seus projetos incluíam a proibição do trabalho infantil, a regulação das horas de trabalho, a criação de salários mínimos, a previdência social, a reestruturação do código de habitação e as reformas na educação. Nessa proposta, o problema da má-distribuição de renda seria atenuado com impostos sobre fortunas e heranças.⁷¹

1.2.2 O Partido Republicano e o *Tribune*

Como vimos na primeira parte do capítulo, Joseph Medill era um personagem político que tinha enorme influência dentro do Partido Republicano. O jornalista foi um dos fundadores da agremiação política e sua imagem permaneceu ligada aos republicanos, assim como o seu jornal, durante todo o século XIX. O *Chicago Tribune* era a principal voz dos republicanos no Oeste dos Estados Unidos, dividindo as atenções nacionais com o *New York Tribune*. É importante reforçar, novamente, que o impresso tinha a sua

⁷⁰ CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 361.

⁷¹ Ibidem, p. 361-363.

estabilidade de publicação garantida pelos anúncios publicitários, e não pelo Partido Republicano.

Dessa forma, não era raro o diário entrar em conflito com congressistas republicanos, requisitando reconsiderações sobre determinadas decisões ou assuntos. Medill, por exemplo, começou sua trajetória de jornalista como árduo defensor das barreiras alfandegárias para a proteção da produção nacional, mas ao longo dos anos foi abrandando essa postura.⁷² O Partido Republicano, por sua vez, manteve-se como patrono de uma pesada política tarifária. A partir da década de 1870, com as recorrentes crises econômicas, os atritos se tornaram inevitáveis.⁷³ Com o escândalo de corrupção do *Crédit Mobilier*, o *Chicago Tribune* passou também a defender reformas institucionais que colocassem fim ao *spoils system*, criticando ferozmente as práticas ilegais perpetradas por membros do Partido Republicano, como Roscoe Conkling.

Apesar dessas faíscas cada vez mais frequentes, o *Tribune* continuava a fazer amplas coberturas das Convenções Republicanas, que decidiam o candidato do Partido à presidência. Durante essas épocas, o jornal habitualmente optava por um político e o recomendava exaustivamente aos seus leitores. O candidato que quisesse ganhar os votos para a sua nomeação nas seções do Noroeste dos Estados Unidos deveria necessariamente se aproximar do jornal, uma vez que o *Tribune* possuía grande influência na região. À vista disso, muitos políticos republicanos mantinham boas relações com Joseph Medill; era o caso de James Blaine, que apesar de ter seu nome ligado aos escândalos de corrupção, foi o candidato republicano do *Chicago Tribune* em mais de uma oportunidade:

Dessa vez há quatro senhores que estão sendo notavelmente apresentados por seus partidários para a nomeação republicana à Presidência, são eles: Srs. [Roscoe] Conkling, [Levi] Morton,

⁷² WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 206, 261 e 282.

⁷³ A questão das políticas tarifárias, da arrecadação de impostos e da participação dos negros no processo político eram as principais controvérsias que dividiam os republicanos.

[James] Blaine e [Benjamin] Bristow. (...) Da mesma forma que o Partido Republicano de 1860 se apresentou como algoz declarado da política escravagista, (...) não deveria ser o [mesmo] Partido Republicano de 1876 a atacar o crime não menos grave da desonestidade pessoal e pública no manejo de receitas e impostos, que se tornou a característica marcante do Governo Nacional e Municipal, e que, através da máquina partidária, impossibilita, em grande medida, que as pessoas cultas e de grande moral deste país tenham qualquer voz na política, entregando o poder político às mãos de classes corruptas e desonestas? (...)

Entre os quatro senhores que nós nomeamos, o Sr. Blaine tem um certo magnetismo pessoal, que o favorece entre as pessoas do Oeste. Ele atrai tanto os políticos quanto o público em geral. (...) Se ele for nomeado, o *Tribune*, que compartilha da admiração geral e confiança em sua pessoa, irá dar seu apoio cordial, ainda que tenhamos algumas dúvidas em relação ao sucesso do Partido com ele como candidato. (...) [Mr. Blaine] compreende o grande Oeste, mantém boas relações com as pessoas, e é infinitamente mais forte do que Conkling ou Morton, ao menos neste estado [Illinois].⁷⁴

No editorial acima, o *Tribune* defendeu uma espécie de “purificação” do Partido, pedindo que os republicanos votassem conscientemente, valendo-se dos supostos valores morais que a agremiação ostentava à época de Abraham Lincoln. O jornal procurava falar em nome de uma “elite esclarecida e ética” que deveria comandar o país. Assim, Joseph Medill identificou Roscoe Conkling e Levi Morton como “*machine politicians*”, pois eles dependeriam

⁷⁴ “There are at this time four gentlemen who are conspicuously presented by their friends for the Republican nomination for President, and these are Messrs. Conkling, Morton, Blaine, and Bristow. (...) As the Republican party in 1860 presented itself as the avowed assailant of political slavery, (...) is not the Republican party in 1876 to assail the no less powerful crime of personal and official dishonesty in handling revenues and taxes, which has become the conspicuous characteristics of Government, both national and municipal, and which, through machine politics, excludes in great measure the cultivated and moral people of the country from all voice in politics, and lodges political power in the hands of the corrupt and dishonest classes? (...) Of the four gentlemen we have named, Mr. Blaine has more of that personal magnetism which commends him to the people of the West. He attracts both politicians and the people. (...) If he be nominated, The Tribune, sharing in the general admiration and confidence in the man, will give him a cordial support, notwithstanding some misgivings as the success of the party with him as its candidate. (...) [Mr. Blaine] understands the great West, has associated with the people, and is infinitely stronger than either Conkling or Morton, in this State at least”. “Republican Presidential Candidates”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 1 de maio de 1876, p. 4.

mais das “manipulações e operações da máquina partidária, do que da livre vontade das pessoas”.⁷⁵ Os dois senadores também se mostravam contrários às reformas políticas, visto que seus mandatos seriam resultado dos abusos perpetrados contra o interesse público. Benjamin Bristow, por sua vez, dividia com Blaine a indicação do *Tribune*. Ele foi apresentado pelo periódico como um homem sem perfil político, mas comprometido a acabar com a máquina partidária. Os rumores que ligavam James Blaine ao *Crédit Mobilier* foram, em grande medida, ignorados pelo jornal de Chicago, que sempre tratou do seu envolvimento com muita cautela, chegando a ceder espaço em sua página editorial para que o político se defendesse.

Apesar de ser o grupo hegemônico na política nacional, como discutido, o Partido Republicano não era homogêneo.⁷⁶ Os republicanos também se dividiam entre grupos mais ligados aos setores agrícolas e outros mais identificados com os ramos de atividades industriais. Além dessa divisão, também é possível verificar cisões regionais: por exemplo, políticos que favoreciam interesses específicos de seus redutos eleitorais, mesmo quando esses entravam em conflito direto com algumas diretrizes gerais do Partido. Muitas propostas republicanas e deliberações de presidentes eram barradas pelos próprios congressistas do Partido Republicano, pertencentes a segmentos diferentes. Dizer-se republicano, sob o ponto de vista de determinadas temáticas, como a política externa, não era suficiente para caracterizar um posicionamento político.

⁷⁵ “Both Senators are what is known as machine politicians of the most confirmed character. They depend for power upon the manipulations and operations of party machinery rather than on the free will of the people. Like Morton, Mr. Conkling has opposed any reform of the Civil Service, because both have depended on the abuses of that service to reward their retainers”. Ibidem, p. 4.

⁷⁶ O Partido Republicano nunca foi um conjunto coeso, nem mesmo na sua origem, quando era possível identificar facções mais radicais, outras moderadas e algumas conservadoras. Essa situação se mantém ainda nos dias atuais, com a dissidência do Tea Party.

O Partido Republicano não era a única variável que localizava o projeto editorial de *The Chicago Tribune*, apesar do impresso estar em constante diálogo com esse. Os posicionamentos políticos do jornal estavam intrinsecamente relacionados aos financistas, industrialistas e comerciantes de Chicago e aos seus objetivos econômicos e políticos. É preciso pontuar, no entanto, que os anseios desse grupo dos Grandes Lagos eram, muitas vezes, idênticos às bandeiras do Partido Republicano, como a agenda de incentivo à industrialização do país. Não é surpresa, portanto, que esses mesmos homens de negócios utilizassem a máquina política para concretizar seus interesses pessoais.

Joseph Medill partilhava da crença de que a região dos Grandes Lagos logo se tornaria a mais importante do território nacional, devido ao seu rápido desenvolvimento econômico e populacional. Para o editor, o novo centro do capitalismo norte-americano deveria liderar politicamente o país, fazendo cumprir o “destino” dos Estados Unidos de ser uma nação industrial. Essa última questão é fundamental para identificar o jornal dentro das discussões sobre a política externa do final do século XIX. Como veremos, é a partir do lugar de enunciação do *Chicago Tribune* que se torna possível desvendar por que o periódico abraçou o discurso pan-americanista de James Blaine, fazendo valer um projeto empresarial de Chicago.

1.2.3 O jornal dos homens de negócios

Em abril de 1876, a publicação *Police Gazette* entrou em conflito com o *Tribune*, alegando que sua circulação ultrapassava o tradicional jornal de Chicago. Ainda que esta contenda não seja particularmente relevante a esta pesquisa, a resposta de Joseph Medill a essa insinuação é bastante sugestiva:

Não é de nosso feitio fazer um alarde sobre os negócios ou a circulação do *Tribune*, ou ainda atacar nossos concorrentes. Os editores estão satisfeitos com a clientela que desfruta do *Tribune*. Este tem sido o grande meio de propaganda da cidade por muitos anos, porque *este é o jornal dos homens de negócios*. É comprado e lido por todas as classes de pessoas que têm alguma propriedade para vender, alugar ou emprestar, ou ainda que possuem algum dinheiro para fazer compras, investimentos ou contratar quaisquer serviços. É utilizado por todos aqueles que estão em atividades de comércio, bancos, seguradoras, navegação, transportadoras, produtores e distribuidores de riqueza, e consequentemente tem um grande círculo de leitores, que pertencem às classes mais inteligentes, empreendedoras e respeitáveis da nossa comunidade.⁷⁷

O editor identificou o *Chicago Tribune* como um periódico voltado aos homens de negócios e setores médios, destacando que eram esses que sustentavam a empresa jornalística. “O jornal dos homens de negócios”, por sinal, era o lema estampado nos periódicos nas décadas de 1870 e 1880. As próprias páginas do *Tribune* corroboravam esse diagnóstico de Joseph Medill. Uma boa parte do impresso era dedicada a esses empresários, trazendo diariamente informações sobre a cotação de preço de *commodities* (mercado futuro), a situação das ferrovias e a cobertura de greves trabalhistas. Não por outra razão, o noticiário internacional se expandiu; afinal, era preciso saber o que acontecia em outros países e o impacto que crises econômicas e políticas trariam aos empresários e comerciantes de Chicago, visto que muitos já participavam de um capitalismo mais internacionalizado. Entretanto, como vimos, o jornal falava também em nome de uma “elite esclarecida”, que

⁷⁷ “It is not our habit to make a parade of the business or circulation of the *Tribune*, or to assail that of our cotemporaries. The publishers are satisfied with the measure of patronage which *The Tribune* enjoys. It has been the great advertising medium of this city for many years, because it is a business-men’s newspaper. It is taken and read by all classes of people who have any property or thing to sell, lease, or loan, or any money with which to make purchases or investments, or any useful services to hire or engage. It is patronized by all those who are in trade and commerce, banking, insurance, navigation, common-carrying, producing and distributing wealth, and consequently it has a very large circle of readers, belonging to the most intelligent, enterprising, and respectable classes of the community”. “About newspaper circulation”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de abril de 1876, p. 4.

obviamente poderia ultrapassar o espectro reservado aos homens de negócios a quem o jornal tanto enaltecia.

Essa caracterização do *Chicago Tribune* como “o jornal dos homens de negócios” pode também ter tido o intuito de diferenciar o jornal dos demais periódicos da cidade. Foi nesse período que a imprensa norte-americana se dividiu entre um jornalismo considerado mais “profissional” e “respeitável” e os impressos “sensacionalistas”.⁷⁸

O *Chicago Times*, assim como o próprio *Police Gazette*, foi um dos primeiros impressos dos Estados Unidos a adotar uma postura considerada apelativa, com reportagens com baixa densidade de informações e matérias mais voltadas ao entretenimento.⁷⁹ O *Times* era comandado por Wilbur Storey, um ex-democrata, que se declarava inimigo público de Joseph Medill. O jornal chamava atenção através de notícias obscenas, violentas, mortes e execuções públicas. Storey era capaz de relatar em detalhes um assassinato violento e, na mesma página do impresso, comentar sobre o noticiário financeiro. O jornal era uma verdadeira miscelânea de notícias, e sua linha editorial era nitidamente marcada por um posicionamento contrário aos impostos, inclusive para atividades consideradas essenciais, como brigadas de incêndio e policiamento. Para o editor Wilbur Storey, o Estado deveria se limitar a regular ocasionalmente as atividades privadas.⁸⁰

O jornal *The Chicago Daily News*, o outro importante concorrente do *Tribune*, era completamente oposto ao *Times*. Vendido a um *cent*, tinha um formato pequeno e apenas quatro folhas, quando foi publicado pela primeira vez em 1876. Era um diário que se declarava independente de partidos políticos

⁷⁸ Sobre essa divisão na imprensa norte-americana, ver o capítulo de: SCHUDSON, Michael. “Stories and information: two journalism in the 1890s”. *Discovering the news: A social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978, p. 89-121.

⁷⁹ NORD, David, op. cit., 2001, p. 112.

⁸⁰ Ibidem, p. 114-116.

e advogava uma maior participação do Estado nos negócios e na vida urbana de Chicago. Segundo o historiador David Nord, a maior parte dos leitores desse impresso era a classe trabalhadora.⁸¹

O *Chicago Tribune* estava no meio termo entre esses dois jornais da cidade. A publicação era favorável aos impostos, mas acreditava que eles deveriam servir apenas às demandas básicas da comunidade, como a segurança.⁸² Para o *Tribune*, a redução das obrigações fiscais favoreceria os empresários e os negócios de Chicago, elevando seus lucros. Da mesma forma o impresso se mostrou favorável a mudanças na política tarifária dos Estados Unidos, a fim de incentivar a exportação industrial da metrópole.

Seja por seu mandato como prefeito da cidade, ou pelo seu protagonismo dentro do Partido Republicano, ou ainda por ser o editor do maior veículo de imprensa da região dos Grandes Lagos, Joseph Medill possuía ligações com a elite econômica de Chicago, como os já comentados Potter Palmer e Marshall Field.⁸³ Sua filha mais velha, Katherine Medill, casou-se com o sobrinho do magnata das colheitadeiras mecânicas, Cyrus McCormick.⁸⁴ O inventor das composições de trem de luxo, George Pullman também mantinha boas relações com o editor. O *Tribune* teceu diversas matérias elogiosas a seu respeito, noticiando em detalhes as suas viagens a negócios para a Europa.⁸⁵ O jornal acreditava que a expansão da indústria de Pullman para o continente europeu era positiva para o progresso da cidade de Chicago, pois impulsionaria a construção de novas fábricas, gerando mais empregos.⁸⁶ Além disso, o sucesso

⁸¹ Ibidem, p. 124.

⁸² Ibidem, p. 117.

⁸³ Ibidem, p. 117.

⁸⁴ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 278.

⁸⁵ “Some stories about Pullman”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 22 de julho de 1894, p. 2. “Pullman doing well”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de outubro de 1892.

⁸⁶ “The Pullman Palaces. The great result of Mr. George Pullman’s Visit to England”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 1 de abril de 1873, p. 4.

internacional das indústrias Pullman expressaria o novo lugar que os Estados Unidos ocupariam no mundo como exportadores de produtos de alta tecnologia:

Os elogios dados ao Sr. Pullman pelos seus associados na montagem da ferrovia elevada Gilbert são totalmente merecidos. O Sr. Pullman teve a sorte de oferecer grandes benefícios aos povos dos dois continentes e, ao mesmo tempo, enriquecer a si próprio. Seus vagões de trem agora correm por dois continentes, eles venceram os preconceitos ingleses e fizeram as viagens de trens serem mais luxuosas.⁸⁷

O *Chicago Tribune* não era, como venho argumentando, um impresso neutro. Mais do que ser caracterizado apenas por sua tendência republicana, o jornal promovia o projeto político dos grandes empresários de Chicago, reforçando a ideia de que a cidade prosperava devido aos seus próprios esforços. Em outras palavras, o *Tribune* era uma empresa que visava o lucro. Falava, assim, a partir setores empresariais, de uma “elite esclarecida”, à qual também pertencia. Nesse sentido, não é demais reiterar que, nessa época, a região dos Grandes Lagos abrigava grandes companhias e alguns *trusts*, tais como: as próprias *Pullman Company* (fábrica de vagões), a *McCormick Harvesting Machine Company* (indústria de equipamentos agrícolas), a *Marshall Field & Company* (lojas de departamentos), a *Illinois Steel* (produtora de aço e futura *U.S. Steel*), a *Sears-Roebuck & Company* (lojas de departamentos), a *Standard Oil Company* (extração de petróleo), a *Swift & Company* (processamento de alimentos) e a *Armour & Company* (frigorífico).

Apesar de Joseph Medill ser próximo da elite de Chicago — da qual também fazia parte — e de apoiar claramente seus interesses, o *Chicago*

⁸⁷ “The compliment tendered to Mr. Pullman by his associates in erection of the Gilbert elevated railway is fully deserved. Mr. Pullman has had the good fortune to confer great benefits upon the people of two continents, and at the same time to enrich himself. His palace cars now run over continents; they have conquered English prejudices, and have made railway traveling luxurious”. “George M. Pullman”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 2 de junho de 1878, p. 7.

Tribune mostrou, em alguns momentos, um posicionamento desabonador em relação aos *trusts* e à conduta de alguns empresários. Esses episódios serão matizados e discutidos a seguir.

1.2.4 Conflitos em Chicago, conflitos no jornal

A Comuna de Paris de 1871 teve um impacto significativo no imaginário dos habitantes de Chicago e foi alvo de diversas avaliações de Joseph Medill.⁸⁸ Nos anos seguintes a esse acontecimento, o dono do *Tribune* se mostrou temeroso com o caos que poderia ser instaurado pela classe trabalhadora da metrópole. O jornal passou a atribuir responsabilidade aos imigrantes estrangeiros, especialmente aos alemães, pelas agitações e greves em fábricas da região, se apropriando de ideias do movimento nativista, contrários à imigração. Em um primeiro momento, o *Tribune* apoiava a organização de sindicatos legalizados, desde que esses excluíssem os integrantes estrangeiros, mas isso se modificou em 1886.

Na época, Chicago já era uma grande metrópole, com problemas igualmente grandes. A concentração industrial e populacional acarretou um desequilíbrio ambiental e social, que se materializava em problemas no abastecimento de água e na oferta de transporte, além da poluição do ar, aumento da criminalidade, surtos de incêndio, falta de moradia, elevação das taxas de desemprego, acesso à saúde e falta de saneamento básico. Chicago, ao mesmo tempo em que era a cidade da modernidade, dos arranha-céus e do espírito capitalista norte-americano, era também o palco de inúmeros conflitos sociais. No último quartel do século XIX, a cidade passou por três grandes mobilizações de trabalhadores: uma greve nacional nas ferrovias em 1877, um

⁸⁸ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 259.

conflito mais generalizado em 1886 e uma grande greve nas fábricas Pullman em 1894. Nos três eventos, o impresso se posicionou contrariamente à manifestação dos trabalhadores, especialmente quando a violência irrompia.

A cobertura do jornal sobre o conflito do Haymarket Square, em 1886, oferece uma discussão interessante na identificação do projeto editorial do periódico. Em fevereiro daquele ano, uma greve na fábrica de ceifadoras McCormick teve início. No começo de maio, policiais entraram em confronto com os grevistas, ferindo uma dezena de pessoas e matando quatro trabalhadores. No dia seguinte, um grupo de anarquistas convocou uma reunião na praça Haymarket Square. A polícia novamente atacou os manifestantes, gerando uma enorme convulsão que resultou na morte de 11 pessoas, incluindo quatro policiais.⁸⁹ Os anarquistas foram acusados de incitar a violência e a desordem, arremessando bombas na direção dos policiais.⁹⁰

No dia seguinte ao incidente, o *Tribune* defendeu a condenação imediata dos líderes do movimento grevista, entre eles o norte-americano Albert Parsons e o alemão August Spies:

O ataque bárbaro sobre a fábrica de ceifadoras McCormick na segunda-feira à tarde e as agressões contra os seus trabalhadores foram instigadas por comunistas estrangeiros, os seguidores de Parsons, Spies e de outros ruidosos demagogos que os incitaram à violência por meio de seus discursos incendiários. Nenhum deles é verdadeiramente um cidadão americano. Nenhum deles exerce as funções de um bom cidadão, ou é leal ao Governo ou tem os interesses da comunidade em seu coração (...) o seu único objetivo é destruir o capital, o governo, a igreja e a sociedade. Nenhum desses “verdadeiros cidadãos americanos” marchou atrás de uma bandeira americana. As estrelas e faixas [da bandeira norte-americana], em todas as ocasiões, foram insultadas pela bandeira vermelha do comunismo. Eles não têm nada em comum com os cidadãos

⁸⁹ O Dia Internacional do Trabalho (1º de maio) foi estabelecido em homenagem aos trabalhadores que perderam suas vidas, ou foram sentenciados à morte, em decorrência dos conflitos do Haymarket Square. Nos Estados Unidos, porém, essa data não é reconhecida e o *Labor Day* acontece apenas na primeira segunda-feira de setembro.

⁹⁰ CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 115-116.

americanos ou com os verdadeiros trabalhadores de Chicago. (...) Por que as pessoas relacionadas com a distribuição e autoria da proclamação dos anarquistas não estão sendo caçadas e levadas aos tribunais para responderem pelos seus atos de conspiração contra a paz dessa cidade?⁹¹

Apesar de não haver provas conclusivas para as suas prisões, um julgamento foi conduzido às pressas, resultando na condenação de sete anarquistas, com sentença de morte para quatro deles, incluindo os dois citados pelo editorial do *Chicago Tribune*.⁹² Joseph Medill, através de um apelo patriótico, questionava a legitimidade das greves dos trabalhadores de Chicago, que, em sua visão, foram seduzidos e conduzidos por conspiradores estrangeiros. Nota-se que, apesar de não concordar com as reivindicações dos trabalhadores, em nenhum momento Medill atacou os operários, como classe, diretamente. Censurá-los duramente seria um contrassenso, já que esses mesmos homens e mulheres também faziam parte do público leitor do jornal. Medill, assim, defendia as relações harmônicas entre patrões e empregados, nas quais a classe trabalhadora reconhecia e aceitava seu lugar e as condições que lhe eram impostas.

⁹¹ “*The barbarian attack upon McCormick reaper factory Monday afternoon and the assault upon its workmen were instigated and led by foreign Communists, the followers of Parsons, Spies, and other blatant demagogues who have incited them to violence by their incendiary speeches. Not one of them is a true American citizen. Not one of them performs the duties of a good citizen, is loyal to his Government, or has the interest of the community at heart (...) their only object is to destroy capital, the Government, the church and society. Not one of these “true American citizen” has ever marched behind the American flag. The Stars and Stripes on every occasion have been insulted by the red flag of Communism. They have nothing in common with American citizens or with the real workingmen of Chicago. (...) Why is not every person connected with the distribution and authorship of the infamous Anarchists proclamation hunted down and brought before the courts to answer for his conspiracy against the peace of this city?*”. “Enforce the laws”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 5 de maio de 1886, p. 4.

⁹² Entre os anarquistas presos, apenas três estavam presentes na praça no dia 4 de maio. Como não é muito difícil de perceber, o real intuito das condenações dos líderes do movimento foi desmobilizar os operários na cidade de Chicago, já que o verdadeiro culpado pela confecção das bombas nunca foi identificado.

Alguns anos depois, comentando a respeito de uma sequência de greves em 1894 e da criação de sindicatos de mineradores nas regiões próximas a Chicago, Joseph Medill novamente escreveu sobre o assunto:⁹³

As fundações dessa República livre foram alicerçadas sobre a ideia de livre arbítrio dos homens. Os sindicatos de hoje tentam negar esse direito inalienável e ensinar a resistência até a morte. Esse espírito não nasceu na América, mas foi importado de países da Europa, onde o uso da força é a única arbitragem conhecida e a obediência à lei é medida pela ausência ou presença da força militar. O verdadeiro espírito americano (...) demanda que o trabalho seja completamente livre para aceitar ou rejeitar um determinado salário, e que os trabalhadores possam, individualmente ou coletivamente, deixarem suas ocupações se estas forem opressivas ou mal retribuídas. (...) O proletariado das minas é antiamericano, na medida em que reconhece a supremacia de um líder individual, cujo discurso é soberano e inegociável, mesmo que este cause a perda de vidas e a destruição de propriedades. O espírito americano sabiamente entende que para um negócio ser lucrativo, este deverá ser conduzido por gerentes inteligentes e independentes da interferência ignorante de pessoas, que sob nenhuma circunstância, conseguem compreender as suas operações financeiras. (...) Quando eles [sindicato] insistem que um homem só deva trabalhar por determinado salário, quando são os outros que decidem por este, eles criam um despotismo pior do que aquele que existia na Idade das Trevas. O homem deixa de ser um cidadão independente para se tornar um escravo. Ele já não ama mais o seu país, prestando-se à desordem, tumulto e anarquia.⁹⁴

⁹³ O ano de 1894 foi marcado por intensas agitações em Chicago, resultado da grave crise econômica (de superprodução) em 1893. Muitas greves foram impulsionadas como uma forma de resistência às demissões em massa. Este foi o caso, por exemplo, das paralizações que aconteceram nas oficinas da *Pullman Company*. NORTHROP, Cynthia, op. cit., 2003, p. 234 235.

⁹⁴ “*The foundations of this free Republic were set upon man’s free moral agency. Labor unions of today deny this inalienable right and teach resistance to it to the death. (...) This spirit was not born in America, but was imported from those countries of Europe where appeal to force is the only recognized arbitrament and where obedience to law is measured by the presence or absence of military. The true American spirit (...) demands that labor shall be absolutely free to accept or reject a given wage price, and that labor, individual or collective, may leave any service that is oppressive or that is ill requited. (...) The proletariat of the mines is un-American in that it acknowledges the supremacy of an individual leader whose dictum is supreme and unappealable, even though it demand the taking of lives and the destruction of property. The American spirit intelligently grasps the fact that a business to be profitably conducted must be conducted by intelligent managers, independent of*

As greves de trabalhadores e o sindicalismo novamente eram interpretados pelo jornal como uma situação negativa trazida pelos imigrantes “desordeiros” da Europa.⁹⁵ Não faziam parte, portanto, de um suposto “espírito americano”, fundado na liberdade individual do homem. Somente os empresários inteligentes, que visavam o lucro e a prosperidade individual, eram capazes de captar o verdadeiro “espírito americano”. Aqueles que eram contrários a essa lógica, eram tachados como escravos, ignorantes e, principalmente, antiamericanos.

O “verdadeiro norte-americano”, para o jornal, era aquele que defendia o *laissez-faire* e o *free labor* que permitisse o “livre” desenvolvimento e enriquecimento dos homens a partir de seus próprios esforços (*self-made men*); era aquele que compreendia a importância da propriedade privada dentro de uma sociedade.⁹⁶

unintelligent interference by those who under no circumstances can possibly have knowledge of its financial operations. When labor demands that employers shall relinquish into its hands this undoubted right, then business is assassinated. (...) When they insist that a man can only work at such prices as others decide for him they create a despotism worse than any that existed in the dark ages. The man ceases to be an independent citizen and becomes a thrall. He no longer loves this country, but lends himself to disorder, riot, and anarchy”. “Unamerican spirit”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 2 de junho de 1894, p. 12.

⁹⁵ A partir de 1870, Chicago passou a receber um grande número de imigrantes, vindos de regiões da Alemanha e da Itália. O fluxo migratório para a cidade foi tamanho, que os estrangeiros chegaram a compor 41% da população de Chicago. Ver: GIBSON, Campbell e LENNON, Emily. *Nativity of the population for the 50 largest urban places: 1870 to 1990. Historical census statistics on the foreign-born population of the United States: 1850 to 1990*. Washington: U.S. Bureau of the Census, 1999, p. 64.

⁹⁶ O Partido Republicano, durante a Guerra Civil, defendia o *free labor*, que expressava a ideia de nobreza e dignidade do trabalho produtivo, não escravo. Por esse motivo, uma boa parte dos trabalhadores e sindicatos era fiel aos republicanos. Mas com o passar dos anos, ficou cada vez mais claro para essas pessoas que a ideologia do trabalho livre — que prometia liberdade individual e mobilidade a quem fosse honesto e diligente — havia se transformado em uma justificativa para a exploração do proletariado pelo grande capital. Segundo Alan Trachtenberg, os operários se percebiam como os verdadeiros defensores do *free labor*, e, portanto, guardiões de uma tradição republicana. Um exame da retórica utilizada pelos antagonistas — industrialistas e proletários — mostra que esses personagens frequentemente partilhavam de um mesmo vocabulário, atribuindo, no entanto, significados muito diferentes. Ver: TRACHTENBERG, Alan, op. cit., 1997, p. 74-78.

Imagem 7 – Editorial cartoon do dia 16 de maio de 1886. Na legenda da imagem está escrito “A história da anarquia em Chicago. Respeitosamente dedicada a todos os políticos nativos demagogos e aos descontentes estrangeiros”. O primeiro quadro apresenta um anarquista se manifestando em um palanque: “Matem a lei”. Seus companheiros seguram placas com as seguintes mensagens: “Abaixo a sociedade”, “Sem Deus, sem lei”, “Abaixo o capital”, “A anarquia da comuna vermelha”, “Destrua toda a propriedade”, “Mate os policiais”, “Destrua seus prédios”. O segundo quadro representa os anarquistas presos. O terceiro, traz a gravura de quatro forcas, simbolizando o destino daqueles homens. O último quadro traz uma figura feminina que simboliza a vitória dos Estados Unidos sobre a “red commune” e as sepulturas dos anarquistas.

No entanto, o *Chicago Tribune*, assim como seus principais concorrentes, mostrou algumas nuances na análise desses conflitos, visto que o jornal flertava com algumas reformas institucionais e econômicas pontuais.⁹⁷

⁹⁷ Uma análise interessante, ainda que breve, sobre os jornais e os conflitos de Chicago pode ser acompanhada em: NORD, David, op. cit., 2001, p. 133-151.

Medill, apesar de interceder pelo livre comércio, acreditava que o Estado deveria desempenhar um papel moderador na economia norte-americana, especialmente nas relações entre capital e trabalho. Ele apoiava a criação de instâncias de arbitragem, que funcionariam independentemente de uma legislação trabalhista rígida e, principalmente, dos sindicatos. Quando uma demanda surgisse dos trabalhadores ou empresários, uma terceira parte — que ele define no trecho acima como “gerentes inteligentes e independentes” — negociaria os interesses conflitantes.

Quando os conflitos de trabalhadores começaram a se desenhar na cidade na metade da década de 1870, Joseph Medill promoveu o jovem e talentoso Henry Lloyd como editor de sua coluna financeira.⁹⁸ Lloyd era um jornalista nova-iorquino, com instrução em Direito, assim como o dono do *Tribune*. Em seus anos de formação, aderiu a diversos movimentos reformistas, em prol de alguma intervenção do Estado na economia e pela extinção de práticas comerciais abusivas, como o monopólio. Lloyd foi contratado ainda na gestão de Horace White para cuidar da coluna de literatura. Seu talento investigativo, no entanto, chamou a atenção de Medill, que o transferiu para a seção de economia e finanças do jornal.

Como mencionado anteriormente, no início de sua segunda passagem como editor, Medill ainda conferia certa liberdade editorial aos seus jornalistas. Nesse momento, Henry Lloyd começou a utilizar o *Tribune* como plataforma política para as suas ideias, fazendo críticas e denúncias a grandes empresários dos Estados Unidos, como Philip Armour, Marshall Field, John Rockefeller e William Vanderbilt (magnata do monopólio das ferrovias).⁹⁹

Armour e Field foram pessoalmente ao escritório do *Tribune* reclamar das colunas de Lloyd para Joseph Medill. Field havia, inclusive, há poucos

⁹⁸ WENDT, Lloyd, op. cit., 1979, p. 259.

⁹⁹ Ibidem, p. 259-263.

anos, emprestado dinheiro ao editor para que ele comprasse a totalidade do jornal em 1874.¹⁰⁰ Ao que tudo indica, no entanto, o dono do *Tribune* ignorou as reclamações dos empresários e permitiu novas reportagens investigativas do jornalista.

A cisão entre Lloyd e Medill só aconteceu com a corrida republicana pela presidência de 1884, em que um dos possíveis candidatos do Partido era justamente James Blaine. Henry Lloyd nutria profundo desprezo por Blaine, ao contrário de Joseph Medill, que fazia campanha pelo pré-candidato. Lloyd acreditava que o político republicano tinha uma postura muito permissiva em relação aos monopólios e compactuava com diversos escândalos de corrupção. Em 1884, Medill solicitou que seu então chefe editorial parasse de escrever sobre política, limitando-se apenas a assuntos financeiros.¹⁰¹ O editor teria também sugerido a Lloyd que passaria a escolher quem seriam os empresários-alvos dos escrutínios do *Tribune*. Henry Lloyd parou de redigir nas páginas do impresso em 1885, partindo para uma viagem à Europa. Continuou, no entanto, com seu trabalho de jornalista investigativo e seus ataques a monopólios, escrevendo o influente livro contra a *Standard Oil*, “*Wealth Against Commonwealth*”, uma das principais obras do Progressivismo nas primeiras décadas do século XX.¹⁰²

¹⁰⁰ Ibidem, p. 272.

¹⁰¹ Ibidem, p. 273.

¹⁰² LLOYD, Henry. *Wealth against Commonwealth*. New York: Harper & Brothers, 1894. Henry Lloyd foi considerado um dos precursores do Movimento Progressista, ver: THOMAS, John. *Alternative America: Henry George, Edward Bellamy, Henry Demarest Lloyd and the Adversary Tradition*. Cambridge (Massachusetts): Belknap Press, 1983, p. 71-82. Surpreendentemente, o neto de Joseph Medill e filho de Robert Patterson, Joseph Medill Patterson, se tornou socialista e um dos grandes nomes no Progressivismo, fazendo duras críticas à elite de Chicago. Ver: CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 356 e 362.

Em suma, O *Chicago Tribune* do final do século XIX era muito diferente daquele publicado em 1855. A retórica puramente partidária das primeiras publicações do jornal foi aos poucos sendo substituída por notícias do cotidiano, resultado da modernização do país e da própria consolidação de Chicago como metrópole. A conversão do *Tribune* em uma empresa jornalística, todavia, não se traduziu em uma posição de imparcialidade.

O lugar de enunciação do *Chicago Tribune* indicava o projeto político do jornal. Posicionando-se ao lado de parte do Partido Republicano, o periódico defendia os interesses dos segmentos empresariais, em particular, os da região dos Grandes Lagos. Apesar disso, em diferentes momentos, o jornal questionava o grande monopólio, especialmente aqueles de famílias que controlavam setores estratégicos da economia, como os Rockefeller e a produção de petróleo nos Estados Unidos. Cada vez mais preocupado com o “perigo social”, Medill acreditava que o Estado deveria intervir moderadamente na economia, agindo pontualmente como um mediador nas relações de trabalho, propiciando um ambiente mais harmônico nos grandes centros urbanos.

Como veremos, foi esse mesmo *Chicago Tribune* de Joseph Medill que atuou como peça-chave no projeto pan-americanista do Secretário de Estado James Blaine.

II – *The Chicago Tribune* e o Pan-americanismo de James Blaine

Projetos de integração regional interamericanos não são construções ou ideias que possam ser consideradas recentes. A primeira proposta concreta para a formação de um bloco econômico nas Américas, que previa a criação de uma união aduaneira e um sistema de arbitragem para solução de conflitos, surgiu nos Estados Unidos em fins do século XIX, articulada pelo então Secretário de Estado, James Blaine.

A possibilidade de uma aliança entre os Estados americanos foi uma idealização que ultrapassou as chancelarias e ganhou grande repercussão na imprensa norte-americana. O jornal *The Chicago Tribune* esteve à frente dessa veiculação, em prol de um continente unido, contra a ingerência inglesa, e em nome do comércio norte-americano.

Neste segundo capítulo, pretendo apresentar a trajetória política de James Blaine, mostrando sob que circunstâncias o seu projeto pan-americanista foi forjado. As páginas seguintes serão dedicadas a analisar a sua atuação como Secretário de Estado, sem perder de vista os esforços empregados para alavancar sua política hemisférica. Por último, procuro discutir de que forma o Pan-americanismo circulou nos principais jornais dos Estados Unidos, enfatizando a atuação do *Chicago Tribune*, que se colocava como o “maior defensor de Blaine no Oeste” norte-americano.

2.1 James Blaine, o arquiteto da *Pan-America*

James Blaine foi um dos políticos norte-americanos mais importantes no último quartel do século XIX. Com uma longa carreira dentro do Partido Republicano concorreu e perdeu a disputa presidencial de 1884. Assumiu o Departamento de Estado, responsável por formular as condutas das relações

exteriores dos Estados Unidos, em dois momentos: 1880 e 1889 a 1892. Blaine foi apontado por políticos, cientistas sociais e historiadores como o “estadista” responsável pelo fim da “política isolacionista” norte-americana. Tal entendimento deve ser visto com cautela, já que os estudos sobre o rompimento do isolacionismo e a consequente abertura do “século americano” apresentam insuficiências em suas análises e tendem à superestimação.

O período que vai da Proclamação da Independência em 1776 (ou da Guerra Anglo-Americana de 1812) até a última década do século XIX não pode ser caracterizado como “anos de isolacionismo”. A “marcha para o Oeste” foi um processo de avanço territorial sobre regiões que não pertenciam aos Estados Unidos a princípio, resultando, inclusive, em uma guerra com o Estado mexicano (1846-1848). A ideia de “isolacionismo”, durante esse período, só pode ser aplicada em relação à Europa. E mesmo assim, o país manteve relações consideráveis com o Velho Mundo, evitando apenas entrar em conflitos que julgava europeus.

O que pode ser atribuído a James Blaine é a prática de uma nova política hemisférica, que já vinha sendo gestada antes mesmo da década de 1880. O Pan-americanismo de Blaine — tal como os jornais norte-americanos passaram a identificar a proposta —, previa um estreitamento dos laços comerciais entre os Estados Unidos e os demais países americanos.¹ O objetivo da política era buscar novos mercados que pudessem escoar a produção excedente norte-americana. Os mercados latino-americanos pareceram uma boa opção dentro dessa nova estratégia, devido ao aumento populacional da região e à dificuldade de se penetrar nos mercados consumidores europeus. O Pan-americanismo era também uma forma dos Estados Unidos se reposicionarem em um mundo

¹ BUENO, Clodoaldo. “Pan-americanismo e projetos de integração: temas recorrentes na História das relações hemisféricas (1826-2003)”. *Política Externa*, São Paulo, v. 13, nº. 1, 2004, p. 65-70.

partilhado pelos interesses europeus, através do aumento de sua influência no continente americano.

Apesar de sua importância para as Relações Interamericanas e para a política interna dos Estados Unidos do final do século XIX, James Blaine foi praticamente esquecido pela memória nacional do país e são poucos os norte-americanos que se lembram de sua passagem pelo Departamento de Estado.²

2.1.1 O editor e dono de jornal James Blaine

James Gillespie Blaine nasceu em 1830 no estado da Pensilvânia, pertencendo a uma família abastada da região. Seu pai, Ephraim Blaine, era um homem rico de origem escocesa, que havia realizado algumas viagens por países da América do Sul e Caribe antes de se casar com Maria Gillespie, uma jovem de ascendência irlandesa.³ Originalmente, Ephraim Blaine era presbiteriano, e sua esposa, católica, mas, próximo da morte, converteu-se ao catolicismo. James Blaine, apesar de ter sido batizado na Igreja Católica, não se identificava como tal. A questão sobre sua crença religiosa suscitaria suspeitas entre seus opositores e o atormentaria até o final de sua carreira política.⁴

O jovem Blaine desfrutou de diversas oportunidades e experiências pessoais, como recorrentes viagens internacionais e educação nas melhores escolas do país, já que seu pai, Ephraim Blaine era uma figura influente na Pensilvânia, ligado à causa *whig*.⁵ Em 1848, com apenas 18 anos, aceitou a

² ROLDE, Neil. *Continental Liar from the State of Maine: James G. Blaine*. Gardiner (Maine): Tilbury House, 2007, p. 19.

³ CRAPOL, Edward. *James G. Blaine: Architect of Empire*. Wilmington (Delaware): Scholarly Resources Inc., 2000, p. 1.

⁴ ROLDE, Neil, op. cit., 2007, p. 20 e 23.

⁵ Ibidem, p. 31.

posição de professor de matemática e de línguas antigas em uma escola preparatória no Kentucky, estado onde o trabalho escravo era comumente empregado. Segundo seus biógrafos, foi seu contato com a área escravista que o tornou contrário à prática, fazendo-o defender a causa abolicionista.⁶

Ao contrário de muitos homens que migraram para o Oeste, Blaine decidiu fazer sua carreira no Maine, no nordeste norte-americano, estado natal de sua esposa. Lá, ele decidiu se tornar jornalista, comprando o *Kennebec Journal* aos 24 anos. Assim como Joseph Medill, Blaine tornou-se editor de um impresso *whig*, com um posicionamento antiescravista. James Blaine também teria colaborado com o estabelecimento do Partido Republicano em seu estado e com a eleição de Abraham Lincoln, ainda que em menor medida. O *Kennebec Journal* tinha uma circulação estimada de três mil exemplares diários, ou seja, estava bastante restrito ao perímetro de Augusta, capital de Maine.⁷ Como mencionado no primeiro capítulo, nos anos 1850, os jornais eram, em sua maioria, *partisian*, ou seja, funcionavam como uma plataforma política de partidos. Assim, a transição de James Blaine para os cargos públicos não foi uma surpresa. Estima-se que, entre 1860 e 1870, 10% dos congressistas haviam migrado da imprensa para o Congresso dos Estados Unidos.⁸

Como jornalista, James Blaine mostrou refinamento para lidar com o noticiário internacional, elaborando periodicamente editoriais sobre as relações externas norte-americanas. No *Kennebec Journal*, ele vivenciou dois episódios que influenciariam a sua formação política. O primeiro diz respeito a uma especulação sobre a anexação de Cuba, em 1854, caso que ficou conhecido como *Ostend Manifest*. O Manifesto Ostend foi um documento escrito por democratas sulistas, que revelava o interesse do grupo em incorporar a então colônia espanhola ao território dos Estados Unidos, mesmo que para tanto fosse

⁶ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 2-4; ROLDE, Neil, op. cit., 2007, p. 33-43.

⁷ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 3.

⁸ Ibidem, p. 4.

necessário entrar em confronto com a Espanha. James Blaine denunciou o episódio como uma forma escusa de aumentar o poder dos estados do Sul no Congresso, já que Cuba era uma ilha escravocrata. Além disso, para ele, a anexação de Cuba deveria ser evitada por conta da questão racial: o jornalista tinha aversão ao processo de miscigenação do país.⁹ O episódio revela não apenas as intenções dos Estados Unidos no Caribe, como também o posicionamento político de Blaine.

O segundo episódio, alvo de editoriais do *Kennebec Journal* foi a ratificação do tratado Clayton-Bulwer de 1850 com o Reino Unido. Em linhas gerais, o pacto estipulava que nem ingleses, nem norte-americanos deveriam ter domínios sobre a América Central e ilhas do Caribe. O editor se mostrou absolutamente contrário ao acordo, expressando descontentamento a respeito da influência inglesa na área. Mais do que isso, o tratado legalmente impossibilitava a construção de um canal de navegação transoceânico, que, aos olhos de Blaine, era fundamental para aumentar a influência dos Estados Unidos na região e no mundo. Segundo o biógrafo Edward Crapol, foi a partir desse episódio que James Blaine começou a alimentar um profundo sentimento anti-inglês.¹⁰

O tempo de Blaine na imprensa do Maine representou os primeiros passos na formação de suas ideias sobre a política externa dos Estados Unidos para a América Latina. Contudo, foi sua passagem pelo Congresso e pelo Senado, bem como sua relação com outros políticos republicanos que o influenciaram decisivamente, dando contornos mais claros ao que viria a ser o seu Pan-americanismo.

⁹ Ibidem, p. 5-10.

¹⁰ Ibidem, p. 10-14.

Imagem 8 – James Blaine em 1884. Acervo da Library of Congress.

O *Kennebec Journal* serviu como trampolim político para que ele conquistasse uma cadeira no Congresso norte-americano em 1858. No cargo, Blaine construiu uma rede de amizades com empresários dos Estados Unidos, como Andrew Carnegie, magnata do aço, o que certamente impulsionou sua carreira na política. Entretanto, foi essa mesma ligação com homens de negócio, que o levou ao descrédito alguns anos mais tarde, dando margem a inúmeros boatos de favorecimento ilegal e corrupção associados a seu nome — nenhum efetivamente comprovado.¹¹ James Blaine passou a personificar o que havia de pior na *Gilded Age*: a desmoralização da classe política e a anuência ao processo de concentração de renda.¹² Não por menos, sua presença na cena pública passou a ser cada vez mais contestada, inclusive pelos republicanos, o que acarretou, como vimos, a primeira derrota do Partido em um pleito à presidência, em 1884.

¹¹ REICHLEY, James. *The life of the parties: a history of American political parties*. New York: The Free Press (Macmillan), 1992, p. 144.

¹² CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 18.

2.1.2 O Pan-americanismo republicano

No Congresso, James Blaine manteve-se fiel ao governo de Abraham Lincoln (1861-1865), a não ser por uma questão específica de sua política externa. Assim como outros republicanos, Blaine criticou o posicionamento dos Estados Unidos frente à ingerência da França, de Napoleão III, no México, com a instauração do governo monárquico de Maximiliano I (1864-1867). Durante o impasse, o político do Maine entrou em contato com as ideias de Henry Davis, congressista republicano de Maryland e o seu mentor na vida política.¹³ No início dos acontecimentos no México, em 1864, Henry Davis proferiu um discurso na Casa Legislativa, defendendo uma resolução do Congresso em defesa do não reconhecimento de Maximiliano I pelo governo dos Estados Unidos.

Enquanto discursava, Davis foi interrompido por Samuel Cox, um congressista democrata de Ohio, que cobrava a intervenção militar norte-americana no caso. Cox acreditava que havia jurisprudência para evocar a Doutrina Monroe e assim demonstrar uma atitude mais assertiva dos Estados Unidos em suas relações hemisféricas. A Doutrina foi um pronunciamento proferido pelo presidente democrata James Monroe em 1823, no contexto da Santa Aliança europeia, e se baseava na ideia de que os países europeus não deveriam mais se intrometer em assuntos do continente americano. A “América para os americanos”, o lema dessa política, se assentava muito mais no plano das ideias do que no mundo prático, posto que, no primeiro quartel do século XIX, os Estados Unidos eram uma nação ainda em processo de consolidação.

O interessante debate entre os dois congressistas oferece indícios sobre como algumas ideias embrionárias do Pan-americanismo já circulavam antes da década de 1880:

¹³ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 23.

[Cox]: Eu acredito que a resolução deveria ser mais significativa e mais enfática (...) nós deveríamos estar preparados não apenas para dizer, mas para tornar realidade que nenhuma coroa se estabeleça nesse continente. Nós devíamos *reavivar a antiga doutrina democrata [Doutrina Monroe]*, que sempre alimentou as desconfianças das autoridades estrangeiras. Essa doutrina, como anunciada por um estadista democrata, é a seguinte: o estabelecimento de um protetorado por qualquer uma das potências europeias sobre qualquer Estado independente desse continente (...) é uma medida que os Estados Unidos há muito tempo declarou oposição, e que, caso haja alguma tentativa a esse respeito, nós resistiremos, empregando todos os meios ao nosso alcance.

[Davis]: Quando o cavalheiro de Ohio se refere à política democrata a respeito deste continente, eu peço licença, com muito respeito, para lembrá-lo que a França e a Inglaterra mais de uma vez interferiram conjuntamente na América do Sul, entre diferentes partidos e diferentes repúblicas, e se houve algum protesto por parte do governo dos Estados Unidos, eu não consigo me lembrar. Certamente não houve uma intervenção armada da nossa parte para excluir a intervenção deles. A política do Partido Democrata em lidar com os nossos *irmãos republicanos* na América do Sul e no México tem sido a do lobo em pele de cordeiro. Seus grunhidos serviam para assustar lobos estrangeiros da presa, marcada como sua própria; eles os intimidaram, ameaçaram e saquearam, sem nem mesmo estender a mão da compaixão republicana para apaziguar suas dissensões ou consolidar seus poderes. *Nossa política é muito diferente da democrata. Queremos cultivar a amizade com os nossos irmãos republicanos do México e América do Sul*, para ajudar a consolidar princípios republicanos, para preservar os governos populares em todo esse continente das presas do poder monárquico ou aristocrático, e para conduzir *a irmandade das repúblicas americanas* nos caminhos de paz, prosperidade e poder.¹⁴

¹⁴ “[Cox]: *I believe the resolution ought to be more significant and more emphatic (...) we ought to be prepared not only to say, but to make it effectual, that no crown shall be established in this continent. We should stand up to the old Democratic doctrine [Monroe doctrine] which always cherished a defiance of all foreign dictation. That doctrine, as enunciated by a Democratic statesman, is this: that the establishment of a political protectorate by any one of the Powers of Europe over any of the independent States in this continent (...) is a measure to which United States have long since avowed their opposition, and which, should the attempt to be made, they will resist by all means in their power. (...)*[Davis]: *When the gentleman from Ohio refers to the Democratic policy with reference to this continent, I beg leave very respectfully to remind him that France and England have more than once interfered jointly in collisions, in South America, between different parties, in different republics, and if there was a protest on the part of Government of the United*

Henry Davis discursou em prol da paz e estabilidade das demais nações do continente americano, opondo-se à tradicional política externa democrata para a região. É preciso ponderar, no entanto, que o congressista fazia sua oratória em plena Guerra Civil, ainda que o Norte já apresentasse significativa vantagem em relação ao Sul. Davis, muito provavelmente, criticava a política expansionista dos democratas, especialmente sobre o território mexicano, que resultou em um aumento de poder dos sulistas, transformando o Texas — território originalmente pertencente ao México — em um estado escravocrata. Ele não se opunha diretamente à Doutrina Monroe, chegando a argumentar que, se o país estivesse em boas condições econômicas e militares, certamente Abraham Lincoln intercederia na expulsão de Maximiliano I do México. No mesmo dia do discurso, Blaine subscreveu a resolução de Henry Davis e certamente abraçou algumas de suas ideias.

Alguns anos depois, durante o governo de Ulysses Grant (1869-1877), James Blaine tornou-se Presidente (*Speaker*) do Congresso. O político de Maine era um grande apoiador do Presidente Grant, que mostrava intenções de aprofundar as relações comerciais com os vizinhos do Sul e os países da Ásia, além de construir de um canal transoceânico na América Central, ignorando o tratado Clayton-Bulwer estabelecido com os ingleses. Por ter essa afinidade política, ele chegou a se oferecer para o cargo de Secretário de Estado, mas foi preterido por Grant. O Congressista, no entanto, tornou-se um importante

States, I do not recollect it. Certainly there was no armed intervention on our part to exclude their intervention. The Democratic party policy in dealing with our republican brethren in South America and in Mexico has been that of the wolf to the lamb. Their growl was to frighten foreign wolves from the prey they marked for their own; they hector, bullied, and plundered them without even stretching out the hand of republican sympathy to appease their dissensions or consolidate their power. (...) Our policy is very different from the Democratic policy. We wish to cultivate friendship with our republican brethren of Mexico and South America, to aid in consolidating republican principles, to retain popular governments in all this continent from the fangs of monarchical or aristocratic power, and to lead the sisterhood of American republics in the paths of peace, prosperity and power". RIVES, John. *The Congressional Globe: the official proceedings of Congress* (38th Congress, 1st Session, April 4, 1864). Washington: [s. n.], 1864, p. 1408.

conselheiro, não apenas de política externa. Chegou, inclusive, a viajar para o Sul com Frederick Douglass, ex-escravo e importante ativista negro, a fim de angariar votos para a reeleição de Grant.¹⁵

Assim como muitos homens de seu tempo, James Blaine tomava como certas as ideias do darwinismo social. Acreditava, por exemplo, que a escravidão havia “civilizado a raça negra” nos Estados Unidos.¹⁶ Apesar de suas frases polêmicas, o Congressista era favorável à participação dos negros na vida pública e crítico da violência nos estados sulistas. Isso não configurava como uma contradição, muito pelo contrário, diversos republicanos apoiavam pragmaticamente o voto negro no Sul, que poderia desequilibrar as eleições nacionais, favorecendo o Partido Republicano.¹⁷ Blaine era também contra a imigração de chineses, sendo um dos principais porta-vozes do *Chinese Exclusion Act* de 1882, que proibiu por dez anos a entrada de trabalhadores desse país nos Estados Unidos, determinando a nacionalização de residentes.¹⁸ Pelos mesmos motivos raciais, mostrou-se contrário à proposta do presidente Grant de anexar a República Dominicana.

Em período de forte expansão territorial, o ímpeto pela “conquista” tomou conta de muitos. Até mesmo o ex-escravo Frederick Douglass se mostrou bastante favorável à política de incorporação da Ilha de São Domingos,

¹⁵ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 35-36.

¹⁶ Em uma passagem de um texto, Blaine escreveu: “Sem dúvidas, a raça negra foi civilizada pela escravidão norte-americana como não teria sido feita de outra forma; mas a raça branca foi desmoralizada. A raça branca, não a raça negra, se rebelou contra a escravidão e a aboliu”. No original: “*Undoubtedly, the negro race was civilized by American slavery as it could have been in no other way; but the white race was demoralized. The white race, not the negro race, rose in rebellion against slavery and abolished it*”. BLAINE, James. *The Progress and Development of the Western World*. In: SMITH, H. S. (org.) *Columbus and Columbia: A Pictorial History of the Man and the Nation*. St Louis: Historical Publishing, 1892, p. 54.

¹⁷ REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 144

¹⁸ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 57. Sobre o *Chinese Exclusion Act* de 1882, ver: CASHMAN, Sean. *America in the Gilded Age*. From the death of Lincoln to the rise of Theodore Roosevelt. 3rd ed. New York: New York University Press, 1993, p. 96.

especialmente quando a parte haitiana, majoritariamente negra, foi levada em consideração. Favorável às bandeiras dos republicanos radicais, durante o período da Reconstrução do Sul, Douglass chegou a declarar que:

Todos os sinais indicam que o continente, e nada menos que o continente nos pertencerá eventualmente (...) México, América Central e Sul e as ilhas caribenhas sucumbirão ao nosso irresistível poder de expansão. (...) Eu não vejo razão que impeça todas as nações do continente americano de se unirem em uma anexação.¹⁹

Com as crises de superprodução da década de 1870, James Blaine aprofundou algumas de suas convicções sobre as relações internacionais do país. Tornou-se cada vez mais claro que a política externa dos Estados Unidos era fundamental para restaurar e sustentar o crescimento econômico da nação, especialmente através da busca de novos mercados consumidores. Já como senador, elegeu a América Latina como a área que deveria ser valorizada nessa nova política. Durante 1877 e 1878, ele estudou profundamente os recursos e as possibilidades de comércio com a região.²⁰ Seu primeiro vislumbre de uma política pan-americanista surgiu em 1878, com uma proposta de arrecadação de capital para a criação de uma rota de navio a vapor entre os Estados Unidos e o Brasil.

O Brasil era central ao projeto pan-americanista desde a sua gestação. Blaine acreditava que uma rota marítima entre os dois países seria fundamental para afastar os ingleses do comércio transatlântico e influenciar as demais nações americanas a aderirem ao plano. Muitas de suas impressões foram influenciadas pela visita de Dom Pedro II aos Estados Unidos, em razão da

¹⁹ “All signs indicate that the continent, the whole continent [and] nothing less than the continent is ultimately to belong to us... Mexico, Central and South America and all the Isles of the Caribbean Sea must eventually yield to our irresistible power of annexation (...) neither can I see good reason why should not someday all the nations on the American continent come together in an annexation”. DOUGLASS, Frederick apud POLYNÉ, Millery. *From Douglass to Duvalier: U.S. African Americans, Haiti, and Pan-americanism, 1870-1964*. Florida: University Press of Florida, 2010, p. 29 e 39.

²⁰ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 47.

Exposição da Filadélfia de 1876.²¹ Durante o evento, o monarca expressou publicamente seu interesse em estabelecer relações comerciais mais próximas com o vizinho do norte e, como primeiro passo dessa nova relação, decidiu subsidiar parcialmente a criação de uma rota de navio a vapor. John Roach, um empreendedor e construtor de navios norte-americano, conseguiu negociar um contrato com as autoridades brasileiras, que demandava uma contrapartida do governo norte-americano de 125 mil dólares. James Blaine arguiu a favor do subsídio dos Estados Unidos ao projeto no Senado, no entanto, foi novamente acusado de corrupção, tendo em vista a sua proximidade e amizade com Roach.²²

O projeto pan-americanista não foi uma proposta originada de forma isolada na mente de um “gênio estadista”, conforme jornais da época e alguns historiadores sugeriram. Como procurei argumentar, muitas das ideias de James Blaine, que se mostrariam bem consolidadas em 1881, já vinham sendo articuladas e elaboradas dentro de seu campo de experiências pessoais e políticas, especialmente dentro do Partido Republicano. Outros homens como Henry Davis, Ulysses Grant e, até mesmo Frederick Douglass, já haviam pensado e discutido a reestruturação das relações entre Estados Unidos e América Latina em termos similares.

2.1.3 A primeira passagem de James Blaine pelo Departamento de Estado (1881)

Em 1881, James Garfield assumiu a presidência dos Estados Unidos e nomeou seu amigo James Blaine ao comando do Departamento de Estado.

²¹ Ibidem, p. 47.

²² Ibidem, p. 48.

Garfield foi assassinado ainda naquele ano, fazendo com que a primeira passagem de Blaine pelo cargo fosse abreviada a apenas nove meses.²³ Nesse curto período de tempo, o Secretário de Estado colocou em prática uma série de iniciativas, dentre elas a convocação de um Congresso entre todas as nações americanas.

Em uma correspondência dirigida a James Garfield, sobre a definição dos nomes das pastas do governo, Blaine teria argumentado: “Quando você leva em conta os nove estados republicanos, que começam em Ohio e terminam no Kansas, você tem ali o coração do Partido Republicano, e sua administração deve fomentar, desenvolver e sustentar o Partido nesses estados”.²⁴ Blaine aqui se referia a Ohio, Michigan, Indiana, Illinois, Wisconsin, Iowa, Minnesota, Nebraska e Kansas, os *Midwestern States*, que eram tradicionalmente republicanos. Blaine e Garfield acreditavam que era preciso responder as crescentes demandas dessa região, especialmente, no que dizia respeito à procura de novos mercados consumidores, o que viria a garantir a continuidade do domínio do Partido Republicano. Segundo Edward Crapol, o Secretário de Estado sabia que sua diplomacia para América Latina agradaria os setores industriais dessas localidades.²⁵

²³ Garfield foi assassinado por Charles Guiteau, enquanto conversava com James Blaine. Seu assassino, que alegou problemas mentais posteriormente, teria dito, antes de efetuar disparos: “Eu sou um Stalwart e Arthur é o presidente agora!”. Garfield ficou entre a vida e a morte durante três meses, falecendo em decorrência de infecções. CASHMAN, Sean, op. cit., 1993, p. 256.

²⁴ “*When you take the nine Republican States that begin with Ohio and end with Kansas you have the very heart of the Republican party, and your administration must nurture, develop, and sustain the party in those States*”. BLAINE, James. [Carta ao presidente], 16 de fevereiro de 1881, Washington D. C., para GARFIELD, James, Mentor (Ohio). Nessa carta, Blaine aconselha Garfield a indicar pelo menos três nomes dos estados elencados acima para ocuparem posições no governo federal. O presidente e o Secretário trocavam correspondências com bastante frequência. Uma compilação dessa documentação pode ser encontrada em: HAMILTON, Gail. *Biography of James G. Blaine*. Norwich (Connecticut): Henry Bill Publishing Company, 1965, p. 479-568.

²⁵ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 73-74.

Já nessa primeira passagem pelo Departamento de Estado, James Blaine passou a advogar a necessidade de uma ferrovia intercontinental, que ligasse as Américas de Norte a Sul. O projeto foi ventilado, pela primeira vez no Senado, por Hinton Helper, antigo cônsul de Buenos Aires, que buscava um financiamento para a construção da ferrovia. A proposta de lei foi rejeitada pelos senadores, mas Blaine apostou no sonho de Helper e o transformou em um dos principais pontos de sua diplomacia para América Central e do Sul.²⁶

Quando Chester Arthur assumiu a presidência, em setembro de 1881, James Blaine sabia que não permaneceria por muito tempo no cargo. Ele decidiu, no entanto, empreender diversas iniciativas em seus últimos três meses como Secretário, a fim de ganhar apoio político e se tornar o candidato lógico do Partido Republicano para as próximas eleições. Decidiu, por exemplo, ampliar o perímetro de segurança dos Estados Unidos para as ilhas do Havaí e meio-Pacífico, bem como propor alguns tratados comerciais com países asiáticos.²⁷ Sugeriu, ainda, que os Estados Unidos arbitrassem uma negociação de paz, que pusesse fim à Guerra do Pacífico (1879-1883) — conflito que envolveu Bolívia, Peru e Chile —, porém não obteve sucesso nas negociações.²⁸ Mesmo após sair do Departamento de Estado, Blaine continuou muito influente nas decisões sobre a política externa dos Estados Unidos, lutando a favor da suspensão do tratado Clayton-Bulwer e da Conferência dos países americanos.²⁹

Em 1882, no entanto, Chester Arthur decidiu retirar os convites aos países americanos para a Conferência, que estava prevista ainda para aquele ano. Durante a sua passagem pelo Senado, James Blaine entrou em ríspido

²⁶ Ibidem, p. 65.

²⁷ Ibidem, p. 61.

²⁸ Ao fim das hostilidades, os bolivianos perderam a sua saída para o mar e os peruanos, parte de seu território para o Estado chileno.

²⁹ Ibidem, p. 76.

conflito com o político republicano Roscoe Conkling, que, como vimos no primeiro capítulo, era uma das principais vozes do Partido Republicano.³⁰ Arthur era muito próximo do senador nova-iorquino, participando ativamente da máquina política daquele estado.

As ações de Blaine como Secretário de Estado lhe renderam a indicação republicana para a corrida presidencial de 1884, não sem oposição dos políticos de Nova York. Esta foi, por sinal, uma das principais razões pelas quais James Blaine saiu derrotado na disputa com Grover Cleveland. Quase nenhum Congressista ou Senador de Nova York demonstrou apoio a sua pré-candidatura, dentre eles estavam os importantes nomes de Theodore Roosevelt, futuro presidente, e Henry Cabot Lodge, futuro líder republicano no Senado. Some-se a isso a rejeição de James Blaine pelos *mugwumps*, grupo dissidente do Partido, bastante forte na Costa Leste, que, como já vimos, preferiram votar em Cleveland, por desabonar os escândalos de corrupção que o envolviam.³¹ As especulações sobre qual religião verdadeiramente professava, sobre o fato de não haver efetivamente participado da luta nos campos de combate, durante a Guerra Civil, além de uma contenda com os católicos nova-iorquinos também pesaram negativamente, fazendo com que Blaine perdesse a eleição no Colégio Eleitoral, sobretudo, por causa do estado de Nova York.³²

2.1.4 A segunda passagem de James Blaine pelo Departamento de Estado (1889-1892)

James Blaine voltou ao cargo de Secretário de Estado em 1889, quando Benjamin Harrison retomou a presidência para os republicanos. Um ano antes,

³⁰ REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 145.

³¹ Ibidem, p. 186.

³² CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 19-20 e REICHLEY, James, op. cit., 1992, p. 151.

os correligionários republicanos William Frye e Eugene Hale conseguiram aprovar no Senado uma resolução que autorizava uma conferência entre as nações da América, nos moldes da primeira proposta de Blaine.³³ Quando esse assumiu o Departamento de Estado, pôde enfim dar sequência ao plano que vinha gestando há pelo menos uma década. As Relações Interamericanas, porém, não foram a sua única preocupação: Blaine negociou uma base militar em Samoa, área estratégica para a segurança da navegação comercial dos Estados Unidos, procurou estabelecer tratados de reciprocidade com países asiáticos, como a Coréia, além de autorizar iniciativas, que favoreceriam a anexação do arquipélago do Havaí ao território norte-americano — processo que só seria concluído em 1900.³⁴

A Primeira Conferência Pan-americana aconteceu nos Estados Unidos, entre 2 de outubro de 1889 a 19 de abril de 1890. Delegados de 17 nações latino-americanas se reuniram em Washington para negociar acordos econômicos e buscar novas oportunidades de comércio com os Estados Unidos.³⁵ O programa da reunião — escrito unilateralmente pelos norte-americanos — previa um sistema interamericano de resolução de conflitos através da arbitragem, o aprofundamento das relações comerciais e da cooperação cultural, a formação de uma união aduaneira, o estabelecimento de uma moeda única, a uniformização dos sistemas de pesos e medidas, a construção de ferrovias e rotas de navio a vapor, a negociação de tratados de extradição e a regulação de direitos de *copyright*.³⁶

³³ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 103.

³⁴ Ibidem, p. 115-118 e 125-134.

³⁵ SMITH, Joseph. “The First Conference of American States (1889-1890) and the Early Pan American Policy of the United States”. In: SHEININ, David (ed.). *Beyond the Ideal: Pan-americanism in interamerican affairs*. Westport (Connecticut): Praeger, 2000, p. 23.

³⁶ DULCI, Tereza. *As conferências pan-americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH-USP, 2008, p. 26 (mimeo); CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 118.

O plano de Blaine apresentava sérios problemas de execução. Os produtos norte-americanos não eram competitivos em termos de preço, comparados aos produtos europeus que entravam na América Latina. A solução para esse impasse era negociar uma união aduaneira ou tratados bilaterais, que reduzissem as tarifas alfandegárias que incidiam sobre os produtos norte-americanos. Em contrapartida, os países latino-americanos poderiam negociar suas *commodities* sem se preocuparem com as exorbitantes tarifas alfandegárias norte-americanas. O projeto pan-americanista implicaria numa suavização da tradicional política protecionista do país, o que desagradava importantes setores econômicos dos Estados Unidos e uma grande parcela de políticos republicanos.

A historiografia mais corrente sobre o assunto colocou o Pan-americanismo como resultado da vitória dos grupos industriais sobre o setor agrícola norte-americano após a Guerra Civil (1861-1865). Segundo essa versão, os industrialistas e os comerciantes passaram a dominar a cena política norte-americana, controlando, inclusive, a política externa do país.³⁷ Contudo, quando analisamos as fontes produzidas nos Estados Unidos, essa nítida hierarquização e esse domínio desaparecem e a política externa norte-americana se apresenta como um grande campo de disputas. As relações exteriores dos Estados Unidos — como as de outros países — não eram, e ainda não são, alheias à política interna, pelo contrário, “encontram-se articuladas a fatores de ordem política, cultural e econômica extremamente complexos e dinâmicos”.³⁸

O Pan-americanismo, mais do que uma política dos Estados Unidos em relação à América Latina, era o projeto de um grupo específico. O setor que mais se beneficiaria do esquema de Blaine era o ligado aos industrialistas de

³⁷ Cf. BUENO, Clodoaldo, op. cit, 2004.

³⁸ AZEVEDO, Cecília. “Culturas políticas em confronto: A política externa norte-americana em questão”. *Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC* (Maringá), 2004, p. 2.

regiões que apresentavam maior dinamismo econômico, tais como Chicago. Apesar dos grupos industriais terem bastante influência na cena política nacional, o Pan-americanismo não foi uma política externa hegemônica dentro do país nesse período, sofrendo censura dos setores agrícolas, que ainda tinham enorme poder no Congresso, dos democratas e de setores do Partido Republicano.

A Primeira Conferência resultou em um fracasso se considerarmos apenas os seus objetivos centrais mais imediatos. O evento foi marcado por certa desorganização. Apenas dois delegados dos Estados Unidos sabiam falar espanhol, o que prejudicou o andamento das negociações — além de evidenciar o desinteresse e a falta de abertura dos norte-americanos em escutar as propostas dos demais países.³⁹

Blaine apresentou uma grande quantidade de projetos, mas de pouco apelo prático, que necessitavam de mais estudos e evidências quanto à viabilidade. Logo após a primeira sessão do Congresso interamericano, os delegados participaram de uma cansativa jornada de 42 dias, através dos Estados Unidos, visitando os principais centros comerciais e industriais do país.⁴⁰ Durante essa viagem, o Congresso discutiu a Tarifa McKinley, que aumentava a já pesada política protecionista norte-americana. A aprovação da legislação, orquestrada pelos próprios republicanos, colocou em alerta os delegados ali presentes, que passaram a desconfiar da viabilidade de uma união aduaneira.⁴¹

Não demorou muito para os latino-americanos associarem a política pan-americanista de Blaine a uma agenda política, econômica, cultural e ideológica dos Estados Unidos pela hegemonia no continente. Roque Saénz Peña, o delegado argentino, fez duras críticas ao projeto, argumentando que esse estava

³⁹ SMITH, Joseph, op. cit., 2000, p. 25.

⁴⁰ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 119.

⁴¹ SMITH, Joseph, op. cit., 2000, p. 25.

excessivamente centralizado nas mãos dos norte-americanos. Além disso, a Argentina não tinha interesse em formar uma união aduaneira com os vizinhos do Norte, já que mantinha boas relações comerciais com os ingleses.⁴² José Martí, importante intelectual cubano, também participou ativamente nessa discussão, fazendo duras críticas a James Blaine e ao seu projeto pan-americanista. Martí acreditava que, por trás do discurso de cooperação e amizade, escondia-se a intenção dos Estados Unidos em expandir seus interesses comerciais e financeiros sobre a outra América.⁴³

Os legados imediatos da Conferência foram a instauração de um sistema de reuniões interamericanas regulares e a criação de um escritório comercial, o Bureau of American Republics, responsável pelo levantamento de dados sobre o comércio entre os países das Américas.⁴⁴ Como as articulações em torno de uma união aduaneira foram frustradas, Blaine se engajou em negociar tratados bilaterais. Obteve sucesso com o Brasil, Espanha (Cuba), República Dominicana, Guatemala, Honduras, El Salvador, Costa Rica, Nicarágua e Reino Unido (colônias britânicas do Caribe).⁴⁵ Entretanto, os democratas reassumiram o controle majoritário do Congresso em 1894 e aprovaram uma legislação, a Wilson bill, que suspendia todos os tratados com a América Latina, colocando fim ao plano de James Blaine.⁴⁶

Apesar de ter efeitos práticos limitados, o Pan-americanismo de Blaine criou uma série de discursos e imagens sobre a América Latina, que seriam recuperados em outros momentos da política externa norte-americana, especialmente durante o período da Política da Boa Vizinhança (1933-1945).

⁴² DULCI, Tereza, op. cit., 2008, p. 27.

⁴³ SHEININ, David. "Rethinkg pan-americanism: an introduction". In: *Beyond the Ideal: Pan-americanism in interamerican affairs*. Westport (Connecticut): Praeger, 2000, p. 1-2.

⁴⁴ CRAPOL, Edward, op. cit., 2000, p. 120; ROLDE, Neil, op. cit., 2007, p. 307; SHEININ, David, op. cit., p. 2.

⁴⁵ SMITH, Joseph, op. cit., 2000, p. 26.

⁴⁶ Ibidem, p. 29.

Além disso, lançou as bases para as demais Conferências Pan-Americanas, que aconteceriam periodicamente até 1948, quando a Organização dos Estados Americanos (OEA) foi criada.

2.2 O Pan-americanismo na imprensa dos Estados Unidos

Além das fontes comumente utilizadas, como a documentação oficial das chancelarias, é possível acompanhar a política externa dos Estados Unidos, e de outros países, através da análise de jornais da época. Os periódicos norte-americanos da virada do século XIX para o XX agiram como uma força ativa na sociedade, interagindo entre si e com outros agentes políticos.⁴⁷ A partir de 1889, a imprensa do país passou a discutir intensamente o Pan-americanismo, o que resultou em uma série de editoriais e algumas alterações ríspidas entre impressos opositoristas e jornais entusiastas à proposta.

Nas próximas páginas, pretendo fazer breves apontamentos de modo a perceber como a política hemisférica de James Blaine circulou em alguns veículos da grande imprensa norte-americana. Nesse levantamento, selecionei jornais de diferentes tendências partidárias e procurei contemplar as localidades com atividade jornalística mais intensa.⁴⁸ No final do século XIX, três áreas

⁴⁷ Para as historiadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha, ao trabalhar com imprensa, o pesquisador deve localizar o projeto editorial do jornal e relacioná-lo às suas fontes. Além disso, é necessário questionar de que forma a publicação se constituiu uma força histórica ativa na sociedade; em outras palavras, como esse jornal se constitui como sujeito, de que forma se colocava e atuava em relação às forças da época, quem eram seus aliados e adversários. Como o primeiro espaço de constituição e diálogo de uma publicação é a própria imprensa, muitas vezes é preciso recorrer a outras publicações na pesquisa histórica. Ver: CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, nº. 35, dez. 2007.

⁴⁸ Os jornais selecionados para essa análise foram os seguintes : *The World* (Nova York; tendência partidária declarada: Democrata), *The Sun* (Nova York; Independente), *The New York Tribune* (Nova York; Republicano), *The Chicago Tribune* (Illinois; Republicano); *San Francisco Chronicle* (Califórnia; Independente); *The Chicago Inter-Ocean* (Illinois;

aglutinavam as principais publicações dos Estados Unidos: Nova York, Massachusetts e Pensilvânia — no nordeste do país —, a região dos Grandes Lagos e a Califórnia.

Imagem 9 – A grande imprensa nos Estados Unidos entre 1893 e 1894. Infográfico elaborado a partir do levantamento de dados do relatório da N. W. Ayer & Son, uma das agências de publicidade mais importantes dos Estados Unidos no final do século XIX.⁴⁹

O objetivo é inserir o *Chicago Tribune* em meio às discussões sobre o Pan-americanismo na imprensa norte-americana, visando entender como alguns diários, estabelecidos em diferentes regiões do país e com inclinações políticas diversas, receberam e interpretaram a proposta de James Blaine.⁵⁰

Republicano); *The New York Times* (Nova York; Democrata), *The Pittsburgh Dispatch* (Pensilvânia; Republicano), *Courier-Journal* (Kentucky; Democrata), *The Saint Paul Globe* (Minnesota; Republicano Independente), *Times-Democrat* (Louisiana; Democrata Independente), *The Times-Picayune* (Louisiana; Democrata), *Los Angeles Herald* (Califórnia; Democrata).

⁴⁹ Os dados de circulação eram enviados pelos próprios jornais a N. W. Ayer & Son, e compilados posteriormente no relatório *American Newspaper Annual*, que servia de referência para anunciantes. A tiragem não era auditada e, frequentemente, era superestimada, o que torna esses números pouco confiáveis. N. W. Ayer & Son. *American Newspaper Annual*, 1893/1894, p. 17-826.

⁵⁰ Esta investigação não tem a pretensão de ser um estudo completo e detalhado de como o Pan-americanismo circulou na imprensa dos Estados Unidos. A análise dos excertos dos impressos selecionados trazem apenas indícios que permitem algumas tímidas inferências e reflexões. Por depender da disponibilidade de fontes, precisei desconsiderar importantes jornais norte-americanos que seriam muito úteis a essa discussão como, por exemplo, o *The*

Novamente, quer-se indicar como o Pan-americanismo repercutiu fora das conversas diplomáticas, alcançando campos distintos do universo social norte-americano.

2.2.1 Os defensores do Pan-americanismo

A partir da listagem e da análise dos jornais mais representativos de cada região norte-americana no final do século XIX, foi possível constatar que o *Chicago Tribune* se destacou como um dos principais defensores do Pan-americanismo. Como já afirmei no primeiro capítulo, Joseph Medill era muito próximo a James Blaine, apoiando seu correligionário em suas diversas tentativas de emplacar uma candidatura presidencial. Blaine e Medill, muito provavelmente, conheceram-se em Chicago, quando ambos trabalhavam como editores de seus respectivos periódicos, na cobertura jornalística da campanha eleitoral de Abraham Lincoln, em 1858. Os dois participavam de um mesmo círculo social e familiar, já que o filho de James Blaine, Emmons Blaine, também se casou com uma McCormick, no caso, a filha do magnata de Chicago.⁵¹ O editor do *Tribune* publicava discursos do Secretário de Estado e oferecia espaço para que ele pudesse se defender de acusações em seu jornal. Blaine foi um dos mais importantes defensores da candidatura de Chicago para sede da Exposição Universal, ganhando ainda mais o apoio do *Chicago Tribune*.⁵² O impresso chegou a se intitular como o “maior defensor de Blaine

New York Evening Post, *The New York Press*, *The Boston Globe*, *The Chicago Daily News* e *Chicago Times*, que não possuem acervos digitalizados.

⁵¹ Lembrando que, como vimos no primeiro capítulo, a filha do dono do *Chicago Tribune*, Katherine Medill, casou-se com Robert Sanderson McCormick, sobrinho de Cyrus McCormick.

⁵² “Blaine Said to Prefer Chicago to New York for the World's Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de outubro de 1889, p. 4.

no Oeste” dos Estados Unidos e a palavra “Pan-americanismo” foi recorrentemente substituída por “diplomacia de Blaine”, “política de Blaine” ou “esquema de Blaine”.⁵³ Era como se o Secretário personificasse as novas aspirações dos Estados Unidos no cenário mundial.

A defesa do projeto pan-americanista pelo *Chicago Tribune*, contudo, não pode ser creditada apenas à amizade entre Medill e Blaine. O Pan-americanismo beneficiava diretamente os negócios de Chicago, especialmente as indústrias e o setor financeiro da cidade, com os quais Medill, como vimos, compartilhava uma rede de sociabilidade e ambições políticas. Segundo o jornal:

Os interesses envolvidos na reunião do Congresso Pan-Americano e na grande celebração do Descobrimento do Novo Mundo, que será comemorado na Exposição de Chicago de 1892, são de grande importância e nenhum outro lugar no continente americano é melhor preparado para avançar essas questões e acelerar os esforços para uma comunicação ferroviária direta entre a América do Norte e do Sul do que Chicago, o grande centro ferroviário do país.⁵⁴

As vantagens econômicas que o comércio com a América Latina produziria para algumas regiões dos Estados Unidos, também foram apresentadas por outros jornais, que encamparam a proposta de Blaine. Era o caso, por exemplo, do *San Francisco Chronicle*, um periódico que se declarava independente, mas que tinha também uma inclinação republicana. Em uma discussão sobre a Primeira Conferência Pan-Americana, o editor Michael Henry Young chamou atenção para os benefícios que o aprofundamento das

⁵³ “It opens a new world”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 11 de fevereiro de 1891, p. 7.

⁵⁴ “The interests involved in this meeting of the Pan-American Congress and in the grand celebration of the discovery of the new world, which will be observed in the Chicago exposition of 1892, as will be seen, are of the most important character, and no places on the American continent is better prepared to advance them and to expedite direct railroad communication between North and South America than Chicago, the great railroad center of the country”. “Railroad communication with South America”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 9 de dezembro de 1889, p. 4.

relações com a América do Sul, especialmente com os países andinos, traria para o negócio minerador da Califórnia:

Mas o que nós da Costa do Pacífico podemos entender do Congresso das nações? (...) Deixe a Califórnia ter uma linha de navio a vapor perfeita, regular e razoável com a América do Sul, e os mineradores do Chile virão até você para comprar milhares de dólares em maquinaria todo ano.⁵⁵

O favorecimento das indústrias e da economia local também foi o fator decisivo para que os dois principais jornais de New Orleans apoiassem o esquema continental. O impresso *The Times-Picayune*, de tendência abertamente democrata, foi entusiasta de Blaine e de seu projeto. O jornal se mostrou um grande interlocutor do *Chicago Tribune*, reproduzindo suas reportagens favoráveis ao Pan-americanismo. Assim como o *Tribune*, o *Picayune* acreditava que comércio interamericano beneficiaria a cidade portuária de New Orleans e o Oeste do país:

Como demonstrado pelo *Picayune* há alguns dias, New Orleans é geograficamente o porto de entrada nesse país que está mais próximo de todas as localidades no México, América Central e Índias Ocidentais; e pelas relações de comércio íntimas, uma malha ferroviária admirável e instalações de transporte hidroviário entre este ponto [New Orleans] e o Oeste inteiro, essa seção do país [o Oeste] está mais próxima das repúblicas ao sul por meio desse porto do que por qualquer outra rota. Enquanto a Costa Leste da América do Sul está um pouco mais perto dos portos do Atlântico, de acordo com a distância real náutica, os Estados do Oeste, que fornecem a maior parte dos produtos americanos consumidos naquela parte do mundo [América do Sul], estão muito mais próximos via New Orleans do que via Nova York.⁵⁶

⁵⁵ “But what can we of the Pacific coast make out of the congress of nations? (...) Let California once have perfect, regular and reasonable connection by steamer with South America, and the miners of Chile will come to you buy their many thousands of dollars’ worth of machinery every year”. “The Congress of nations”. *San Francisco Chronicle*, San Francisco, 11 de setembro de 1889, p. 4.

⁵⁶ “As shown by the *Picayune* a few days ago, New Orleans is geographically the nearest port of entry in this country for all points in Mexico, Central America and the West Indies, and by reason of the intimate trade relations and admirable rail and water transportation facilities between this point and the entire West, that section of the country is nearer to the republics south of us via this port than by any other route. While the east coast of South

O jornal era favorável à criação de uma linha de navio a vapor com a América do Sul, na qual o ponto de chegada ou partida seria o porto de New Orleans. Nota-se aqui uma disputa interna nos Estados Unidos pela América Latina.

O *Times-Democrat*, o outro diário de New Orleans, de tendência democrata, também apostava na importância que a cidade portuária teria nesse novo arranjo. Diferentemente do *Picayune*, que demonstrava uma defesa mais pragmática do Pan-americanismo, o *Times-Democrat* se esforçou em elaborar representações de amizade e cooperação entre os países americanos, algo que também pode ser observado com intensidade no *Chicago Tribune*. Durante a definição da sede da exposição universal, que celebraria o “Descobrimento das Américas”, o jornal de New Orleans discutiu o nome do evento e qual cidade deveria recebê-lo:

Para mudar um pouco de assunto, nós esperamos que as cidades competindo pela exposição desistam do nome “Exposição das Três Américas”. Tal celebração só poderá ser bem sucedida na unificação das Américas. Há apenas uma América, do Alasca à Patagônia. É o grande continente de repúblicas. Tais repúblicas, nascidas de reinos, certamente devem superar sua filiação com o Velho Mundo, a partir de um hemisfério, onde a harmonia política prevalece, e onde a paz não é uma súdita abjeta de exércitos poderosos permanentes e de frotas encouraçadas, mas a imperatriz orgulhosa que distribui liberdade, felicidade e prosperidade continental de sua mão imperial.⁵⁷

America is a trifle nearer to Atlantic ports, according to the actual sea distance, the Western States, which supply most of the American products consumed in that part of the world, are actually much nearer via New Orleans than via New York”. “A new steamship line for New Orleans”. *The Times-Picayune*, New Orleans, 20 de abril de 1891, p. 4.

⁵⁷ “To change the subject somewhat, we hope that the cities competing for this exposition will drop the name “The Three Americas’ Exposition”. Such a celebration could be only successful in the unification of America. There is only one America, from Alaska to Patagonia. It is the grand continent of republics. Such republics, born of kingdoms, must surely rise above their old world parentage, and from a hemisphere where political harmony prevails, and where peace is not abject subject of mighty standing armies and mailed fleets, but the proud empress dispensing freedom, happiness and continental prosperity from the imperial hand”. “1492-1892”. *The Times-Democrat*, New Orleans, 10 de agosto de 1889, p. 4.

O *Times-Democrat* evocava uma ideia de passado comum, compartilhado pelos países americanos: a colonização por países monárquicos. O “destino” dos habitantes da América — a única América — era o de superar o “Velho Mundo”, através da paz e da união no continente. O excerto, embebido de fortes metáforas, ainda fazia referência às regiões do Alasca e Patagônia, os dois extremos simbólicos da *Pan-America*; essa imagem, em particular, foi também trabalhada pelo *Chicago Tribune*.

O evento de 1893, por sinal, foi central nas discussões sobre o Pan-americanismo, como veremos com maiores detalhes no quarto capítulo. O Secretário James Blaine nomeou amigos para as comissões organizadoras, além de enviar homens de confiança para a Europa e América Latina com o objetivo de articular as exposições desses países. O envolvimento de Blaine com a Exposição Universal gerou muitos atritos na imprensa dos Estados Unidos. O episódio mais interessante foi o confronto entre *The New York Times* e *The Chicago Tribune*. Em dezembro de 1890, o jornal nova-iorquino escreveu:

Por um ato legislativo do Congresso, a mão [de James Blaine] tem uma conexão oficial com a Exposição Universal. Por um ato de James Blaine essa mão iria, com prazer, ter uma ligação mais próxima e mais pessoal com o evento. A Exposição Universal é sua ostra. Dentro da ostra está uma pérola, e a pérola irá ornar com as plumas do cavaleiro destemido. (...) O enredo começou a tomar forma no outono de 1889, quando o Congresso Pan-americano reuniu-se nesse país sob os auspícios de William E. Curtis, amigo confidente, agente e empregado do Sr. Blaine. O país parecia de bom humor, sorrindo quando escutava uma palavra da América Latina e dez palavras do Sr. Blaine. Não fazia mal a ninguém, era divertido e foi um novo meio de conduzir um *boom* presidencial. (...) Sr. Blaine, Sr. Curtis e o Congresso se despediram uns dos outros, chorando, “Quando nós três nos encontraremos de novo?!” (...) Finalmente, no dia 21 de outubro de 1890, o Comitê Executivo foi longe demais ao pedir que a comunicação do Sr. Curtis fosse publicada. Nessa comunicação, o Sr. Curtis sugere que o custo total para garantir as exposições dos países latino-americanos deveria ser dividido em duas partes — um que pagasse as exposições históricas e etnológicas, e outro para a publicidade e assegurar o que é mais essencial. (...)

Irá ser notado que não há qualquer sugestão de exibição industrial ou comercial desses Estados [latino-americanos] (...) Se nós finalmente tivermos reciprocidade, nós iremos negociar nossos arados pela história deles, ou o quê?⁵⁸

O diário *The New York Times*, de inclinação democrata, se opôs ao Pan-americanismo, criticando a falta de praticidade do projeto e a retórica vazia da fraternidade. Para o jornal, a Primeira Conferência dos países americanos foi uma peça teatral, uma farsa, na qual a América Latina atuou como mera coadjuvante frente às aspirações de James Blaine de chegar à presidência. O *Times* também condenava o envolvimento de William Elroy Curtis na Exposição Universal. Curtis, como veremos, organizou as exposições latino-americanas em Chicago, em 1893. Em muitas ocasiões, o *New York Times* se referiu ao Pan-americanismo como “esquema Blaine-Curtis”. O desagravo do *Times* em relação à política continental deve-se, em grande medida, a sua hostilidade à figura de James Blaine, que também era conhecido como *plumed knight*. Em maio de 1891, o jornal voltou a fazer duras críticas ao envolvimento do “cavaleiro emplumado” na Exposição de Chicago, insinuando que Blaine a utilizava para perpetrar suas práticas corruptas:

⁵⁸ “By an act of Congress, this hand [James Blaine’s] has an official connection with the World’s Fair. By an act of James Blaine this hand would fain have a much closer and more personal connection with the World’s Fair. The World’s Fair is his oyster. In the oyster is a pearl, and the pearl will look well in the plumelet of doughty knight. (...) The plot really began in the Fall of 1889, when the Pan-American Congress assembled in this country under the control and auspices of William E. Curtis, Mr. Blaine’s confidential friend, agent, and employee. The country looked on good-naturedly, smiling when it heard one word for Latin America and ten words for Mr. Blaine. It harmed no one, it was amusing, and it was a novel means of conducting a Presidential boom. (...) Mr. Blaine, Mr. Curtis, and the congress said goodbye to one another, crying, “When shall we three meet again?!” (...) Finally, on Oct. 21, 1890, the Executive Committee went so far as to order Mr. Curtis’s communication printed (...) In this communication Mr. Curtis suggests that the total cost of securing exhibits from the Latin American States should be divided into two portions — the one paying for the historical and ethnological exhibits, the other for the advertising and securing dramatic features. (...) It will be noticed that there is no suggestion of any industrial or commercial exhibits from these States (...) If, finally, we have reciprocity, are we to exchange our plows for their history or their what?!”. “Politics in the Big Fair”. *The New York Times*, Nova York, 6 de dezembro de 1890, p. 1.

James G. Blaine, o gerente *ex officio* [do latim, em razão do cargo] da Exposição Columbina, tem outros projetos em progresso para aumentar a sua influência no país e no estrangeiro e promover seus esquemas peculiares. Uma comissão de três homens zarpu para a Europa no começo de junho para impulsionar a Exposição entre as nações estrangeiras. (...) Robert T. Lincoln, Embaixador [norte-americano] na Inglaterra, recusou-se a fazer qualquer coisa pela Exposição, alegando falta de verba burocrática. Por este motivo, R. C. McCormick foi nomeado agente residente da Exposição em Londres, com um salário de quatro mil dólares. A nomeação do Sr. McCormick destoa da declaração do ministro Lincoln. A explicação para essa contradição, no entanto, pode ser encontrada no fato de McCormick ser genro de Joseph Medill, que é o editor do jornal de Blaine aqui [em Chicago].⁵⁹

Joseph Medill decidiu responder a acusação acima em um editorial crítico ao *The New York Times*. O editor reproduziu, palavra por palavra, a matéria acima, suprimindo apenas os trechos sublinhados. As passagens omitidas na versão do *Chicago Tribune* são justamente as que sugerem a prática de nepotismo por James Blaine e o envolvimento de Joseph Medill no esquema. Em resposta ao jornal nova-iorquino, o editor do *Tribune* escreveu:

Um ano se passou desde que o Congresso decidiu que Chicago deveria abrigar a Exposição, e não Nova York, mas os jornais daquela cidade, com algumas raras exceções, ainda estão inconformados e mostram esse sentimento com uma série de ataques malignos e amargos sobre o empreendimento que está a cargo do Governo Nacional e cujo fracasso refletiria sobre todo o país. O principal desses jornais detratores é o *Times*. (...) [O *Times*] alegou — as velhas mentiras, já esfarrapadas nesse momento — que a Exposição será executada sob os interesses do Sr. Blaine e para glorificá-lo, especialmente no exterior. Tendo chegado a tal ponto

⁵⁹ “James G. Blaine, ex-officio manager of the Columbian Exposition, has another iron in the fire to increase his influence at home and abroad and further his peculiar schemes. A commission of three men is to sail for Europe early in June to work up enthusiasm for the Fair among foreign nations. (...) Robert T. Lincoln, Minister of England, declined to do anything for the Fair, on the plea of insufficient clerical help. For this reason, R. C. McCormick, was appointed resident agent of the Fair in London at a salary of \$4,000. Mr. McCormick’s appointment can hardly be reconciled with Minister Lincoln’s statement. But an explanation of this contradiction can probably be found in the fact that McCormick is a son-in-law of Joseph Medill, who is editor of Blaine’s organ here [Chicago]”. “Booming the Blaine stock”. *The New York Times*, Nova York, 28 de maio de 1891, p. 1.

esse empenho de difamação da Exposição, já não seria o momento do *Times* e outros jornais nova-iorquinos desistirem? Eles só estão anunciando a pequenez de suas almas, e deixando o mundo conhecê-los como mesquinhos odiosos. Se eles tiverem sucesso em seus projetos maliciosos, eles irão afetar um pouco essa cidade [Chicago], mas eles irão ferir com gravidade a reputação dos Estados Unidos no exterior e fazer com que Nova York e seus jornais sejam odiados por todos os Estados Unidos.⁶⁰

As intrigas entre os dois impressos, que se arrastaram por todo mês de junho de 1890, dão indícios da rivalidade entre Nova York e Chicago, que será discutida com maior profundidade no próximo capítulo.

Como é possível perceber, a inclinação partidária dos jornais não se apresentou como um fator determinante na definição dos posicionamentos sobre política externa.⁶¹ Os interesses por trás da empresa jornalística, que, em certa medida, se refletem na localização espacial desses impressos, parecem ser muito mais determinantes para que esses veículos apoiassem ou não o Pan-americanismo. Como o projeto privilegiava a venda de produtos industrializados norte-americanos para o restante do continente, as indústrias do Oeste do país seriam economicamente as maiores beneficiadas e os jornais ligados a esses setores se mostraram, em sua maioria, entusiastas da proposta.

⁶⁰ “Over a year has gone by since Congress decided that the World’s Fair must be held at Chicago and not New York, but the papers of the latter city, with a few exceptions, are yet unreconciled and show it by a series of malignant, bitter attacks on an enterprise which is under the charge of National Government, and the failure of which would reflect on the whole country. Chief among these newspapers sinners is the *Times*. (...) [*Times*] alleged — the old falsehoods being worn threadbare by this time — that the Fair is to be run in the interest of Mr. Blaine and to glorify him, especially abroad. (...) The work of slandering and writing down the Fair having reach an absurd point, is not it about the time for the *Times* and other New York Papers to give it up? They are only advertising their smallness of soul, and letting the world know them as petty hateites. Should they succeed in their malicious designs, they will harm this city a little, but they will injure the reputation of the country abroad a great deal and make New York and its papers odious throughout the United States”. “The New York papers and the Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de maio de 1891, p. 4.

⁶¹ Outros exemplos de jornais de inclinação democrata que apoiavam a proposta de James Blaine são o *World* (Nova York) e o *Courier-Journal* (Kentucky). O diário republicano *The Saint Paul Globe* (Minnesota), mais ligado aos setores agrícolas, ora se posicionava favoravelmente, ora contrariamente ao Pan-americanismo.

2.2.2 Os detratores do Pan-americanismo

O jornal *Los Angeles Herald*, de tendência democrata, foi um dos críticos mais mordazes do Pan-americanismo, acusando a proposta de ser vazia, destituída de fundamentação e puramente retórica:

The [Los Angeles] Express tem muito a dizer sobre os comentários democratas a respeito dos desenvolvimentos peculiares do Congresso das Três Américas, e se opõe aos apelidos que nós [Los Angeles Herald] demos de “nadando em círculos” e um caso “de festança”. Agora, falando sério, nós olhamos para todo esse processo com muito bom humor, e nós desejamos do fundo do nosso coração que os diplomatas estrangeiros tenham uma estadia alegre, mostrando serem bons companheiros. As pessoas estão sendo asseguradas, por entusiastas do Sr. Blaine, de que o Congresso das Três Américas irá resultar no desenvolvimento do nosso comércio com as nações americanas ao sul. Nós gostaríamos de acreditar nisso, mas não conseguimos. Nosso comércio com a América Central e do Sul só irá aumentar quando formos capazes de vender produtos nesses países a preços tão, ou mais baixos que os fabricantes da Inglaterra, Bélgica, Alemanha e França, e a não conseguiremos fazer isso até que a guerra tarifária seja reduzida.⁶²

O *Los Angeles Herald* apontava que acordos de negociação com os países latino-americanos só seriam possíveis e desejáveis, quando o preço dos produtos nacionais equivalessem aos europeus. As altas tarifas, que incidiam sobre os artigos norte-americanos nos mercados estrangeiros, eram uma resposta lógica das demais nações ao protecionismo econômico dos Estados

⁶² “*The Express has a great deal to say about Democratic comments on the peculiar developments of the Congress of Three Americas, and objects to our calling their “swing around the circle” “a junketing” affair. Now, as a matter of fact, we look upon the whole proceeding with great good humor, and we heartily hope that the diplomats from abroad will have a jolly good time and approve themselves to be jolly good fellows. The people are assured by enthusiastic partisans of Mr. Blaine that the Congress of the Americas will result in a great extension of our trade with American nations towards the South. We would like to believe this, but don’t. Our trade will be increased with South and Central America when we are able to sell goods in those countries at figures low as, or lower, than the manufactures of England, Belgium, Germany and France, and we shall not be able to do this until the war tariff shall have been reduced*”. “The Pan-American Congress”. *Los Angeles Herald*, Los Angeles, 6 de outubro de 1889, p. 4.

Unidos. O preço dos produtos só seria reduzido, por meio do abrandamento da política tarifária do país.

Além de enfrentar essa postura mais assertiva de algumas publicações democratas, o Pan-americanismo tinha de lidar com as vozes dissonantes dos periódicos *mugwumps*, que não concordavam com a nomeação de Blaine para o Departamento de Estado, bem como com a resistência de figuras políticas importantes do Partido Republicano no Congresso. A respeito da última questão, o jornal *The Pittsburgh Dispatch* teceu duros comentários ao congressista republicano Thomas Reed, futuro líder do Legislativo e um dos maiores opositores de James Blaine:

O Sr. Thomas B. Reed, que não guardou segredo de sua oposição à política de reciprocidade de James Blaine quando esta estava em discussão no Congresso, e que também não é menos hostil ao próprio Sr. Blaine, continua, ao que tudo indica, a dar vazão a sua oposição. (...) Talvez se a ideia tivesse se originado de outra pessoa que não fosse James G. Blaine, seria então possível que o Sr. Reed reconhecesse que um dos grandes propósitos [do Pan-americanismo] é abrir novos mercados para produtos que os Estados Unidos vêm exportando há uma geração.⁶³

O *Dispatch* sugeria que, se a política de reciprocidade entre os Estados Unidos e os outros países americanos fosse proposta por outro político, certamente ganharia mais reconhecimento. O excerto confirma que James Blaine não era uma figura unânime dentro da política nacional, e, tampouco no Partido Republicano.

Apesar de todas as forças contrárias que o Pan-americanismo de Blaine encontrou no cenário interno, os latino-americanos também foram apontados pela imprensa do país como responsáveis pelo fracasso da política externa

⁶³ “Mr. Thomas B. Reed, who did not make much secrecy of his opposition to Mr. Blaine’s policy of reciprocity when it was under discussion in Congress, and who is no less inimical to Mr. Blaine himself, is reported to be still giving vent to his opposition. (...) Perhaps if the idea had been originated by someone else than James G. Blaine, it would have been possible for Mr. Reed to have recognized that one of its great purposes is to open new markets for the products which America has been exporting for a generation”. “Reed against reciprocity”. *Pittsburgh Dispatch*, Pittsburgh, 18 de agosto de 1891, p. 4.

norte-americana. O diário *The Saint Paul Globe*, de inclinação republicana, que já observava o Pan-americanismo com certa desconfiança, escreveu ao final de 1893:

Na ausência das estimativas anuais do Bureau of American Republics, é posto fim ao sonho em que Blaine se entregou de unir todas as repúblicas do continente ocidental em uma grande *zollverein* [união aduaneira]. (...) Representantes de todos os governos do México à Patagônia se reuniram no salão para discutir os meios pelos quais se poderia formar uma irmandade de repúblicas com as faixas de boa camaradagem, um destino comum, e transações e comércio, especialmente o último. Também fazia parte do grande esquema uma ferrovia Pan-americana, que acompanharia a espinha dorsal dos continentes.

Quantas bocas não devem ter salivado com essa perspectiva? Homens cujas memórias sentem saudades dos dias felizes do *Crédit Mobilier* (...) Mas logo ficou claro que nossos colegas republicanos de países semibárbaros não eram, de nenhum modo, os índios pouco sofisticados, com quem os antepassados de Blaine barganhavam lucrativamente por terras e peles. Os vitrais, as pérolas coloridas dos colares pelos quais o sentimento e visão de uma federação de repúblicas se ergueu, não cegaram essas crianças do hemisfério sul às questões práticas e de negócios, e eles mostraram uma astúcia e esperteza párea ao do Yankee do Maine [Blaine].⁶⁴

No excerto acima, o *Saint Paul Globe* identificava os países latino-americanos como semibárbaros. O Pan-americanismo era apresentado como

⁶⁴“In the omission from the annual estimates of the Bureau of American Republics there comes the finale to the dream that Blaine indulged himself in of uniting all the republics of the Western continent in one great *zollverein* (...) representatives of all governments from Mexico to Patagonia were gathered in the hall to discuss the methods whereby there might be formed a brotherhood of republics bound together with the bands of good fellowship, a common destiny, and trade and commerce, especially the last. There was to be, as part of the grand scheme, the Pan-American railroad, which was to run down the backbone of the continents (...) How many mouths must have watered at the prospect. Men whose memories yet held in fond remembrance the halcyon days of the *Credit Mobilier* (...) But it very soon developed that our fellow republicans from the semi-barbarous countries were by no means the unsophisticated Indians whose forefathers Mr. Blaine’s ancestors had driven such lucrative bargains with for land and pelts. The stained glass and beads and colored calicos for which the vision and sentiment of a federation of republics stood, did not blind these children of the Southern hemisphere to the practical and business questions, and in these they showed a craftiness and shrewdness which was fully a match for the Yankee from Maine”. “Vale, Pan-America”. *The Saint Paul Globe*, Saint Paul (Minnesota), 7 de dezembro de 1893, p. 4.

uma espécie de “escambo” entre colonizadores, que representavam os Estados Unidos, e os índios, a América Latina. O editorial ainda fazia menção ao *Crédit Mobilier*, o esquema de corrupção que James Blaine teria supostamente se envolvido na década de 1870.

Fossem republicanos ou democratas, muitos jornais fizeram a crítica à política hemisférica justamente por essa ter sido elaborada por James Blaine, nome frequentemente ligado a escândalos de corrupção. Outros detratores do Pan-americanismo, por sua vez, defendiam que, antes de procurar mercados no exterior, os Estados Unidos precisavam fortalecer o mercado consumidor interno, ou se comprometer verdadeiramente com a redução da pesada tarifa alfandegária, que não permitia que os produtos norte-americanos fossem competitivos frente aos europeus.

2.3 O sonho pan-americanista do *Chicago Tribune*

No editorial do jornal *The Chicago Tribune* de 6 de julho de 1889, lia-se: “A grande Conferência das Repúblicas americanas será um evento de excepcional interesse. (...) Não há dúvidas dos enormes ganhos para os Estados Unidos, se este país puder assegurar um bom fluxo de comércio com a América Central e do Sul”.⁶⁵ Logo abaixo desse breve texto, uma tabela com o nome dos países das Américas e as suas respectivas populações era listada. Esse foi o primeiro artigo que advogou o Pan-americanismo de James Blaine na publicação, quando o projeto ainda nem recebia esse nome. A palavra “Pan-americanismo” só veio a ganhar popularidade, por intermédio da imprensa,

⁶⁵ “*The great conference of American Republics will be an event of uncommon interest. (...) There is no question as to the great gain to the United States if this country could secure a good share of the trade with Central and South America*”. “The prize of South American trade”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 6 de julho de 1889, p. 4.

durante a Primeira Conferência Pan-Americana, que se iniciaria em outubro de 1889. Consta que o termo foi empregado pela primeira vez pelo *The New York Evening Post*, em um artigo, de 27 de junho de 1882, sobre a primeira convocação dos países americanos para uma conferência.⁶⁶

O que começou com uma tímida argumentação favorável aos mercados latino-americanos tornou-se uma defesa inflamada dessa política externa. Já em outubro de 1889, durante a Primeira Conferência Pan-Americana, o *Chicago Tribune* comentou a proposta do Secretário de Estado, James Blaine, de construir uma ferrovia que ligaria as capitais comerciais e políticas de toda a América:

Isso não é apenas uma fantasia entusiasta da imaginação do Secretário ou um sentimento expressado para agradar os delegados do Congresso. É um *grandioso esquema* contemplado por *homens de negócio empreendedores* de ambos os continentes como uma forma de desenvolver e agilizar as relações comerciais entre os vários países interessados, bem como trazer as suas populações a uma *relação mais próxima e mutualmente lucrativa*.⁶⁷

Entre 1889 a 1894, o jornal discutiu diversas propostas ligadas ao Pan-americanismo de Blaine, como, por exemplo, a criação de um banco, uma moeda única, a já citada ferrovia intercontinental, novas políticas tarifárias e a Exposição Universal de 1893. Segundo Arturo Ardao, o Pan-americanismo de James Blaine, transformado posteriormente em um sistema interamericano, foi

⁶⁶ PETERSEN, Mark. Where do we begin? Southern Cone Chronologies of Pan-americanism. *Congress of Latin American Studies Association (Annals)*, Chicago, 2014, p. 5.

⁶⁷ “*This is not a mere enthusiastic fancy of the secretary’s imagination, nor a pretty sentiment uttered to please the delegates to the congress. It is a grand scheme long contemplated by the enterprising businessmen of both continents as a means for developing and expediting the commercial relations of the various countries interested and bringing their people into closer and more mutually profitable intercourse.*” “Railroad communication with South America”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 9 de outubro de 1889, p. 4.

o primeiro arranjo regional de natureza supranacional a surgir na história contemporânea.⁶⁸

O *Chicago Tribune* acreditava que a Primeira Conferência Pan-Americana seria um indício da “disseminação de ideias norte-americanas e do aumento da influência dos Estados Unidos”, além de mostrar a “posição de comando” que o país ocuparia nas relações internacionais.⁶⁹ Segundo o *Tribune*, apesar dos Estados Unidos serem próximos geograficamente e historicamente da América Latina, as duas regiões se diferenciavam em termos culturais e econômicos.

Tem sido um sonho, não de poucos americanos, de que seu país possua certa hegemonia sobre todo o continente. Em uma famosa passagem, Daniel Webster descreveu a influência dos Estados Unidos sobre os nascimentos dos jovens Estados do Sul. Eles copiaram suas instituições, consultaram sua experiência e (...) olharam a cada emergência para o grande farol do norte. Estadistas norte-americanos estão inclinados a acreditar que esta ascendência moral deva ser continuada, e nenhum deles, em tempos recentes, favoreceu mais essa ideia do que Blaine.⁷⁰

Essa suposta ascendência moral dos Estados Unidos implicava na conclusão de que a hegemonia dos norte-americanos sobre o resto do continente era natural e os mercados latino-americanos pertenciam “por

⁶⁸ ARDAO, Arturo. “Panamericanismo y Latinoamericanismo”. In: ZEA, Leopoldo (org.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI, UNESCO, 1986, p. 170.

⁶⁹ “It is fitting that the three great international conferences to be held this fall should follow the celebration of the centenary of the Constitution, since without exception these gatherings will illustrate the spread of American ideas and the growth of the influence of United States. (...) That the United States should be selected as the meeting place for such a conference shows the commanding position this country is getting in international affairs”. “Three great conferences”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 27 de setembro de 1889, p. 4.

⁷⁰ “It has been the dream of not a few American statesmen that their country might possess a sort of hegemony over the whole continent. In a famous passage Daniel Webster described the influence exercised by the United States upon the birth of the young states of the south. They had copied her institutions, they had consulted her experienced, and (...) they had looked in every emergency to the great northern light. American statesman have been prone to believe that this moral ascendancy might be continued, and none among them in recent times has more favored this idea than Blaine”. “Tariff a barrier”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 6 de outubro de 1889, p. 1.

direito” à “nação mais rica e poderosa do hemisfério”.⁷¹ No diagnóstico do jornal, os Estados Unidos estariam disputando com outras nações europeias os mercados latino-americanos:

As exportações da Grã-Bretanha para mercados que pertencem por direito aos Estados Unidos são quase o dobro do valor total das exportações norte-americanas de manufaturas para o mundo todo. (...) Não por acaso o senhor Blaine ficou irritado e esmagou seu chapéu quando o comitê do Senado se recusou a dar a ele a maior vitória comercial que o mundo já presenciou. (...) Mas o Secretário de Estado, inabalável com os reveses, conseguiu assegurar um meio caminho na emenda Aldrich e, com o presidente o apoiando, deu os primeiros passos para a conquista comercial desse hemisfério por este país.⁷²

Pontua-se aqui o interesse por parte dos Estados Unidos em competir com a Inglaterra pelo mercado da América Latina. O *Chicago Tribune*, assim como Blaine, apoiava-se em ideias nacionalistas, para defender a expulsão dos europeus dos mercados da região. Os ingleses eram apresentados como os grandes algozes do Pan-americanismo. Dessa forma, quem se opunha ao projeto, virtualmente apoiava a preponderância inglesa na América Latina. Segundo o impresso: “Onde quer que Blaine possa expulsar os britânicos da

⁷¹ “*The International American Congress is likely to remove some of the obstacles that have heretofore stood in the way of more liberal trading in the Southern countries of the American continent, the commerce of which we should control by right, not only of our commanding position as the richest and the most powerful Nation of the hemisphere, but because also of the fact that we are the leading consumers of the products of these same countries*”. “Bienvenida!/Welcome!”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de dezembro de 1889, p. 1.

⁷² “*The exports of Great Britain to markets which belong rightfully to the United States were nearly double the value of the American exports of manufactured goods to the entire world. (...) No wonder that Mr. Blaine got angry and smashed his hat when the Senate committee refused to give him a chance to win the grandest trade victory the world would have known. (...) But Secretary of State, undismayed by many rebuffs, succeeded in securing the halfway Aldrich amendment, and with the President to back him has taken the first steps towards the commercial conquest of this hemisphere for this country*”. “The reward of reciprocity”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 27 de maio de 1891, p. 4.

posição que eles ocupam no continente americano, ele se esforçará para substituir a influência do comércio inglês pelo americano”.⁷³

Para o *Tribune*, o aumento do fluxo comercial entre os Estados Unidos e a América Latina seria mutuamente benéfico, pois abriria novos mercados, estreitaria laços de amizade, formaria alianças políticas, levando “riqueza e civilização”, além de tornar o hemisfério mais pacífico e próspero.⁷⁴ A ideia era de que o aprofundamento das relações comerciais possibilitaria a criação de vínculos entre as regiões, dificultando e desencorajando conflitos internos. Mais do que isso, afastaria as nações europeias de novas pretensões imperiais na América Latina.

Ao discutir as vantagens comerciais de um tratado de reciprocidade entre Cuba e os Estados Unidos, o *Chicago Tribune* argumentou: “É o *destino manifesto* dos Estados Unidos saber mais sobre Cuba, ter interesse em sua fortuna e encontrar na reciprocidade comercial um novo e compreensível *princípio de proteção continental*”.⁷⁵ O emprego da expressão “destino manifesto” e a criação de uma genealogia do Pan-americanismo, que se iniciaria com a Doutrina Monroe, funcionaram como peças retóricas do jornal e de James Blaine para justificar historicamente o projeto, como se esse já fizesse parte de uma tradição da política externa norte-americana. Muitos historiadores, no entanto, compraram acriticamente esse discurso, chegando a argumentar que a Doutrina Monroe de 1823, ou ainda o Congresso do Panamá de Bolívar de 1826, foram os primeiros desenlaces do Pan-americanismo no

⁷³ “Wherever Blaine can oust the British from the position they hold on the American continent he will endeavor to replace English influence and trade by American”. “Evolution of an idea”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de outubro de 1891, p. 12.

⁷⁴ “Reciprocity with South America”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 3 de março de 1891, p. 7; “Pan-americans adjourn”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de abril de 1890, p. 3.

⁷⁵ “It is the manifest destiny of the United States to know more of Cuba, to take greater interest in its fortune, and to find in commercial reciprocity a new and comprehensive principle of continental protection”. “Reciprocity with Cuba”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 23 de janeiro 1891, p. 9.

continente. Essa leitura sugere uma perspectiva teleológica sobre a história das Relações Interamericanas, como se os Estados Unidos sempre desejassem uma união hemisférica e como se o apoio ao Pan-americanismo sempre tivesse sido uma unanimidade dentro do país. Tal interpretação ignora as profundas mudanças socioeconômicas que aconteceram no país após a Guerra Civil, como o aumento da influência dos empresários na cena política. Enquanto a Doutrina Monroe, do começo do século, estava mais relacionada a questões de segurança nacional e era uma proposta unilateral, ou seja, só dependia dos Estados Unidos, o Pan-americanismo de Blaine dava mais ênfase ao comércio e aos elementos de cooperação entre os países.⁷⁶

Outro tema ligado à política do Pan-americanismo, que apareceu com frequência nas páginas do *Chicago Tribune*, foi a proposta da construção de uma ferrovia intercontinental. A partir de 1889, o jornal começou a advogar pelo “grande esquema de Blaine”, um sistema de transportes que interligaria a malha ferroviária dos Estados Unidos com as ferrovias da América Latina, especialmente, da América do Sul. Dessa forma, “(...) os dois continentes se uniriam por uma contínua corrente de ferrovias”.⁷⁷

O ambicioso projeto previa a construção de uma estrada de ferro, que ligaria Cartagena a Buenos Aires pela Cordilheira dos Andes, perpassando as principais capitais do continente sul-americano. Em relação ao trecho que uniria a Colômbia aos Estados Unidos, duas propostas foram apresentadas. A primeira delas, consistia em investir em uma linha férrea sobre a América Central, que interligasse Cartagena diretamente ao sistema do Vale do Mississippi. A segunda hipótese era que se aproveitasse o porto de Cartagena para aproximá-lo ao de New Orleans, que se conectaria a Chicago por meio de

⁷⁶ PETERSEN, Mark, op. cit., 2014, p. 8.

⁷⁷ “(...) the two continents would be united by a continuous chain of railroad, extending practically from the northern boundary of the United States to the southern edge of the Argentine Republic”. “Open up South America”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 18 de janeiro de 1890, p. 10.

ferrovias. Nas duas propostas, a cidade de Chicago ocuparia um papel central na comunicação ferroviária pan-americana.

Essa linha de transportes direta com Chicago desviaria o comércio latino-americano dos portos de Nova York, que até então era a única rota de comércio dos Estados Unidos com a América do Sul. Para o *Chicago Tribune*, “a maioria dos artigos que compõe a exportação são produzidos dentro do alcance de Chicago e nos parece anormal que esse comércio deva ficar inteiramente nas mãos de Nova York”.⁷⁸

O *Tribune* também argumentou que a ferrovia intercontinental impossibilitaria a interferência britânica no comércio hemisférico, especialmente em uma situação de guerra contra o país europeu. O sentimento contrário à Europa foi trazido novamente à tona para justificar a construção do sistema ferroviário pan-americano:

Quando os europeus, que controlaram por tanto tempo o comércio com a América do Sul, escutarem o primeiro apito das locomotivas americanas ecoando nos Andes, e ao longo das grandes planícies ao leste, eles irão “arrumar suas malas” e chamarão seus vapores de volta, na medida em que o comércio com esse continente inevitavelmente passará para as mãos dos “ianques”.⁷⁹

Além de promover o comércio, esse complexo ferroviário permitiria também o turismo para a América do Sul, especialmente, para “o cenário selvagem dos Andes”, para as “terras desoladas e inúteis da Patagônia”, propiciando, talvez, aos norte-americanos “passarem parte do verão na Terra

⁷⁸ “In view of the fact that most of the articles forming the object of our export trade are raised or produced within reach of Chicago it seems an anomaly that the trade should be entirely in the hands of New York”. “Trade with foreigners”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 2 de outubro de 1891, p. 8.

⁷⁹ “Blaine’s Pan-American Intercontinental Railway”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de maio de 1891, p. 4.

do Fogo”.⁸⁰ Seria então possível, “embarcar em um *vagão de trem da Pullman* aqui em Chicago e fazer uma viagem tranquila para a Patagônia”.⁸¹

Paralelo a isso, a partir de 1889, houve um aumento expressivo da produção de matérias jornalísticas sobre a região, facilmente contrastável com o espaço insignificante que a América Latina ocupava no periódico até então. Ao *Tribune* agora interessava os desenlaces políticos, as crises internas e o conhecimento geográfico e populacional da região. Várias matérias se autoprojetavam como decifradoras de um território até então relegado ao esquecimento pelos norte-americanos. Esse fascínio pela América do Sul e Central foi alimentado quando esses países levaram exposições para a Exposição Universal de Chicago que teve início em maio de 1893, poucos meses após a morte de James Blaine. No ano seguinte ao evento, houve um declínio no número de reportagens sobre os países latino-americanos, indicando o abandono dessa defesa pan-americanista. Tornou-se evidente, até mesmo para um de seus principais entusiastas, que a política externa formulada por Blaine havia se esgotado.

⁸⁰ “*It will be at least be a new experience when the traveler can purchase his through tickets from New York to Chicago, thence to the City of Mexico, through Central America, and down through the wild scenery of the Andes to the heart of Peru, thence eastwardly through Bolivia, Bueno Ayres, and Brazil to Rio de Janeiro, and home by steamer to New York*”; “*It is no idle dream to picture a continuous rail from New York City into desolate and useless Patagonia, and some day, when an improved system of transportation gets along, it will be quite within the limits of the possible to spend a part of the summer on Terra del Fuego*”. “*Railroads in South America*”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de janeiro de 1890, p. 4; “*To Terra del fuego*”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 24 de abril de 1892, p. 25.

⁸¹ A companhia Pullman fabricava vagões de trens que foram utilizados nas ferrovias norte-americanas durante boa parte dos séculos XIX e XX. A expressão “*Pullman car*” se referia a um tipo luxuoso de trem, no qual era possível descansar e dormir. No original: “*In eight years from now we will be able to step aboard a Pullman car right here in Chicago and ride clear to Patagonia*”. “*Great power in Chile*”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 19 de maio de 1891, p. 8.

James Blaine tinha em mente os mesmos industrialistas e homens de negócio que o *Chicago Tribune* defendia, quando começou a formular o seu Pan-americanismo. As crises cíclicas do último quartel do século XIX corroboraram com o seu diagnóstico de que era preciso encontrar novos mercados consumidores para a economia norte-americana continuar em sua vertiginosa ascensão. O Pan-americanismo, contudo, encontrou inúmeros obstáculos internos e externos, a começar pela impopularidade do seu proponente. A readequação das tarifas alfandegárias e a falta de praticabilidade de alguns projetos, como a ferrovia intercontinental, fez com que a proposta ganhasse mais alguns importantes opositores no Partido Republicano. Mesmo assim, Blaine encontrou forte apoio na imprensa dos Estados Unidos e, especialmente, no *Chicago Tribune*.

III – A Exposição Universal de Chicago de 1893 e o *Chicago Tribune*

No capítulo anterior, analisamos brevemente como o *Chicago Tribune* mobilizou reportagens sobre o comércio e o transporte interamericanos, a partir da agenda política hemisférica de James Blaine. O Pan-americanismo também se fez presente quando a pauta do jornal foi a Exposição Universal de Chicago. Dentro do amplo corpo documental do *Tribune*, as matérias ligadas ao evento são aquelas que mais apresentavam interpretações e opiniões sobre o continente americano. Antes de mapear e analisar essas representações do periódico, é preciso explorar a própria Feira Mundial, buscando compreender alguns dos propósitos dos organizadores.

A Exposição de 1893 impactou profundamente o imaginário norte-americano no final do século XIX. Estima-se que 25 milhões de ingressos que davam acesso às exibições instaladas no Jackson Park, em Chicago, foram vendidos durante os seis meses do evento — um número expressivo, se considerarmos que a população norte-americana era composta por aproximadamente 63 milhões de pessoas.¹ Esse capítulo, além de discutir elementos da Exposição, procurará desvendar as percepções e ligações *Chicago Tribune* com o empreendimento.

3.1 O espírito das exposições universais do século XIX

As exposições universais eram grandes acontecimentos internacionais, que reuniam uma constelação de nações interessadas em apresentarem seus mais recentes avanços tecnológicos e mostrarem seus principais produtos, ou suas supostas “vocações comerciais”. Apesar desses eventos ainda

¹ As informações foram obtidas por meio do site do United States Census Bureau. Disponível em: <<https://www.census.gov/history/>>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

acontecerem com regularidade nos dias atuais, sua importância e sua influência foram sensivelmente reduzidas após a Segunda Guerra Mundial.

No século XIX, as feiras mundiais eram elementos centrais na vida cultural dos países ocidentais. Com dimensões extraordinárias, essas exposições eram esperadas e costumavam atrair um grande número de visitantes, muitos deles estrangeiros. Por serem eventos dispendiosos, que dependiam da participação e disposição de outras nações, poucos países foram anfitriões de exposições universais naquele século. O seleto grupo era formado por Reino Unido (1851, 1862), França (1855, 1867, 1878, 1889, 1900), Império Austro-Húngaro (1873), Estados Unidos (1876, 1893) e Bélgica (1897).

Imagem 10 - Litografia colorida do Crystal Palace de 1851 feita por T. Picken, Acervo do Victoria & Albert Museum.

A primeira grande exposição universal moderna aconteceu em 1851 na cidade de Londres. A Exposição do *Crystal Palace*, como ficou conhecida por causa da arquitetura do edifício que abrigava o evento, introduziu o espírito do progresso ao universo das feiras mundiais, com exposições de máquinas

inovadoras e realizações científicas.² Imaginários futuristas rondaram as exposições universais, que se tornaram espaços identificados com os avanços tecnológicos de seu período. Invenções como o telégrafo, a ceifeira mecânica, a máquina de escrever, o fonógrafo, o telefone e o elevador foram introduzidas e difundidas por meio desses eventos.

Não é coincidência que as exposições universais tenham surgido justamente na segunda metade do século XIX, junto com a Segunda Revolução Industrial. Para Francisco Foot Hardman, as exibições materializavam o mundo burguês, seu culto às máquinas industriais e ao universo das mercadorias.³ Funcionavam como um verdadeiro espetáculo do capitalismo, no qual os traços mais positivos do processo de industrialização eram apresentados, enquanto os aspectos desfavoráveis, silenciados.

Não é possível ignorar os objetivos educacionais das feiras mundiais, já que elas eram destinadas a um amplo público, inclusive operários de fábricas — em um período marcado pelo aprofundamento das tensões nas relações de trabalho.⁴ As mostras e exibições eram montadas com o objetivo de conquistar corações e mentes dos visitantes, causando estupor e fascínio. Até a criação e popularização do rádio nas primeiras décadas do século XX, a circulação de ideias entre as elites e a população acontecia de maneira restrita, principalmente através da educação básica, jornais e livros. As exibições facilitavam o trânsito de pensamentos científicos, culturais e políticos entre o meio acadêmico e as camadas dirigentes, como também os disseminavam para a população em

² PESAVENTO, Sandra. *Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 72-84.

³ HARDMAN, Francisco Foot. “Exposições universais: Breve itinerário do exibicionismo burguês”. In: *Trem Fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 62-81.

⁴ PESAVENTO, Sandra, op. cit., 1997, p. 43-48; BENNETT, Tony. “The exhibitionary complex”. In: DIRKS, Nicholas, ELEY, Geoff e ORTNER, Sherry (org.). *Culture/Power/History. A reader in contemporary social theory*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 124.

geral.⁵ Diversas concepções sobre raça, cultura, progresso e modernidade foram difundidas e popularizadas através desses eventos. É precisamente essa característica de propagação de valores e ideias que tornou a exposição universal uma das principais armas culturais do capitalismo no século XIX, além de ser um espaço privilegiado para transações econômicas.

As feiras mundiais não eram apenas vitrines para invenções, ou um palco para a modernidade. Esses eventos, especialmente os próximos da virada do século XIX para o XX, procuravam representar o mundo em sua totalidade. Em um espaço delimitado e controlado, os organizadores tentavam criar uma ilusão de microcosmo, de representação total da natureza e das atividades humanas e, para tanto, contavam com a ajuda e a participação de países estrangeiros. Segundo a historiadora Heloisa Barbuy, as exposições mantiveram este caráter industrial, progressista e enciclopedista até o princípio da Primeira Guerra Mundial, quando perderam sua pretensão de universalidade, especializando-se em algum tema.⁶

Com pavilhões, estandes de mercadorias e mostras culturais, os expositores de diversas nações apresentavam e vendiam seus produtos, enquanto também negociavam a imagem de seus países. As feiras eram eventos marcados por uma importante dualidade: se por um lado reafirmavam o crescente nacionalismo do final do século XIX, por outro, marcavam o espaço do cosmopolitismo, cuja a competição consistia em quem tinha o melhor pavilhão.⁷ Em um mundo cada vez mais globalizado e, ao mesmo tempo,

⁵ EVERDELL, William. *Os primeiros modernos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p. 24-25.

⁶ BARBUY, Heloisa. *A exposição universal de 1889 em Paris: Visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 38-39.

⁷ HARDMAN, Francisco, op. cit., 2005, p. 60-61. As exposições universais, de modo geral, ofereciam premiações às melhores exposições ao fim do evento; em Chicago, eram medalhas. De modo geral, essas honrarias eram distribuídas a todos os participantes, de maneira que dificilmente um país ficava sem reconhecimento.

dividido por ufanismos, as projeções dos países nesses tipos de eventos se tornaram cada vez mais importantes.

Sediar uma exposição universal carregava uma série de valores simbólicos.⁸ O fracasso de uma feira poderia caracterizar negativamente o país anfitrião, enquanto um bom resultado traria glórias e elevaria a imagem da nação no exterior.

3.2 A Exposição Universal do Oeste dos Estados Unidos

A Exposição Universal de Chicago (*Chicago World's Fair*), ou ainda Exposição Columbina (*World's Columbian Exposition*), foi a segunda feira mundial que os Estados Unidos abrigaram. A primeira, aconteceu na Filadélfia em 1876, em razão das comemorações do centenário da Declaração de Independência do país.⁹ A Exposição de 1893 foi, no entanto, a primeira que os norte-americanos sediaram após o rápido crescimento econômico das décadas de 1870 e 1880. O evento foi um dos mais importantes acontecimentos nos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX e, certamente, um dos mais noticiados pela imprensa do país.¹⁰ Atraindo os holofotes para uma nação não europeia, os norte-americanos puderam exibir o seu recente êxito tecnológico e econômico e desfrutar de sua nova posição geopolítica.

⁸ Ainda que seja um exercício anacrônico e limitado, é possível traçar um paralelo entre o peso de sediar essas exposições com as responsabilidades atuais de abrigar um evento de expressão internacional, como as Olimpíadas — (re)criadas em 1896.

⁹ Dom Pedro II, por exemplo visitou a Filadélfia para participar da Exposição e apreciar os últimos inventos do período, como o telefone. Sobre a participação do Brasil Império em exposições universais, ver: SCHWARCZ, Lília. “Exposições Universais: festas do trabalho, festas do progresso”. In: *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 568-598.

¹⁰ MOTT, Frank. *American Journalism. A history of newspapers in the United States through 250 years (1640 – 1940)*. New York: Macmillan, 1941, p. 577-578.

3.2.1 Conflitos na organização de um evento “nacional”

A primeira proposta pública para a criação de uma nova exposição universal foi peticionada pela cidade de Saint Louis, no começo de 1882. O documento apresentado ressaltava a importância da criação de um evento em razão da celebração de uma “grande data nacional”: os quatrocentos anos do “Descobrimento”.¹¹ Entretanto, foi apenas em 1889 que Senadores republicanos propuseram uma lei, na qual os Estados Unidos se comprometeriam a dar suporte à criação de uma feira mundial em 1892.¹² O único problema, porém, é que este ato legislativo não era claro sobre qual cidade abrigaria o evento, o que levou várias localidades a disputarem a sede entre si.

Cidades como Washington, Nova York, Cincinnati, Chicago e Saint Louis pleitearam o direito de sediar o evento. O confronto se acirrou entre as elites de Nova York e Chicago, quando as demais desistiram de concorrer.¹³ Pelo lado dos nova-iorquinos, J. P. Morgan e Cornelius Vanderbilt — os dois à frente de monopólios — contribuíram com capital e influência política para ganharem apoio federal na disputa pela Exposição. Chicago, por sua vez, contava com a ajuda financeira e o *lobby* de seus maiores financistas e industrialistas — muitos destes donos de *trusts*. Eram esses: Philip Armour,

¹¹ BUTTERWORTH, Benjamin. “Scope and purpose of the World’s Fairs.” In: SMITH, H. S. (org.) *Columbus and Columbia – A Pictorial History of the Man and the Nation*. St Louis: Historical Publishing, 1892, p. 811-812.

¹² A Exposição de Chicago fez parte das comemorações dos quatrocentos anos da chegada de Colombo às Américas, apesar de ter sido inaugurada apenas em maio de 1893, devido a atrasos nos canteiros de obras. Nos preparativos e durante o evento, o mito do “Descobrimento” foi largamente lembrado. Para financiar parte do evento, o governo norte-americano, por exemplo, decidiu emitir a primeira moeda comemorativa do país, além de uma série de selos postais.

¹³ St. Louis foi uma das últimas cidades a desistir. A essa foi garantida a oportunidade de sediar uma Feira nos anos subsequentes. Sobre a Feira de St. Louis de 1904, ver: EVERDELL, William, op. cit., 2000, p. 243-266.

Potter Palmer, George Pullman, Marshall Field e Lyman Cage.¹⁴ Quase todos os empresários de Chicago citados vieram a ter alguma participação direta na organização do evento, alguns até mesmo como diretores da Exposição.

Em março de 1890, o Congresso enfim se decidiu pela metrópole do Oeste. Essa opção não se baseou apenas em qual cidade havia arrecadado mais fundos para o evento: houve uma divisão entre os Congressistas do Partido Republicano, que erodiu os esforços de Nova York para a Exposição.¹⁵ Parte importante do Partido apoiava o intento de Chicago, dentre esses políticos estavam o então presidente Benjamin Harrison e o Secretário de Estado James Blaine.¹⁶ Foram os membros desse mesmo partido que assumiram os cargos mais importantes na comissão da Exposição, como o Senador de Michigan Thomas Palmer (Presidente da comissão) e o Congressista de Illinois George Davis (Diretor Geral da Exposição). Apesar de ser apresentada como uma iniciativa nacional, o evento foi uma realização comandada por empresários e políticos de Chicago, bem como por membros ou simpatizantes do Partido Republicano, especialmente aqueles que fizeram sua trajetória política nos estados do Oeste.

A derrota de Nova York não foi bem digerida por veículos da imprensa e empresários da cidade, que chegaram a cogitar um boicote ao evento. Mesmo os jornais republicanos, como *The New York Tribune*, aderiram a uma “campanha” de difamação da Exposição, espalhando notícias de corrupção, atrasos e desencontros da organização.

¹⁴ RYDELL, Robert. *All the World's Fair: Visions of Empire at American International Expositions, 1876-1916*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984, p. 42.

¹⁵ Um estudo sobre os bastidores da contestada vitória de Chicago pode ser encontrado em: MUCCIGROSSO, Robert. *Celebrating the New World — Chicago's Columbian Exposition of 1893*. Chicago: I.R. Dee, 1993, p. 13-47.

¹⁶ “Blaine Said to Prefer Chicago to New York for the World's Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de outubro de 1889, p. 4

Essa disputa entre as metrópoles norte-americanas foi marcante no final do século XIX, tendo sido agravada pela escolha da sede da Exposição. No Oeste dos Estados Unidos, uma série de intelectuais passou a conclamar a independência cultural e a originalidade norte-americana dos *western states* em relação à Costa Leste.¹⁷ Chicago passou a ser vista por muitos desses homens como o centro do Oeste, entendido aqui não como um território geográfico, e sim como um espaço imaginário que abrigava os estados que não faziam parte originalmente das treze colônias britânicas continentais. Em junho de 1893, o historiador norte-americano Frederick Turner, por exemplo, apresentou sua “tese da fronteira” em um simpósio de História na Exposição Universal de Chicago. Sintetizando e organizando muitas das ideias, que já circulavam no meio intelectual e na imprensa, sobre o lugar do Oeste nos Estados Unidos, Turner apresentou seu *paper* — um verdadeiro manifesto *western* — que se tornaria uma das explicações mais correntes sobre a História norte-americana, durante boa parte do século XX.¹⁸ Em linhas gerais, o historiador acreditava que a expansão territorial para o Oeste era fundamental para compreender o desenvolvimento do país. Teriam as instituições norte-americanas se moldado durante o avanço para o Pacífico, a fim de vencer o ambiente hostil dessas localidades. O contato de populações com as condições desfavoráveis do Oeste foi argumentado como essencial na formação do caráter dos norte-americanos.¹⁹

¹⁷ Sobre o movimento dos *western states*, ver: HOFSTADTER, Richard. “Turner and the Western Revolt”. In: *The progressive historians: Turner, Beard, Parrington*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1969, p. 47-83.

¹⁸ AVILA, Arthur. *E da fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: Departamento de História, IFCH-UFRGS, 2006 (*mimeo*).

¹⁹ Turner terminou sua argumentação no Congresso de História da Exposição do “Descobrimento” dizendo que “Colombo seria o impetuoso profeta de um caráter expansivo do modo de vida norte-americano que se encerrou”. “*He would be a rash prophet who should assert that the expansive character of American life has now entirely ceased.*” TURNER, Frederick. *The frontier in American history*. New York: Dover Publications, 1996, p. 37.

Veremos mais à frente como o *Chicago Tribune* se apropriou de algumas das ideias que circulavam entre intelectuais dos *western states* em sua defesa por uma Exposição Universal no Oeste dos Estados Unidos.

3.2.2 Os objetivos comerciais e o valor pedagógico das exposições

Em maio de 1893, a Exposição Universal de Chicago foi inaugurada em meio a grandes festividades. No dia da abertura dos portões do Jackson Park, o presidente Grover Cleveland fez um longo discurso pontuado pelas incertezas econômicas daquele ano: as reservas de ouro caíram substancialmente em abril de 1893, gerando insegurança em relação à economia norte-americana.²⁰ Para além dessas preocupações, Cleveland tratou do desenvolvimento tecnológico do país e de como a democracia norte-americana poderia ser vista como um modelo para as demais nações presentes na Feira.²¹

Desde a sua gestação, a Exposição Universal foi pensada tendo em vista alguns objetivos práticos. As elites das cidades que cobiçavam ser sede do evento estavam particularmente interessadas na possibilidade de arrecadação de lucros. Os organizadores da Exposição da Filadélfia de 1876 embolsaram uma grande soma de capital e as elites ambiciosas de Nova York e Chicago desejavam repetir esse feito — isso explica, em parte, porque a disputa foi tão inflamada.²² A cidade que saísse vitoriosa dessa competição receberia injeções de investimentos por parte do governo federal, além de ter suas economias locais impulsionadas pelos setores da construção civil e do turismo.

²⁰ Como já comentado no primeiro capítulo, o ano de 1893 marca o início de uma das maiores crises dos Estados Unidos, que só se recuperariam da depressão econômica nos últimos anos do século XIX. O Império Austro-Húngaro também sediou uma feira mundial (Exposição Universal de Viena de 1873) em meio a um enorme pânico econômico.

²¹ “Opened by President”. *The New York Times*, Nova York, 2 de maio de 1893, p. 1.

²² RYDELL, Robert, op. cit., 1984, p. 42.

Além desses retornos financeiros, os organizadores do evento também desejavam resultados menos tangíveis. As persistentes incertezas e tensões a respeito do processo de industrialização caracterizaram a vida das cidades norte-americanas no final do século XIX, gerando manifestações de animosidade entre os trabalhadores.²³ O confronto do Haymarket Square, abordado no primeiro capítulo, aconteceu apenas sete anos antes da inauguração da Exposição Universal. O tumulto entre policiais e operários nas ruas de Chicago ainda estava bastante fresco na memória dos habitantes da cidade durante 1893. Dentro do Jackson Park, foi erigido um grande monumento em homenagem aos policiais mortos no conflito. Na base da estátua lia-se: “Em homenagem aos bravos policiais que arriscaram ou sacrificaram as suas vidas em defesa da Lei, e em comemoração à morte da anarquia nessa cidade”.²⁴

Segundo o historiador Robert Rydell, entre 1876 e 1916, a elite norte-americana estava engajada no que se convencionou chamar de uma “busca pela ordem” (“*search for order*”). A crescente industrialização, combinada a crises econômicas cíclicas, resultaram em frequentes greves e manifestações de classe. A fim de minimizar esses confrontos espalhados pelos Estados Unidos, os diretores das exposições universais desse período ofereceram aos seus milhões de visitantes a oportunidade de reafirmar a identidade nacional — uma síntese do progresso e da supremacia da raça branca, capaz de ofuscar possíveis diferenças de classe.²⁵ Veremos adiante como a Exposição de Chicago, em específico, foi marcada por um profundo pensamento racial. As análises sobre os motivos econômicos e políticos da Exposição não podem estar desarraigadas

²³ Ibidem, p. 41.

²⁴ “*In honor of the brave officers who risked or sacrificed their lives in defense of the law, and in commemoration of the death of anarchy in this city*”. PIERCE, James. *Photographic History of the World's Fair and Sketch of the city of Chicago*. Baltimore: R.H. Woodward and Company, 1893, p. 66.

²⁵ RYDELL, Robert, op. cit., 1984, p. 4-5.

de uma compreensão social, que abarque o contexto desarmônico de Chicago — sobretudo em um evento que tinha claros objetivos pedagógicos.

Tendo em vista a ambiciosa pretensão de ser universal, o evento foi dividido em quinze departamentos, cada qual comandado por um especialista:

A – Agricultura e Alimentação	J – Eletricidade
B – Horticultura e Floricultura	K – Belas Artes
C – Pecuária (Animais domésticos e selvagens)	L – Artes liberais (literatura, música)
D – Peixes e pesca	M – Etnologia
E – Minérios, mineração e metalurgia	N – Floresta
F – Maquinaria	O – Propaganda e Promoção
G – Transportes (Ferrovias, embarcações e veículos)	P – Relações Internacionais
H – Manufaturas	

*Tabela 1 – Classificação das exposições*²⁶

O objetivo era representar todas as atividades humanas e os conhecimentos sobre o globo. Reitero aqui a importância das Relações Internacionais para os propósitos finais de uma exposição universal. Esse intuito enciclopedista era herdeiro direto da história natural e dos sistemas classificatórios das espécies do século XVIII. Segundo Mary Louise Pratt, a ação humana de estudar, classificar e distribuir o mundo em categorias foi responsável por consolidar uma “consciência planetária” da Europa, que passou a se preocupar em conhecer o “outro”, a partir de ordenações eurocêntricas.²⁷

²⁶ HANDY, Moses. *Official directory of the World's Columbian Exposition – A Reference Book*. Chicago: Publishers to the World's Columbian Exposition, 1893, p. 29-30.

²⁷ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 35 e 41-75.

Os norte-americanos tentavam o mesmo, desde a primeira metade do século XIX, ora em concorrência, ora em admiração aos europeus.²⁸

Foi dentro deste contexto que circulou na Europa e nos Estados Unidos uma grande quantidade de textos e imagens sobre outros países e povos, como romances, notícias de jornais e relatos de viagem — muitos destes escritos pelos próprios naturalistas. Todo esse arcabouço de “conhecimento” foi responsável por forjar uma percepção sobre o mundo não europeu, materializada na criação de estereótipos que reduziam a importância de outras culturas e, em certa medida, justificavam as intervenções imperialistas das nações europeias. As exposições universais, apesar de serem fenômenos posteriores a esse primeiro impulso pela constituição de um saber total, fizeram parte desse mesmo processo.

A principal mente científica, por trás da organização da Exposição de 1893, foi o ictiólogo George Goode, que, à época, fazia parte dos quadros do Smithsonian Institution e dirigia o Museu Nacional de História Natural. Ele foi responsável por esboçar o sistema de classificação exposto acima na *Tabela 1*. Na opinião dele:

O espírito da exibição proposta era o de mostrar a história do nosso continente desde a ocupação europeia e a sua influência sobre a história do mundo. É também expor, tanto quanto for possível, as etapas do progresso da civilização e de suas artes em séculos sucessivos, em todos os lugares até o presente momento e a presente condição; para ser, na verdade, uma enciclopédia ilustrada da civilização. É ser tão generoso em seu escopo que seus restos pictóricos e literários sejam preservados como o melhor registro da cultura humana na última década do século XIX.²⁹

²⁸ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao Mar. U. S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 32-41.

²⁹ “If I understand rightly the spirit of the proposed exhibition, it is to show the history of our continent since its European occupation and its influence upon the history of the world. It is to expound, as far as may be, the steps of the progress of civilization and its arts in successive centuries, and in all lands up to the present time and their present condition; to be, in fact, an illustrated encyclopedia of civilization. It is to be so generous in its scope that

Para nós, no século XXI, tal colocação parece demasiadamente pretensiosa. Entretanto, ela expressa a consciência de uma elite letrada do final do século XIX, não apenas norte-americana, que estava imbuída de uma crença na razão e na certeza do progresso. Como muitos de seus pares, George Goode compartilhava das ideias do evolucionismo social, uma teoria que sustentava que as sociedades se desenvolviam de um estado primitivo para um estágio civilizado. Essas categorias do evolucionismo foram decisivas na distribuição das exposições no Jackson Park. É interessante destacar, também, a preocupação do cientista em relação aos registros que seriam deixados pela Exposição; um cuidado que, como veremos, foi compartilhado por outros organizadores.

3.2.3 Entre a “civilização” e o “primitivo”: A White City e o Midway Plaisance

George Goode acreditava que as exposições universais, assim como os museus, carregavam o potencial de criar bons cidadãos, necessários para o avanço da “civilização”.³⁰ A possibilidade de, por intermédio de mostras e apresentações, educar a sociedade com uma “ideia apropriada” motivou agentes do governo e cientistas de importantes instituições e museus a elaborarem atrações interessantes ao público.³¹

A Exposição de Chicago procurou criar um universo simbólico que pudesse unir o passado, o presente e o futuro da nação, através da ideia de progresso. Essa visão positiva sobre os Estados Unidos foi construída a partir

in its pictorial and literary remains will be preserved the best record of human culture in the last decade of the nineteenth century”. GOODE, George. *First Draft of a System of Classification for the World's Columbian Exposition. From the Report of U. S. National Museum, 1891*. Washington: Government Printing Office, 1893, p. 654.

³⁰ Ibidem, p. 654.

³¹ RYDELL, Robert, op. cit., 1984, p. 46.

de uma relação de alteridade, de tal forma que o Jackson Park foi dividido em duas partes distintas, que ficaram conhecidas como Midway Plaisance e White City. O Midway Plaisance era um longo corredor, onde os povos considerados “não civilizados” foram agrupados; ali estavam os pavilhões da Argélia e da China, além de exposições esparsas de árabes e índios norte-americanos. Esse mesmo lugar era compartilhado com pavilhões históricos, que representavam as nações europeias em séculos passados. O Midway Plaisance era, portanto, o espaço associado ao “atraso” e ao “primitivo”. Todos os visitantes que chegavam ao evento, por meio de trens, precisavam percorrer essa área para chegar a outra parte da Exposição, a White City. A “cidade branca”, nome em referência aos prédios cobertos de gesso branco, reunia as exposições dos Estados Unidos e de todos os países considerados “civilizados” pelos organizadores.

Não é possível ignorar o fato de que a White City também fizesse alusão aos brancos norte-americanos, visto que os Estados Unidos passavam por um intenso processo de segregação racial. Diversos intelectuais negros fizeram denúncias a respeito do caráter racista da Exposição, que os excluía da história norte-americana e os caricaturava como indivíduos de segunda classe; eram os casos de Frederick Douglass e Ida Wells, precursores dos movimentos por Direitos Civis e Econômicos. Essas reclamações incitaram a recomendação de um comissário negro para Feira Mundial e a proposição de um dia de comemoração reservado aos negros, o *Colored People's Day*. Ida Wells, diferentemente de Douglass, que aceitou ser o comissário do Haiti, percebeu a segregação que esse dia impunha e pediu aos negros que boicotassem a Exposição.³²

³² Ver: WELLS, Ida. “Lynch Law”. In: RYDELL, Robert (ed.). *The Reason Why the Colored American Is Not in the World's Columbian Exposition: The Afro-American's Contribution to Columbian Literature*. Chicago: University of Illinois Press, 1999, p. 29-43.

Imagem 11 – A fotografia oferece indícios sobre as dimensões e aspectos da White City. Ao fundo da imagem está o Administration Building, utilizado para abrigar a administração do evento e seus organizadores. O prédio tinha cerca de 80 metros de altura, considerando a sua abóbada. No centro da imagem é possível perceber a gigantesca estátua de Columbia, a alegoria feminina da República; esta figura grandiosa, pintada de dourado, segurava um globo em suas mãos, onde repousava uma águia — figura que simboliza os Estados Unidos. No lado direito da fotografia está o prédio das Manufaturas, que à época foi considerado a maior construção do mundo, com cerca de 160.000 m². Essa edificação reunia exposições sobre os avanços tecnológicos de cada nação. Fotografia de C. D. Arnold em platinotipia, acervo do Field Museum.

A White City era um espaço imagético completamente distinto do Midway Plaisance. O corredor era lembrado por sua arquitetura “pitoresca”, pelas dançarinas do ventre, pelos homens que cuspiam fogo, pelos índios que davam autógrafos e pela imensa roda gigante — a primeira do mundo, que se iluminava à noite, construída como resposta à Torre Eiffel da Exposição de Paris de 1889. Em outro lugar, a poucos metros dali, foram erguidos prédios brancos gigantesco ao estilo neoclássico, alguns com mais de 80m de altura, estátuas pintadas de dourado, uma grande bacia d’água, onde gôndolas transportavam os visitantes ao melhor estilo veneziano. A ideia de contraste

não pode ser aqui ignorada: um espaço de diversão, associado ao exótico e o outro de admiração, de respeito ao passado, mas que trazia as maravilhas do mundo moderno.

Imagem 12 – Exibição “Arabia” no Midway Plaisance. Nela é possível perceber a preocupação de C. D. Arnold em captar os detalhes arquitetônicos (por exemplo, os muxarabiês), bem como os traços fisionômicos das pessoas que representavam os povos árabes.³³

O exótico, segundo Edward Said, “substitui a marca do poder pelos afagos da curiosidade” e coloca uma barreira intransponível entre quem faz o discurso e quem é representado.³⁴ As exposições europeias, como a parisiense de 1889, costumeiramente traziam modelos de aldeias e nativos de suas colônias. Era como se quisessem “reproduzir” um microcosmo de seu domínio imperial, em uma encenação que reduzia culturas milenares a estereótipos e justificava as ações imperialistas do final do século XIX. Assim como em

³³ Imagem do livro: BANCROFT, Hubert. *The Book of the Fair: An Historical and Descriptive Presentation of the World's Science, Art, and Industry, as Viewed Through the Columbian Exposition at Chicago in 1893*. Chicago: The Bancroft Co., 1893, p. 62.

³⁴ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 218.

Chicago, essas exposições eram subordinadas a um espaço secundário em relação às atrações principais.

A adoção do estilo neoclássico da White City para um evento que celebrava a novidade é bastante significativa, ainda mais se consideramos que o centro comercial reconstruído de Chicago era associado ao que havia de mais funcional e tecnológico do período. O *Chicago Tribune* abriu espaço para que Daniel Burnham, arquiteto da Escola de Chicago e responsável pela “cidade branca”, explicasse o seu projeto:

A influência da Exposição na arquitetura inspirará uma reversão para o ideal puro dos antigos. Nós estamos em um período inventivo e já tivemos desprezo suficiente pelos clássicos. Homens desenvolvem novas ideias e imaginam que podem começar uma nova escola sem muita referência ao passado. (...) Chicago é como Atenas foi. Como o alicerce de grande atividade em um tempo passado, as nações fortes e independentes do mundo afluíam para aquela cidade. O que foi verdade para Atenas a esse respeito é agora verdade para Chicago. As condições estão todas aqui para o triunfo comercial, intelectual e artístico, e a Exposição, em sua fascinante beleza, destaca-se como evidência desse fato.³⁵

A arquitetura é uma vontade de expressão, por meio dela muitas mensagens podem ser transmitidas. Buscando sua força nos valores e virtudes da Grécia Antiga e do Império Romano, a estética neoclássica foi recuperada em diversos momentos da história contemporânea como forma de demonstração de poder — por exemplo, durante o período Napoleônico na França (1799-1815). No excerto acima, Burnham associou Atenas a Chicago, como se a metrópole dos Estados Unidos passasse a ocupar a posição central

³⁵ “*The influence of the Exposition on architecture will be to inspire a reversion toward the pure ideal of the ancients. We have been in an inventive period, and have had rather contempt for the classics. Men evolved new ideas and imagined they could start a new school without much reference to the past. (...) Chicago is much as Athens was. As the seat at one time of great activity, the strong and independent nations of the known world flocked to that city. (...) What was true to Athens in that respect is now true to Chicago. The conditions are all here for commercial, intellectual, and artistic triumph, and the Exposition, in its great beauty, stands out as an evidence of this fact*”. BURNHAM, Daniel et al. “Through the Looking Glass”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 1 de novembro de 1893, p. 9.

que a cidade grega um dia desfrutou no mundo mediterrâneo, e como origem do Ocidente.

Imagem 13 – Fotografia do Arco, Peristilo e da Quadriga, estátua localizada acima da estrutura que representa uma carruagem romana puxada por quatro cavalos. Esta construção faz alusão aos arcos do triunfo do Império Romano e também de Paris. Fotografia de C. D. Arnold em platinotipia.³⁶

³⁶ Fotografia reproduzida no álbum: ARNOLD, Charles; HIGINBOTHAM, Harlow. *Official Views of the World's Columbian Exposition*. Chicago: Press Chicago Photo Gravure Co., 1893, plate 13. As fotografias que circularam sobre a Exposição de Chicago eram, em sua vasta maioria, oficiais. Durante os preparativos para o evento, os organizadores cederam um monopólio das imagens fotográficas a dois profissionais: Harlow D. Higinbotham, filho do presidente da Exposição de Chicago, e Charles Dudley Arnold. Ao que tudo indica, era apenas C. D. Arnold, como costumava assinar seus trabalhos, que efetivamente fotografava. Houve uma proibição da entrada de máquinas fotográficas no Jackson Park, o que resultou na apreensão de máquinas e na prisão de quem violasse a regra. A técnica utilizada por Arnold era a platinotipia, um método dispendioso que demandava profundo conhecimento por parte do fotógrafo. As fotografias obtidas através do processo ganhavam linhas bem definidas e uma rica gradação tonal (múltiplos tons de cinza), conferindo muitas vezes um aspecto prateado às imagens. Quando fotografava a White City, Arnold procurava ressaltar a magnitude e os traços harmônicos da arquitetura; quando ia para o Midway Plaisance, suas imagens tinham as pessoas como foco. Naquele grande corredor ou na Exibição Etnológica, Arnold também estava interessado em apreender os detalhes arquitetônicos do espaço, contudo sua maior preocupação (assunto fotográfico) era enfatizar os traços distintivos dos povos não ocidentais, baseando-se muitas vezes em critérios raciais — o que justificava sua escolha em fotografar aqueles exibidores, em especial, de perto.

Já o Midway Plaisance, por sua vez, foi organizado segundo uma “escala de desenvolvimento humano”.³⁷ As raças ou nações consideradas “menos evoluídas”, como os índios norte-americanos e os povos africanos, eram alojadas no início do corredor, próximos à entrada de trem. No meio do Midway Plaisance estavam os países árabes e asiáticos, como Argélia, Tunísia e China. Ao final do corredor, nas adjacências da White City e, portanto, próximos da “civilização”, duas mostras históricas foram montadas, retratando colônias alemãs e irlandesas. Segundo o *Chicago Tribune*, o Midway Plaisance oferecia uma oportunidade única para os visitantes se compararem a outros povos:

Que grande oportunidade foi concedida ao espírito científico de acompanhar a espiral da evolução, encontrando a humanidade em suas mais altas fases descendo até suas origens animais. Nítidos contrastes foram oferecidos a respeito dos costumes de diferentes povos.³⁸

O contraste entre a “civilização” e o “primitivo” colocado pela Exposição cumpria com o objetivo de demonstrar as vantagens do progresso para seus visitantes. Se os Estados Unidos e alguns países da Europa representavam o ápice do desenvolvimento humano comparado às demais nações, não havia motivos para questionar a realidade social ou propor outros meios para o progresso.

³⁷ RYDELL, Robert, op. cit., 1984, p. 65.

³⁸ “What an opportunity was here afforded to the scientific mind to descend the spiral of evolution, tracing humanity in its highest phases down almost to its animalistic origins. Sharp contrasts were afforded of the manners of the different peoples”. “Through the Looking Glass”, *The Chicago Tribune*, Chicago, 1 de novembro de 1893, p. 9.

3.3 *The Chicago Tribune*: em defesa da Exposição em Chicago

Chicago julga ser o melhor lugar para a realização de uma exposição universal, porque é uma cidade verdadeiramente norte-americana, no coração da América. (...) Chicago acredita que se há de existir uma exposição que queira surpreender o visitante de fora sobre os Estados Unidos, essa deveria ser realizada onde os estrangeiros possam ver o país. Contê-los nos contornos do continente, ou melhor

³⁹ “Races types at the World’s Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de julho de 1893, p. 25.

em uma ilha fora das bordas, e mantê-los em uma cidade composta de imigrantes recém-chegados não irá, na opinião de Chicago, surpreender satisfatoriamente o visitante estrangeiro. Quando são solicitadas provisões financeiras para tal caso, o grande Oeste, o verdadeiro Estados Unidos, deveria apoiar Chicago, apesar do verbete patriota e das emoções altruístas da imensa guirlanda de estrangeiros que compõe aquele subúrbio dos Estados Unidos, conhecido como Nova York. Se há de existir uma exposição universal norte-americana essa deve ser abrigada em uma cidade norte-americana, Chicago é uma cidade norte-americana.⁴⁰

Para o *Tribune*, Chicago personificava o Oeste. Era também onde estava a “verdadeira América”, aquela que surpreenderia os exigentes “visitantes estrangeiros”. Nova York, por sua vez, não possuía uma identidade norte-americana, já que boa parte de sua população era composta por “imigrantes recém-chegados”. Nesse seu parecer, novamente matizado por um olhar nativista, o jornal ignorou o grande número de estrangeiros que Chicago recebeu na segunda metade do século XIX.

Em março de 1890, o impresso lançou mão de uma série de charges para comemorar a vitória da cidade sobre suas concorrentes, Nova York e Saint Louis:

⁴⁰ “Chicago just claims to be the best place to hold an international exposition, because it is truly an American city in the heart of America (...) Chicago thinks if there is to be an exposition for the purpose of astounding the foreigner about America it ought to be held where the foreigners can see America. Stopping them on the periphery of the continent, or rather on an island outside the periphery, and keeping them in a city mainly made up of but recently imported foreigners, will not, in the opinion of Chicago, sufficiently astound the foreigner. When the usual subvention in such case is asked for the great west, the real America, should be found standing up for Chicago, despite the patriotic record and altruist emotions of that immense festoon of foreigners who mainly compose that suburb of America known as the city of New York. If there is to be an American international exposition is ought to be held in an American city, Chicago is an American city”. “Tips on the World’s Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 9 de agosto de 1889, p. 4.

Imagem 15 - Na charge acima, do dia 26 de março de 1890 (p. 1), dois cachorros — cada um representando Nova York e Saint Louis — tentam alcançar o cavalo, que leva grafado na faixa que envolve seu corpo “Chicago”. A legenda do cartoon: “Os cachorros estão fora da manjedoura finalmente”, fazia referência à fábula de Esopo “O cachorro na manjedoura”, na qual dois cães egoístas tentam monopolizar o uso do estábulo, mesmo esse não possuindo nenhuma utilidade para eles.

Com a definição do lugar da Exposição Universal, Joseph Medill escreveu muitos editoriais criticando a postura de publicações nova-iorquinas, em sua maioria, contrárias à escolha de Chicago:

Com algumas poucas, mas boas exceções, os briguentos e maldosos jornais nova-iorquinos continuam a exhibir seu desprezo e malícia contra esta cidade, porque [Chicago] foi selecionada como a sede da Exposição Universal, e estão sendo ajudados pelas lamúrias dos [jornais] *mugwumps* [republicanos independentes] *Boston Herald*, *The Troy Times* e o *St. Paul Pioneer-Press* — o último é a única publicação no Oeste que age de forma tão desprezível. (...)

Há uma diferença considerável entre a inércia de Nova York e a agitação de Chicago. Caso Nova York sediasse a Feira, essa se tornaria um estorvo nas mãos dessa cidade, de tal forma que eles não só reclamariam por uma extensão no prazo [a Exposição estava prevista para 1892], como também vociferariam três vezes mais alto por uma apropriação de fundos federais, assim como choramingaram pela ajuda do Estado e da Nação para construir seu grande monumento [Estátua da Liberdade (1886)]. (...)

Não se passa um dia em que os nova-iorquinos *Herald*, *World* e *Times* não encham suas colunas com mostras desprezíveis de seu rancor por esta cidade, esperando que falsas alegações paralise o empreendimento [a Exposição]. (...)

Deixando os maldosos nova-iorquinos de lado, é gratificante observar os comentários da imprensa inglesa sobre a escolha da sede. (...) O *London Times* é igualmente entusiasta da escolha. Ele pondera sobre essa situação que, sob seu ponto de vista, parece indicar que “a supremacia social e comercial que Nova York sempre reivindicou foi desafiada e parece ter sido transferida para a sua jovem rival no Oeste”. Em nenhum outro lugar é possível encontrar maior “concentração de energia”, em nenhum outro lugar “um viajante ficará tão perto do coração da indústria norte-americana”.⁴¹

Nota-se por essa passagem, a visível disputa entre Oeste e Leste do país. Cidades como Boston eram consideradas europeizadas e muitos guardavam preconceitos para com o Oeste, visto como rude e mais espontâneo. Para o *Tribune*, a escolha de Chicago era uma evidência da nova posição que a cidade havia alcançado dentro dos Estados Unidos. Enquanto o jornal associava Chicago ao dinamismo, acreditava que Nova York representava a estagnação. Era na metrópole do Oeste que estava o “coração industrial” do país e os principais empresários, com os quais o *Tribune* nutria boas relações, como

⁴¹ “*With a few generous exceptions the sore-headed and malignant New York papers keep up their display of petty spite and malice against this city because it has been selected as the locality of the World’s Fair, and are aided in their howling and whining chorus by mugwump Boston Herald, The Troy Times, and the St. Paul Pioneer-Press, the latter the only sheet in the West that acts in so contemptible a manner. (...) There is a considerable difference between the inertness of New York and the hustling of Chicago. Had New York obtained the Fair it would have been such an elephant on the city’s hand that it would not only have clamored for an extension of time, but would have howled ten times louder for a Government appropriation, just as it has howled for State help and Nation help to build its Grand monument. (...) Not a day passes that New York Herald, World and Times do not fill their columns with a contemptible display of their spleen towards this city, hoping by misrepresentation to cripple the enterprise. (...) Turning from the New York malignants it is grateful to note the comments of the English press upon the choice of locality. (...) The London Times is equally enthusiastic over the choice. It philosophizes over the situation, which from its point of view seems to indicate that “the supremacy, social and commercial, which New York has always claimed is challenged and appears to have passed to its younger rival in the West”. Nowhere does it find greater concentration of energy, nowhere else will the traveler stand so near the heart of American industry”. “New York playing the dog in the manger act”. The Chicago Tribune, Chicago, 16 de março de 1890, p. 12.*

vimos no primeiro capítulo. Não é surpresa que no mesmo ano de 1890, Joseph Medill tenha sido convidado para ocupar um dos 45 cargos de diretores da Exposição, ao lado de importantes nomes da região dos Grandes Lagos, como Marshall Field e George Pullman.⁴²

Por mais que o tom de Medill fosse bastante elogioso a Chicago e, ao final, o editorial reafirmasse que a cidade era formidável para os estrangeiros e que atrairia, por si só, a participação de outras nações, a preocupação do editor do *Tribune* era evidente e compartilhada por outros organizadores da Exposição. Medill passou o primeiro semestre de 1890, atacando os jornais nova-iorquinos e cobrando uma postura mais favorável em relação ao evento.

O *Chicago Tribune* também foi interlocutor e contribuiu com o Departamento de Propaganda e Promoção da Exposição (descrito na *Tabela 1*). Esse departamento tinha por objetivo promover a Exposição de Chicago entre os exibidores e a imprensa de nações estrangeiras. Comandava essa divisão o experiente jornalista Moses Handy, que havia trilhado sua carreira em periódicos de Nova York e Washington, além de ter comandado a campanha presidencial de James Blaine, em 1884. Moses criou, nas palavras dele, “uma gigantesca agência de notícias”, incumbida de enviar artigos, informações, panfletos, gravuras e litografias da Exposição a editoras, jornais e revistas espalhados pelo mundo, que poderiam ser republicadas gratuitamente.⁴³ O Departamento foi o primeiro a ser criado na Exposição de Chicago, o que sugere que o controle do discurso produzido sobre o evento foi fundamental desde o princípio. Corrobora esta afirmação o fato de que a divisão foi

⁴² KINSLEY, Philip. *The Chicago Tribune: Its First Hundred Years, vol.3 (1880-1900)*. Chicago: The Chicago Tribune, 1946, p. 159.

⁴³ Além de enviar correspondências, o Departamento de Propaganda e Promoção mantinha controle do que era publicado sobre a Exposição. As matérias sobre o evento, inclusive de países estrangeiros, eram catalogadas e se os funcionários encontrassem alguma incorreção ou equívoco significativo, solicitavam, por meio de cartas, a imediata retratação. HANDY, Moses, op. cit., 1893, p. 188.

estabelecida, sob a justificativa de contornar as suspeitas, que pairavam sobre a cidade e o evento, geradas, em grande medida, pela imprensa de Nova York.

Durante a Exposição, o Departamento de Propaganda e Promoção ocupou três andares do prédio da Administração. Em um desses andares se encontravam os jornalistas dos cinco maiores veículos de imprensa de Chicago. Esses periódicos, principalmente o *Chicago Tribune*, colaboraram intimamente com o Departamento, cedendo repórteres e ilustradores para a redação de artigos e a elaboração de gravuras.

Joseph Medill também se tornou membro do comitê responsável pelas construções no Jackson Park, o que parcialmente explica o súbito interesse do *Tribune* em discutir os projetos arquitetônicos, relatar acidentes e justificar atrasos nos canteiros de obras. Alguns meses antes da abertura da Exposição, o impresso publicou vários editoriais em uma campanha para que a população mantivesse Chicago limpa para os visitantes estrangeiros.

A Exposição Universal tornou-se a principal pauta do jornal em 1892 e 1893. Durante os seis meses do evento, as notícias sobre a feira mundial eram trazidas na primeira página do *Tribune* na coluna “*World’s Columbian Exposition News*”, assinada pelo futuro editor-chefe do jornal e genro de Medill, Robert Patterson. O periódico também investiu onerosamente na sua diagramação, aumentando o número de gravuras. O volume do jornal cresceu, passando de 12 para 16 páginas durante os dias da semana e de 24 para 32 a 40 páginas aos domingos.

O *Chicago Tribune* também se preocupou em produzir suplementos de arte, que acompanhavam as edições dominicais do periódico, bem como em ampliar o número de ilustrações diárias. As notícias sobre a Exposição Universal e as ilustrações trazidas pelo jornal contribuíram para o vertiginoso aumento nos números de circulação do *Chicago Tribune*, que deixaram o patamar de 56.000 exemplares por dia em 1892, para alcançar a marca de

75.000 impressos diários no ano seguinte; a tiragem aos domingos foi de 80.000 para impressionantes 125.000 exemplares (crescimento de 56%).⁴⁴

Imagem 16 - Suplemento de arte "Looking East in the Great Court" (litografia colorida), publicado em uma edição especial dominical.⁴⁵

A Exposição de 1893 se tornou um excelente negócio para a família Medill e o *Chicago Tribune*, que se anteciparam e souberam aproveitar a reverberação que o evento internacional suscitaria. O sucesso da Exposição, além de ser importante para os negócios de Chicago, trazia ganhos financeiros diretos para Joseph Medill e seu jornal, ambos intimamente envolvidos na organização da *Chicago World's Fair*.

Como discutimos ao longo do capítulo, a Exposição de 1893 foi uma iniciativa dirigida e controlada por quadros do Partido Republicano e grandes empresários da região dos Grandes Lagos. Tendo como pano de fundo os

⁴⁴ KINSLEY, Philip, op. cit., 1946, p. 194 e 223.

⁴⁵ Esse tipo de material funcionava como uma espécie de *souvenir* para atrair compradores. As litografias coloridas ocupavam uma página inteira do jornal e eram as primeiras imagens coloridas inseridas no diário. "Looking East in the Great Court". *The Chicago Tribune*, Chicago, 11 de setembro de 1893, p. 24.

quatrocentos anos do “Descobrimento” das Américas, os organizadores desejavam evidenciar o *status* econômico e industrial dos Estados Unidos, que em suas percepções, já se equiparava ao Velho Mundo europeu.

Se por um lado, o evento trouxe os últimos avanços tecnológicos — como o gerador de corrente alternada que iluminava a Exposição à noite — por outro, fazia circular um pensamento racial, capaz de cindir o espaço das exposições em dois. Além de procurar responder problemas internos à sociedade norte-americana, o evento também foi utilizado para aprofundar as relações diplomáticas e comerciais dos Estados Unidos com diversas regiões do mundo, entre elas a América Latina, assunto sobre o qual nos deteremos no próximo capítulo.

Por sua vez, o *Chicago Tribune* não apenas cobria e comentava a Feira Mundial, como também fazia parte do empreendimento. Esse mesmo diário interessado no êxito da Exposição, através dela, promoveria o Pan-americanismo.

IV – A América Latina vai à Exposição de Chicago: bastidores, imagens e representações no jornal *The Chicago Tribune*

Após analisar o projeto político do *Chicago Tribune* e o espaço dedicado em suas páginas ao Pan-americanismo e à Exposição Universal, esse capítulo acompanhará como a preparação e as exposições propriamente ditas de países latino-americanos apareceram em matérias do jornal. Confirmaremos também como a participação dessas nações na Exposição de Chicago foi coordenada por personagens e dentro da lógica do Departamento de Estado, comandado à época por James Blaine.

Entre 1889 e 1893, a América Latina e especialmente alguns países, como o Brasil, a Argentina, a Venezuela e o México, ganharam espaço no periódico. Isso pode ser explicado tanto pela política do Pan-americanismo, que o jornal favorecia, quanto pela iminência do evento em Chicago, que levou o jornal a produzir reportagens especiais sobre as nações expositoras. É intuito deste capítulo mapear e acompanhar as imagens e representações construídas ou reforçadas pelo *Chicago Tribune* sobre países da América Latina, articuladas à Exposição Universal, e de que forma elas foram conectadas a sua defesa pelo Pan-americanismo.

4.1 Em busca de exposições da América Latina (1889-1892)

Do final de 1889 até 1892, o jornal *The Chicago Tribune* trouxe em suas páginas as articulações e debates travados entre os organizadores da Exposição de Chicago e as nações latino-americanas, a fim de que elas estivessem presentes no evento. O diário fez uma cobertura detalhada sobre os desenlaces nas negociações, o planejamento das exposições e as dificuldades internas que esses países encontraram para mobilizar recursos para a Feira Mundial.

Analisaremos nas próximas páginas por que e de que forma a participação da América Latina na Exposição de Chicago era compreendida como fundamental pelo *Tribune*.

4.1.1. Uma “celebração pan-americana” em Chicago?

A primeira menção no *Chicago Tribune* sobre a participação dos países latino-americanos na Exposição Universal aconteceu em julho de 1889, em um editorial escrito por Joseph Medill. Na ocasião, o dono do jornal discutiu a natureza do evento:

Está definitivamente decidido que este país, que já ficou impressionado com a [Exposição] *Centennial* [de 1876], deve abrigar outra em 1892, para celebrar o descobrimento acidental da América por Colombo. O Congresso tomou medidas preliminares nesse sentido, um projeto de lei tendo sido submetido por unanimidade pelo Comitê de Assuntos Exteriores, que prevê “uma Exposição Universal na capital nacional em 1892, e, posteriormente, uma exposição permanente das *Três Américas* em homenagem ao quarto centenário do descobrimento da América”, que serão realizadas também “sob os auspícios dos 46 estados e territórios [dos Estados Unidos] e das 16 nações independentes do continente americano”.¹

Antes de receber a designação “*Columbian*” (“Columbina”), a Exposição que celebraria o “Descobrimento” ficou conhecida na imprensa norte-americana, e no *Chicago Tribune*, como “*Three Americas Exposition*”,

¹ “It is definitely decided that this country, which has already been deluged with Centennials, must have another, this time in 1892, to celebrate the accidental discovery of America by Columbus. (...) Congress has taken preliminary action in that direction, a bill having been reported unanimous by Committee on Foreign Affairs, providing for ‘a world’s exposition at National Capital in 1892, and thereafter a permanent exposition of three Americas in honor of the four hundredth anniversary of the discovery of America’, to be held also ‘under the auspices of forty-six States and Territories and the sixteen independent nations of American Continent’”. “The Pan-American celebration”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de julho de 1889, p. 4.

fazendo alusão às Américas do Norte, Central e do Sul. Desde o princípio, a presença de todas as nações independentes do continente americano foi apresentada como fundamental para o sucesso do evento, visto que esse se erguia na premissa do quadringentésimo aniversário da chegada de Cristóvão Colombo às Américas — uma experiência histórica, em tese, compartilhada pelos países do hemisfério.²

O projeto de lei ao qual o *Chicago Tribune* se referiu no excerto acima foi escrito por congressistas do Partido Republicano de Washington, que assim justificaram a escolha do nome “Três Américas”:

Nosso plano se baseia na ideia de que (...) os dois principais aspectos da Exposição deveriam ser, primeiro, o histórico, para celebrar o Descobrimento da América e seu progresso durante quatrocentos anos; e, segundo, o comercial, para *inaugurar uma política hemisférica baseada em relações comerciais e sociais mais íntimas entre as diversas nações do Novo Mundo que Colombo descobriu*, visto que esses países estão pouco familiarizados uns com os outros. Para enfatizar essa ideia, nós escolhemos colocar as Três Américas em primeiro plano no título do nosso projeto de lei (...) É evidente, [no entanto], que o resto do mundo será convidado a participar das exposições temporárias durante os seis meses de 1892.³

² Segundo Edmundo O’Gorman, a ideia de América e de “Descobrimento” foi forjada na Europa. Aos poucos, este constructo europeu foi sendo assimilado pelos habitantes das colônias. Ao final do século XVIII, o mito do “Descobrimento” foi incorporado à narrativa histórica de diversos países do continente com a intenção de buscar uma unidade forjada na origem dessas nações. Ver: O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

³ “Our plan is based upon the idea that (...) the two leading features of the Exposition should be, first, the historical, to commemorate the discovery of America and its progress during four hundred years, and second, the commercial, to inaugurate an American hemispherical policy based upon more intimate commercial and social relations between the several sister nations of the New World which Columbus discovered, which nations have in the past been to little acquainted with each other. To emphasize this idea, we have in the title of our bill placed Three Americas first (...) Of course the rest of the world is to be invited to participate in the temporary exhibit during six months of 1892.” PARKER, Myron et al. *Arguments before the quadro-centennial committee of the United States Senate: In support of a bill to provide for a Three Americas and World’s Exposition at the National Capital in 1892*. Washington: Government Printing Office, 1890, p. 5.

Nesse projeto de lei, Washington era ainda apresentada como a escolha natural para sediar uma Exposição Universal, pois era “a capital da principal e mais velha nação entre as *dezenove repúblicas irmãs* do hemisfério ocidental”; era nessa cidade que todas as “famílias do continente americano deveriam se unir”.⁴ A comemoração do quarto centenário do “Descobrimento”, além de legitimar e justificar um evento internacional de grande porte nos Estados Unidos, era convenientemente evocada para amparar uma ideia de unidade continental das Américas. A nova política hemisférica, mencionada pelos congressistas, era justamente o Pan-americanismo de James Blaine e de parte do Partido Republicano. O projeto de lei que deu origem à Exposição Universal de 1893 estava, portanto, embebido de uma retórica fraternal entre as diversas *nações do Novo Mundo*, protagonizada pelos Estados Unidos.

Em um primeiro momento, Joseph Medill não se opôs à cidade de Washington ser a anfitriã da Exposição das Três Américas. A discussão só apareceu nas páginas do *Tribune*, quando empresários e políticos de Nova York ameaçaram “usurpar” o projeto da capital. Medill se opôs, de maneira mordaz, à candidatura nova-iorquina e lançou Chicago como possível sede para a “celebração pan-americana”:

O *Tribune*, até agora, tinha pouco a dizer sobre o projeto [da Exposição Universal], dividindo o sentimento geral da nação de que ela deveria ir para Washington. Se, entretanto, existir alguma ameaça de Washington perder [a sede], e essa ficar com Nova York, Chicago irá tomar todo o empreendimento com suas próprias mãos. (...) Chicago está inclinada a fazer isso não porque ela quer a comemoração pan-americana [para si própria], mas para salvar as pessoas das *três Américas* da angústia e do desconforto de ter que apoiar [uma exposição] em Nova York. (...) Nós não precisamos nos alongar nas comparações [entre Chicago e Nova York], embora existam razões que poderiam ser apresentadas por essa coluna que

⁴ “Washington is the capital of the oldest and foremost of the nineteen independent sister nations of the Western Hemisphere (...) The four hundredth anniversary of Columbus’ discovery of the New World could not be better celebrated than by inauguration of this Exposition in this grand metropolis, where all nations of the American family would be found, as it were, clustered together around the Washington Monument”. Ibidem, p. 7.

comprovariam a inaptidão de Nova York em ser a localidade da *celebração pan-americana*.⁵

Assim como os congressistas de Washington, Medill vislumbrava na Exposição do “Descobrimento” uma forma de aprofundar o Pan-americanismo. Nota-se também como Chicago foi apresentada pelo *Tribune* como uma cidade despretensiosa, que só aceitaria abrigar o evento para livrar o país e o restante do continente, de um possível vexame nova-iorquino. A partir do fragmento acima, torna-se evidente que as calúnias e detrações não partiam apenas da imprensa de Nova York, o rancor e a antipatia eram mútuos e compartilhados pelos jornais das duas cidades.

Essa suposta “inocência” do pleito de Chicago não se sustenta ao menor exame crítico. Como vimos no segundo capítulo, o projeto de união continental de James Blaine estava ligado às ambições dos setores da indústria e do comércio dos Estados Unidos, especialmente àqueles concentrados na região dos Grandes Lagos. A cidade e a elite de Chicago, consideradas pelo *Tribune* como peças centrais no arranjo pan-americano, tinham, na verdade, muitos interesses em receber aquela Exposição Universal.

Em setembro de 1889, o impresso voltou a tratar da importância do comparecimento dos países americanos na Exposição do “Descobrimento”. O *Chicago Tribune* reproduziu partes de uma reportagem de *The New York World*, que enviou um jornalista para a França para entrevistar exibidores estrangeiros que participavam da Exposição Universal de Paris. O *Tribune* deu

⁵ “*The Tribune thus far has had little to say about the project, sharing the general sentiment of the country that it ought to go to Washington. If, however, there is any danger that Washington is about to lose it and that it will go to New York (...) Chicago will take the whole business on her own hands (...) Chicago is moved to do this not because she wants the Pan-American jamboree, but to save the people of the three Americas the mortification and discomfort they would of necessity be called upon to endure in New York. (...) We need go no further with the comparison, though reasons might be given by the column which would demonstrate New York’s unfitness as the locality for the Pan-American celebration*”. “The Pan-American celebration”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de julho de 1889, p. 4

ênfase aos comentários dos representantes latino-americanos e suas impressões sobre onde o evento deveria acontecer.

Enquanto os comissários europeus alegaram preferir Nova York, por essa ser uma metrópole cosmopolita, a maioria dos delegados de países da América Latina elegeram New Orleans como a melhor opção, dada a proximidade geográfica do porto com a região. Representantes do Chile e Nicarágua, no entanto, favoreciam o intento de Washington, sob a justificativa de que a capital do país tornaria o evento “mais oficial”. Chicago foi praticamente esquecida pelos exibidores estrangeiros, não fosse uma breve menção de um representante colombiano, que “pensou que Nova York já tinha sido selecionada, e que Chicago nem era considerada [como escolha para uma Exposição Universal] pela América do Sul”.⁶

O *Tribune* fez questão de publicar a opinião dos comissários latino-americanos, mesmo que esses discordassem de Chicago como sede. O diagnóstico do jornal era de que, apesar da metrópole do Oeste ter alcançado uma posição de destaque nos Estados Unidos e, portanto, ser a escolha lógica dos norte-americanos, a cidade ainda não tinha prestígio internacional — o que justificaria a constante preocupação do impresso e dos organizadores da Exposição quanto à adesão de países estrangeiros. Chicago também estava próxima a New Orleans, a escolha preferida dos latino-americanos, com uma comunicação ferroviária direta com o porto da cidade, e não poderia ser descartada como uma opção interessante.

Durante a Primeira Conferência Pan-Americana (1889-1890), os delegados latino-americanos tiveram a oportunidade de conhecer algumas cidades dos Estados Unidos, inclusive Chicago. A visita dos representantes da América Latina à cidade, que foi matéria de capa da edição do dia 22 de outubro

⁶ “Colombia thought that New York had been definitely selected, and declared that Chicago was of no account to South America”. “Would visit Uncle Sam”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de setembro de 1889, p. 4.

de 1889, foi arranjada por funcionários do Departamento de Estado, sob ordens do Secretário James Blaine. O principal objetivo do passeio, segundo o *Tribune*, era desmitificar Chicago, apresentando os principais negócios da região e as possíveis novas oportunidades de comércio.⁷ O propósito secundário desse itinerário pela cidade era causar uma boa impressão nos latino-americanos, fazendo com que os representantes desses países superassem suas desconfianças e se interessassem em retornar a Chicago, durante uma possível Exposição Universal — lembrando que a sede só foi definida em março de 1890.⁸

4.1.2 A discussão de Joseph Medill e Frederick Putnam sobre uma Exibição Etnológica das “Três Américas”

Em maio de 1890, o *Chicago Tribune* abriu, excepcionalmente, um espaço em sua página editorial para que o antropólogo Frederick Putnam pudesse explicar seu plano de uma mostra etnológica sobre as “Três Américas”. Putnam, à época, era um dos mais conceituados antropólogos dos Estados Unidos, reconhecido internacionalmente e fundador do Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard:⁹

⁷ A visitação dos delegados dos países latino-americanos a Chicago incluiu as plantas das fábricas de vagões de trem Pullman e de máquinas agrícolas McCormick, além dos frigoríficos Swift e Armour. Ao final do trajeto, os representantes da América Latina puderam se reunir com os principais empresários de Chicago no hotel de Potter Palmer.

⁸ “Their eyes opened”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 22 de outubro de 1889, p. 1-2; “Tarrif a barrier”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 6 de outubro de 1889, p. 1.

⁹ Frederick Putnam, ao lado do Major John Power, é apontado como um dos fundadores da Antropologia moderna nos Estados Unidos. Esse campo do saber esteve desde sua origem, nos anos 1880 e 1890, muito veiculado aos debates sobre as políticas do Estado norte-americano para os indígenas. Segundo o historiador Thaddeus Blanchette, os etnólogos ou antropólogos desse período estavam engajados no que se convencionou chamar de *salvage anthropology*, um campo de estudos que procurava coletar dados sobre a vida de povos indígenas que estavam em vias de extinção e ajudar o Office of Indian Affairs (OIA) a construir práticas que facilitassem o processo de assimilação dessa população.

Por que não uma coleção de habitações típicas dos moradores das Três Américas que vão dos selvagens primitivos até o tempo presente? (...) Para todos aqueles que visitaram a Exposição Universal de Paris, no ano passado, o Departamento Etnológico provou ser uma das melhores atrações, e o estudo dos homens, como eles foram no passado e como eles são no presente em países distantes, foi possível a partir de aulas práticas de grande interesse (...) Nesse contexto, não poderia Chicago assegurar e abrigar na Exposição uma exibição etnográfica perfeita dos povos do passado e do presente das Américas, e desse forma, oferecer uma grande contribuição à Ciência?¹⁰

A intenção de Putnam era reunir, em um mesmo espaço, materiais sobre todos os povos pré-colombianos, numa mostra que superaria a Exibição Etnográfica da Exposição Universal de Paris de 1889. Nesse mesmo artigo de opinião, o professor de Harvard já cogitava a ideia de trazer representantes indígenas vivos, em uma espécie de “zoológico humano”, capaz de evidenciar as diferenças físicas entre as diversas populações do continente americano. A proposta de Putnam estava alinhada às ciências da época, como já vimos no terceiro capítulo, marcadas pelas ideias do darwinismo social.

Alguns meses depois, no entanto, Joseph Medill utilizou a página editorial do *Chicago Tribune* para se posicionar contrariamente ao uso de

BLANCHETTE, Thaddeus. *Cidadãos e Selvagens: antropologia aplicada e administração indígena nos Estados Unidos, 1880-1940*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ/MN, 2006, p. 9, 34, 132 e 133. (mimeo)

¹⁰ “Why not a collection of Habitations of Dwellers in the Three Americas from primitive savages up to the present time? (...) To all who visited the World’s Fair at Paris last year the Ethnological Department proved to be one of great attraction, and the study of man as he has been in the past and as he is in the present in distant countries was made possible by object lessons of great interest (...) In this connection cannot Chicago secure and place in the Exposition a perfect ethnographical exhibition of the past and present peoples of America, and thus make an important contribution to science, which at same time will be appropriate, as it will be the first bringing together on a grand scale of representatives of the people who were living on the continent when it was discovered by Columbus, and by including as thorough a representation of prehistoric times as possible the stages of the development of man on the American Continent could be spread out as an open book from which all could read”. PUTNAM, Frederick. “American Ethnology”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 31 de maio de 1890, p. 12.

recursos federais no financiamento de uma exibição etnológica sobre o continente americano. Para o dono do jornal, Frederick Putnam havia criado um plano que pecava pela grandeza, ultrapassando o escopo desejável para essa mostra em Chicago. O *Tribune* acreditava que a ação de enviar etnógrafos e arqueólogos para a América Central e do Sul, a fim de cumprir esse propósito, era um esforço supérfluo, já que essa atração poderia ser constituída apenas com o acervo do Smithsonian Institution:

Tem sido anunciado que a fala do professor de Harvard F. W. Putnam, recomendando gastos com a verba da Exposição Universal na ordem de 300 mil dólares para expedições arqueológicas, em uma área que vai da Groenlândia à Patagônia, e a construção de um museu etnológico ligado ao evento, “foi recebida com simpatia pelos Diretores [da Exposição]”. Nós não sabemos com que autoridade foi feita essa afirmação, mas o sentimento dos diretores foi declarado incorretamente. O Professor Putnam, como todos esses especialistas pré-históricos fastidiosos, se engana sobre o propósito da Exposição. No que diz respeito a Chicago, deve ser entendido que [a cidade] não tem o menor interesse nos períodos [geológicos] terciário ou quaternário, ou ainda nos crânios do tipo Neandertal. [Chicago] se propôs a abrigar uma exposição do século XIX, viva e desperta, que glorifica Cristóvão Colombo por sua grande descoberta. Ela tem milhões para a construção de pavilhões, mas não tem dinheiro para desperdiçar na procura por setas de flechas ou crânios da Idade da Pedra, nem acreditamos que alguém fora do pequeno círculo de especialistas etnólogos tem ao menos uma faísca de interesse sobre esses homens que mal estavam acima dos animais (...). A grande Exposição representará de forma adequada o progresso do mundo desde a época de Colombo até o presente, e constituirá uma epitome das conquistas modernas nas áreas da arte, ciência, indústria, comércio, educação, religião, agricultura e etc., e para esse propósito, os diretores irão desembolsar dinheiro; mas os cavalheiros devotados a *hobbies* e que desejam exibi-los deverão arcar eles próprios com as despesas.¹¹

¹¹ “It has been stated that the communication of Prof. F. W. Putnam of Harvard College, recommending the expenditure of World’s Fair money to the extent of \$300,000 for archaeological expeditions over an area ranging from Greenland to Patagonia, and erection of an ethnological museum in connection with the World’s Fair, “has been received with favor by the directors.” We are not aware what authority there is for this statement, but the sentiment of the directors has been incorrectly stated. (...) Prof. Putnam, like all these dried-

No excerto acima, Joseph Medill fez questão de se posicionar como homem influente na organização da Exposição, contradizendo a versão de Frederick Putnam sobre o apoio da organização do evento ao seu projeto. Medill acreditava que as atrações de Chicago deveriam priorizar o progresso do continente, nas mais diversas atividades humanas, ao invés de mostrar o mundo pré-colombiano, as populações indígenas remanescentes, ou seja, aquilo que o jornal identificava como “atraso”.

Esse posicionamento do jornal é também interessante para exemplificar que nem sempre os grupos envolvidos com a Exposição concordavam sobre a natureza e a destinação de recursos para o evento. Nesse conflito, em particular, prevaleceu o lado “científico”, já que a Exibição Etnológica de Putnam, como veremos, recebeu um grande aporte financeiro e foi uma das principais atrações da Exposição de Chicago. O *Tribune* estimou que o professor de Harvard enviou trinta agentes norte-americanos para “vasculharem as Américas do Norte, Central e do Sul à procura de materiais ilustrativos da história etnológica dos três continentes”.¹²

*up prehistoric specialists, mistakes the purpose of the Fair. So far as Chicago is concerned, it should be understood that it has not the slightest interest in the tertiary or quarterly period or in the skulls of the Neanderthal sort. It proposed to have a live, wide-awake, nineteenth century Fair and to glorify Christopher Columbus for his great discovery. It has millions for the construction of exhibiting buildings, but no money to waste searching for arrowheads or skulls of the Stone Age, nor do we believe that any persons outside of a little handful of ethnological specialists have even a languid interest in men who were hardly above the animals (...) The great Fair will fitly represent the progress of the world from Columbus' time to the present, and will constitute an epitome of modern achievement in art, science, industry, commerce, education, religion, agriculture, etc., and for this directors will spend their money; but gentlemen who are riding hobbies and wish to exhibit them must meet the expense themselves”. “Prehistorical Crankery”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 16 de setembro de 1890, p. 4.*

¹² “Thirty agents under the employ of Prof. F. W. Putnam, Chief of Department of Ethnology, are scouring North, South, and Central America for exhibits illustrative of the ethnological history of the three continents (...)”. “In aid of the fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 29 de novembro de 1891, p. 10.

Esse ambicioso plano de reunir em um mesmo espaço a história natural das Américas foi forjado sob uma perspectiva imperial.¹³ Ao financiarem a empreitada de Putnam, os Estados Unidos quiseram — assim como França e Inglaterra haviam feito — marcar seu lugar no mundo, como nação capaz de constituir um saber. Não era apenas uma questão científica, ou o *hobby* caprichoso e inútil de um antropólogo, como o *Chicago Tribune* erroneamente identificou, era, antes de tudo, uma demonstração de poder, visto que uma exibição desse porte demandava uma grande soma de capital e prestígio internacional suficiente para a elaboração de um acervo constituído, sobretudo, com a ajuda dos países latino-americanos. Mais do que isso, era poder participar do seleto grupo de nações que construía conhecimento sobre o globo, que pesquisavam ao invés de serem pesquisadas.¹⁴

4.1.3 A “diplomacia naval” de James Blaine nas páginas do *Tribune*

As discussões sobre a Exposição Universal e a presença latino-americana no evento ocuparam o centro das discussões do *Chicago Tribune* sobre o Pan-americanismo. O jornal defendeu e repercutiu notícias favoráveis ao empreendimento em Chicago, relacionando a participação das nações latino-americanas à atuação e aos princípios da política externa de James Blaine. No final de 1890, o *Tribune* noticiou e transcreveu uma carta do Congressista republicano de Illinois, George Davis, que acumulava o cargo de Diretor Geral da Exposição. Endereçada ao Presidente Benjamin Harrison, a correspondência

¹³ SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006, p. 50.

¹⁴ Para o filósofo Michel Foucault, quem detém o saber, controla, seleciona e organiza os discursos; esses, por sua vez, definem a posição que um sujeito ocupa em um determinado diálogo, ou relação de poder, e indicam os comportamentos adequados esperados por aquela sociedade. Ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

solicitava o envio urgente de comissários norte-americanos ao México e às Américas Central e do Sul para negociar as exposições desses países. O *Chicago Tribune* acrescentou:

Como a Exposição que se aproxima oferece uma oportunidade sem precedentes para promover as relações sociais, comerciais e políticas dos povos dos três continentes americanos, é especialmente esperado que as *repúblicas irmãs* estejam adequadamente representadas.¹⁵

O jornal de Medill estava preocupado com o desinteresse da América Latina em relação à Exposição de Chicago. Até o começo de 1891, nenhum país da região havia se comprometido oficialmente a participar do evento, ainda que alguns exibidores tivessem se mostrado favoráveis ao empreendimento. A baixa adesão das nações latino-americanas levou a organização da Exposição e o Departamento de Estado a adotarem medidas mais enérgicas.

Já no começo de 1891, o *Tribune* noticiou a decisão do Presidente Benjamin Harrison e do Secretário James Blaine de enviar oficiais da Marinha dos Estados Unidos para a América Latina. Foram convocados seis tenentes, dois capitães e um oficial médico da U. S. Navy, além de seus subordinados, para negociarem os pavilhões e as exposições com governantes e empresários locais. Esses homens já haviam trabalhado em outras missões na região e, portanto, possuíam alguma experiência naqueles territórios.

O *Tribune* cobriu em detalhes a partida desses oficiais. Segundo a publicação, esses homens visitaram James Blaine em Chicago para obterem ordens e informações sobre suas atividades na América Latina. O periódico chegou a entrevistar dois desses comissários especiais, o Capitão Gibert Cotton, designado para os países do istmo da América Central, e o Médico Daniel Bertolette, responsável pelas exposições do Paraguai, Uruguai e Argentina. Ao

¹⁵ “As the approaching Exposition offers an unprecedented opportunity for promoting the social, commercial, and political relations of the people of three American continents it is especially destined that the sister Republics be adequately represented”. “There’s nothing in writing”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 29 de dezembro de 1890, p. 3.

ser perguntado sobre as instruções de James Blaine, Bertollette respondeu ao *Tribune*:

— Você sabe o que irá fazer na América do Sul? [Jornalista de *The Chicago Tribune*]

— Sim; eu tenho instruções do Secretário Blaine, mas eu não tenho permissão para dizer quais são elas. [Médico Bertollette]¹⁶

Bertollette furtou-se de oferecer uma resposta mais objetiva ao jornal, o que sugere que esses homens levavam algumas ordens confidenciais. Nessa mesma reportagem, o *Tribune* entrevistou George Davis e Moses Handy, como mencionado no capítulo anterior, responsável pelo Departamento de Propaganda e Promoção — dando indícios de que Blaine, Handy e Davis teriam se reunido em Chicago para discutir o “desânimo” dos países latino-americanos em participar do evento. Moses Handy declarou ao *Tribune*:

— Eu devo visitar os correspondentes dos principais jornais estrangeiros e me esforçar para estabelecer relações um pouco melhores entre eles e a Exposição. (...) Eu vou tentar me comunicar diretamente com os mais influentes veículos de imprensa estrangeira. Um artigo de duas colunas já foi preparado e está pronto para ser enviado para o exterior; ele trata igualmente da Exposição e de Chicago. Foi escrito sob o pressuposto de que a maioria dos estrangeiros pouco sabem sobre Chicago, fora o seu nome. [Moses Handy]¹⁷

O envolvimento quase nulo das nações latino-americanas e de alguns países europeus, que inquietava tanto os organizadores do evento, quanto o *Tribune*, era interpretado novamente como resultado do desconhecimento da cidade de Chicago. O periódico ignorava por completo o fato de algumas

¹⁶ “— *Do you know what you are going to do in South America? [The Chicago Tribune]; — Yes; we have special instructions from Secretary Blaine, but I am not privileged to state what they are. [Surgeon Bertellote]*”. “Came to load the guns”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 3 de janeiro de 1891, p. 6.

¹⁷ “— *I shall visit the correspondents of the leading foreign newspapers and endeavor to establish a somewhat better relations between them and the Exposition. (...) I shall try to communicate directly with influential foreign newspapers. There has already been prepared a two-column article ready to be sent out. It treats about equally of the Fair and Chicago. It is written on the presumption that not a great deal is known about Chicago by most foreigners except its name. [Moses Handy]*”. Ibidem, p. 6.

nações da América Latina estarem indispostas com os Estados Unidos, após o fracasso da Primeira Conferência Pan-Americana, que refletiu muito mais as intenções dos Estados Unidos do que uma proposta de cooperação entre as partes. Muitos latino-americanos avaliavam que os norte-americanos arrojavam-se como líderes da região e não estavam dispostos a reconhecer essas ações de hegemonia por parte dos Estados Unidos.

As ações de enviar representantes da Marinha de Guerra para negociar os pavilhões e, paralelo a isso, divulgar o evento na imprensa latino-americana eram apresentadas pelo *Chicago Tribune* como as principais soluções para esse impasse. O envolvimento de oficiais da U. S. Navy nos esforços da Exposição Universal — que causa certa estranheza aos olhos da diplomacia atual — não era uma decisão inusitada ou anômala nos Estados Unidos daquela época.

A partir das primeiras décadas do século XIX, a Marinha de Guerra norte-americana passou a desempenhar um papel central na proteção do comércio internacional e dos interesses geopolíticos da nação.¹⁸ O país financiou várias expedições exploratórias da U. S. Navy, que mesclavam objetivos científicos, como o mapeamento das encostas, com interesses políticos e econômicos. Os oficiais da Marinha que alcançavam as altas patentes eram, via de regra, *gentlemen*, homens da elite norte-americana, com uma boa formação educacional, que os colocavam, em muitas oportunidades, como representantes dos Estados Unidos no exterior.¹⁹ Apesar do país ter aberto missões diplomáticas na América Central e do Sul ao longo do século XIX, o *Chicago Tribune* frequentemente apontava que o número de

¹⁸ JUNQUEIRA, Mary. *Velas ao Mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 30-32.

¹⁹ PAULINO, Carla. *A viagem da U. S. Astronomical Expedition (1849-1852): observar estrelas e relatar a América do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP, 2015, p. 27 (mimeo).

funcionários nos consulados era insuficiente e limitado.²⁰ Essa opção pela “diplomacia naval” também pode ser explicada pelo fato da missão exigir que esses oficiais da Marinha viajassem pelo interior dos países, à procura de produtos “exóticos” e “reliquias” históricas — atividade-fim muito distante da burocracia consular.²¹

Ainda que os oficiais da Marinha entrevistados pelo *Chicago Tribune* se limitassem a respostas curtas e inespecíficas, o jornal conseguiu, alguns dias depois — e com a ajuda do Congressista George Davis — esclarecer quais seriam algumas das instruções de James Blaine:

Os oficiais da Marinha que foram designados como comissários especiais para levar os convites do Governo dos Estados Unidos para as outras Repúblicas Americanas e às colônias das Índias Ocidentais, para que essas participem da Exposição Columbina, receberam suas cartas credenciais e ordens do Departamento de Estado e iniciaram suas missões finalmente. (...)

Suas instruções são detalhadas, e caso sejam realizadas com êxito farão com que o Departamento Latino-Americano se torne uma das principais atrações da Exposição. Suas primeiras tarefas serão explicar profundamente às autoridades responsáveis o plano e os objetivos da Exposição, assegurar que comissários [locais] sejam indicados e obter o consentimento dos vários governos [das Américas] para a construção de pavilhões nacionais, em separado, que abriguem suas exposições; é desejável que tais prédios representem as *formas peculiares da arquitetura* das Repúblicas Americanas. (...)

Eles se disponibilizarão a conversar com diretores de museus, jardins botânicos, sociedades científicas e colecionadores privados com o objetivo de obter as coleções que esses [agentes] estarão dispostos a oferecer, e persuadirão o governo [local] a ajudar na elaboração de

²⁰ “Trade with Latin America”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 7 de maio de 1891, p. 7; “No tariff on courtesy”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 10 de janeiro de 1891, p. 8; “Another specimen of Democratic economy”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 10 de janeiro de 1891, p. 4.

²¹ Em outubro de 1891, o *Tribune* noticiou que o Departamento de Estado decidiu *enfim* utilizar seus embaixadores e cônsules, dentro de suas atividades diplomáticas, na divulgação da Exposição de Chicago. Os funcionários das embaixadas foram orientados a enviarem materiais sobre o evento produzidos pelo Departamento de Propaganda e Promoção para as redações de jornais locais. “Work of the State Department”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de outubro de 1891, p. 8.

coleções adicionais de história, etnologia e arqueologia. Esses comissários [especiais] não apenas representaram o Departamento de Estado como também o Smithsonian Institution, o Departamento de Agricultura, o Museu Nacional, o Museu da Medicina e a Comissão de Pesca, além de outros ramos do Governo [dos Estados Unidos], e tem instruções detalhadas de cada um deles.²²

Segundo o jornal, os oficiais da Marinha, que estiveram reunidos com James Blaine, foram todos orientados sobre como deveriam ser os pavilhões e estandes latino-americanos na Exposição. Constava nas diretrizes passadas pelo Secretário de Estado que esses países deveriam trazer: produtos agrícolas naturais, espécimes de fauna e flora típicos, medicamentos naturais utilizados pela população local, apresentações sobre os povos indígenas nativos, objetos históricos, procurando erguer, dentro de suas possibilidades financeiras, prédios próprios com suas arquiteturas “peculiares” no Jackson Park.

Ainda de acordo com o *Chicago Tribune*, os oficiais da Marinha deveriam levar os convites do governo norte-americano aos chefes de Estado dos diferentes países. Uma comissão local era então formada, reunindo personagens ilustres da sociedade, como políticos, militares, literatos, empresários e cientistas. Após a criação desse comitê nacional, o evento era

²² “The navy officers who have been detailed as special Commissioners to carry the invitation from the Government of the United States to the other American Republics and West India colonies to participate in the Columbian Exposition have received their letters of credence and instructions from the Department of State and will start their mission at once. (...) Their instructions are comprehensive, and if carried out will make the Latin-American department one of the greatest features of the Exposition. Their first duties will be to explain fully to the proper officials the plan and scope of the Exposition, to secure the appointments of Commissioners from several countries and the consent of several Governments for the erection of separate national buildings to contain their exhibits, it being desired that such buildings shall represent the peculiar forms of architecture of the Americans Republics. (...) They will place themselves in communication with the directors of museums, botanical gardens, scientific societies and private collectors for the purpose of obtaining such collections as they may be willing to furnish, and secure the assistance of the Government in making additional historical, ethnological, and archaeological collections. These commissioners not only represent the Department of State but the Smithsonian Institution, the Agricultural Department, the National Museum, the Medical Museum, the Fisheries Commission, and other branches of the Government also, and have detailed instructions of each”. “Departing on their missions”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 19 de janeiro de 1891, p. 5.

divulgado por meio de comunicados oficiais do governo e pela imprensa do país. Os empresários interessados em montar exposições e levar seus produtos para Chicago se reuniam com os comissários locais e com os oficiais da Marinha norte-americana para apresentarem suas propostas. A comissão local designada para lidar com os assuntos da Exposição também era responsável por reunir espécimes de animais taxidermizados e plantas “exóticas”, além de montar coleções de obras de artes, reunir acervos históricos e elaborar estandes com as mais diversas temáticas. Os comitês nacionais também negociavam com os parlamentos os fundos destinados ao evento. Nos meses anteriores à Exposição, esses comissários viajaram, junto com os materiais selecionados, aos Estados Unidos. O transporte de navio a vapor foi subsidiado pelos norte-americanos, como uma forma de incentivar a participação dos países da América Latina.

Além dessas determinações, é possível supor que James Blaine também tenha solicitado aos seus homens que promovessem os tratados de reciprocidade e obtivessem informações comerciais e geopolíticas estratégicas sobre a região. Não era atípico as missões da U. S. Navy terem objetivos secundários, para além daqueles apontados oficialmente.²³ O *Chicago Tribune*, por exemplo, reproduziu um excerto de um dos relatórios de Willard Tisdell, oficial responsável por coordenar as exposições da Colômbia. Ele reportou uma conversa que teve com um comerciante no Peru sobre importação de trigo — e, portanto, fora de sua missão original:

“Eu estou surpreso em descobrir que apenas os norte-americanos ficam no caminho de grandes e constantes encomendas de trigo para este mercado [peruano]. (...) O proprietário [de moinho] Milne me garantiu que tentou obter as tarifas [de transporte] de companhias de navio a vapor, que o permitiria comprar trigo dos Estados Unidos, mas [conseguir essas informações] era impossível. (...) Esse é um

²³ JUNQUEIRA, Mary, op. cit., 2015, p. 15; PAULINO, Carla, op. cit., 2015, p. 13-15.

assunto que merece a atenção daqueles que desejam plantar, vender ou transportar trigo”.²⁴

Tisdell informou que o comércio entre os Estados Unidos e o Peru era prejudicado pelas companhias de transporte norte-americanas, incapazes de estimarem e oferecerem informações sobre os valores de frete. O trecho selecionado pelo *Chicago Tribune* chamava a atenção de agricultores e comerciantes de trigo do Oeste dos Estados Unidos sobre um mercado potencial para o produto e advertia as companhias de navio a vapor sobre a necessidade de manter uma boa comunicação com importadores latino-americanos. Como veremos mais à frente, os relatórios dos homens da Marinha enviados por James Blaine à América Latina, assim como aqueles produzidos por etnógrafos sob os auspícios de Frederick Putnam, serviram de base para muitas das reportagens trazidas pelo *Chicago Tribune* sobre a região. Dessa forma, o *Tribune* ia se consolidando como um dos promotores da presença dos países latino-americanos na Exposição Universal.

4.1.4 O jornalista William Curtis e o Departamento Latino-Americano

Além de negociar a participação dos países das Américas Central e do Sul em pavilhões nacionais e assistir o trabalho de etnógrafos, os oficiais da Marinha dos Estados Unidos se comprometeram, como mencionado, a levantar o acervo para um pavilhão sobre a América Latina — a primeira exibição conjunta da região em uma feira mundial. Essa exibição, em especial, estava

²⁴ “— *I am surprised to find that only Americans stand in the way of large and constant sales of wheat in this market. (...) Proprietor Milne assured me that he had tried to get rate from the steamship companies, which would enable him to buy wheat in the United States, but that it was impossible. (...) This is a matter well worth the attention of those interested in growing, selling, and shipping wheat (...). [World's Fair Commissioner Tisdell]*”. “American wheat wanted in Peru”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 19 de agosto de 1892, p. 12.

conectada intimamente ao projeto pan-americanista de James Blaine, que apontou William Curtis como responsável por coordenar os trabalhos do Departamento Latino-Americano na Exposição de Chicago.

Imagem 17 – Retrato de William Curtis.²⁵

William Curtis foi o principal agente colaborador de James Blaine em seu projeto pan-americanista. Antes de ocupar cargos públicos, ele trabalhou na imprensa de Chicago, tornando-se chefe da redação do diário *Inter-Ocean*.²⁶ Sua atividade no jornal republicano lhe rendeu um convite de trabalho nas Comissões de Comércio (*Trade Comissions*) dos Estados Unidos, ainda no governo de Chester Arthur (1881-1885). Entre 1884 e 1885, Curtis viajou para países da América Latina em busca de novos mercados para os Estados Unidos. Seu interesse nos países latino-americanos, que o alçou a condição de um “especialista” sobre a região, fez com que ele fosse contratado pelo Departamento de Estado durante a segunda gestão de James Blaine (1889-1892). Foi por indicação do Secretário que Curtis se tornou o primeiro diretor

²⁵ Imagem do livro: BANCROFT, Hubert. *The Book of the Fair: An Historical and Descriptive Presentation of the World's Science, Art, and Industry, as Viewed Through the Columbian Exposition at Chicago in 1893*. Chicago: The Bancroft Co., 1893, p. 646.

²⁶ Sobre William Curtis, ver: COATES, Benjamin. “The Pan-american lobbyist: William Eleroy Curtis and U.S. Empire, 1884-1899”. *Diplomatic History*, nº 38, 2004, p. 22-48.

do *Bureau of American Republics*, órgão, como vimos no segundo capítulo, criado durante a Primeira Conferência Pan-Americana, cuja principal atribuição era a produção de relatórios anuais com informações gerais sobre a América Latina e sobre as possibilidades comerciais nos mercados desses países. Se James Blaine era o arquiteto do Pan-americanismo, William Curtis era seu principal construtor.²⁷

Em fevereiro de 1891, poucos dias após a partida dos oficiais da U. S. Navy para a América Latina, o Senado norte-americano propôs uma reorganização dos recursos federais destinados à Exposição Universal. Foi discutida, na ocasião, a possibilidade de extinguir o Departamento Latino-Americano da Exposição de Chicago, buscando uma redução de gastos. Essa proposta foi desabonada pelo Departamento de Estado. Simultaneamente, o *Chicago Tribune* também se levantou contra, em uma reportagem com a sugestiva manchete: “Não é um negócio nacional. Senadores dão um golpe na Exposição Columbina”.

O Senado endossou as recomendações do Comitê de Apropriações sobre a Exposição de Chicago. Foi praticamente unânime em dizer que as pessoas de Chicago não sabiam quais eram seus próprios interesses. (...) A discussão que antecipou a aprovação das emendas foi demasiadamente uníssona para ser [considerada] acalorada. Uma breve recapitulação dará aos habitantes de Chicago uma ideia do sentimento que prevaleceu no Senado: A primeira proposta era a de suprimir a apropriação de 50 mil dólares de verba federal para o Departamento Latino-Americano. Ela foi explicada pelo Líder [do Comitê de Apropriações do Senado William Boyd] Alisson como uma medida particular (...); não teria significado qualquer hostilidade aos desejos do Departamento de Estado.²⁸

²⁷ Com o esgotamento da política pan-americanista, o jornalista/político decidiu empreender uma nova viagem pelo continente americano, produzindo um relato de viagem intitulado “*Between the Andes and the Ocean*”. Esse material, com mais de 400 páginas, ainda não foi objeto de pesquisas no Brasil. Ver: CURTIS, William. *Between the Andes and the Ocean. An account of an interesting journey down the West Coast of South America from the Isthmus of Panama to the Straits of Magellan*. Chicago: Hebert S. Stone and Company, 1900.

²⁸ “*The Senate today has set the seal of its approval on the course of the Appropriation Committee in regard to the World’s Fair. It was practically unanimous in saying that the*

A princípio, o Departamento Latino-Americano custaria 50 mil dólares aos cofres públicos, enquanto uma soma de 350 mil dólares seria destinada ao restante das exposições nacionais. A proposta de cortar o Departamento de William Curtis da Exposição Columbina foi interpretada pelo *Chicago Tribune* como uma ingerência do Senado, visto que as apropriações de recursos já haviam sido discutidas e definidas pelo Comitê Nacional da Exposição, sob a diretoria de George Davis, em meados de 1890. Ainda que os senadores afirmassem que uma possível extinção do *Latin-American Department* não constituía uma retaliação ao Departamento de Estado, o *Tribune* enxergou o episódio como uma afronta aos interesses do Pan-americanismo e da cidade de Chicago.

James Blaine fez pressão no Senado para que a decisão fosse revertida e que parte dos fundos das exposições nacionais fosse destinada à Exibição Latino-Americana.²⁹ Com o apoio de Blaine e dos diretores da Exposição, o Departamento de William Curtis foi preservado, recebendo posteriormente uma autorização para gastos na ordem de 100 mil dólares.³⁰

Resolvida a indefinição que pairava sobre o *Latin-American Department*, o *Chicago Tribune* se propôs a explicar, em agosto de 1891, como estava concebido o plano de uma exibição conjunta latino-americana na Exposição Universal:

people of Chicago didn't know what their own best interest were. (...) The discussion leading up to the adoption of the amendments was too one-sided to be spirited. A brief summary of it would give Chicago people an idea of the sentiment which prevailed in the Senate. This first proposition was to strike out the House appropriation of \$50,000 for the Latin-American department. This was explained by Chairman Allison as a specific designation (...); it was not through any hostility to the wishes of the State Department". "Not a national affair. Senators strike a blow at the Columbian Exposition". The Chicago Tribune, Chicago, 25 de fevereiro de 1891, p. 8.

²⁹ BANCROFT, Hubert, op. cit., 1893, p. 655.

³⁰ Apesar do acréscimo de fundos destinados à promoção e a exibição de países latino-americanos, William Curtis decidiu utilizar apenas uma parte desse montante. HANDY, Moses. *Official directory of the World's Columbian Exposition – A Reference Book*. Chicago: Publishers to the World's Columbian Exposition, 1893, p. 165.

O propósito do Departamento Latino-Americano da Exposição Universal é apresentar uma série de lições práticas sobre uma das épocas mais interessante da História, que vai de 1492 até 1520. Isso incluirá o seguinte:

Primeiro: A vida de Colombo (...) Abarcando todas as relíquias que puderem ser obtidas sobre Cristóvão Colombo, que hoje estão em coleções públicas ou privadas na Europa e no continente americano.

Segundo: A história do Descobrimento (...) [Essa seção] incluirá um panorama de cada lugar identificado com as viagens de Colombo e as feições atuais das paragens por ele visitadas, por meio de fotografias ampliadas.

Terceiro: Como o [feito do] Descobrimento ficou conhecido. [Englobará] uma coleção de livros originais ou reimpressões a respeito do Novo Mundo (...).

Quarto: As condições do continente americano na época do Descobrimento, mostradas por coleções arqueológicas e etnológicas. (...)

Quinto: Como o continente foi batizado, a origem da palavra “América”, e como ela passou a designá-lo.³¹

Segundo o *Chicago Tribune*, o objetivo da mostra latino-americana era reconstituir os primeiros anos do continente “descoberto” por Colombo, através de “relíquias” da época das Grandes Navegações, objetos do navegador genovês e coleções arqueológicas e etnológicas de povos indígenas, que viviam no Caribe à época do “Descobrimento”. Para reunir os materiais necessários, o Departamento dependia extensivamente da cooperação das nações americanas. William Curtis também solicitou a ajuda da Igreja Católica dos países da

³¹ “The purpose of the Latin-American Department of the World’s Fair is to present by a series of object lessons that most interesting epoch in history, from 1492 to 1520. This will include the following: First — The life of Columbus (...) It will include all relics of Columbus that exist in private and public collections in Europe and America, so far as they can be obtained. (...) Second — The history of discovery (...) This will include a large picture of every place identified with the voyages of Columbus, and photographed, on an enlarged scale, of the present appearance of every place touched by him. (...) Third — How the discovery became know. A collection of originals or reprints of books concerning the New World (...). Fourth — The conditions of America at the time of the discovery, shown by genuine archaeological and ethnological collections (...) Fifth — How the continent was christened, the origin of the word “America”, and how it became attached to the continent”. “Latin-American Department plan”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 8 de agosto de 1891, p. 12.

América Latina, Espanha e Itália para procurar registros históricos e “reliquias” do “Descobrimento”. De acordo com o *Chicago Tribune*,

A pedido do Departamento Latino-Americano da Exposição Universal Columbina, o Cardeal Gibbons dirigiu-se aos oficiais responsáveis por diversas ordens religiosas da Igreja Católica Romana, tanto na Europa quanto na América, para que seus arquivos sejam examinados na busca de registros históricos sobre o Descobrimento e a colonização no Novo Mundo. O quarto centenário da [chegada de] Colombo reacendeu o interesse sobre o início da história do continente e o Cardeal Gibbons tem encaminhado seu trabalho com bastante zelo.³²

O *Tribune* defendeu abertamente a utilização de recursos para a Exibição da América Latina, ainda que essa fosse predominantemente histórica. O repúdio a gastos na obtenção de acervos etnológicos, presente na dissensão entre Joseph Medill e Frederick Putnam, também não foi exteriorizado em matérias sobre essa mostra. Pelo contrário, o jornal enxergava como positiva a iniciativa de Curtis, exaltando a boa vontade dos latino-americanos e os aspectos de cooperação imprescindíveis para o sucesso do empreendimento. Como se pode perceber, o envolvimento do *Chicago Tribune* com o projeto de fazer as *Três Américas* estarem representadas na Feira Mundial era intenso e incansável, traduzindo-se em diversas reportagens sobre os esforços dos Estados Unidos e as negociações com os países latino-americanos para o evento. Os interesses do jornal estavam alinhados com o projeto do governo e dos organizadores da Exposição de Chicago.

William Curtis também foi responsável por organizar as exposições e escolher a área no Jackson Park, onde seriam construídos os prédios dos países

³² “At the request of the Latin-American Bureau of the World’s Columbian Exposition Cardinal Gibbons has directed the proper officers of several religions orders of the Roman Catholic Church, both in Europe and America, to cause their archives to be searched for historical records bearing upon the discovery and settlement of the New World. (...) The quadri-centennial of Columbus revived interest in the early history of the continent and Cardinal Gibbons has undertaken the work with great zeal”. “Hunting historical records”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de agosto de 1891, p. 7.

da América Central e do Sul.³³ Não por acaso, os pavilhões dessas nações ficaram dentro da White City, em um lugar privilegiado — aos arredores de um lago — e muito próximo do pavilhão norte-americano. Por sua vez, a mostra histórica sobre a América Latina, alojada em uma réplica em tamanho real do Mosteiro de La Rabida, onde Colombo teria se preparado antes de partir para sua viagem, ficou ao lado da Exibição Etnológica de Frederick Putnam.

4.1.5 As negociações para as exposições latino-americanas no *Chicago Tribune*

Entre 1891 e 1892, o *Chicago Tribune* divulgou, enalteceu e acompanhou a viagem dos oficiais da Marinha e dos etnógrafos pelo continente americano, valendo-se de relatórios enviados ao Departamento de Estado e à organização da Exposição Universal. Com frequência, o impresso reproduzia integralmente ou parcialmente vários dos textos ou falas desses personagens, com o objetivo de conferir veracidade à matéria jornalística, além de legitimar informações e discursos sobre a América Latina. As reportagens trazidas pelo *Chicago Tribune*, sobre a região durante esses anos, eram resultado, portanto, de dois filtros distintos: o primeiro, as impressões dos oficiais da U. S. Navy e dos cientistas; e o segundo, os recortes e seleções elaborados pelo próprio jornal. Ainda que seja importante localizar o ponto de origem desses depoimentos, a preocupação aqui é entender de que forma o periódico se apropriou desses relatos.

³³ Segundo o *Chicago Tribune*, Curtis acumulava o cargo de Chefe de Construção do Escritório de Daniel Burnham, como vimos, o arquiteto responsável pelo canteiro de obras e prédios do evento. “Sites for the South America”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 29 de dezembro de 1891, p. 8.

As primeiras notícias positivas sobre a adesão de países latino-americanos à Exposição Universal vieram da Colômbia, já em março de 1891. O *Tribune* informava, a partir de notas do Departamento de Estado, que o Presidente da Colômbia havia recebido o convite para participar do evento e já havia designado um responsável para organizar localmente o pavilhão nacional. Ainda no mesmo artigo, o *Chicago Tribune* reproduziu uma matéria que teria sido publicada em um impresso colombiano:

“A Exposição em Chicago é um assunto essencialmente americano e republicano. As nações da Europa, por um motivo ou por outro, irão mostrar uma certa indiferença para essa Exibição; todavia, é justamente por isso que as pessoas da América deveriam sentir a necessidade de fazer um grande esforço para se apresentarem da maneira mais digna, provando assim para ao Velho Mundo o quanto esse Novo avançou no caminho em direção à civilização. Por outro lado, as considerações políticas também nos colocam sob a forte obrigação de responder ao chamado do Presidente dos Estados Unidos. O governo daquela república tem dado, dia após dia, as provas mais eloquentes e convincentes de seu interesse em cimentar as relações com as outras repúblicas do continente”.³⁴

Muito embora o excerto acima não pertencesse ao *Tribune*, a sua escolha pelos editores indica que ele expressava as opiniões do jornal. Entre as várias reportagens escritas na América Latina sobre a Exposição Universal, o impresso de Chicago selecionou e deu voz justamente àquela que identificava o empreendimento como endereçado a todo continente americano e clamava aos países das Américas que atendessem ao chamado dos Estados Unidos, escorando-se em uma retórica de cooperação e exaltação do Pan-americanismo.

³⁴ “*The Exposition at Chicago is an essentially American and republic affair. The nations of Europe, for one motive or another, will show towards this Exhibition a certain indifference; but for this reason the people of America should feel the necessity of making a great effort to show themselves in the most dignified manner, thus proving to the Old World how much the New has advanced in the road towards civilization. Political consideration also, on the other hand, place us under the strongest obligations to respond to the call of the President of the United States. The Government of that Republic has given the most convincing and eloquent proofs of its interest in cementing from day to day its relations with the other republics of this Continent*”. “Colombia deeply interested”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 21 de março de 1891, p. 9.

Esse artifício típico da atividade jornalística, de sugerir e direcionar determinadas ideias, através de depoimentos e olhares de outrem, é desvelado quando compreendemos que nenhuma citação é feita ao acaso; há, quase sempre, um interesse por detrás. No caso acima, o *Tribune* se apropriou de um texto latino-americano para reiterar suas ideias pan-americanistas na Exposição Universal.

Poucos meses depois dessa matéria, o diário de Chicago voltou a informar os avanços nas negociações com o governo colombiano, dessa vez por meio de um relatório do oficial da U. S. Navy Willard Tisdell:

“Eu estou satisfeito em informar que a minha viagem para Bogotá foi um sucesso completo, e que a Colômbia agiu como suas *repúblicas irmãs*, prometendo uma exibição que repercutirá em grande reconhecimento ao país. O pavilhão da Colômbia será construído conforme o Capitólio da nação, em Bogotá. (...) O interior [do prédio] será preenchido com produtos do país — café, cacau, borracha, marfim, nozes, cera, gomas e fibras, etc. — e a mostra sobre minérios será a mais rica apresentada nos Estados Unidos. (...) Outras exposições serão montadas por agentes particulares, a principal delas e provavelmente a mais valiosa e interessante tratará das recentes descobertas de antiguidades (...). Curiosamente e delicadamente feitos à mão, esses objetos são o trabalho de um povo que viveu há séculos atrás, mas cuja história é desconhecida pelo mundo. Essas relíquias foram descobertas enterradas, profundamente no solo, em cofres ou túmulos, que supostamente serviram de local para o sepultamento de um rei ou cacique.”³⁵

³⁵ “I am gratified to inform you that my trip to Bogota has resulted in complete success, and that Colombia falls into line with her sister republics, promising an exhibit which will reflect great credit upon the country. The Columbian building will be modeled after the nation capitol at Bogota. (...) The interior will be filled with the products of the country — coffee, cocoa, rubber, ivory, nuts, wax, gums, fibers, etc. — while the mineral exhibits will be the richest ever shown in the United States. (...) Other exhibits by private parties will be made, the principal of which and probably the most valuable and interesting will be the recently discovered antiquities (...) Those objects are all curiously and delicately handwrought the work of a people who lived ages ago, but whose history is lost to the world. These antiquities were discovered buried in vaults or tombs, deep in the ground, supposed to have been burial place of a king or cacique”. “Colombia unique exhibition”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de maio de 1891, p. 5.

A Colômbia confirmava suas intenções em cooperar com os Estados Unidos nos esforços para a Exposição Universal. Aos olhos do oficial da Marinha, o país faria uma bela exibição em Chicago, montando um pavilhão repleto com os mais variados produtos naturais e agrícolas. A Colômbia ainda auxiliaria os trabalhos do Departamento de Frederick Putnam, cedendo uma coleção de antiguidades recém-descobertas. As descrições das “reliquias” dos povos pré-colombianos ocuparam o maior espaço na reportagem do *Tribune*, e foram envolvidas em uma aura de misticismo e curiosidade. Entretanto, os lugares estavam bem demarcados: o país latino-americano apresentava os produtos agrícolas e os Estados Unidos, o que havia de mais moderno em termos técnicos e industriais.

As tratativas com os governos e expositores da América Latina continuaram a ser noticiadas nas páginas do *Chicago Tribune* no restante do primeiro semestre de 1891. Em agosto, o diário informou que “todos os países latino-americanos, com exceção da Bolívia e do Paraguai, aceitaram o convite para participar da Exposição”. A matéria ainda elencava algumas dessas nações e suas respectivas provisões orçamentárias destinadas ao empreendimento:

W. E. Curtis, que está no comando do Departamento Latino-Americano, reportou ontem à Comissão de Controle as seguintes apropriações de capital destinadas à Exposição feita por esses países até a presente data: México, 750 mil dólares; Costa Rica, 50 mil dólares; Guatemala, 120 mil dólares; Equador, 100 mil dólares; Colômbia, 100 mil dólares; Chile, 100 mil dólares; Peru, 25 mil dólares; Brasil, 350 mil dólares; Jamaica, 20 mil dólares; Honduras Britânicas, 10 mil dólares; Cuba, 25 mil dólares; totalizando 1,65 milhões de dólares.³⁶

³⁶ “All of Latin-American countries, with the exception of Bolivia and Paraguay, have accepted the invitation to participate in the Exposition. (...) W. E. Curtis, who is in charge of the Latin-American Department, reported the Board of Control yesterday the following appropriations of money for representation at the Exposition which have been made by these countries up to date: Mexico, \$750,000; Costa Rica, \$50,000; Guatemala, \$120,000; Ecuador, \$100,000; Colombia, \$100,000; Chile, \$100,000; Peru, \$25,000; Brazil, \$350,000; Jamaica, \$20,000; British Honduras, \$10,000; Cuba, \$25,000; making a total of

Os números informados por William Curtis aos organizadores da Exposição Universal eram meramente estimativas, sendo que algumas delas não se confirmariam. Os valores, em todo o caso, são impressionantes. A apropriação de verba para a exibição mexicana, por exemplo, superaria o montante inicialmente destinado ao pavilhão nacional norte-americano, orçado em torno de 350 mil dólares.

Segundo a historiadora Sandra Pesavento, a vontade dos países latino-americanos de atender às exposições universais pode ser explicada por uma ambição das elites em participarem da grande celebração das “nações modernas”, desfazendo a imagem do “exotismo tropical do atraso”. O fato de a Exposição ser sediada nos Estados Unidos tornou este desejo ainda mais exequível, pois era de lá que vinha o “exemplo bem sucedido de que era possível realizar a aventura da modernidade, do desenvolvimento industrial, da sociedade burguesa e do governo democrático em terras americanas”.³⁷

Esse parece ter sido o caso do México. No início de 1892, o *Tribune* cobriu uma das reuniões travadas entre William Curtis, os comissários mexicanos e o ditador Porfírio Díaz para a negociação das exposições do país em Chicago:

Os comissários do comitê das exposições mexicanas realizaram uma reunião ontem com W. E. Curtis, comissário das exposições americanas. O principal assunto em discussão foi se as exposições mexicanas deveriam estar concentradas em um único pavilhão, ou divididas e alocadas em prédios separados, sujeitas às classificações regulares [Exibições Gerais]. Sr. Curtis expressou o desejo de erguer no espaço da Exposição uma habitação antiga Azteca, mas essa proposta foi rejeitada pelo Presidente Díaz, sob a alegação de que o desejo do seu país é mostrar o *México de hoje e do futuro*, e não seu

\$1,625,000”. “Appropriations of Latin-American countries”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de agosto de 1891, p. 6.

³⁷ PESAVENTO, Sandra. *Exposições Universais: Espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 16-17.

passado pré-histórico.³⁸ Suas próprias palavras foram: “Eu preferia mostrar o *progreso do México* do que as ruínas desse país”.³⁹

Em outras palavras, o México queria não apenas mostrar o seu passado pré-colombiano, mas sua inserção no mundo moderno. O jornal noticiou que os mexicanos optaram por embasar suas exposições no progresso industrial do país, participando também das Exposições Gerais nos prédios de Manufaturas, de Maquinarias e de Transportes.⁴⁰ O México, à época, era comandado por Porfírio Díaz, responsável por um plano de modernização, sobretudo econômico, cuja estratégia era atrair capital estrangeiro e fomentar o desenvolvimento da nação através da construção de ferrovias, por exemplo.⁴¹

Em julho de 1892, o *Chicago Tribune* transcreveu um relatório de um comerciante do Kentucky, que possuía negócios e residência no México. O depoimento também tratava das exposições daquele país e era endereçado a William Curtis:

“Apesar do México não ter contribuído com tanto capital como alguns outros países e, na verdade, não tanto o quanto o povo dos

³⁸ “The Mexican Fair committee Commission held a conference yesterday with W. E. Curtis, the American World’s Fair Commissioner. The principal subject under discussion was whether the Mexican exhibits should be displayed as a whole in one building or whether they should be divided and placed in separate buildings, under the regular classifications. Mr. Curtis expressed a desire for the erection on the fair grounds an ancient Aztec dwelling but to this proposition President Diaz objected, saying that he wishes the country to show the Mexico of today and the future and not the prehistoric past”. “Is still considering reciprocity”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de fevereiro de 1892, p. 2.

³⁹ Uma semana depois, o jornal reproduziu o mesmo conteúdo da reportagem, acrescentando apenas o breve depoimento do presidente Porfírio Díaz. “His own words are: ‘I would rather show the progress of Mexico than the ruins of the country’”. “Wants to show Progress”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 27 de fevereiro de 1892, p. 12.

⁴⁰ Isso não significa que os expositores mexicanos não levaram seus produtos primários a Chicago; o país apenas procurou diversificar suas exposições. TENÓRIO, Mauricio. *Mexico at the world’s fairs: crafting a modern nation*. Berkeley: University of California Press, 1996, p. 34 e 35.

⁴¹ No entender do historiador François Xavier-Guerra, o governo ditatorial de Díaz foi responsável — para além da repressão pela qual é mais comumente lembrado — por criar uma rede de pactos e concessões com as elites tradicionais, que viabilizaram a modernização econômica do México. GUERRA, François Xavier. *México: del antiguo régimen a la Revolución*. tomo I. 1ª ed. México: Fondo de cultura económica, 1988.

Estados Unidos desejava que a *república irmã* disponibilizasse, a exibição será de grande interesse. O povo mexicano, assim como de outros países latino-americanos, mira excelentes resultados com a Exposição Universal no próximo ano. Até agora o problema tem sido que as pessoas de diferentes nações não conhecem o que os demais têm a oferecer e a comercializar. Elas enviam o que têm de produção interna para Europa e, em troca, lá também fazem suas compras. Elas descobrirão, ao final da Exposição, que as mesmas mercadorias podem ser adquiridas a preços mais acessíveis, e pagando menos frete, com os vizinhos da porta ao lado”.⁴²

No excerto acima, mais uma vez o *Chicago Tribune* se valeu da fala de outrem para exaltar as possibilidades mercantis que o evento traria ao comércio hemisférico. Novamente vemos empregado o termo “repúblicas irmãs”, uma das representações mais trabalhada pelo impresso durante os preparativos do evento. A expressão “*sister republics*” já aparecia grafada no jornal antes de 1889 para descrever as relações entre os Estados Unidos e a França. Com o início da política do Pan-americanismo de James Blaine, entretanto, o termo ganhou nova conotação, passando a identificar as repúblicas do continente americano.

Durante as celebrações dos quatrocentos anos do “Descobrimento”, em outubro de 1892, o *Tribune* cobriu a solenidade em Chicago, que abriu simbolicamente os trabalhos da Exposição Universal, ainda que o evento só entrasse em funcionamento no ano seguinte. Os jornalistas do periódico publicaram alguns dos discursos realizados por autoridades ali presentes, dentre

⁴² “While Mexico has not contributed as much money as some other countries, and, in fact, not as much as the people of the United States thought should have been given by the sister republic, the exhibition will be an interesting one. The people of Mexico, as well as of other Latin-American countries, look for great results from the World’s Fair next year. The trouble has been heretofore that the people of the various countries have not known what the people of the neighboring countries have had to sell and barter. They have been sending what goods they have to dispose of to Europe, and making their purchases there in return. They will find, after the World’s Fair is ended, that they can get the same goods cheaper, and by paying less freight, from next-door neighbors”. “For freer commerce”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 3 de julho de 1892, p. 8.

eles, o proferido pelo vice-presidente dos Estados Unidos Levi Morton (1889-1893):

“Esses santuários [prédios da Exposição] são dignos para registrar as conquistas das duas Américas e para emparelhá-las, lado a lado, em termos de arte e das indústrias, com o Velho Mundo, a fim de que nós possamos ser estimulados e encorajados a novos empreendimentos. Colombo não está acorrentado, nem suas ideias em grilhões. Eu o vejo, como naquele grande quadro do Capitólio [dos Estados Unidos]⁴³, com figuras ajoelhadas a sua volta, simbolizando não mais a reverência de seus seguidores, mas a homenagem da humanidade, com um semblante nobre e postura ereta, encorajando esses filhos do Novo Mundo para conquistas mais elevadas e especulações mais ousadas”.⁴⁴

É interessante notar na fala de Morton como a ideia da Exposição das “Três Américas” geográficas foi substituída, aos poucos, por “duas Américas”, os Estados Unidos e a América Latina. Ao mesmo tempo em que o continente era dividido e matizado, Colombo e o “Descobrimento” eram evocados para aproximar essas duas realidades. O navegador genovês era apresentado como uma figura paterna inspiradora para as “crianças do Novo Mundo”, que no restante do testemunho de Morton surgem novamente sob a alcunha de “repúblicas irmãs”.⁴⁵

⁴³ O quadro no Capitólio era a obra “*Landing of Columbus*” (1846) de John Vanderlyn. Segundo Thomas Schlereth, essa pintura foi reproduzida em diversas biografias sobre Colombo escritas no século XIX, sendo uma das mais importantes imagens ligadas ao imaginário do “Descobrimento”. Durante a Exposição Universal, o governo norte-americano emitiu selos postais comemorativos com a mesma imagem. SCHLERETH, Thomas. “Columbia, Columbus and Columbianism”. *The Journal of American History*, v. 79, n. 3, 1992, p. 947-948.

⁴⁴ “*These are worthy shrines to record the achievements of the two Americas and to place them side by side with the arts and industries of the elder world, to the end that we may be stimulated and encouraged to new endeavors. Columbus is not in chains nor are Columbian ideas in fetters. I see him, as in the great picture under the dome of the capitol, with kneeling figures about him, betokening no longer the contribution of his followers but the homage of mankind, with erect form and lofty mien animating these children of a new world to higher facts and bolder theories*”. “Accepts the gift”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 22 de outubro de 1892, p. 10.

⁴⁵ “(...) *Limited time for preparation does not permit me to speak authoritatively of the progress and proud position of our sister republics and of the Dominion of Canada to*

Ao longo de 1891 e 1892, o *Chicago Tribune* ainda trouxe muitas reportagens sobre as incursões de cientistas pelo continente americano, em suas buscas por “reliquias” e materiais dos povos pré-colombianos. O jornal, por exemplo, assim descreveu a viagem desses homens ao Peru:

George A. Dorsey, que está trabalhando sob a supervisão do Professor Putnam para o Museu de Chicago, está fazendo um trabalho excelente. Ele reuniu uma grande *coleção de curiosidades*. (...) O capitão Harris descobriu uma relíquia de bronze perto de Trujillo, que comprova conclusivamente que os *índios incas realizavam sacrifícios humanos*.⁴⁶

George Amos Dorsey, a quem o jornal fez referência, foi um importante etnógrafo norte-americano, com trabalhos relevantes, à época, sobre tribos indígenas da região dos Grandes Lagos. Dorsey trabalhou no embrionário “Museu de Chicago” que, ao final da Exposição, receberia o nome de Field Museum, em homenagem ao seu principal patrocinador, o empresário de lojas de departamento da cidade, Marshall Field. A maior parte do acervo desse museu de História Natural foi adquirida por meio da Exposição de Chicago, através de doações dos países expositores ou apropriados por *relic hunters* enviados à América Latina e Europa.⁴⁷ Outro importante nome que trabalhou

demonstrate the moral and material fruits of the great discovery. Concerning ourselves, the statistics are familiar and constitute a marvel”. Ibidem, p. 10.

⁴⁶ “George A. Dorsey, who is working under Prof. Putnam in Peru in the interest of the Chicago Museum, is doing an excellent work. He has gotten together a large collection of curiosities. Capt. Harris has just discovered a bronze relic near Trujillo, which conclusively establishes a proof that the Incas Indians offered up human sacrifices”. “Are interest in the fair”. *The Chicago Tribune*. Chicago, 25 de abr. de 1892, p. 10.

⁴⁷ Esse museu ainda hoje conta com um grande acervo sobre os Incas e os Aztecas — um dos maiores fora da América Latina. Porfirio Díaz, apesar de não ter demonstrado interesse em financiar mostras históricas, autorizou a presença de etnógrafos e etnólogos no México e permitiu o *extravio* de muitos materiais pré-colombianos para os Estados Unidos. Ele teria dito que, “estaria disposto a enviar para Chicago qualquer material que estivesse em posse de seus museus”. “He says he is willing to send to Chicago whatever there may be in their museums, but will spend no money to make collections”. “Wants to show Progress”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 27 de fevereiro de 1892, p. 12.

sob os auspícios de Frederick Putnam foi o antropólogo Franz Boas, que coordenou as buscas de “reliquias” sobre os povos maias e incas na Europa.⁴⁸

O *Chicago Tribune* cedia espaço em suas páginas para longas e detalhadas descrições sobre o material recolhido na América Latina, que frequentemente poderiam ser remetidas às seções de curiosidades. Novamente sobre os trabalhos nos países andinos, o jornal escreveu:

O Tenente da Marinha Safford, Comissário Especial no Peru para a Exposição Universal, assegurou para o Departamento Latino-Americano da Exposição cinco exemplares de vestimentas cerimoniais dos índios Jivaros e Sáparas. Foi relatado que um dos trajes dos Jivaros, de beleza exuberante e contrastes adoráveis de cores, supera qualquer indumentária de tribos selvagens já descobertas. [Esse vestuário] consiste de: uma saia feita de penas, que também adornam as coroas das cabeças e as orelhas; um ornamento singular para as costas forjado a partir de ossos de pássaros, dentes de macacos e asas de besouros metálicos; braceletes e enfeites para as pernas formados por faixas reticuladas de sementes pretas, dentes de tigres e macacos; e três longas cadeias de lindas asas de besouros suspensas na parte de trás de um cocar. (...) O adereço mais interessante, contudo, é uma cabeça humana dissecada ostentada no pescoço como um troféu, que ilustra a espantosa habilidade dos índios em contrair o crânio e reduzir as dimensões da cabeça, preservando as formas dos ouvidos, nariz e lábios (...). O Tenente Safford também desenterrou, de um cemitério aborígene em Ancón, dezessete múmias e diversos exemplares de cerâmicas, fusos para a fiação e [outros] utensílios para tecelagem.⁴⁹

⁴⁸ A Exposição de Chicago é apontada por historiadores como fundamental para alicerçar a Antropologia como campo de estudo relevante dentro dos Estados Unidos. Segundo o historiador Robert Rydell, muitos professores universitários levaram seus alunos para Chicago para que eles pudessem estudar e conhecer de perto os povos ameríndios. RYDELL, Robert. *All the World's Fair: Visions of Empire at American International Expositions, 1876-1916*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984, p. 56-57.

⁴⁹ No excerto, o *Chicago Tribune* descreveu o ritual *tsansa*, onde os inimigos capturados pelos índios Jivaros eram decapitados e suas cabeças, reduzidas ao tamanho de uma mão. No original: “Lieut. W. E. Safford, U.S.N., Special Commissioner of the World's Fair to Peru and Bolivia, has secured for the Latin-American Department of the Exposition five examples of the ceremonial dresses of the Jiberos and Zaparros Indians. One of the Jibero's costumes is reported to surpass any of the dresses of savage tribes yet discovered in gorgeous beauty and lovely contrasts of colors. It consists of a feather-skirt, a beautiful crown of feathers, with feather ear ornaments and a singular back ornament of polished bird bones, monkey's teeth, and metallic beetles' wings, with armlets and leg ornaments formed of reticuled bands

As numerosas e repetitivas reportagens do *Chicago Tribune* sobre as expedições pelo continente americano em busca de artefatos indígenas e pré-colombianos acabavam pronunciadamente associando a “outra América” aos seus índios, ao mundo “primitivo”. Veremos que esse destaque dado pelo impresso aos elementos indígenas da região também se fará presente nos meses da Exposição Universal.

4.1.6 O *Chicago Tribune* sobre o caso Baltimore e a participação do Chile na Exposição de Chicago

Em outubro de 1891, o *Chicago Tribune* e a imprensa norte-americana voltaram suas atenções para o Chile. O país estava, pela primeira vez, envolvido em uma grande crise diplomática com os Estados Unidos. O imbróglio tomou forma quando dois marinheiros da U. S. Navy foram mortos e outros 18 ficaram feridos em um confronto com um grupo de chilenos, nos arredores do porto de Valparaíso. À época, o Chile estava imerso em um clima de tensão, resquício do fim da Guerra Civil de 1891, que opôs os simpatizantes do presidente José Manuel Balmaceda e os rebeldes alinhados ao Congresso Nacional chileno.

Durante esse conflito interno, os Estados Unidos decidiram apoiar as forças de Balmaceda, enviando navios de guerra para impedir que suprimentos e armas chegassem aos insurgentes. Os rebeldes, no entanto, saíram vencedores do embate, e o presidente chileno aliado aos norte-americanos cometeu

of black seeds and monkeys' teeth, a necklace of tigers' teeth, and three long strings of beautiful beetles' wings suspended at back of the headdress. (...) The most interesting ornament of all, however, is a desiccated human head worn suspended as a trophy from the neck, which illustrates the wonderful skill of the Indians in contracting the skull and reducing the head in size while preserving the form of the ears, nose and lips (...). Lieut. Safford has also unearthed in an aboriginal cemetery at Ancon seventeen mummies and many specimens of pottery, spindles, and weaving utensils". "Gorgeous dress of savage tribes". The Chicago Tribune, Chicago, 28 de julho de 1891, p. 5.

suicídio. O Embaixador dos Estados Unidos em Santiago, Patrick Egan, decidiu então oferecer asilo aos apoiadores de Balmaceda. Essa atitude foi percebida como uma afronta à soberania do Chile e os vitoriosos insurgentes demandaram que os homens sob proteção da embaixada norte-americana fossem entregues às autoridades chilenas. James Blaine, Patrick Egan e o novo governo do Chile não encontraram uma solução pacífica para o impasse entre os dois países e as docas de Valparaíso, onde muitos marinheiros norte-americanos permaneceram após o término da Guerra Civil, tornaram-se verdadeiros barris de pólvora. O incidente ficou conhecido nos Estados Unidos como caso Baltimore, em referência ao navio USS Baltimore, no qual os dois marinheiros norte-americanos assassinados estavam alistados. As animosidades entre as duas nações se mantiveram até o final de janeiro de 1892, quando o governo chileno aceitou pagar uma indenização de 75 mil dólares aos norte-americanos.⁵⁰

Na virada de 1891 para 1892, boa parte da imprensa norte-americana defendeu que uma guerra contra o Chile seria a resposta adequada dos Estados Unidos ao caso Baltimore. O *Chicago Tribune* chegou a ponderar, em uma série de editoriais, que um conflito armado com os chilenos prejudicaria a política pan-americanista de James Blaine e a participação de outras nações da América Latina na Exposição Universal. O jornal deu voz aos diretores do evento em Chicago:

Enquanto os rumores sobre uma guerra correm rápido em todas as direções, autoridades da Exposição Universal concederam ontem um espaço ao Chile para a construção de um prédio. Os oficiais da Exposição falaram o seguinte a respeito do assunto mais importante: “(...) Nós não deveríamos entrar em guerra com o Chile. O grande propósito da missão dos Estados Unidos é manter a paz. Não haveria

⁵⁰ Segundo o *Chicago Tribune*, James Blaine se posicionou contrariamente a um conflito armado e à aplicação de indenizações por parte do Chile. O presidente Benjamin Harrison, por sua vez, acreditava que além de se desculpar oficialmente, o governo chileno deveria arcar com as devidas reparações. “Blaine, Harrison and Chile”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 23 de janeiro de 1892, p. 9.

nenhuma glória em açoitar o Chile (...). Uma guerra com o Chile não acrescentará nada no interesse das repúblicas da América do Sul na Exposição. Não obstante, prejudicaria, ainda que pouco, o caráter das exposições desses países (...). Os Estados Unidos cairiam em descrédito se batessem no Chile. Nós não queremos brigar com uma *república irmã*, e a ideia desse grande governo lutar contra um país comparativamente insignificante parece imprudente, ainda mais se conflito puder ser honrosamente evitado. (...) Eu não consigo ver muita glória sendo conquistada com uma guerra com o Chile. Se uma criança vendedora de jornais insulta um cavalheiro com nomes feios, ele não para o que está fazendo para travar uma luta com o garoto. Parece-me que está abaixo da nossa dignidade guerrear com o Chile”.⁵¹

O *Tribune* foi contrário a uma declaração de guerra, compartilhando do sentimento dos organizadores da Exposição de que o aprofundamento da crise com o Chile só prejudicaria as negociações com os exibidores dos demais países do continente. Um embate armado contra os chilenos era visto como imoral, já que, na percepção dos Diretores da Exposição e do jornal, não era possível ignorar o enorme desequilíbrio de poder entre os dois países; o Chile, nessa leitura, não passava de um país insignificante. A ideia de que os chilenos não reconheciam o seu lugar subalterno em relação aos Estados Unidos, por serem um povo orgulhoso, também foi trabalhada pelo *Tribune* em outras ocasiões.⁵²

⁵¹ “While the war rumors were flying thick and fast in every direction yesterday the World’s Fair officials granted Chile space for a special building at the Exposition. The fair officials, speaking of the uppermost topic, said: (...) We should not have war with Chile. The great object of the mission of the United States is to keep peace. There would be no glory in whipping Chile (...) A war with Chile will add nothing to the interest of the South America republics in the Exposition. At the same time it would detract but little from the character of the displays from those countries. (...) There would be small credit to the United States in case it should whip Chile. We do not want to quarrel with a sister republic, and the idea of this great government fighting a comparatively insignificant country seems ill advised if the conflict can be honorably avoided. (...) I cannot see much glory to be gained from a war with Chile. If a newsboy calls a gentleman hard names he does not stop to have a fight with the boy. It looks to me beneath our dignity to fight Chile”. “What World’s Fair officials say”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 26 de janeiro de 1892, p. 3.

⁵² Nas edições de novembro e dezembro de 1891, o *Chicago Tribune* reuniu trechos de opiniões de jornais norte-americanos sobre o caso Baltimore em artigos que levaram o mesmo título de “Chile presunçoso” (“Bumptious Chile”). Essas miscelâneas de editoriais

Além do Chile, é possível supor que o periódico e os organizadores consideravam outras nações da América Latina igualmente insignificantes. O empenho e o esforço empregados para que todos os latino-americanos estivessem representados em Chicago estava mais relacionado à intenção de demarcar o lugar dos Estados Unidos no hemisfério, e em um mundo dividido por interesses europeus, do que propriamente na crença de que a América Latina também poderia ocupar um espaço na grande festa da modernidade.

Em sua defesa pela manutenção da paz entre os países, tencionando os interesses do Pan-americanismo e da Exposição Universal, o *Chicago Tribune* lançou mão de editorias que procuravam aproximar as duas *repúblicas irmãs* do continente:

O Coronel Nelson, que foi Embaixador dos Estados Unidos no Chile durante a Administração Lincoln, fez algumas observações que são de particular interesse nesse momento, já que a relação com a nossa *república irmã* parece estar estremecida. Ele diz que o Chile foi o nosso amigo mais fiel e constante durante a Guerra da Rebelião [Guerra de Secessão]. A população [chilena] acompanhou os desdobramentos dos acontecimentos e em nenhum momento perdeu

informam que a imagem do Chile como uma criança arrogante circulou por vários jornais do país nesse período: “[Minneapolis Tribune]: Não há glória em esmagar uma nação que é um trigésimo do nosso tamanho. [Portland Oregon]: Os Estados Unidos é muito forte e o Chile, muito fraco. [Philadelphia Inquirer]: Nós não queremos guerrear. Somos uma grande nação (...) Se nós escolhermos esse caminho [entrar em uma guerra], nós simplesmente poderíamos eliminar o Chile da face da Terra. [Indianapolis Journal]: Em alguns aspectos, seria algo positivo se o presente incidente terminasse com a gente dando uma boa e audível lição no Chile. Extirparia um pouco de sua presunção e ensinaria a outros países que não é seguro presumir muito sobre a magnanimidade e boa natureza do Tio Sam. [Washington Post]: Se o Chile for inteligente, remendará a parte de trás de sua calça antes de fazer mais caretas para o Tio Sam”. “[Minneapolis Tribune]: *There is no glory in squelching a nation only a thirtieth of our size. [Portland Oregon]: The United States is strong and Chile is too weak. [Philadelphia Inquirer]: We do not want to fight. We are a big nation (...) If we choose to do so we could simply wipe off Chile off the face of the earth. [Indianapolis Journal]: In some respects it would be a good thing if the present incident should end in our giving Chile a good, sound trashing. It would take a little of the bounce and self-conceit out of it, and would teach other countries that is not safe to presume too much on Uncle Sam’s magnanimity and good nature. [Washington Post]: If Chile is wise she will upholster the seat of her trousers before making any more faces at Uncle Sam*”. “Bumptious Chile”. The Chicago Tribune, Chicago, 4 de novembro de 1891; “Bumptious Chile”. The Chicago Tribune, Chicago, 27 de dezembro de 1891.

sua fé de que nós [da União] triunfaríamos. (...) À meia-noite, quando as notícias da rendição de Lee chegaram a Santiago, o respeitável Presidente do Chile foi para a rua principal e atestou sua alegria com uma salva entusiasmada de “vivas”. Um feriado público foi declarado no dia seguinte, a cidade foi decorada com bandeiras e uma procissão de civis e de tropas militares desfilou pelas principais ruas.⁵³

No excerto acima, o *Chicago Tribune* representou o Chile como uma nação irmã, aliada à causa da União na Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865). A imagem de que chilenos teriam ido às ruas comemorar o término do conflito norte-americano servia ao propósito de desencorajar as vozes que pediam que o governo dos Estados Unidos adotasse retaliações drásticas.

No mesmo dia, o *Chicago Tribune* entrevistou William Curtis, que garantiu que o Chile estaria na Exposição de Chicago, mesmo com a crise diplomática, acrescentando que: “os chilenos são considerados o povo mais empreendedor e envolvido com o progresso da América do Sul, e se orgulham de serem os *yankees* daquele continente”.⁵⁴ O *Tribune* atuou como pacificador do conflito, acomodando dissensões, nos moldes do Pan-americanismo, defendendo aproximações e soluções negociadas.

A participação chilena na Exposição Universal foi, no entanto, em grande medida afetada pelo caso Baltimore. Em fevereiro de 1892, o *Tribune*

⁵³ “Col. Nelson, who was United States Minister to Chile during Mr. Lincoln’s Administration, made some remarks which are of peculiar interest just now when our relations with our South American sister republic seem somewhat strained. Col. Nelson says Chile was our most consistent and steadfast friend during the War of The Rebellion. Her people watched closely the course of events and never for a moment wavered in their faith in our ultimate triumph. (...) When at midnight the news of the surrender of Lee reached Santiago the venerable President of Chile appeared upon the main street and testified his joy by enthusiastic “vivas”. A public holiday was proclaimed next day, the city was decked with flags, and a procession of troops and civic societies paraded through the principal streets”. “Chile’s Friendliness During the Rebellion”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 29 de dezembro de 1891, p. 7.

⁵⁴ “The Chileans are regarded as the most enterprising and progressive people of South America and, Mr. Curtis says, pride themselves on being the Yankees of that continent”. “Sites for the South Americans”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 29 de dezembro de 1891, p. 8.

noticiou com consternação que o país havia perdido o interesse em comparecer a Chicago.⁵⁵ O jornal, no entanto, nutria esperanças de que o Congresso chileno pudesse rever seu posicionamento, influenciado pela larga adesão e participação de outras nações latino-americanas.⁵⁶ Isso não aconteceu e o Chile levou apenas uma acanhada exibição de minérios para os Estados Unidos em 1893.

4.2 A América Latina chega em Chicago (1893)

Após acompanharmos a mobilização e o trânsito de agentes norte-americanos na América Latina para os trabalhos preparativos da Exposição Universal, veremos agora qual foi o lugar destinado a esses países no evento e como essas exposições foram recebidas pelo *Tribune*. Ainda que a maior parte dos países da América Latina estivesse representados, o jornal dedicou mais espaço a alguns deles: México, Brasil, Venezuela e Argentina.⁵⁷

A América Latina se fez representar em Chicago com prédios nacionais próprios, uma exibição regional alocada no Mosteiro de La Rabida e estandes montados nas Exibições Gerais, como a de Agricultura. Na Exibição Geral Etnológica, em especial, esses países contribuíram para a elaboração de uma ampla mostra sobre os povos indígenas do continente americano.

⁵⁵ “Chile’s attitude towards the World’s Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 24 de fevereiro de 1892, p. 5.

⁵⁶ “Chile pleads a lack of funds”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 4 de março de 1892, p. 8.

⁵⁷ Apenas El Salvador e República Dominicana, que passavam por crises políticas internas, não montaram nenhum estande no Jackson Park. Esses países contribuíram apenas com o envio de materiais pontuais que ajudaram a compor as Exibições Gerais, como, por exemplo, a de Agricultura, Etnologia, Minérios sem serem classificados, porém, como parte uma exibição nacional.

4.2.1 Imagens de fraternidade e amizade: a cobertura do *Chicago Tribune* sobre as exposições nacionais dos países latino-americanos

Em janeiro de 1893, o jornal descreveu e comentou os ajustes finais e últimos preparativos nos pavilhões nacionais da Guatemala, Costa Rica, Brasil e Haiti, antes da abertura dos portões do Jackson Park. Essa matéria já oferecia indícios sobre o tom que seria adotado pelo *Tribune* para tratar desses países ao longo da Exposição de Chicago:

O prédio da Guatemala, quando terminado e aberto, certamente provará ser uma atração de primeira-classe. A edificação, uma residência guatemalteca da melhor estirpe, é por si própria admirável. (...) O andar inferior é um tesouro para a arte da taxidermia e engloba uma exibição completa sobre a fauna da Guatemala, incluindo seus pássaros. (...) O principal carro-chefe da exposição da Guatemala é, na verdade, uma mostra sobre café. O país gastou cerca de 200 mil dólares para participar da Exposição e provar que o café do país é infinitamente superior àquele encontrado no Brasil, que hoje monopoliza os mercados norte-americanos. (...) O prédio costa-riquenho, na ponta Norte, e a poucas jardas do prédio guatemalteco, trará praticamente as mesmas atrações. A exibição sobre a fauna da Costa Rica é magnífica.⁵⁸

As exposições da Guatemala e da Costa Rica seguiram à risca as recomendações que James Blaine repassou aos oficiais da Marinha, sobre como as nações latino-americanas deveriam estar representadas na Exposição Universal. O *Tribune* exaltou o montante gasto pelo governo e por exibidores privados guatemaltecos na construção de um pavilhão próprio. Além de

⁵⁸ “*The Guatemala Building, when finished and opened, will certainly prove a first-class attraction. The building itself, which is a typical Guatemalan residence of the better class, is well worth looking at. (...) The lower story is a treasury of the taxidermist’s art and contains a complete exhibit of the fauna of Guatemala, including birds (...) The real object of the Guatemalan display, however, is its coffee exhibit. The country has spent \$200,000 to attend the Exposition and prove that its coffees are infinitely superior to those of Brazil, which now monopolize the American market. (...) The Costa Rica building, at the head of North Pond, and only a few yards from the Guatemalan building, will have almost the same attractions. The exhibition of the Costa Rica fauna is magnificent*”. “Finishing the foreign buildings”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 1 de janeiro de 1893, p. 9.

Guatemala e Costa Rica, Brasil, Venezuela, Colômbia e Haiti optaram por erguer prédios na White City, que remetiam à arquitetura típica das casas e palacetes de seus países. Esses exibidores, em especial, estavam interessados em dar destaque e montar grandes mostras de seus produtos primários principais, como o café, o cacau e o açúcar, em uma atitude mais proativa para conquistar possíveis mercados consumidores nos Estados Unidos.⁵⁹

Imagem 18 - Ilustração do prédio guatemalteco na Exposição de Chicago, no Chicago Tribune do dia 30 de abril de 1893 (p. 33). O Chicago Tribune, apesar de não publicar fotografias em suas páginas, já que a técnica de reprodução das fotografias nos jornais ainda não havia sido plenamente desenvolvida, contava com o apoio do material fotográfico produzido pela organização do evento para produzir suas próprias litografias. É interessante notar como essa gravura remetia a uma ideia de natureza, com a representação de palmeiras ao fundo do prédio.

Na reportagem acima, o impresso ainda destacou a rica coleção de espécimes taxidermizados da fauna desses países, fazendo uma longa descrição sobre o quetzal, um pássaro típico das zonas tropicais da América Central. Essa

⁵⁹ A Guatemala fez uma rica exibição sobre seus diferentes *blends* de café, além de apresentar o agave e as bebidas derivadas da planta ao público norte-americano. A Costa Rica levou as madeiras e os produtos de sua floresta tropical, café e bananas para Chicago. A Colômbia, por sua vez, ergueu um pequeno prédio no Jackson Park para tentar encontrar novos mercados consumidores para os cafeeiros de Bogotá. Os grãos de café também foram os carros-chefes em outros dois pavilhões nacionais: o do Brasil e o da Venezuela. Os venezuelanos também levaram minérios, como o petróleo, quando esse ainda nem era comercializado pelo país. O Haiti montou um prédio dedicado à produção de açúcar, café e à extração de mogno. BANCROFT, Hubert, op. cit., 1893, p. 912-920.

ênfase na exuberância da natureza, quase sempre ligada à chave do mundo primitivo ou do exotismo, pode facilmente ser encontrada em outras reportagens do *Tribune* sobre as exposições latino-americanas. A riqueza natural dessas nações ocupava um lugar central nas representações do jornal sobre a América Latina. Era como se o periódico identificasse aquele espaço com os produtos agrícolas naturais e as curiosidades das florestas tropicais, localizando a economia latino-americana apenas como primário-exportadora.

De modo geral, o jornal tratou das exposições da América Latina de forma amistosa e respeitosa, expressando as características que considerava mais ilustrativas e significativas de cada país. O pavilhão do Haiti foi a única exceção. Comandado pelo ex-escravo norte-americano, atuante abolicionista, Frederick Douglass, o prédio haitiano era um dos únicos espaços no qual era possível encontrar negros na White City. No mesmo artigo em que o *Chicago Tribune* se referiu aos expositores guatemaltecos de maneira cortês, assim descreveu os haitianos:

O próximo pavilhão estrangeiro a ser inaugurado, se os relatórios tiverem alguma credibilidade, será o do Haiti. O Comissário [responsável] é Frederick Douglass e o assistente, um tal de Sr. Preston. O prédio está terminado há um bom tempo, e os estojos contendo as coleções das exposições estão espalhados pelo chão, talvez por semanas. Mas não parece haver energia suficiente para que alguém se livre dessas caixas. O Sr. Preston nada de bom tem a dizer sobre o Haiti, ou sua exibição. Os jardins na frente do prédio estão em condição negligenciada e imunda.⁶⁰

Os comissários do Haiti foram representados pelo *Tribune* como preguiçosos e desleixados. Nada de bom foi dito sobre a exposição do país;

⁶⁰ “The next foreign building to be opened, if reports may be believed, will be that of Hayti. The Commissioner is Frederick Douglass and the assistant a Mr. Preston. The building was finished long ago, and the cases containing the exhibits have been lying around on the floor for perhaps weeks. But there does not seem to be energy enough to get lids off the boxes. Mr. Preston said that the building would be opened in a few days. He did not seem to have a single good word to say for Hayti or its exhibit. The grounds in front of the building are in neglected and dirty condition”. “Finishing the foreign buildings”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 1 de janeiro de 1893, p. 9.

pelo contrário, o jornal relatou que os jardins em frente ao pavilhão se encontravam em péssimo estado. Enquanto o diário fazia vistas grossas ao atraso no canteiro de obras do “belíssimo prédio brasileiro”, a inauguração do prédio haitiano era recebida com desconfiança. A drástica diferença de entonação do jornal ao lidar com o Haiti revela um olhar racializado sobre a América Latina, como se os negros não pudessem ocupar o mesmo espaço destinado às nações “civilizadas”. Frederick Douglass, apesar de fazer parte do Partido Republicano e defender o Pan-americanismo, foi um personagem intensamente criticado nas páginas do *Chicago Tribune*.⁶¹ Isso certamente colaborou para que o jornal expressasse uma visão desabonadora sobre a exibição haitiana. O diário possivelmente acreditava que o Haiti — majoritariamente negro e responsável pela rebelião escrava que tornou o país independente em 1804 — não merecia estar representado na Exposição, ainda mais dentro da White City.

Em junho de 1893, as exposições mexicanas foram abertas ao público, um mês após a inauguração da Exposição de Chicago. O México, apesar de não ter construído um pavilhão próprio, montou mostras para quase todos os departamentos do evento. O *Chicago Tribune* participou da cerimônia de abertura, escrevendo suas impressões sobre as instalações mexicanas no prédio de Agricultura e no salão de Maquinarias:

A exibição mexicana do Salão de Maquinarias foi aberta à visitação do público ontem à tarde. (...) Embora pequena, em alguns aspectos,

⁶¹ As percepções do *Tribune* sobre o pavilhão do Haiti foram diretamente influenciadas pelas discussões sobre o lugar dos negros na sociedade norte-americana. O impresso chegou a escrever que: “Um dos principais defeitos encontrados no Sr. Douglass é que ele parece se considerar um representante da raça negra, ao invés dos Estados Unidos. É justamente essa fraqueza do embaixador [do Haiti], porém, que constitui sua força em cargos públicos, visto que os negros já reclamaram de estarem sendo negligenciados pelo Presidente Harrison na distribuição de cargos”. “*One of the chiefs faults found with Mr. Douglass is that he seems to have considered himself a representative of the negro race rather than of the United States. It is this very weakness of the Minister, however, that constitutes his officeholding strength, for the negroes have already complained of being neglected by President Harrison in distribution of offices*”. “Our colored diplomat in Hayti”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 6 de junho de 1891, p. 13.

ela atesta que o México está fazendo um rápido progresso na fabricação e aperfeiçoamento de máquinas modernas.⁶²

A exibição mexicana no Prédio da Agricultura foi aberta ao público ontem. É uma extensa, variada e interessante coleção de produtos da *república irmã* dos Estados Unidos (...) A mostra é uma das maiores no Departamento de Agricultura e revela como o país ao sul é produtivo em muitos itens que não podem ser plantados em outros lugares do mundo.⁶³

O *Chicago Tribune* reconhecia o esforço do México em construir um estande no edifício de Maquinarias, como um indício do progresso do país sob o comando de Porfírio Díaz, mas fazia uma ressalva quanto ao tamanho dessa exibição. Por sua vez, os itens agrícolas expostos no prédio de Agricultura, ganharam mais espaço nas páginas do *Tribune*, com uma detalhada descrição dos produtos e elogios diversos. Por mais que o México tivesse se proposto a apresentar as feições industriais e modernas do país, a imagem que prevaleceu, ao menos no *Chicago Tribune*, foi a de um país agrário, rico em recursos naturais, que ainda engatinhava em um processo de industrialização.

Em julho de 1893, o pavilhão brasileiro foi inaugurado no Jackson Park. Sobre a exibição brasileira, o *Tribune* escreveu:

O pavilhão brasileiro está localizado ao leste do Prédio de Illinois, sendo que apenas a lagoa os separa, e seria a mais cara e imponente das exibições estrangeiras, não fosse a Alemanha. É construído de madeira, aço e estacas, a arquitetura se inspira no renascimento francês. As fachadas e o estilóbato do domo são enriquecidos por figuras indígenas esculpidas, em alusão a República do Brasil. O efeito geral é grandioso e palaciano (...) O piso inferior, dedicado à

⁶² “The Mexican exhibit in Machinery Hall was opened to public inspection yesterday afternoon. (...) Although small in some respects it is an excellent display, and shows that Mexico is making rapid progress in the manufacture of modern improved machinery”. “Mexico machinery is started”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de junho de 1893, p. 1.

⁶³ “The Mexican exhibit in Agricultural Building was opened to the public yesterday. It is an extensive, varied, and interesting collection of the products of America’s sister republic. (...) The exhibit is one of the largest in the Department of Agriculture and shows that the country to the south is productive of many articles not raised in any other part of the inhabited globe”. “Mexico opens an exhibit”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 13 de junho de 1893, p. 2.

exposição de café, é amplo e o piso superior, destinado às artes plásticas e ao entretenimento, é bastante esplêndido.⁶⁴

A arquitetura do prédio nacional do Brasil foi apreciada pelo *Tribune*, destacando que as estátuas de índios, que ornavam a fachada da construção, eram os elementos identificadores do palacete brasileiro. Novamente vemos uma associação entre os países latino-americanos e os seus povos indígenas, ainda que nos Estados Unidos também existissem muitos grupos nativos. A matéria prosseguia:

A exibição de café no primeiro andar é considerada a mais bonita e extensa já realizada no mundo. Isso se deve ao fato do Brasil produzir três quartos de toda a produção mundial de café, metade da colheita cresce apenas em um estado, São Paulo. Todo grão que é vendido nos Estados Unidos (...) tem origem no Brasil. Era necessário, portanto, que uma grande mostra fosse montada, sendo essa voluntariamente realizada pelo Centro da Lavoura e Comércio do Rio de Janeiro e pela Companhia Central Paulista, uma firma brasileira com filiais em Nova York e Chicago. Nessa exposição notável de café, há mais de 2.000 exemplares [de mudas da planta] de diferentes tipos e de diferentes campos. (...) Os brasileiros polidamente insistem que as pessoas deste país [Estados Unidos] não sabem como torrar o grão ou preparar a bebida. Eles estão ansiosos, no entanto, para transmitir o segredo, para promover o comércio e, mesmo se nada der certo, esse pavilhão será uma aula a céu aberto.⁶⁵

⁶⁴ “*The Brazilian Building is located just east of the Illinois Building, with the lagoon between them, and is the most expensive and imposing of all the foreign buildings except from Germany. It is built of wood, steel, and staff, and its architecture is French renaissance. (...) The façades and the stylobate of the dome are enriched with sculptured Indian figures, in illustrative of the Republic of Brazil. The general effect is grandiose and palatial. (...) The lower floor, devoted to the coffee exhibit, is grand, and the upper floor, devoted to the fine arts and to entertainment, is fairly splendid*”. “Brazil’s House open”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 20 de julho 1893, p. 2.

⁶⁵ “*(...) The coffee exhibit on the first floor of the building is said to be the most beautiful and extensive ever made in any part of the world. The propriety of this arises from the fact that Brazil produces four-fifths of all the coffee that is grown in the world, one-half of its crop being grown in the single State of San Paulo. Every grain of what is sold in the United States (...) is grown in Brazil. It was necessary, therefore, that a great display should be made, and it was willingly undertake by the Centro da Lavoura e Comercio of Rio de Janeiro and the Companhia Central Paulista, a Brazilian firm with branches in New York and Chicago. In this remarkable coffee exhibit, there are more than 2,000 samples of different grades and from different fields. (...) The Brazilians politely insist that the people of this country do not understand either how to roast the berry or to prepare the liquor. They are*

O café brasileiro era apresentado pelo *Tribune* como o produto característico do país, algo que estava bastante alinhado aos interesses das elites cafeicultoras de São Paulo e do Rio de Janeiro, ansiosas por encontrarem potenciais novos compradores. O jornal destaca ainda a importância dos Estados Unidos como mercado consumidor e o papel central da bolsa de mercados futuros de Chicago para a comercialização da *commodity* no exterior.

Nessa mesma reportagem, que também tratou do “dia do Brasil” na Exposição de Chicago, o jornal deu voz a um dos comissários do país:

“A exibição brasileira é, em primeiro lugar, uma demonstração dos sentimentos amigáveis e da simpatia cordial que os Estados Unidos do Brasil, a mais jovem das Repúblicas americanas, nutrem pela sua irmã mais velha, a maior das nações americanas, e celebra o orgulho e a glória do mundo descoberto por Colombo. (...) Se você se lembrar que o Brasil é a mais jovem nação, sua independência aconteceu em 1822, enquanto a dos Estados Unidos data do glorioso quatro de julho de 1776; e considerando que o Brasil, em termos de riqueza territorial, é a segunda nação na América, eu penso que nós temos todas as razões para estarmos confiantes sobre o futuro do nosso amado país, tendo como modelo a maior das nações — os Estados Unidos”.⁶⁶

Essa apropriação de falas positivas a respeito dos Estados Unidos, feitas por comissários estrangeiros, também foi um recurso retórico bastante empregado pelo jornal, durante a Exposição de Chicago. O *Tribune*, novamente legitimado pela opinião de um latino-americano, reproduzia um discurso pan-americanista, pautado pela influência e hegemonia dos Estados Unidos no

anxious, however, to impart the secret, to promote trade, if nothing else, and this pavilion will be the scene of their object lesson”. Ibidem, p. 2.

⁶⁶ “*The Brazilian exhibition is then in the first place a demonstration of the friendly feelings and heartfull sympathy of the government and people of United States of Brazil, the youngest of American republics, to her elder sister, the grandest of American nations, the pride and glory of the world discovered by Columbus. (...) If you will remember that Brazil is not only the youngest nation, its independence dating from 1822, while that of United States from the glorious Fourth of July, 1776; and considering that Brazil in territory richness is the second nation in America I hope you will think that we have every reason to be confident of the future of our beloved country, taking as model the grandest nation — the United States*”. Ibidem, p. 2.

restante do continente. Os Estados Unidos eram apresentados como modelo para os latino-americanos. A fala do comissário brasileiro no dia da inauguração corrobora a ideia de que muitos latino-americanos autorizaram e participaram da construção de determinadas representações sobre os seus próprios países.

Imagem 19 - Ilustração do prédio brasileiro na Exposição de Chicago, no *Chicago Tribune* do dia 20 de julho de 1893 (p. 2).

No mesmo mês de julho de 1893, uma matéria especial sobre a Argentina apareceu no *Chicago Tribune*, em observância ao dia do país na Exposição de Chicago. A Argentina, assim como o México, optou por espalhar suas exposições em diversos prédios, evitando gastos com a construção de um pavilhão nacional. O *Tribune* assim manifestou sua opinião sobre os materiais reunidos nas mostras e apresentações argentinas:

O dia da Independência da Argentina. Sucede que 9 de julho é o dia da independência desse país, que é celebrado todos os anos, tal qual os norte-americanos patriotas observam o “Quatro Glorioso” [quatro de julho]. (...) O principal acontecimento do programa do país foi a abertura ao público de várias exposições argentinas [espalhadas] nos Prédios de Agricultura, Silvicultura, Manufaturas e Mineração. Elas já foram descritas pelo *Tribune*, mas merecem ser plenamente apreciadas. Elas mostram que, desde que se tornou independente, o

país progrediu em todas as atividades de negócio e a arte é incentivada pelo governo por meio de prêmios.⁶⁷

No excerto acima, o *Tribune* fez uma associação entre o 9 de julho argentino e o 4 de julho norte-americano, respectivos dias de celebração das independências desses países.⁶⁸ O jornal também elogiou o progresso argentino e a diversificação das exposições apresentadas, com destaque para a coleção de artes. O artigo assim prosseguiu:

Em conexão com esse evento a breve história trazida [pela reportagem] não deixa de ser interessante, especialmente tendo em vista que pouco é sabido sobre a Argentina neste país. Os feitos de San Martín desferiram um golpe mortal no poder espanhol na Argentina, Chile e Peru; seu nome, portanto, está ao lado de Washington e Bolívar, os outros dois grandes libertadores americanos. Buenos Aires, a capital da cidade, agora tem uma população de 600 mil habitantes e todo o país, que está sob o regime de um governo liberal e reconhecidamente está prosperando. Com 100 mil cabeças de ovinos vagando pelas colinas e se alimentando em seus vales, a produção de lã é sua principal atividade comercial; embora as exposições mostrem uma diversidade de interesses em manufaturas.⁶⁹

⁶⁷ “Argentina’s Independence Day. Thus it came about that July 9 is independence day in that country, and every year is celebrated just as the patriotic people of the United States celebrate the “Glorious Forth”. (...) The principal event on their program was the throwing open to public inspection the several Argentine exhibits in the Manufactures, Agricultural, Forestry and Mining Buildings. They have already been described in *The Tribune*, but must be seen to be fully appreciated. They show that since it entered upon a career of independence the country has progressed in every branch of industry, and art is encouraged by the government with offers of reward”. “Argentine’s big day”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 10 de julho de 1893, p. 2.

⁶⁸ Além dessa matéria, o *Tribune* publicou outra reportagem no dia da Argentina na Exposição de Chicago, ou que eles chamaram de “4 de julho argentino”. “Today is Argentine’s July 4”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 9 de julho de 1893, p. 12.

⁶⁹ “In connection with this event the brief history given cannot fail to be interesting, especially in the view of the fact that little is known of Argentina in this country. It was the achievements of San Martín that gave the deathblow to Spanish power in Argentina, Chile, and Peru, therefore, his name is ranked with Washington and Bolivar, the other two great American liberators. Buenos Ayres, the capital city, now has a population of 600,000, and the whole country under a liberal government is said to be prospering. With 100,000 head of sheep roaming over its hills and feeding in its valley wool raising is the principal industry; although the exhibits show a diversity of manufacturing interests”. “Argentine’s big day”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 10 de julho de 1893, p. 2.

O jornal descreveu uma Argentina predominantemente pecuária, com alguma diversificação de produção, mas cujo principal produto era a lã. Utilizando o recorrente argumento da “falta de conhecimento” sobre os países latino-americanos, o *Tribune* se propôs a passar uma série de informações sobre a política, a população e a economia argentina, que não estavam relacionadas, a princípio, com as exposições do país.⁷⁰ Em determinado momento, o articulista decidiu retomar a história da independência daquele país, enunciando que San Martín, Simón Bolívar e George Washington seriam os “grandes libertadores americanos”. A mesma imagem foi trabalhada em reportagens sobre a exposição venezuelana, dando destaque para a importância de Simón Bolívar para o processo de independência da região.⁷¹ Todas essas comparações e relações históricas apresentadas em diversas matérias do *Tribune* cumpriam o objetivo de aproximar os Estados Unidos da Argentina e, em último caso, construir uma história comum para o continente, afinal, além de compartilharem o

⁷⁰ Segundo o historiador Ricardo Salvatore, o “vazio de conhecimento” era um dos principais motivos apresentado pelos norte-americanos para legitimar e justificar a produção de textos, representações e as viagens científicas dos Estados Unidos pela América do Sul durante os séculos XIX e início do XX. SALVATORE, Ricardo. “The enterprise of knowledge: Representation machines of informal empire”. In: GILBERT, Joseph, LEGRAND; Catherine; SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the cultural history of U.S.-Latin American Relations*. Durham/London: Duke University Press, 1998, p. 29.

⁷¹ Segundo o *Chicago Tribune*: “Entre as lembranças históricas trazidas pela Venezuela está uma bandeira de Pizarro, a sela e a espada de Simón Bolívar, e uma miniatura de Washington oferecida de presente pelo pai da liberdade norte-americana a sua contraparte da América do Sul, através da intermediação de Lafayette.” A miniatura do presidente norte-americano era na verdade um medalhão, “contendo um retrato de Washington, e inscrições congratulando a Venezuela pela conquista de sua liberdade”. “Among the historical mementoes from Venezuela are the banner of Pizarro, Bolivar’s saddle cloth and sword, and a miniature of Washington presented by the father of North American liberty to his counterpart of South America through the intermediary of Lafayette”. “Art from Venezuela”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 5 de julho de 1893, p. 10; “Then there is the great medallion presented to Venezuela by George Washington, through Lafayette, containing a fine likeness of Washington, and inscriptions congratulating Venezuela on its bravery and the achievement of its liberty”. “Honor their fourth”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 26 de junho de 1893, p. 8.

“Descobrimento”, quase todos os países das Américas haviam passado por processos de independência equivalentes.

4.2.2 Visões do passado: as percepções do *Chicago Tribune* sobre o Mosteiro de La Rabida

Em outubro de 1892, o *Chicago Tribune* noticiou que os trabalhos dos oficiais da Marinha para o Departamento Latino-Americano da Exposição haviam sido concluídos. De acordo com o diário, foi por meio do pavilhão regional organizado por William Curtis que os países americanos que não montaram exposições abrangentes no evento, como o Chile, estavam representados:

Ele [Tenente da U.S. Navy Roger Wells] disse que é, em grande medida, por causa do Departamento Latino-Americano que os países da América do Sul estarão representados na Exposição. (...) “Essa coleção oferece uma história completa do progresso desses países desde o tempo de Colombo até os dias de hoje. Além das imagens, há uma grande exibição etnológica mostrando características tribais dos índios e uma coleção completa de relíquias”.⁷²

A coleção adquirida pelos homens da U. S. Navy tinha um escopo temporal mais amplo do que aquele proposto inicialmente por William Curtis, que compreenderia apenas os 30 anos após a chegada de Colombo às Américas. Para além do “Descobrimento”, a Exposição Latino-Americana também se debruçou sobre o período da Conquista, trazendo “reliquias” e quadros, retratando Hernán Cortés e Francisco Pizarro. A história colonial e as

⁷² “He [Lieut. Wells] says it is due the Latin American Bureau in large measure that South American countries will be represented at Exposition. (...) The collection gives a complete history of the progress in those countries from the time of Columbus to the present day. Besides the pictures there is a large ethnological exhibition showing the tribal characteristics of the Indian and a complete collection of relics”. “From Latin American countries”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 15 de outubro de 1892, p. 2.

independências latino-americanas também foram lembradas, com objetos históricos do período e artigos, que pertenceram a líderes das independências latino-americanas, como Simón Bolívar, Francisco Miranda, Bernardo O'Higgins e José de San Martín. A mostra abarcou ainda o tempo presente, através de fotografias, produtos e recursos naturais da América Latina. Uma pequena seção etnológica também foi hospedada no Mosteiro de La Rabida, em uma tentativa de retratar as características físicas e culturais dos índios latino-americanos. William Curtis foi igualmente responsável por uma das atrações mais populares na Exposição: as réplicas das embarcações Niña, Pinta e Santa Maria, que teriam aportado na América Central em 1492. Para construir as caravelas, que chegaram a Chicago apenas em julho de 1893, ele contou com a ajuda da U. S. Navy e do governo espanhol.⁷³

*Imagem 20 – Fotografia da réplica do Mosteiro de La Rabida, onde a Exibição Latino-Americana foi instalada.*⁷⁴

⁷³ As embarcações foram construídas e dadas de presente pela Espanha e depois guinchadas por navios norte-americanos até a fronteira com o Canadá. De lá, fizeram uma peregrinação pela Costa Leste dos Estados Unidos até chegar às margens do lago Michigan no Jackson Park, onde ficaram atracadas até o final da Exposição. “Our Marine visitors”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 7 de julho de 1893, p. 4.

⁷⁴ Fotografia de C. D. Arnold. republicada no livro: SHEPP, Daniel; SHEPP, James. *Shepp's World's Fair Photographed*. Chicago: Globe Bible Publishing Co., 1893, p. 309.

O *Chicago Tribune* publicou uma extensa reportagem sobre a exposição montada por William Curtis, que ocupou metade de uma página da edição dominical de 29 de janeiro de 1893. Nessa matéria especial, estampada na mesma semana em que o jornal lamentava a morte de James Blaine, o *Tribune* descreveu, em ricos detalhes, os principais objetos que compunham o Mosteiro de La Rabida.⁷⁵ Segundo o periódico:

Essa coleção tem a pretensão de representar a história das colônias e das repúblicas hispano-americanas do Descobrimento da América até os dias presentes, através de uma série de imagens, modelos em miniatura, manuscritos, livros, mapas e outros materiais (...). Na classificação do Departamento Latino-Americano há cinco agrupamentos, sendo o primeiro deles referente ao período do Descobrimento (...). O segundo agrupamento da *Exibição Pan-Americana* ilustra o período da Conquista (...). O terceiro agrupamento apresenta o período colonial (...). O quarto agrupamento diz respeito aos povos do tempo presente, mostrando o homem e sua habitação, por meio de modelos que ilustram as características tribais dos nativos que vão do Rio Grande até o Cabo Horn, dos *Pueblo Peons* no México até os *Canoe Indians* na Terra do Fogo (...).⁷⁶

⁷⁵ James Blaine deixou o cargo de Secretário de Estado em 1892, desejando concorrer novamente à presidência ainda naquele ano. Contudo, seus problemas de saúde se agravaram e, em janeiro de 1893, ele faleceu. A morte do político causou grande comoção na imprensa da época, em especial, no *Chicago Tribune* que dedicou a edição de 28 de janeiro de 1892 a James Blaine, recuperando sua trajetória pessoal e política nas cinco primeiras páginas. Nem mesmo o assassinato do presidente Garfield, uma década antes, recebeu a mesma atenção da morte de James Blaine. No editorial dessa publicação, Joseph Medill escreveu: “James Gillespie Blaine se foi e sua inigualável carreira se encerra com sua morte. (...) É difícil acreditar, porém, que o grande homem de Estado, que participou enormemente da história política do país no último quarto de século, que por muitos anos foi o americano mais proeminente em solo nacional e que alcançou uma difusa fama internacional não está mais presente”. “*James Gillespie Blaine has passed away and his brilliant and almost unexampled career is closed by his death. (...) It is difficult to realize, however, that the great statesman, who has had so large a share in the political history of the country during the last quarter of a century, who for many years has been the most prominent American at home, and who has achieved widespread international fame, is no more*”. “Death of James G. Blaine”. The Chicago Tribune, Chicago, 28 de janeiro de 1893, p. 12.

⁷⁶ “*This collection is intended to represent the history of Spanish-American republics and colonies from the discovery of America to the present day by a series of pictures, models, manuscripts, books, maps and other objects (...). In the classification of the Latin-American department there are five groups, the first being the period of discovery (...). Group second of the Pan-American exhibit illustrates the period of Conquest (...). The third group shows*

Ainda que o pavilhão não levasse oficialmente o nome de “pan-americano”, o *Chicago Tribune* novamente o identificou dessa forma. A exibição que William Curtis planejou, com o aval de James Blaine, era majoritariamente histórica, embora as duas últimas seções dissessem respeito ao tempo presente:

Na última seção desse grupo [quarto agrupamento], recursos e produtos da América do Sul são expostos, abarcando minerais e gemas preciosas, metais úteis, espécimes de folhas e capins utilizadas na alimentação de gado, cavalos e mulas, coleções de samambaias, orquídeas e plantas decorativas, além de espécimes de animais. O quinto agrupamento relaciona-se aos interesses comerciais dos países latino-americanos, com diversos artigos para importação, mostrando uma classe de bens [norte-americanos] que estão mais adaptados aos interesses das pessoas de cada país e região [da América Latina]; os mais populares estilos e estampas para vestidos e outros tecidos para o vestuário, implementos agrícolas, máquinas de toda a espécie que poupam trabalho, medicamentos e produtos químicos, (...) joias, vinhos, itens de perfumaria, instrumentos musicais, roupas impermeáveis, papéis de todos os tipos, móveis e artigos dos mais diversos para decoração de casas (...).⁷⁷

Ao apresentar na matéria, lado a lado, os produtos da América Latina e dos Estados Unidos, que estariam expostos no Mosteiro de La Rabida, o *Chicago Tribune* buscava marcar e evidenciar certa divisão do trabalho e especialização produtiva entre as regiões, ideia muito presente em seus artigos

the colonial period (...). The four group relates to the present people, showing man, and his habitation by models illustrating race and tribal characteristics of natives from the Rio Grande to Cape Horn, from Pueblo Peons of Mexico to the Canoe Indians of Terra Del Fuego (...). “Rich in rare relics”. The Chicago Tribune, Chicago, 29 de janeiro, p. 37.

⁷⁷ “In the final section of this group the resources and products of South America are show, embracing precious minerals and gems, useful metals, specimens of leaves and grasses used as food for cattle, horses, and mules, collections of ferns, orchids, and decorative plants, and specimens of animals. Group 5 relates de commercial interests of the Latin-American countries, with articles of import, showing the class of goods best adapted to the wants of the people in each country and district; The most popular patterns and styles of dress goods and other fabrics for wearing apparel, agricultural implements, labor-saving machinery of all kinds, drugs and chemicals, (...) jewelry, wines, perfumery, musical instruments, waterproof clothing, papers of all kinds, and furniture, and all forms of articles for household decoration (...).” Ibidem, p. 37.

em defesa do Pan-americanismo. Enquanto os Estados Unidos expressavam o desejo em exportar máquinas industriais e bens de consumo, a América Latina estava encarregada de abastecer os mercados norte-americanos com seus produtos primários.

É bastante significativo o aproveitamento do nome “*Latin America*” para designar esse departamento da Exposição, já que, segundo João Feres, a palavra havia sido recentemente traduzida para o inglês e, portanto, era ainda pouco utilizada entre os norte-americanos. De acordo o cientista social, um dos primeiros usos da expressão “*Latin America*” nos Estados Unidos pode ser encontrado em um documento denominado “*Reciprocity Treaties with Latin America*”, assinado pelo então presidente Benjamin Harrison em 1890.⁷⁸ É possível, no entanto, rastrear a palavra “*Latin America*”, em língua inglesa, nos jornais norte-americanos ao menos desde 1878. Em junho daquele ano, o jornal *St. Louis Post-Dispatch* já argumentava que o Oeste havia “acordado” para as possibilidades de comércio entre a região e os países da “*Latin America*”.⁷⁹ Em 1882, o *Chicago Tribune* também começou a utilizar timidamente a expressão com esse mesmo sentido.⁸⁰

A palavra traduzida, ou do espanhol ou do francês, teria, portanto, surgido no interior das discussões sobre a política externa norte-americana, mais especificamente, dentro do contexto do Pan-americanismo. É possível supor que “*Latin America*” tornou-se uma possibilidade, quando a região passou a ser percebida como economicamente vantajosa para os norte-americanos, lembrando que a primeira proposta de James Blaine para aprofundar o comércio entre as Américas, ainda em seu mandato no Senado,

⁷⁸ FERES, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005, p. 52.

⁷⁹ “Commercial Conquest”. *St. Louis Post-Dispatch*, St. Louis, 22 de junho de 1878, p. 1.

⁸⁰ “The Panama Congress Ends in Fizzle”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 31 de janeiro de 1882, p. 8; “The World’s Exposition”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 17 de novembro de 1883, p. 3.

data de 1878. Corroborar essa hipótese o fato do vocábulo ter ganho força na imprensa norte-americana a partir de 1889, ano que marca o início efetivo da política do Pan-americanismo. No final do século XIX, “América Latina” dividiu com “América Hispânica”, “países ao sul do Rio Grande”, “ao sul de nós” e “nações sulistas”, um modo de identificar aquela área geográfica como um bloco único, um mercado econômico indiferenciado, uma zona de extensão do poder norte-americano.⁸¹ É possível supor que a Exposição de Chicago teve um papel fundamental na disseminação do termo e do conceito nos Estados Unidos, já que a “*Latin America*” estava, pela primeira vez, visualmente representada em um mesmo espaço.

4.2.3 A leitura do *Chicago Tribune* sobre a Exibição Etnológica

Em abril de 1893, o material adquirido nas excursões de etnógrafos pelo continente americano começou a ser organizado na Exibição Etnológica. O *Chicago Tribune* noticiou as “negociações” para que um grupo indígena dos Estados Unidos “participasse” da mostra, nomeada pelo antropólogo Frederick Putnam de “Marcha dos aborígenes para a civilização”:

O Professor Putnam e o Dr. [Franz] Boas do Departamento Etnológico e Arqueológico realizaram ontem a primeira de uma série de recepções após a Quaresma nos seus escritórios, no prédio da Administração.⁸² Os visitantes chegaram na parte da manhã. Entre os presentes estavam: O-Wa-Nok, Kua-Nah, To-Cut-Iss, Thomas Deans, Amo-Sellok, George Hunt, David Hunt, Kow-Sta, Yah-Ko-Guah. Outros onze disseram não se importar em ter seus nomes

⁸¹ Conclusão e exemplos parecidos podem ser encontrados no trabalho de DULCI, Tereza. *As conferências pan-americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP, 2008, p. 37-38. (*mimeo*)

⁸² A expressão “*Lenten season*” aparece com frequência nos jornais norte-americanos do final do século XIX para falar a respeito da semana da quaresma, não possuindo necessariamente uma conotação religiosa.

mencionados. (...) Hoje os índios começaram seus trabalhos para montar suas aldeias. Essa será uma das etapas da “Marcha dos Aborígenes para a Civilização”, como o Professor Putnam chama sua mostra etnológica e arqueológica.⁸³

O *Chicago Tribune* fez menção à chegada dos “*Quackuhls*” (*Kwakiutl*, na grafia, em inglês, mais aceita, ou do nativo *Kwakwaka'wakw*) no Jackson Park, que participariam da Exposição como representantes das tribos do Noroeste dos Estados Unidos. Muitos dos índios norte-americanos que estiveram presentes em Chicago, e que foram, de modo desumano, colocados como “atração” da Exposição, eram prisioneiros das guerras travadas durante a “Conquista do Oeste”, encerrada na década de 1880. Outros, porém, como George Hunt, tradutor do grupo, haviam se convertido ao cristianismo e estudado em escolas indígenas. É interessante notar que alguns desses homens e mulheres preferiram não mencionar seus nomes para o jornalista do *Tribune*, mostrando-se apáticos durante toda a “reunião”, o que pode ser interpretado como uma forma de resistência.

Segundo o impresso de Chicago, as coleções dos povos indígenas do hemisfério americano foram organizadas em uma “escala evolutiva”. Vejamos como os índios foram ali hierarquizados:

A civilização é tipificada pelas escolas do governo [escolas indígenas], que estão no final da exibição. Logo depois vem o vilarejo esquimó, em seguida, em ordem, o povo *Cree* da região de Manitoba, os *Penobscots* do Maine, os *Iroquois* de Nova York, *Quackhuls* e *Chippewas* da área de Minnesota, os *Winnebagos* de Wisconsin, os *Sioux*, os *Blackfeet*, os *Ner Perces* e outras tribos mais à Oeste. Aí então vem os nativos da América do Sul — os

⁸³ “Prof. Putnam and Dr. Boas of Ethnological and Archaeological Department held the first of a series of post-Lenten receptions in their rooms in the Administration Building yesterday. The guest arrived in the forenoon. Among those present were: O-Wa-Nok, Kua-Nah, To-Cut-Iss, Thomas Deans, Amo-Sellok, George Hunt, David Hunt, Kow-Sta, Yah-Ko-Guah. Eleven others said they did not care to have their names mentioned. (...) Today the Indians will begin the work of putting their village together. It will be one of the steps in “The March of Aborigine to Civilization”, as Prof. Putnam calls his ethnological and archaeological exhibit”. “Quackuhls are here”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 12 de abril de 1893, p. 1.

Arrawacs [Aruaques] e os *Savannah* da Guiana Britânica e os nativos da Bolívia e outros Estados. Depois virão as ruínas do Yucatán, representando um povo desconhecido. Nesse prédio estarão dispostas relíquias de todo tipo sobre seu passado misterioso. A ideia é dar uma visão geral sobre os povos do hemisfério ocidental, como eles eram quando Colombo descobriu [as Américas].⁸⁴

No arranjo classificatório de Frederick Putnam, a escola indígena representaria o ápice da “civilização” possível para esses povos.⁸⁵ Em uma escala descendente, viriam os índios da América do Norte, os da América do Sul, com destaque aos aruaques e, por fim, uma exibição sobre as ruínas indígenas do Yucatán, na região do México. Mesmo em uma mostra, que claramente evocava uma ideia de “barbárie” e utilizava critérios raciais, os povos indígenas dos Estados Unidos foram apresentados como mais “evoluídos” do que os nativos da América Latina.

Um editorial do *Chicago Tribune* a respeito da Exposição e da história do continente americano, oferece pistas sobre os possíveis argumentos que levaram os organizadores da Exibição Etnológica a essa conclusão:

Os [colonizadores ingleses] tiveram que também lidar com numerosas tribos guerreiras de selvagens de pele vermelha — antagonistas infinitamente mais formidáveis do que os dóceis e

⁸⁴ “*Civilization is typified by the government school-house, which is at one end of the exhibit. Next comes an Esquimau village, and then, in order, Crees from Manitoba, Penobscots from Maine, Iroquois from New York, Quackuhls, Chippewas from Minnesota, Winnebagos from Wisconsin, Sioux, Blackfeet, Nez Perces, and other tribes from the far West. Then come South American natives — Arrawacs and Savannah Indians from British Guinea and natives of Bolivia and other States. Next will be the ruins from Yucatan, representing an unknown people. In the building will be shown relics of all kinds of the mysterious past. The idea is to give a glimpse of the people of the Western Hemisphere, as they were when Columbus discovered it*”. Ibidem, p. 1.

⁸⁵ De forma pedagógica, o professor de Harvard indicava o caminho e a política de Estado necessária para tornar os nativos norte-americanos “civilizados”, as American Indian boarding schools. Essas escolas arrancavam crianças indígenas de seus lares e as forçavam a receber uma educação cristã, proibindo o uso de suas línguas maternas e práticas outras culturais, em uma tentativa de assimilação dessa população por meio de um processo de aculturação.

gentis indígenas que os hispânicos encontraram — e lutaram para abrir caminho pela floresta a cada passo que davam.⁸⁶

Na opinião do *Tribune*, os Estados Unidos eram superiores à América Latina até mesmo no “quesito indígena”, já que os índios latino-americanos eram representados como dóceis e facilmente domináveis.

Como já mencionado, a Exibição Etnológica foi instalada ao lado do Mosteiro de La Rabida. Cercar a Exibição Latino-Americana com cabanas, iglus e ruínas astecas não foi uma escolha ao acaso, ou uma coincidência. William Curtis tinha prerrogativa para selecionar uma localização mais vantajosa para o seu prédio; em vez disso, optou por deixar a América Latina próxima do que era considerado “atrasado” ou “primitivo”. De modo intencional, a região ficou associada na Exposição de Chicago, ao seu passado pré-colombiano. O *Chicago Tribune* confundia com frequência as duas exposições, e, em muitas oportunidades, as apresentava como parte de um mesmo conjunto. Até mesmo os relatórios oficiais da Exposição de Chicago chegaram a se referir ao *Latin American Department* como uma seção subordinada ao Departamento de Etnologia de Frederick Putnam, ao invés do Departamento de Relações Internacionais.⁸⁷

⁸⁶ "They had also to deal with numerous tribes warlike red savages, infinitely more formidable antagonists than the gentle, docile Indians the Spaniards had to encounter, and had to fight their way into the forest at every foot they advanced". "Progress of the four centuries since Colombus". *The Chicago Tribune*, Chicago, 23 de outubro de 1892, p. 28.

⁸⁷ DAVIS, George; PUTNAM, Frederick. *Plan and Classification Department M. Ethnology, Archaeology, Cartography, Latin American Bureau, Collective and Isolated Exhibits*. Chicago: World's Columbian Exposition, 1892; No relatório final da Exposição, Moses Handy apresentava a Exibição Latino-Americana ora como parte do Departamento "M", da Exibição Etnológica, ora como submetido ao Departamento "P", de Relações Internacionais. HANDY, Moses. *Official directory of the World's Columbian Exposition – A Reference Book*. Chicago: Publishers to the World's Columbian Exposition, 1893, p. 30 e 1091-1093.

Imagem 21 – Fotografia do acervo de utensílios das populações nativo-americanas na Exibição Etnológica, doados por diversos países da América Latina.⁸⁸

Essa associação da América Latina a um passado que não havia sido superado e aos povos indígenas só pôde ser construída com a cooperação e cumplicidade das elites latino-americanas, que cederam a maior parte dos objetos encontrados em ambas as coleções. Boa parte dos empresários, cientistas e políticos latino-americanos, que eram comissários de seus países em Chicago, compactuavam com ideias europeias e norte-americanas sobre raça, clima e natureza. A cooperação dos países da América Latina para a montagem de exposições etnológicas em exposições universais não se dava apenas por conta de uma influência da Europa e dos Estados Unidos. O discurso racial de etnólogos estava articulado aos interesses de grupos nacionais internos. No caso brasileiro, por exemplo, essas ideias foram apropriadas para fazer valerem determinados projetos político-culturais da elite do país, e para justificarem propostas como a do “branqueamento” da população.⁸⁹

⁸⁸ BANCROFT, Hubert, op. cit., 1893, p. 634.

⁸⁹ A referência central nessa discussão é Roberto Ventura, em sua obra “Estilo Tropical”. O historiador analisou os debates propostos entre intelectuais e literários brasileiros da “geração de 1870”. Ventura fez uma crítica às explicações que trabalham com o conceito de difusionismo, ou seja, que pressupunham que as teorias científicas são disseminadas de um

Imagem 22 – Representação de cabanas daqueles que os norte-americanos chamavam de “iroqueses” (Haudenosaunee). A poucos metros dali, ficava a Exibição Latino-Americana. Nessa fotografia, as duas mulheres da alta sociedade aparecem como o elemento de contraste para compor a embate entre a civilização e o primitivo, repetido exaustivamente durante a Exposição de 1893.⁹⁰

A extensa cobertura do *Chicago Tribune* sobre a Exposição Universal nos permite capturar as articulações de James Blaine e William Curtis com os personagens enviados para a América Latina e os exibidores locais, que acabavam passando despercebidas nos relatórios oficiais — mais preocupados com o resultado final do evento. O Pan-americanismo do Departamento de Estado circulou na imprensa norte-americana e esteve presente na Exposição Universal de 1893, ultrapassando os âmbitos diplomáticos nos Estados Unidos, e se manifestando em outros níveis da vida social e cultural do país, algo ainda timidamente trabalhado pela historiografia das Relações Interamericanas do

ponto de origem (Europa) e reproduzidas integralmente em outra localidade (Brasil), omitindo o processo de adaptação e seleção local de ideias, a partir de um contexto próprio. VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; Ver também: SCHWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das. Letras, 1993.

⁹⁰ Imagem do livro de BANCROFT, Hubert, op. cit., 1893, p. 644.

século XIX. A ponto de incidir de forma determinante nas pautas do maior jornal de Chicago.

Como vimos no capítulo, todos os esforços dos oficiais da Marinha, cientistas e empresários para mobilizarem os países latino-americanos foram interpretados como positivos e necessários pelo *Tribune*. O jornal descobria na Exposição de Chicago uma maneira de aprofundar o Pan-americanismo, que tanto advogava em suas páginas. Após a abertura dos portões do Jackson Park, o diário cobriu sistematicamente a inauguração de pavilhões, apresentações e estandes latino-americanos, procurando ressaltar as vantagens comerciais que essas nações poderiam oferecer aos Estados Unidos. Além de reforçar o lugar que os Estados Unidos deveriam ocupar frente aos latino-americanos.

Durante todo esse processo, o *Tribune* construiu e reproduziu muitas imagens sobre a América Latina. Ao perceber esses países como um mercado em potencial, o jornal procurou similitudes culturais e históricas, que justificassem a aproximação dos Estados Unidos com essas nações, para além das questões comerciais. O “Descobrimento” das Américas, reiterado insistentemente nas reportagens do impresso, foi peça fundamental para alicerçar essa retórica pan-americanista. Por outro lado, o jornal passou a identificar os latino-americanos com seu passado e presente indígenas, com exotismo de sua natureza e com a falta de certo espírito industrioso, que os colocavam como meros exportadores de produtos agrícolas e naturais. Esses dois olhares do *Chicago Tribune* sobre a região se completavam em uma narrativa sobre a hegemonia e o caráter “excepcional” dos Estados Unidos no hemisfério americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta Dissertação, procuramos analisar como o jornal *The Chicago Tribune*, um dos principais diários dos Estados Unidos e grande entusiasta do Pan-americanismo, discutiu a política externa do país e que tipo de imagens foram veiculadas sobre a América Latina, observando particularmente aquelas relacionadas à Exposição Universal de Chicago de 1893. O final do século XIX é um período emblemático da História das Relações Interamericanas, no qual os Estados Unidos propuseram, pela primeira vez, um projeto de cooperação com os demais países do hemisfério. Corresponde também ao momento em que as grandes empresas e conglomerados jornalísticos começam a despontar no país, passando a ocupar um papel cada vez mais decisivo nas discussões sobre a política externa norte-americana.

Vimos, no primeiro capítulo, como o *Chicago Tribune* conquistou sua condição de grande imprensa, deixando de ser uma pequena publicação instável na década de 1850, para se tornar um dos maiores periódicos do país no último quartel do século XIX. Essas transformações não foram *sui generis*, acometeram outros diários dos Estados Unidos, contribuindo para a formação de pólos de intensa atividade jornalística, como as regiões de Nova York, dos Grandes Lagos e da Califórnia.

A imprensa norte-americana, assim como a de outros países, nasceu vinculada a partidos ou grupos políticos. Apresentava-se como meio para a transmissão de ideias, divulgação de propostas e discussões em uma esfera pública.¹ Era através dos pequenos periódicos partidários que a população se

¹ A discussão sobre imprensa e esfera pública pode ser encontrada em: HABERMAS, Jürgen. “Mudança de função política da esfera pública”. In: *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 213-229; CAPELATO, Maria Helena. “A imprensa como fonte e objeto para o historiador”. In: VILLAÇA, Mariana e PRADO,

informava sobre assuntos que antes estavam restritos apenas ao Estado ou à Igreja. Os primeiros jornais norte-americanos estiveram ligados às causas independentistas e, posteriormente, às lutas internas sobre a formação e a natureza do novo Estado nacional. Na segunda metade do século XIX, além das publicações partidárias, surgiram também as folhas sensacionalistas que buscavam lucro rápido. Devido ao aumento da industrialização, os impressos, mesmo os partidários, passaram a ser veículos para as propagandas de produtos e artigos produzidos em larga escala nas fábricas. Os próprios jornais se tornaram bens de consumo e disputavam um concorrido “mercado” de públicos-leitores. Convertendo-se a uma atividade lucrativa, frequentemente readequavam suas estruturas, assumindo feições cada vez mais empresariais.

Aos poucos, entretanto, os impressos começaram a se identificar como independentes dos partidos políticos, ou como órgãos “imparciais”. Apesar de se apresentarem como neutros, vanguardas de uma opinião esclarecida, nenhum jornal era, ou é, destituído de interesses. Seus posicionamentos políticos estavam, e ainda estão, ligados a determinado grupo da sociedade e aos anunciantes, cujo entrelaçamento de interesses os tornam importantes sustentadores.

O *Tribune*, especificamente, acompanhou o crescimento vertiginoso de Chicago, que teve início com importantes obras hidroviárias e ferroviárias, empreendidas por um Estado nacional que avançava a todo vapor para o Oeste. Ao mesmo tempo em que estava próxima dos cinturões agrícolas, a cidade abrigou em seu perímetro urbano algumas das principais indústrias dos Estados Unidos, como a Pullman Car Company, que fabricava vagões de trem luxuosos, e a McCormick & Company, responsável por criar as máquinas agrícolas que revolucionariam a produção de cereais. Chicago era, a despeito dos limites da comparação, no último quartel do século XIX, o que o Vale do Silício, na

Califórnia, hoje representa para os Estados Unidos: um centro dinâmico e impulsionador de novidades.

Não é surpresa, portanto, que o principal jornal da região dos Grandes Lagos tenha sistematicamente defendido os interesses desses industrialistas. Quando as greves irrompiam em Chicago — resultado do aumento da concentração de renda, das péssimas condições de trabalho nas fábricas e de crises de superprodução —, o *Tribune* se posicionava ao lado dos empresários, criminalizando as associações de operários, como os sindicatos, e atacando os líderes grevistas, especialmente aqueles que chegaram aos Estados Unidos através da imigração.

A princípio, o *Tribune* se mostrou favorável ao protecionismo econômico, mas quando o mercado norte-americano deu diversas indicações de que não conseguiria mais manter o crescimento das indústrias do país, o jornal passou a advogar que as barreiras alfandegárias fossem amenizadas, a fim de que os Estados Unidos pudessem se beneficiar mais vantajosamente do comércio internacional. O Pan-americanismo do Secretário de Estado James Blaine, cujo principal objetivo era buscar novos mercados consumidores na América Latina, ia ao encontro dos interesses das indústrias de Chicago e, portanto, também do *Tribune*. Blaine pensou a sua política tendo em mente justamente os empresários do Meio-Oeste dos Estados Unidos, que precisavam exportar para outros lugares no mundo para que seus negócios se tornassem sustentáveis. Muito embora o editor Joseph Medill e James Blaine fossem amigos e fizessem parte de um mesmo círculo social e familiar, a política externa do Departamento de Estado só foi entusiasticamente defendida pelo *Chicago Tribune* porque era compatível e estava afinada com os interesses da elite daquela região.

O Pan-americanismo era um plano interessante para manter as elevadas taxas de crescimento da *Gilded Age*, mas não foram poucos os grupos que dele discordaram. Parte importante do Partido Republicano interpretava a proposta

como negativa, pois ela implicaria no abrandamento de uma de suas principais bandeiras, o protecionismo econômico. Eles acreditavam que, antes de buscar mercados estrangeiros, o governo deveria fortalecer o mercado norte-americano, apostando no consumo interno. Por sua vez, os democratas, de modo geral, defendiam forte redução das barreiras alfandegárias, que, em suas percepções, tornavam os preços dos artigos norte-americanos, fossem os da indústria ou os da agricultura, pouco competitivos no exterior. Uma parcela menor dos democratas temia que os produtos agrícolas da América Latina viessem a competir, em alguma medida, com a produção norte-americana. Some-se a essa rejeição, o fato de James Blaine ser uma *persona non grata* em alguns redutos políticos, como em Nova York, onde acumulou desavenças, inclusive com membros importantes do Partido Republicano.

O *Chicago Tribune* não apenas defendia o Pan-americanismo como uma política externa para as três Américas, entrando em conflito com jornais detratores da proposta, como também se esforçou para criar imagens de amizade e fraternidade dos Estados Unidos em relação à América Latina. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que advogava pelo comércio interamericano como uma saída para os problemas de superprodução das indústrias do país, forjou aproximações no campo cultural, sendo a Exposição de Chicago fundamental nesse aspecto.

Ao longo do terceiro capítulo, percebemos o quanto a Feira Mundial estava conectada aos interesses da elite dos Grandes Lagos. Se as exposições universais eram espetáculos da modernidade e da indústria, Chicago, o coração do capitalismo norte-americano, expressava com fidelidade esse espírito.

O *Tribune* não apenas acompanhou e cobriu o evento, como fez parte do empreendimento, seja através das relações do próprio jornal com o Departamento de Propaganda e Promoção, ou por meio de Joseph Medill, que, assim como outros empresários da cidade, ocupava um cargo de Diretor na Feira.

A Exposição foi, antes de tudo, uma celebração, que tinha como temática o quadringentésimo ano da chegada de Cristóvão Colombo às Américas. Foi essa efeméride que deu origem e nutriu a opinião pública sobre a importância do empreendimento. A presença das nações americanas em um evento que celebrava o “Descobrimento” e que a princípio levaria o nome de “Exposição das Três Américas” se apresentou como imprescindível. O projeto de lei de 1889 que deu origem à Feira Mundial estava embebido de uma retórica de amizade e cooperação entre as nações do hemisfério. James Blaine e seu braço direito William Curtis buscaram tornar a Exposição de Chicago uma manifestação cultural do Pan-americanismo. A intenção ali não era convidar os latino-americanos para a grande festa da “civilização” e da modernidade, era manter a América Latina sob a órbita dos Estados Unidos, afastando-a da influência europeia, enquanto o comércio interamericano era promovido.

Chegamos, enfim, a uma questão central nessa pesquisa: entender de que maneira o continente americano, e a América Latina, apareceram no *Chicago Tribune*, nos preparativos e durante a Exposição Universal. Nos anos que antecederam o evento, o jornal se mostrou apreensivo quanto à adesão desses países, defendendo o envio de oficiais da Marinha de Guerra à região, como forma de tentar acelerar a negociação das exposições latino-americanas. Cobriu extensivamente e com interesse a partida desses homens para a América Latina, noticiando e reproduzindo seus relatórios de missão. Durante a crise diplomática com o Chile, na virada de 1891 para 1892, o *Chicago Tribune* foi um dos veículos de imprensa que se posicionou de maneira contrária a uma intervenção militar dos Estados Unidos naquele país, ponderando que essa ação prejudicaria o plano pan-americanista e os negócios da Exposição de Chicago.

A análise do *Tribune* permitiu, entretanto, avançar sobre outro tema. Durante 1893, o jornal se escorou em discursos de fraternidade para apresentar as exposições nacionais de países latino-americanos. Essa questão, em particular, constitui-se como um indício importante sobre a disseminação de ideias do

Pan-americanismo no final do século XIX. O projeto de James Blaine orientou o *Chicago Tribune* em suas representações sobre um continente unido e próximo. Apresentou, portanto, um impacto nos Estados Unidos superior ao que a bibliografia sobre o tema sugere. Extravasando o corpo diplomático e os gabinetes norte-americanos, o Pan-americanismo circulou também no âmbito da cultura, em notícias de jornais e na Exposição de Chicago, permeando, dessa forma, vários setores daquela sociedade.

No *Chicago Tribune*, a única exceção a esse discurso pan-americanista foi o Haiti, majoritariamente negro, que, na leitura do jornal, não estava apto a ocupar o mesmo espaço das nações “civilizadas” na “Cidade Branca” (White City).

Ao mesmo tempo que fazia esse exercício de aproximação dos Estados Unidos com suas “repúblicas irmãs”, o impresso delimitava e matizava o lugar destinado à região nesse arranjo. Enquanto os norte-americanos forneceria bens e máquinas industriais para as suas “irmãs” mais jovens, a América Latina — representada visualmente na Exposição por meio do pavilhão de William Curtis — abasteceria os mercados norte-americanos com seus produtos agrícolas e naturais, muitos deles tidos como “exóticos”. A Exibição Latino-Americana, predominantemente histórica, e a mostra etnológica de Frederick Putnam, a “Marcha dos Aborígenes para a Civilização”, eram “atrações” que ficavam uma ao lado da outra, acabando por associar a América Latina aos elementos primitivos e a uma ideia de passado não superado, e, portanto, de “atraso”.

Essa percepção de “atraso” torna-se ainda mais clara quando analisamos, ainda que brevemente, o lugar que o *Chicago Tribune* atribuiu a Europa e aos Estados Unidos na Exposição de Chicago. Enquanto eram destacados das exposições de países latino-americanos apenas os produtos primários, resultando quase sempre em uma exaustiva listagem de plantas e variedades agrícolas, o *Tribune* vislumbrava algumas nações europeias, em especial a França e a

Alemanha, como núcleos de invenções e realizações científicas modernas; eram países que portavam o progresso.

Sobre a exibição francesa no Prédio de Manufaturas, o jornal, por exemplo, escreveu:

A Exibição francesa no Prédio de Manufaturas e Artes Liberais começa a se mostrar de forma imponente. (...) A seção está repleta de andaimes e de caixas fechadas, que tornam a passagem quase intransitável. No entanto, é grande o mérito das exposições e a sua promessa ainda maior. É apenas uma flor florescendo, um sol nascente, é verdade, mas a glória vindoura pode ser facilmente prevista. (...) Do ponto de vista industrial, a mostra mais interessante certamente provará ser os exemplares de recentes descobertas na arte da fotografia em cores sobre sedas, papéis, enchimentos e materiais de algodão.²

Apesar de reiterar que a mostra da França naquela Exibição Geral não estava finalizada — apenas um décimo da coleção havia sido efetivamente instalado — o *Tribune* era capaz de antever uma “glória vindoura”, a partir de caixas espalhados pelo chão. As mesmas caixas fechadas, que no pavilhão haitiano incomodaram o *Tribune* e o levaram a se referir aos comissários daquele país como preguiçosos, eram aqui apreciadas como uma promessa de uma grande exposição. Os avanços tecnológicos da fotografia, concretizados por estudiosos franceses da Sorbonne, foram exaltados como o ponto alto daquela exibição. O *Tribune* ainda comentou uma variedade de itens trazidos da França, que iam de rendas, móveis, objetos de bronze para a decoração, até cerâmicas de alto valor, destacando a qualidade, originalidade e estética desses objetos.

² “The French exhibit in the Manufactures and Liberal Arts Building begins to loom up imposingly. (...) The section is so filled with scaffolding and unopened cases that it is almost impassable. Yet great is the present merit of the display and greater its promise. It is only a budding flower, or a rising sun, it is true, but the coming glory is easily foreseen. (...) From an industrial point of view the most interesting exhibit will certainly prove to be that of samples of recent discoveries in the art of photography in colors on silks, papers, stuffs, and cotton materials”. “Show French skill”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 14 de maio de 1893, p. 25.

Para o diário de Chicago, os ingleses estiveram mal representados na Exposição Universal. As exposições do Reino Unido foram decepcionantes e criticadas em uma série de editoriais do jornal. Mesmo tecendo comentários negativos, é possível afirmar que o desencanto do *Tribune* se deveu, em grande medida, às altas expectativas que pairavam sobre aquela nação. Era como se os ingleses devessem ocupar um lugar especial na Feira Mundial, mas não o fizeram. O periódico entrevistou um parlamentar do Reino Unido a respeito de suas impressões sobre Chicago e os motivos que levaram o país a investir pouco no empreendimento:

“Não é apenas a mais incrível, como a maior de todas as exposições universais, e duplamente supera as expectativas mais delirantes. A Exposição de Paris, em comparação, foi apenas algo vistoso. As enormes dimensões e força dos edifícios (e talvez ele poderia ter acrescentado beleza) só pode ser comparada àquela da Roma Antiga. (...) A extensão e a importância da Exposição foi inteiramente mal interpretada e subestimada na Inglaterra (...)”.³

O editor Joseph Medill ainda acrescentou:

Essa questão é enfatizada ainda mais quando consideramos que o Reino Unido fez uma exposição esplêndida em Paris na [comemoração do] centenário [da Revolução Francesa] em 1889, ficando atrás apenas da França, e, em primeiro lugar, em muitos aspectos. A indiferença da nação mãe é ainda mais surpreendente quando comparamos a suas exposições com aquelas do Canadá (...). Comparando com outros países europeus, o Reino Unido fica atrás da Alemanha e da França, e, em alguns pontos, é superado pela Rússia e Áustria.⁴

³ “It is not only the greatest, it is the grandest of all World’s Fair, and doubly surpasses the wildest expectations. The Paris Exposition was mere gingerbread in comparison. The tremendous size and strength of the building (and he might have added beauty) can be likened only to those of ancient Rome. (...) The extent and importance of the Exposition have been wholly misconstrued and unappreciated in England (...)”. “The English exhibit at the fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 13 de outubro de 1893, p. 4.

⁴ “The fact is emphasized all the more when its considered that Great Britain made a splendid showing at the Paris centennial of 1889, being second only to France; and first in many respects. The indifference of the mother country is all the more astonishing when it is exhibits compared with those of Canada (...). As compared with other European countries, Great Britain ranks behind Germany and France, and in some respects behind Russia and Austria”. *Ibidem*, p. 4

Inconformado com a participação módica da “nação mãe”, Joseph Medill culpou a imprensa nova-iorquina por esse dissabor, a acusando de ter “usando de sua influência para dissuadir os europeus de comparecer [em Chicago] e preparar exposições”.⁵ Nota-se também nos excertos acima, que o *Chicago Tribune* se apropriou de um testemunho tido como “imparcial” para atestar a superioridade do empreendimento norte-americano frente à Exposição de Paris de 1889.

Essas comparações com as potências europeias que o *Chicago Tribune* traçava quase sempre redundavam na constatação de que os Estados Unidos estavam no mesmo patamar dessas nações, ou até mesmo haviam dado um passo além. Para o impresso, o ponto alto das exposições norte-americanas, aquele que de fato comprovaria o novo *status* que o país havia conquistado, era o Prédio de Eletricidade.⁶ Segundo o *Tribune*, o objetivo desse departamento era “mostrar o progresso”, trazer novidades e objetos que causassem perplexidade e impressionassem os visitantes.⁷ O prédio apresentava exposições das duas principais indústrias no setor dos Estados Unidos, a General Electrical e a Westinghouse, além de contar com a colaboração de alguns poucos países, como a França e a Alemanha:

A exposição da General Electrical Light Company irá rivalizar com a de outras grandes companhias. Deles é a grande torre [com milhares de lâmpadas] e [Thomas] Edison é o gênio em direção. À noroeste do poço [do elevador] a exposição francesa está tomando forma. O carro-chefe dessa coleção será um modelo de farol — pelo menos é

⁵ “[the New York papers] used their influence to dissuade Europeans from coming here and from making exhibits (...)”. Ibidem, p. 4.

⁶ “Electricity at the Fair”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 8 de outubro de 1893, p. 25.

⁷ “The scope of the department of electricity is to show this progress, and from the inception of the giant enterprise to be offered to the world May 1 the department has been depended upon to furnish, more than any other department, novelties to startle and objects to amaze sightseers”. Ibidem, p. 25.

isso que parece, já que, como os alemães, eles estão escondendo suas maiores maravilhas, até que tudo esteja pronto para o público.⁸

É interessante destacar que reiteradamente o jornal se refere a essas invenções como resultado da mente brilhante de alguns poucos inventores, dando destaque ao norte-americano Thomas Edison e aos naturalizados Alexander Graham Bell, suposto inventor do telefone, e Nikola Tesla, que construiu o primeiro gerador de corrente alternada.⁹ Os Estados Unidos, ao lado da França e da Alemanha, eram apresentados como os detentores das “maravilhas da ciência”.

À beira do século XX, a Exposição de Chicago capturou o momento em que a modernidade bateu às portas dos Estados Unidos. Ilustrou também uma tentativa dos norte-americanos, de compreenderem a si próprios e de se colocarem em um mundo dividido por interesses europeus, inquietação da qual o *Chicago Tribune* também compartilhou. Nessa nova interpretação, a América Latina era relegada a uma possível zona de influência principalmente econômica

Em 1898, com a Guerra Hispano-Americana, e apenas cinco anos depois da Exposição de Chicago, os norte-americanos inaugurariam outro paradigma de suas relações hemisféricas: o intervencionismo sistemático na política

⁸ “*The General Electrical Light company display will rival the other great companies. Theirs is the great tower and Edison is the directing genius. Northwest of the shaft the French exhibit is getting in to shape. The chief piece of their collection is a model lighthouse — at least it is so far as developed, for like the Germans across the passage from them, they are keeping their greatest wonders under cover, until the show is ready for the public*”. “Wonders of Science”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 30 de abril de 1893, p. 35.

⁹ Sobre Nikola Tesla, o jornal escreveu: “Apesar de ele [Tesla] ter feito importantes avanços [na tecnologia do telefone], ele logo percebeu que a Hungria não era o melhor lugar para desenvolvê-los, então viajou a Paris. Ele ainda queria um campo de estudos melhor, então, em 1884, ele chegou aos Estados Unidos”. Novamente os Estados Unidos são alçados a uma situação de superioridade em relação a França. No original: “(...) *but though he made important improvements [on telephone] he soon found that Hungary was not the place to develop them, so he went to Paris. He wanted a still better field, so in 1884 he came to America*”. “See Tesla’s machine”. *The Chicago Tribune*, Chicago, 26 de agosto de 1893, p. 1.

interna de algumas nações do continente. Na ocasião, o *Chicago Tribune* se juntou ao *New York World* e ao *New York Journal*, jornais sensacionalistas e de grande circulação, para pressionar o governo dos Estados Unidos a intervirem no processo de independência cubana.

Em um intervalo de poucos anos, o *Tribune* tornou-se defensor do intervencionismo militar na América. Mudaram os tempos e o governo. Isso sugere que as duas principais formulações de política externa para a América Latina no final do século XIX, o Pan-americanismo e a Política do *Big Stick/Diplomacia do dólar* — ainda que muito diferentes em seus princípios: já que a proposta de James Blaine pressupunha a saída diplomática, mesmo tendo a hegemonia norte-americana na região como referência — não eram excludentes. Eram, na verdade, dois meios para um mesmo fim, qual seja, aumentar a influência e demonstrar a hegemonia dos Estados Unidos no hemisfério. As intervenções militares e outras políticas unilaterais foram rápidas e certeiras. Em pouco tempo, América Central e Caribe tornaram-se zona de controle dos Estados Unidos com apoio importante de grupos naquele país: entre eles, os que se sentiam representados pelo *Chicago Tribune*.

FONTES

Jornais

The Chicago Tribune. Coleção completa entre 1889 e 1894. Exemplares disponíveis no site: <www.newspapers.com>

Outros jornais (*San Francisco Chronicle, The New York Times, The Pittsburgh Dispatch, The Saint Paul Globe, Times-Democrat, The Times-Picayune, Los Angeles Herald*). Exemplares entre 1889 e 1894, também disponíveis no site: <www.newspapers.com>

Cartas

Carta de James Blaine ao presidente James Garfield. BLAINE, James. [Carta ao presidente], 16 de fevereiro de 1881, Washington D. C., para GARFIELD, James, Mentor (Ohio).

Livros

Publicações sobre a Exposição de Chicago

BANCROFT, Hubert. *The Book of the Fair: An Historical and Descriptive Presentation of the World's Science, Art, and Industry, as Viewed Through the Columbian Exposition at Chicago in 1893*. Chicago: The Bancroft Co., 1893.

BLAINE, James et al. *Columbus and Columbia: A Pictorial History of the Man and the Nation*. St Louis: Historical Publishing, 1892.

Relatórios

Relatórios oficiais sobre a Exposição de Chicago

GOODE, George. *First Draft of a System of Classification for the World's Columbian Exposition*. From the Report of U. S. National Museum, 1891. Washington: Government Printing Office, 1893.

DAVIS, George; PUTNAM, Frederick. *Plan and Classification Department M. Ethnology, Archaeology, Cartography, Latin American Bureau, Collective and Isolated Exhibits*. Chicago: World's Columbian Exposition, 1892.

HANDY, Moses. *Official directory of the World's Columbian Exposition – A Reference Book*. Chicago: Publishers to the World's Columbian Exposition, 1893.

Relatório sobre a imprensa dos Estados Unidos. N. W. Ayer & Son. *American Newspaper Annual*, 1893/1894.

Discussões Parlamentares

Discussão sobre Maximiliano I no México. *The Congressional Globe: the official proceedings of Congress* (38th Congress, 1st Session, April 4, 1864). Washington: [s. n.], 1864.

Projeto de lei da Exposição de Chicago. PARKER, Myron et al. *Arguments before the quadro-centennial committee of the United States Senate: In support of a bill to provide for a Three Americas and World's Exposition at the National Capital in 1892*. Washington: Government Printing Office, 1890.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Jeffrey. *Joseph Medill: how one man influenced the republican presidential nomination of 1860*. Schaumburg (Illinois): College of arts and sciences, Roosevelt University, 2011. (mimeo)

ARDAO, Arturo. “Panamericanismo y Latinoamericanismo”. In: ZEA, Leopoldo (org.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI, UNESCO, 1986, p. 157-171.

AVILA, Arthur. *E da fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis de Frederick Jackson Turner (1861-1932)*. Porto Alegre: Departamento de História, IFCH-UFRGS, 2006. (mimeo)

AZEVEDO, Cecília. “A América Latina e os movimentos de dissenso nos EUA”. *Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, Maringá, v. 16, n. 2, 2012, p. 571-599.

_____. “Culturas políticas em confronto: A política externa norte-americana em questão”. *Anais Eletrônicos do VI Encontro da ANPHLAC* (Maringá), 2004, p. 1-16.

_____. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.

BADGER, Reid. *The Great American Fair: The World's Columbian Exposition and American Culture*. Chicago: Nelson Hall, 1979.

BAGGIO, Kátia. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP, 1998. (mimeo)

BALDASTY, Gerald. “Centralizing Control in Newspaper Chains: E. W. Scripps and the Newspaper Enterprise Association, 1902–1908”. *American Journalism*, v. 18, n. 2, 2011, p. 13-38.

_____. *The commercialization of news in the nineteenth century*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1992.

BANDEIRA, Luiz Moniz. *Conflito e integração na América do Sul – Brasil, Argentina e Estados Unidos: da Tríplice Aliança ao Mercosul (1870-2003)*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BARBUY, Heloisa. *A exposição universal de 1889 em Paris: Visão e representação na sociedade industrial*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 38-39.

BARTH, Gunther. *City People: The rise of modern city culture in nineteenth-century America*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

BURBAGE, Robert. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos: imprensa, rádio e televisão*. Rio de Janeiro: Agir, 1973.

CAPELATO, Maria Helena. “A imprensa como fonte e objeto para o historiador”. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia. *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas/Capes, 2015, p. 114-136.

_____. “O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa paulista (1920-1945)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 12, nº. 23/24, 1991, p. 55-75.

_____. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1998.

CASHMAN, Sean. *America in the Gilded Age: from the death of Lincoln to the rise of Theodore Roosevelt*. 3rd ed. New York: New York University Press, 1993.

CASTRO, Fernando. *Pensando um continente: a revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CERVO, Amado Luiz; DÖPCKE, Wolfgang (orgs.) *Relações Internacionais dos países americanos*. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1994.

CHARTIER, Roger. “Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais”; “Textos, impressos, leituras”. In: *A história cultural – Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990, p. 13-28 e 121-139.

COATES, Benjamin. “The Pan-american lobbyist: William Eleroy Curtis and U.S. Empire, 1884-1899”. *Diplomatic History*, nº 38, 2004, p. 22-48.

CRAPOL, Edward. *James G. Blaine: Architect of Empire*. Wilmington (Delaware): Scholarly Resources Inc., 2000.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina Do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, nº 35, dez. 2007, p. 253-270.

CURVO, Raul. *Comparação entre as Grandes Crises do Sistema Capitalista (1873, 1929 e 2008)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento, IE-UFRJ, 2011. (mimeo).

DAMAS, German. *Culto a bolivar, esbozo para um estudio de la historia de las ideas en Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1969.

DULCI, Tereza. *As Conferências Pan-Americanas (1889-1928): identidades, união aduaneira e arbitragem*. São Paulo: Alameda, 2013.

EVERDELL, William. *Os primeiros modernos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

FERES, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: EDUSC, 2005.

FONER, Eric. *Reconstruction: America’s unfinished Revolution, 1863-1877*. New York: Harper & Row, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GILBERT, Joseph. “Bringing Latin America more meaningfully into Cold War Studies”. In: JOSEPH, Gilbert e SPENSER, Daniela. *In from the Cold: Latin America’s new encounter with the Cold War*. Durham/London: Duke University Press, 2008, p. 3-46.

GILBERT, Joseph, LEGRAND, Catherine e SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the cultural history of U.S.-Latin American Relations*. Durham/London: Duke University Press, 1998.

GREENBLATT, Stephen. “Introdução”; “Possessões maravilhosas”. In: *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 17-43; 75-124.

GROENINGER, David. *Chicago Imagined: the role of newspaper columnists in creating a city of the mind. 1890-1930*. Chicago: Program in History, Loyola University of Chicago, 2005. (mimeo)

GUERRA, François Xavier. *México: del antiguo régimen a la Revolución*. tomo I. 1ª ed. México: Fondo de cultura económica, 1988.

HABERMAS, Jürgen. “Mudança de função política da esfera pública”. In: *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguês*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 213-229.

HAMILTON, Gail. *Biography of James G. Blaine*. Norwich (Connecticut): Henry Bill Publishing Company, 1965.

HARDMAN, Francisco. *Trem Fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HIRST, Mônica. *As relações Brasil-Estados Unidos desde uma perspectiva multidimensional: evolução contemporânea, complexidades atuais e perspectivas para o século XXI*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, UFRGS, 2011 (mimeo).

HOFSTADTER, Richard. “Turner and the Western Revolt”. In: *The progressive historians: Turner, Beard, Parrington*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1969, p. 47-83.

JEANNENEY, Jean-Noël. “A Mídia”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 213-230.

JONES, Robert. *Journalism in the United States*. New York: Dutton, 1947.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

_____. *Velas ao Mar. U. S. Exploring Expedition (1838-1842). A viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015.

KAPLAN, Amy. "Left Alone with America": The Absence of Empire in the Study of American Culture". In: KAPLAN, Amy e PEASE, Donald (org.). *Cultures of United States Imperialism*. 2ª ed. Durham/London: Duke University Press, 1995, p. 3-21.

KINSLEY, Philip. *The Chicago Tribune: Its First Hundred Years*, vol.2 (1865-1880). Chicago: The Chicago Tribune, 1946.

_____. *The Chicago Tribune: Its First Hundred Years*, vol.3 (1880-1900). Chicago: The Chicago Tribune, 1946.

LORENZ, Alfred. "The Whitechapel Club: Defining Chicago's Newspapermen in the 1890's". *American Journalism*, vol. 15, nº 1, 1998, p. 83-102.

LUCA, Tania Regina de. "Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MILLER, Donald. *City of the century: the epic of Chicago and the making of America*. New York: Simon & Schuster paperbacks, 2003.

MOTT, Frank. *American Journalism. A history of newspapers in the United States through 250 years (1640 – 1940)*. New York: Macmillan, 1941.

MUCCIGROSSO, Robert. *Celebrating the New World – Chicago's Columbian Exposition of 1893*. Chicago: I.R. Dee, 1993.

NORD, David. *Communities of journalism: a history of American newspapers and their readers*. Chicago: University of Illinois Press, 2001.

NORTHROP, Cynthia (ed.). *The American Economy: a Historical Encyclopedia*. Santa Barbara (California): ABC-CLIO, 2003.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

PAULINO, Carla. *A viagem da U. S. Astronomical Expedition (1849-1852): observar estrelas e relatar a América do Sul*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP, 2015. (mimeo).

PESAVENTO, Sandra. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PETERSEN, Mark. Where do we begin? Southern Cone Chronologies of Pan-americanism. *Congress of Latin American Studies Association (Annals)*, Chicago, 2014, p. 1-26.

POLYNÉ, Millery. *From Douglass to Duvalier: U.S. African Americans, Haiti, and Pan-americanism, 1870-1964*. Florida: University Press of Florida, 2010.

PRADO, Maria Ligia; CAPELATO, Maria Helena. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"*. São Paulo: Editora AlfaOmega, 1980.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

PROST, Antoine. "Social e cultural indissociavelmente". In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 123-137.

REICHLEY, James. *The life of the parties: a history of American political parties*. New York: The Free Press (Macmillan), 1992.

RÉMOND, René. "Uma história presente". In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 13-36.

ROLDE, Neil. *Continental Liar from the State of Maine: James G. Blaine*. Gardiner (Maine): Tilbury House, 2007.

ROSENBERG, Chaim. *America at the Fair: Chicago's 1893 World's Columbian Exposition*. Chicago: Arcadia Publishing, 2008.

ROSENBERG, Emily. *Spreading the American Dream: American Economic and Cultural Expansion (1890-1945)*. New York: Hill and Wang, 1982.

RYDELL, Robert. *All the World's Fair: Visions of Empire at American International Expositions, 1876-1916*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

_____(ed.). *The Reason Why the Colored American Is Not in the World's Columbian Exposition: The Afro-American's Contribution to Columbian Literature*. Chicago: University of Illinois Press, 1999.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

_____. "South America's Hemispheric Integration in the Machine Age". *American Quarterly*, vol. 58, no. 3, 2006, p. 662-691.

SANTOS, Luís Carlos Villafañe. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o Interamericanismo (do Congresso de Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires, 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHLERETH, Thomas. "Columbia, Columbus, and Columbianism". *The Journal of American History*, vol. 79, n° 3, 1992, p. 937-968.

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

SCHWARCZ, Lilia. "Exposições Universais: festas do trabalho, festas do progresso". In: *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca dos trópicos*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 568-598.

_____. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SHEININ, David (ed.). *Beyond the Ideal: Pan-americanism in interamerican affairs*. Westport (Connecticut): Praeger, 2000.

SMITH, Anthony. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.

SWEENEY, Jerry et al. *America and the World, 1776-1998*. Prospect Heights (Illinois): Waveland Press, 2000, p. 49-73.

TENÓRIO, Mauricio. *Mexico at the world's fairs: crafting a modern nation*. Berkeley: University of California Press, 1996.

THOMAS, John. *Alternative America: Henry George, Edward Bellamy, Henry Demarest Lloyd and the Adversary Tradition*. Cambridge (Massachusetts): Belknap Press, 1983.

TRACHTENBERG, Alan. *The incorporation of America: culture and society in the Gilded Age*. New York: Hill and Wang, 1997.

TURNER, Frederick. *The frontier in American history*. New York: Dover Publications, 1996.

UPCHURCH, Thomas. *Historical dictionary of the Gilded Age*. Lanham (Maryland): Scarecrow Press, 2009.

VAUGHN, Stephen (ed.). *Encyclopedia of American Journalism*. New York: Routledge, 2008.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. “A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação”. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, 2007, p. 273-335.

WEINSTEIN, Barbara. “Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional”. In: *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, nº. 14, 2013/1, p. 13-29.

WENDT, Lloyd. *Chicago Tribune: The rise of a great American newspaper*. Chicago: Rand McNally, 1979.

WILLIAMS, William. *The Tragedy of American Diplomacy*. 2ª edição. New York: Dell Publishing, 1962.

WILMAN, George. *Perceptions of Pan-americanism: U.S.-Latin American Relations (1900-1945)*. Tese de Doutorado. Roterdã: Erasmus Universiteit, 2014. (mimeo)

ZELINSKY, Wilbur. “Public Eidolons”. In: *Nation into State*. Chapel Hill: The University of North California Press, 1998, p. 20-68.